Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM N.º 227 ANTROPOLOGIA N.º 5

LEÓN CADOGAN

AYVU RAPYTA

Textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá

SÃO PAULO, BRASIL
1959

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: — Prof. Dr. Gabriel Teixeira de Carvalho

Vice-Reitor: — Prof. Dr. João Humberto Maffei

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIENCIAS E LETRAS

Diretor: — Prof. Dr. Paulo Sawaya

Vice-Diretor: — Prof. Dr. Antonio Soares Amora

Secretário substituto: — Jack Fredrick Gebara

CADEIRA DE ANTROPOLOGIA

Professor: — Dr. Egon Schaden

Assistente: — Dra. Gioconda Mussolini

Assistente Extranumerária: — Lic. Ruth Corrêa Leite Cardoso

Auxiliar de Ensino: — Lic. Eunice Todescan Ribeiro Durham

Secretária: — Dirce Rodrigues Coelho

Os Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, são editados pelos Departamentos das suas diversas secções.

Tôda correspondência deverá ser dirigida para o Departamento respectivo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — Caixa Postal 8.105 — São Paulo, Brasil.

The "Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo" are edited by the different Department of the Faculty.

All correspondence should be addressed to the Department concerned. Caixa Postal 8.105, São Paulo, Brasil.

2000

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM N.º 227 **ANTROPOLOGIA N.º 5**

LEÓN CADOGAN

AYVU RAPYTA

Textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá

•

Renato Nicolai

SÃO PAULO, BRASIL
1959

COMPOSTO E IMPRESSO NA SECÇÃO GRÁFICA DA
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
1959

NOTA PRELIMINAR

Em 1953, a "Revista de Antropologia" iniciou a publicação da obra "Ayvu Rapyta" (O fundamento da língua humana), da autoria do incansável pesquisador paraguaio León Cadogan, indiscutìvelmente o melhor conhecedor da cultura guaraní. Nas páginas da revista, no entanto, puderam aparecer apenas os três primeiros capítulos do trabalho, razão pela qual ficou resolvido seria editado o texto completo em forma de volume na série dos Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Embora com grande atraso, apresentamo-lo agora aos estudiosos da cultura guaraní, que nêle encontrarão material copioso e sobremodo elucidativo.

O trabalho encerra textos míticos e ensinamentos religiosos dos Mbüá-Guaraní, que os sacerdotes da tribo guardam em segrêdo diante de quaisquer estranhos, mas que o autor obteve no idioma original, graças à confiança que mereceu da parte dos índios e em retribuição de benefícios a êles prestados.

Em oposição ao que se verifica na religião e mitologia de outras populações guaraní do Paraguai e de territórios vizinhos, os índios Mbüá-Guaraní do Guairá (autodenominação: Jeguaká-va Tenondé porã gue í), que ditaram os textos aqui reproduzidos, parecem conservar as suas tradições na original pureza, i.é, sem modificação por influência cristã, quer do tempo das missões jesuíticas, quer da época mais recente. Mesmo outras populações do grupo mbüá, como as da região paraguaia de Encarnación, do território argentino de Misiones e do Brasil meridional, revelam, ao mais ligeiro exame, terem assimilado uma série de elementos cristãos através do convívio com representantes do mundo ocidental. O próprio sr. Cadogan ouviu de um índio mbüá de Yvy Pytã versões guazanizadas de capítulos do Novo Testamento, embora despidos de seu significado cristão e adaptados ao pensamento místico da religião tribal. Tanto mais valiosa para estudos comparativos revela-se uma coleção de textos como a reunida por Cadogan durante muitos anos de paciente trabalho. De nenhuma população guaraní se publicou até hoje acervo mítico comparável em riqueza ao que ora possuímos dos Mbüá do Guairá.

No prefácio, o autor narra como, após vários anos de relações amistosas com a tribo, durante os quais não suspeitara sequer da existência dos ensinamentos secretos ("ñe ẽ porã tenondé", as primeiras palavras formosas), foi afinal iniciado nessas tradições como que a título de recompensa por ter obtido libertação de um membro da tribo que estava prêso

na cadeia de Villarrica. E conseguiu que os índios lhe ditassem grande parte dos mitos "esotéricos". Depois de transcrevê-los no próprio dialeto mbüá, Cadogan lhes acrescentou a tradução espanhola, acompanhada de notas lexicológicas, indispensáveis à compreensão dos textos, tanto mais que êstes estão vazados em linguagem por assim dizer sagrada, com vocabulário em grande parte diverso do que vigora no trato profano.

Cadogan insiste no fato de não ter feito estudos teóricos de Antropologia Cultural que o habilitem a empreender a análise científica do material recolhido. De qualquer modo, porém, ninguém deixará de reconhecer-lhe qualidades excepcionais de pesquisador. Entre elas, notável capacidade de discernimento para ajuizar com segurança de resultados cientificamente válidos em oposição a interpretações duvidosas ou simples analogias que tenderiam a impor-se a qualquer espírito menos prevenido. Daí o valor de sua contribuição, que se evidencia desde logo a quem quer que se ocupe com o estudo comparativo da mitologia sul-americana.

São Paulo, junho de 1958.

E. Schaden

Yvaroty, Villarrica, 13 de Junio de 1960

Señor
Presidente de la Sociedad Científica del Paraguay,
don Guillermo Tell Bertoni.
Asunción

Apreciado amigo:

Gracias a la comprensión del Profesor Dr. Egon Schaden y la ayuda de la Facultad de Filosofía, Ciencias y Letras de la Universidad de São Paulo a la que pertenece, puedo por fin ofrecer a los estudiosos de nuestra lengua vernácula *Ayvú Rapytá*.

Consignado al papel hace ya doce años, el trabajo adolece de grandes defectos atribuibles a mi autodidactismo; la traducción, sobre todo, será acerbamente criticada por quienes ignoran las sutilezas del guaraní («lengua tan copiosa y elegante que puede competir con las de fama», en opinión del ilustre y hasta hoy inigualado guaraniólogo Montoya), y también por quienes únicamente conocen nuestro guaraní híbrido de Paraguay y Corrientes.

Cuando Thurnwald insiste en que «es indispensable dominar el idioma para llegar a un conocimiento cabal de la cultura», también afirma que «cuanto más tiempo está uno en contacto con los *salvajes* y cuanto más íntimo es el conocimiento de su idioma, tanto más tienden a desaparecer las diferencias que se sienten en un principio entre su modo de pensar y el nuestro»; y otros grandes etnólogos como Boas, Lowie, Radin, han formulado apreciaciones similares acerca de la poesía y la filosofía del hombre primitivo. En lo que al indio guaraní se refiere, sin embargo, los textos existentes dan una idea errónea acerca de su vida mental, como ya lo dije en 1949 (en *Boletín de Filología* y en *América Indígena*); y al gran Nimuendajú lo sorprende sobremanera la manera impresionante en que surge el Creador apapokuva, el que «aparece en medio de la oscuridad con una brillante luz en el pecho y que, no puede ser despojado de su carácter divino» (Nimuendajú, Capítulo IV, traducción Recalde); mientras Mé-

traux, en un manual de la Smithsonian dice que «los nombres altisonantes de la mitología apapokuva le imparten una solemnidad de la que carecen totalmente las versiones de los mismos temas recogidas en otras partes».

Siendo esta la impresión producida en los círculos científicos por la «solemnidad impresionante» que rodea a Ñanderuvusú ¿cuál no será el dictamen que merecerá *Ayvú Rapytá*, cuya figura central, según mi interpretación de los textos mbyá «surge a la actividad, en el curso de su evolución, en medio del Caos primigenio, iluminado por la sabiduría contenida dentro de su propia Divinidad....», etc. etc.? Forzosamente deberá ser calificado como texto apócrifo, obra de algún émulo del pobre poeta Chatterton quien (según de Vigni en *Le Docteur Noir*) se entretenía componiendo poemas en inglés arcáico, ofreciéndolos luego como documentos exhumados de los archivos de monasterios medievales desaparecidos.

Ya he dicho que la publicación de *Ayvú Rapytá* se debe a Egon Schaden, a quien sus trabajos de campo le habían demostrado lo superficiales que son los textos guaraníes que poseemos. Ya en 1950 (en *Revista do Museu Paulista*) refutaba las aseveraciones de Recalde acerca del presunto valor semántico del sufijo djú, por haber descubierto que es un término religioso que significa «aureo, celeste, sublime, sagrado»; y en 1954 (en *Aspectos fundamentáis da cultura guaraní*), dice: «Os Kaiová ligam a concepcão a ideia do Djasukávy, um como que princípio filosófico a través do qual a religião desses Guaraní explica a origem de todas as coisas. Djasukávy não é pessoa, não é um deus, mas um princípio de omanacão. Do Djasukávy partem todos os deuses e a propria humanidade». Esta definición concuerda con la hallada por Marcial Samaniego, y aunque he dicho que «es difícil de aceptar sin investigaciones más prolijas» (en *Ayvú Rapytá*, p. 28), mis investigaciones posteriores me han convencido de que es la exacta (*Revista de Antropología*, São Paulo).

Los textos recogidos por Schaden, lastimosamente permanecen inéditos, como así también, a excepción de una versión mal mimeografiada y apresuradamente traducida, un poema épico (Ñengareté) recogido por Samaniego, ambos de gran belleza poética y de notable valor etno - lingüístico. Cuando estos textos se conozcan, en algo influirán,

creo, para vindicar mi traducción de los textos mbyâ. Además, los datos que contienen, unidos a otros, demostrarán que nuestros subgrupos guaraníes se aferran a ciertos elementos que podrían llamarse elementos fundamentales de la religión de la raza por cuanto aparecen, no solamente en los textos de las parcialidades aculturadas (Mbyá, Apapokuva, Kaiová y Chiripá), sino también en los textos guayakí, según acabo de comprobar en el curso del estudio que estoy realizando en colaboración con la Dra. Branka J. Susnik.

P. ej., en los textos recogidos por Schaden (cuya traducción se me ha pedido revisar), abundan pasajes como: «Por intermedio de los truenos de los interiores del paraíso, los Grandes Sabedores conversan; ellos y Pâí se iluminan con sus rayos»; y los mismos truenos y rayos rodean a las figuras principales del *Ñengareté* de Samaniego. Sabido es que el Creador chiripá se llama Hyapú Guasú Va'é (el de los Truenos Fragorosos) y a la luz brillante que emana del Creador mbya y apapokuva ya he hecho referencia. El texto guayakí dice:

Aché manó mbú iãvwé chavã rupi myryrô vevé duvéro iãvwé Aché ovweté tajy ri jopí kyray ri vevé ó Chonó chijá vwã: Guayakí morir cuando iãvwé oscuro por correr volar también iãvwé Guayakí ovweté lapacho en subir sol en volar ir relámpago fragoroso para - cuando muere un Guayakí su alma (telúrica) corre volando por la oscuridad, también el alma (divina) del Guayakí, su *ovwé* verdadero, sube por un lapacho y va volando al sol para convertirse en un Relámpago fragoroso.

Chingy - ty uchá-iâ Aché ovwté iamba-ty Chonó javê ukendy, apã javê ukendy: Chingy-abundante ver-no Guayakí alma estar-costumbre Relámpago junto dormir-costumbre padre junto dormir - costumbre - la morada de las almas (divinas) de los Guayakí es el lugar invisible en donde abundan las Ruprechtia laxiflora; ellas (las almas) duermen con Relámpago, duermen con su padre.

La luz de los relámpagos y el fragor de los truenos que caracterizan a Chonó, figura central de la mitología guayakí, también rodean a Barendy (Ser Llameante) que se precipita tronando (kyrypy bapú: extremidades tronantes) para conducir al Paraíso las almas de los párvulos: kromí Aché ovwé Barendy pané pe upí rá - las almas de

los niños guayakíes, Barendy las alza y las lleva; son atributos de Kwipirúgi y otras aves llameantes que también «duermen con su padre Chonó en el Paraíso»: Chingyty uchá-iã pe apã javé ukendy»; de las almas de los Guayakí que «se convierten en relámpagos fragorosos»; y de los fenómenos meteorológicos que acompañan a las almas de aquellos que han observado ciertos tabúes en la tierra, fenómenos designados con el nombre de Pichuá, Pichuaré: Aché ovwete pichuá bwytú pambú, wachú, chonó chijá, kyrymbá-iã – el Pichuá del alma de un Guayakí es viento ruidoso grande, relámpago fragoroso, (infunde) terror. Constituyen también característica de las almas y de los dioses de Mbyá, Chiripá, Kaiová y Apapokuva; en cuanto a la creencia en *iávwé* y *ovweté* (alma telúrica y alma divina), es el dogma de la dualidad del alma que encontramos como elemento básico de la religión de la raza.

Si formulo estas observaciones al ofrecerle este ejemplar de *Ayvú Rapytá* (que no pretendo sea más que un instrumento, una llave que podría facilitar la tarea del estudioso que quiera ahondar en la cultura espiritual mbyá-guaraní), es para señalar la magnitud de la tarea que resta por realizarse en etnografía guaraní. Solamente en la Región Oriental del Paraguay, sobreviven pequeños restos de cuatro parcialidades pertenecientes al tronco lingüístico tupí-guaraní que van extinguiéndose por falta de medidas adecuadas de defensa y protección y cuyas hablas y cuyos textos míticos, sin recopilar o recopilados en forma fragmentaria también habrán desaparecido dentro de poco si no hacemos algo por evitarlo.

Cordialmente.

León Cadogan

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Al Lector

Espero que la presente recopilación de mitos, leyendas y tradiciones — que no pretendo sea más que un bosquejo — hecho con el solo objeto de subrayar ciertos aspectos de la cultura guarani que no han recibido la atención que merecen, brinde algunos elementos de juicio de utilidad para el lingüista, y faciliten la tarea del investigador que pretende descorrer el velo que cubre el pensamiento místico de la raza aborigen.

Y aunque Nimuendajú, etnólogo de fama mundial, afirma que el Guarani ha sido objeto de demasiados estudios, tanto del punto de vista de la raza cuanto de la lengua, los problemas de carácter lingüístico que le tuvieron perplejo a este eminente investigador — y que un conocimiento superficial del vocabulario religioso y las tradiciones de nuestro Mbyá le hubieran permitido dilucidar —, constituyen prueva fehaciente de que nuestros Indios mucho aún nos pueden enseñar.... Pero, como dice el mburuvicha en el mito de Pa'i Rete Kuaray al referirse al paraje encantado en donde se yergue la palmera eterna entre cuyas ramas revolotea el avecilla legendaria Piri'yriki, y donde brotan de la tierra las aguas que bebieron Ñande Ru y Ñande Jaŕyi, progenitores de la raza mbyá-guarani, lugar en que se conservan intactas las huellas de nuestra Abuela a pesar de los milenios trascurridos "..estas cosas las volveremos a ver únicamente si nuestro amor es sincero. El que permite que su amor se bifurque, no llegará a ver estas cosas".

Del valor que para el lingüista representa el vocabulario mbyá-guarani, permitiéndole estudiar la manera en que el hombre "primitivo" venciera las dificultades con las que tropezara para la expresión de las ideas abstractas que iban surgiendo en su mente, darán una idea las palabras utilizadas por el mburuvicha: poeta, téologo, legislador de la tribu, para traducir nuestros conceptos de omnipotente, eterno, encarnar, resucítar y otras muchas que aparecen en estos textos. Sobre los demás puntos que me han llamado la atención no entro aquí en detalles, por haber dedicado a cada uno de ellos unas líneas en las notas lexicológicas que acompañan a cada capítulo.

Los Mbyá con quienes mantengo relaciones viven diseminados en pequeños grupos a través del actual departamento del Guairá, dentro de la región comprendida entre Yuty al Sur y San Joaquin al Norte; pero, a juzgar por el último mapa etnográfico de la Smithsonian Institution (Handbook of S.A. Indians, 1946) existirían grupos de la misma parcialidad — llamada Caiguá en el citado mapa — dentro de la vasta región comprendi-

da entre el Río Vaccaria, Brasil, y el Río Uruguay. Esto concuerda con lo que de ellos dice Bertoni en su "Civilización Guarani", 1922. Generalmente se les aplica el nombre de Mbyá; pero el nombre por el que ellos mismos se designan en sus tradiciones es Jeguakáva, o Jeguakáva Tenonde Porangue i. Jeguaka, en el lenguaje común ,significa adorno (de plumas para la cabeza); jeguakáva, en el vocabulario religioso, es el nombre utilizado para designar al hombre, a la humanidad masculina; y Jeguakáva Tenonde Porangue i sería: los primeros hombres escogidos que llevaron el adorno de plumas. A sus vecinos, los Ava Chiripa (auto denominación: Ava Guarani), cuyo habitat está situado más al Norte, les dan el nombre de Jeguakáva Mirī: los que llevan el pequeño adorno, u: hombres chicos. Los Chiripá figuran en el mapa de la Smithsonian, ya mencionado, con el nombre de Guaraní, nombre que, según he podido constatar últimamente, se dan ellos mismos. No son, sin embargo, los Avá Guarani cuya mitología fué objeto de un estudio de parte del Mayor Marcial Samaniego, publicado en la Revista de Turismo, Asunción, Nos. 26 y 44, al que tendré ocasión de referirme en estas páginas, siendo éstos, como me lo demostró el Profesor Dr. Egon Schaden, de la Facultad de Filosofía de São Paulo, los Pãi o Cayová. Los Chiripá son gentes más aguerridas que los Mbyá; hablan distintos dialectos y existen grandes diferencias entre sus mitos y los de los Mbyá. El único Chiripá (mestizo) que conocía cuando consigné al papel lo contenido de estas páginas me aseguró que las tradiciones secretas o "esotéricas" de los Mbyá constituyen tambien el fundamento o base de la religión de los Chiripá; y varios dirigentes mbyá con quienes he conversado me informaron que las diferencias se limitan a las oraciones y cantos, teniendo por objeto los ejercicios espirituales de los Chiripá la obtención de coraje y destreza en la lucha, y el de los Mbyá, la obtención de amor y sabiduría. Creía ser fidedignos estos datos, pero conversaciones mantenidas con dos dirigentes Chiripá — un "capitán" y un dirigente espiritual — posteriormente, me han convencido de que las diferencias existentes entre las tradiciones, mitología y lengua de ambas parcialidades son muy grandes; a pesar de ser el Chiripá mestizo mencionado el que me inició en las tradiciones secretas o esotéricas de los Mbyá.

Los anales religiosos de los Mbyá — y en ésto se asemejan a los de los Apapokúva, según Nimuendajú — pueden dividirse en dos categorias: las comunes, asequibles a todo el que quiera dedicarse a recopilarlos, y los sagrados, llamados Ñe'ẽ o Ayvu Porã Tenonde, las primeras palabras hermosas, divulgadas éstas únicamente entre miembros de las tribus y a los que gozan de la plena confianza de los Indígenas. Debo agregar que son comprensibles únicamente a quienes se hayan impuesto la tarea de aprender la lengua mbyá-guaraní; y las dificultades que deben vencerse para obtener datos fidedignos referentes a éstos últimos son grandes, como trataré de demonstrar refiriendo brevemente mis propias experiencias.

Habiendo descubierto el origen de la sentencia "Jasy ra'y ojovahéi hina = la Luna nueva se lava la cara", empleada por los campesinos del Guairá al referirse a las lluvias torrenciales que a veces coinciden con la luna nueva en una leyenda mbyá-guaraní narrádame por Higinio, Indio peón del obraje Santa Matilde, Alto Monday, de don Ernesto Schaerer, adopté como pasatiempo el estudio de las leyendas y tradiciones de esta parcialidad. Siéndome imposible visitar con la frecuencia que hubiera deseado a los Indios en sus propias tolderías en busca de los datos que me eran indispensables, me constituí en tutor "ad-honorem" de ellos. Pude, mediante la buena acogida de que invariablemente era objeto de parte de las autoridades, obtener que se les hiciera justicia en todos sus reclamos; en recompensa, obtuve material para una serie de artículos que publiqué en la revista "Cultura", Asunción. Despues de haber estado en íntimo contacto con los Mbyá durante varios años, visitándoles a menudo en sus tolderías y recibiendo periódicamente sus visitas, llegué a la conclusión de haber recopilado todos los datos de interés que ellos me pudieran proporcionar; y el mare magnum de obras existentes sobre mitos, leyendas y lengua guaraníes me convenció de la inutilidad de proseguir mis investigaciones. Afortunadamente, un acontecimiento enteramente imprevisto me desengañó a tiempo y, demostrándome que mis conocimientos eran en extremo rudimentarios, me impulsó a proseguir mis estudios.

Habiéndome informado el Cacique Pablo Vera, de Yro'ysã, Potrero Blanco (Colonia Independencia, cerca de Paso Yovái) que un Indio de nombre Mario Higinio se hallaba recluído en la Cárcel Regional de Villarrica desde hacia casi tres años, me pidió obtuviera su libertad. Tras laboriosas gestiones, fué sobreseída la causa y, obedeciendo a un llamado mío, vino a Villarrica el Cacique a fin de hacerse cargo de su protegido. Conversando con mis huéspedes, abordé el tema de las tradiciones religiosas. Mario, quien ya conocía mi afición a estas cosas, habiéndome narrado una leyenda que explica la etimología de *Mbarakaju* (publicada en la revista "Cultura", XI/1946), se dirigió al Cacique preguntándole si ya había discurrido conmigo: guero-ayv*u*, sobre el origen del lenguaje humano: Ayvu Rapyta. Contestándole el Cacique que no, le volvió a preguntar si me había divulgado los himnos sagrados relacionados con "los huesos de quien porta la vara-insignia: *yvyra'ikãgã*". Volviendo a contestar negativamente el Cacique, Mario le dijo que yo ya era merecedor de que se me divulgara las *Ñe'ẽ Porã Tenonde*, las primeras palabras hermosas; por cuanto, dijo, los favores que los Mbyá me debían me hacían acreedor a que se me considerase como miembro de las tribus: Ñane retarã aé, ñande rataypygua aé i: nuestro verdadero compatriota, miembro genuíno del asiento de nuestros fogones (1).

---

(1). — Mario Higinio es oriundo de Cedro-ty, paraje situado dentro de un obraje maderero del departamento de Yhu. Dijo que su padre, Mbyá, se radicó entre los Chiripá, casándose con una mujer de esta parcialidad de la que él, Mario, se consideraba miem-

Esta fué la manera en que me inicié en las tradiciones secretas de los Mbyá, despues de muchos años de relaciones amistosas con ellos en todo cuyo lapso no habia escuchado una sola palabra que hiciera sospechar siquiera la existencia de tales tradiciones. Es en estos capítulos "esotéricos", fundamento de la religión — y posiblemente fundamento de la religión de la raza — algunos de cuyos capítulos he recogido y transcribo textualmente en estas páginas, juntamente con otras comunes, que puede apreciarse la poesia y la filosofía autóctonas en toda su belleza, toda su profundidad. Sin que me anime la pretensión de sentar cátedra, soy de opinión que los mitos "esotéricos" contenidos en estas páginas son de origen genuinamente autóctono; pero lastimosamente el haberme visto obligado a suspender mis investigaciones durante mucho tiempo por falta de medios me ha impedido aportar un argumento convincente, creo, en favor de esta genuinidad. Este argumento lo constituyen un número de leyendas cristianas "indigenizadas" que escuché de boca de Cantalicio, de Yvy Pytã (Colonia Mauricio José Troche). Son versiones sui géneris de capítulos o episodios del Nuevo Testamento, sumamente pintorescas y de utilidad científica por cuanto demuestran que ni el largo contacto con cristianos ni la catequización a que han sido sometidos algunos Mbyá por misioneros católicos ha influido en el verdadero pensamiento místico del aborigen. Cuando obtuve medios para proseguir mis investigaciones, Cantalicio había desaparecido, sin que hasta la fecha haya podido dar nuevamente con su paradero; y si cito estas leyendas que me narró, es por considerar que el recopilarlas constituiría una tarea digna de emprenderse.

La presente recopilación es una transcripción literal de dictados hechos por los mismos Indios, habiendo sido elegido para el efecto aquellos dirigentes que mi experiencia indicaba como los más idóneos y dignos de confianza. El consignarlos al papel ha sido posible mediante la colaboración de Mayor Francisco, de Tava'i, y de Cirilo de Yvytuko, quienes han repetido las palabras de los dirigentes, aportado explicacoines sobre el significado de palabras y frases que me eran desconocidas, etc. Los verdaderos autores del trabajo son: el Cacique Pablo Vera, de Yro'ysã, Potrero Blanco, Colonia Independencia (cerca de Paso Jovái; Kachirito, de Paso Jovái, Obrajes Naville; Cacique Che'iro, del Alto Monday (Obrajes Fassardi); Mayor Francisco (Chiko i), de Tava'i, y un soldado suyo cuyo nombre no recuerdo; Tomás y Cirilo de Yvytuko, Potrero Garcete, Colonia

---

bro. Fué remitido a la Cárcel de Villarrica acusado por homicidio en la persona de un paraguyo que ultrajara a su esposa; y el Comisario que lo remitió, Don Alejo Benitez, actualmente en Mbocayaty (departamento de Villarrica) me dijo que según informes que había recibido — pero que afortunadamente para Mario no figuran en el proceso — consumió algún trozo de su víctima en cumplimiento del rito de la antropofagía. El sumario se halla archivado en el Juzgado de Ia. Instancia de Villarrica, 2.º Turno, a cargo entonces del Dr. Eladio Loizaga Caballero, actuando como defensor a petición mía el Dr. Evaristo Zacarías Arza. Está caratulado: "N.º 224, Mario Higinio, Indio, Supuesto Homicidio, Yhu".

Mauricio José Troche; Higinio y Mario Higinio, ya citados; y otros cuyos nombres figuran en el texto. Higinio, según supe, fué ajusticiado no hace mucho por homicidio; el Cacique Che'iro murió de leishmaniosis; todos los demás vivem al escribir estas líneas.

Mi aporte ha sido el consignar los dictados al papel, y las notas lexicológicas. Y en estas notas reconozco haber abusado de mi condición de profano en ciencias antropológicas al permitirme subrayar algunas, para mi sorprendentes, analogías que he creído hallar entre el contenido de ciertos versos de estos mitos y tradiciones y las grandes religiones de la humanidad. Sabrá tolerármelo el lector, equiparando mis observaciones al alegre grito de sorpresa de quien inesperadamente halla al borde del camino una hermosa flor, o tropieza con una refulgente joya. Y, para atemperar la crítica a que forzosamente han de dar lugar las lagunas y deficiencias de esta recopilación, narraré un episodio que me ocurrió recientemente.

En los primeros meses de 1954 acompañé al Profesor Dr. Egon Schaden al tapýi del Cacique Pablo Vera; y en una conversación referente a la couvade el Cacique, espontáneamente, le reveló al amigo datos referentes al alma recien encarnada que yo, con muchos años dedicados al estudio del tema, ignoraba totalmente!

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

CAPITULO I

Maino i reko ypy kue

Las primitivas costumbres del Colibrí

I

Ñande Ru Pa-pa Tenonde

guete rã ombo-jera
pytũ yma gui.

Nuestro Padre último-último primero
para su propio cuerpo creó de las tinieblas primigenias.

II

Yvára pypyte,
apyka apu'a i,
pytũ yma mbyte re

oguero-jera.

Las divinas plantas de los piés,
el pequeño asiento redondo,
en medio de las tinieblas primigenias
los creó, en el curso de su evolución.

III

Yvára jeckaka mba'ekuaá,

yvára rendupa,

yvára popyte, yvyra'i,

Yvára popyte rakã poty,

oguero-jera Ñamanduī

pytũ yma mbyte re.

El reflejo de la divina sabiduria (órgano de la vista),
el divino oye-lo-todo (órgano del oído),
las divinas palmas de la mano con la vara insignia,
las divinas palmas de las manos con las ramas floridas (dedos y uñas),
las creó Ñamanduī, en el curso de su evolución,
en medio de las tinieblas primigenias.

IV

Yvára apyre katu
jeguaka poty
ychapy recha.
Yvára jeguaka poty mbyte rupi
guyra yma, Maino i,
oveve oikovy.

De la divina coronilla excelsa las flores del adorno de plumas eran (son) gotas de rocío.
Por entre medio de las flores del divino adorno de plumas
el pájaro primigenio, el Colibrí,
volaba, revoloteando.

V

Ñande Ru tenonde gua
o yvára rete oguero-jera i
jave oikovy,
yvytu yma i re oiko oikovy:

o yvy rupa rã i oikuaá eỹ
mboyve ojeupe,
o yva rã, o yvy rã
oiko ypy i va'ekue
oikuaá eỹ mboyve i ojeupe,
Maino i ombo-jejuruei;
Ñamanduī yvaraka a Maino i.

Mientras nuestro Primer Padre
creaba, en curso de su evolución,
su divino cuerpo,
existía en medio de los vientos
primigenios:
antes de haber concebido su futura
morada terrenal,
antes de haber concebido su futuro firmamento, su futura tierra
que originariamente surgieron, el
Colibrí le refrescaba la boca; el
que sustentaba a Ñamanduī con
productos del paraíso fué el Colibrí.

VI

Ñande Ru Ñamandu tenonde gua
o yva rã oguero-jera eỹ
mboyve i,

pytũ A'e ndoechái:
Kuaray oiko eỹ ramo jepe,
o py'a jechaka re A'e oiko
oikovy;
o yvára py mba'ekuaá py
oñembo-kuaray i oiny.

Nuestro Padre Ñamandu, el Primero, antes de haber creado, en
el curso de su evolución, su futuro paraíso,
El no vió tinieblas:
aunque el Sol aún no existiera,
El existía iluminado por el reflejo de su propio corazón;
hacía que le sirviese de sol la sabiduría contenida dentro de su
propia divinidad.

VII

Ñamandu Ru Ete tenonde gua
yvytu yma i re oiko oikovy;

opytu'ui oiny ápy
Urukure'a i omo-pytũ i oiny:
omoñendu ma pytũ rupa.

El verdaero Padre Ñamandú, el
Primero, existía en medio de los
vientos originarios;
en donde paraba a descansar la
Lechuza producía tinieblas:
ya hacía que se tuviese prescien-
cia del lecho de las tinieblas
(noche).

VIII

Ñamandu Ru Ete tenonde gua
o yva rã oguero-jera eỹ
mboyve i;

Yvy Tenonde oguero-jera eỹ
mboyve i;

Antes de haber el verdadero Padre Ñamandu, el Primero, creado
en el curso de su evolución, su futuro paraíso;
antes de haber creado la primera
tierra,

yvytu yma i re A'e oiko
oikovy:
Ñande Ru oiko i ague yvytu yma, ojeupity jevy ma ára yma ojeupity ñavõ

ára yma ñemo-kandire
ojeupity ñavõ.

El existía en medio de los vientos originarios:
el viento originario en que existió nuestro Padre se vuelve a alcanzar cada vez que se alcanza el tiempo-espacio originario (invierno),
cada vez que se llega al resurgimiento del tiempo-espacio primitivo (invierno, en el vocabulario religioso).

Ara yma opa ramove, tajy poty py, yvytu ova ára pyaú py: oiko ma yvytu pyaú, ára pyaú, ára pyaú ñemokandire.

En cuanto termina la época primitiva, durante el florecimiento del Lapacho, los vientos se mudan al tiempo-espacio nuevo: ya surgen los vientos nuevos (N. y N.E.), el espacio nuevo; se produce la resurrección del tiempo-espacio (primavera).

NOTAS

Otra versión de los primeros versos de este capítulo del Génesis Mbyá-guarani es como sigue:

Ñande Ru Pa-pa Tenonde ojera pytũ yma mbyte re.

Nuestro Primer Padre, el Absoluto, se creó a sí mismo (surgió) en medio de las tinieblas primigenias.

Maino i: mainomby, mainumby en guarani clásico. Ocupa lugar destacado en estos textos. A un Indio le he oído decir: Maino i ñande rovacha ava ruvicha rã ñande chy ryépy voí: Ya en el vientre de nuestra madre el Colibrí nos señala, bendiciéndonos, para futuros dirigentes de los hombres. En esta sentencia, pronunciada espontáneamente, aparece el colibrí como personificación de un dios; y merece subrayarse el hecho de que en una versión del mito de Pa'i Rete Kuaray que he escuchado (Cap. VIII) el creador de esta tierra asume la forma de colibrí, y no de Urukure'a, para descender a la morada terrenal y engendrar al padre de la raza. V. tambien la palabra Kuarachy'a en las notas que siguen al Cap. XV.

Teko: (eko, gueko, reko) Costumbre, vida, etc.

Ypy: principio, primitivo. En mbyá-guarani se dice: ambo-ypy = doy vomienzo a, equivalente de: amoñepyrũ.

Yma: en nuestro guaraní significa antiguamente, significado que le da tambien Montoya; pero en estos textos encierra el concepto de primitivo, primigenio; v.g.: pytũ yma = el Caos; guyra yma = ave originaria; ára yma = el tiempo, el espacio originario. Y con la misma acepción en Ñamandy Yma = el primer Ñamandu; Tupã Yma = el Tupã originario, dios de las lluvias, las aguas, etc.

Ñande Ru Pa-pa Tenonde, Ñamanduĩ, Ñamandu Ru Ete, Nande Ru Tenonde, Ñamandu Ru Ete Tenonde; Ñamandu Yma: Nombres del Creador, del Absoluto, figura central de la teogonía de los Jeguakáva. A fin de cerciorarme del verdadero concepto que para el Mbyá encierra el sobrenombre pa-pa (último-último), le hice a Tomás, de Yvytuko, la siguiente pregunta:

Ñande Ru tenonde gua, yvára guete rã oguero-jera i ma vy ¿mba'ére nda'u "Pa-pa" ja'e?: porqué es que, habiendo nuestro primer padre creado su divino cuerpo, le llamamos (decimos) "pa-pa"?

Tomás me contestó:

Ñande Ru tenonde gua oñemo-mburu i ma vy, i mbaraete i ma oiny ma vy, ára pa-pa re oĩ. Gueko rã i oikuaá i ma vy ojeupe, o yvy rupa rã oikuaá i ma vy ojeupe, ára papa py oĩ ague ma vy: "Ñande Ru Pa-pa Tenonde", ja'e: En virtude de haberse inspirado de fervor nuestro Primer Padre, en virtud de haber adquirido fortaleza, El existía en los confines del espacio. Habiendo concebido las normas que regirían sus futuras actividades, habiendo concebido su futura morada terrenal, en virtud de haber existido en los últimos confines del espacio es que le llamamos "nuestro Padre último-último primero".

A pesar de largas y minuciosas investigaciones, sin embargo, no quisiera afirmar categóricamente que este sobrenombre, que tan admirablemente traduce el concepto de *absoluto,* sea de origen genuínamente mbyáguarani. El Cacique Che'íro, dirigente de una tribu del Alto Monday, cuya opinión solicité, me dijo: Pa-pa es bueno para los juruá — cristianos — pero no para nosotros para quienes Ñamandu es el Primero, ni para tí quien buscas la buena sabiduría entre nosotros. — Poco despues de esta conversación, obtuve que Cristino, de Yvytuko, Potrero Garcete, me narrara unas leyendas, y al referirse al Ser Supremo, dijo: Ñamandu Ru Ete Tenonde gua, a quienes vosotros llamáis Pa-pa Tenonde. Estas observaciones me obligaron a dedicar varios meses de trabajo más a la recopilación de himnos y plegarias, única fuente fidedigna para la reconstrucción de la religión aborigen. Para el efecto, me puse en contacto con dirigentes de Tapytã, San Juan Nepomuceno; Jaguakua i, Yuty; y Bordas, Chararã. En ninguno de los himnos y plegarias que he oído entonar en las poblaciones: tataypy rupa = asiento de fogones, he escuchado el sobrenombre de Pa-pa, invocándose indistintamente a Ñamandu Ru Ete y Ñande Ru Tenonde gua. En las versiones de estos mismos himnos y plegarias que los Indios me dictaban despues para ser transcriptos invocaban, de vez en cuando, a Ñande Ru Pa-pa Tenonde. Y el sobrenombre aparece en el mito de Yvy Pyaú (Cap. VII), en los patronímicos sagrados (Cap. V) y en el mito de Pa'i Rete Kuaray (Cap. VIII). En un principio, ante lo que consideraba como un caso de sincretismo, atribuí el origen de este sobrenombre a posibles contactos con catequizadores católicos (Papa — cabeza de la iglesia); pero como otra tribu guaraniparlante emplea tambien el nombre para designar al que evidentemente es la figura central de su teogonía (Samaniego: "Mitología de los Avá Guaraní del Yvy Pyte", Revista de Turismo, Asunción, Feb. 1944 y Agosto 1945), no puede afirmarse que sea de origen exótico. Sea cual fuere el origen de la palabra, ha sido adoptada definitivamente por los Mbyá; y en las versiones del Génesis Mbyá-guaraní que publiqué en la revista "Cultura" y la Revista de la Sociedad Científica del Paraguay ,aparece Ñande Ru Pa-pa Tenonde como creador de Ñamandu Ru Ete; y la verdad, según se desprende de los mitos, himnos y plegarias transcriptos en estas páginas, es que Ñamandu Ru Ete es el Ser Su-

premo de su teogonía, y que ambos títulos se emplean indistintamente para designar al Creador.

Jera, mbo-jera, guero-jera: la radical *ra* encierra el concepto de abrir, desatar, desarrollar, conservándose en el guarani contemporáneo en: Ojera yvoty = se abren las flores; Kuarahy ombojera yvoty = el Sol hace que se abran las flores. (V. la voz *ra* en el TESORO de Montoya, quien le da tambien el significado de *absolver*). Estas tres voces, en los textos de los Jeguakáva, traducen el concepto de *crear;* y significan, no producir de la nada, sino: hacer que se desarrolle, que se abra, que surja. Y comparando el verbo *guero-jera* con las formas "reflejas" de *jupi* = subir, y *guejy* = bajar, v.g.: oguero-jupi = él hace subir mientras él asciende; oguero-guejy = hace bajar mientras él desciende, se admitirá que no es forzada la traducción que doy de: crear en el curso de la propia evolución.

Yvára: divino, de yva = paraíso (Guaraní: yvága). Empléase tambien al referirse al alma, la parte divina del hombre.

Apyka apu'a i: el pequeño asiento redondo en que aparece Ñande Ru en medio de las tinieblas. Al referirse al hecho de ser engendrado, concebido, un ser humano, dicen los Mbyá: oñembo-apyka = se le da asiento, se provee de asiento (Cap. IV); locución que da a entender que el ser humano, al ser engendrado, asume la forma que asumió Ñande Ru. Tambien las aves agoreras — o espíritus que asumen la forma de aves — se trasladan por el espacio en *apyka* (Cap. IX: duendes y figuras de la mitología).

Yvyra'i: vara insignia, emblema del poder de Ñande Ru, y tambien emblema de poder de los dirigentes (yvyra'ija = alguacil, hombre que goza de ciertos privilegios, Montoya). En la extremidad de la yvyra'i de Ñande Ru aparecerán las llamas y la neblina de las que será engendrado el Universo (Cap. III). Ha dado origen, en el vocabulario religioso, a la palabra: *yvyra'i-kãgã* = huesos del que porta la vara-insignia, v.g., el esqueleto humano, el cuerpo humano (Cap. V).

Jeguaka: adorno (de la cabeza), emblema de la masculinidad. Antiguamente era de plumas o un gorro de algodón adornado con plumas; actualmente es de algodón, pero se usa poco. Ha dado origen a: jeguakáva = hombres, masculinidad; jeguaka vyapu = canto sagrado del hombre (Caps. III y VII).

Apyte: coronilla. Es por la coronilla que la sabiduría divina penetra en el alma humana (Cap. III).

Yvaraka: equivalente, en el vocabulario religioso, a *poraka* = sustentar (con productos de la caza). V. esta voz en el Cap. VIII y compárese con la palabra *poracá* que da Montoya; siendo la única traducción posible la que doy de: sustentar con productos del paraíso.

Yvy Tenonde: la primera tierra, creada por Ñande Ru (Cap. III) y destruída por el Diluvio (Cap. VI).

Yvy rupa: lecho o morada terrenal.

Yvytu yma: el viento primigenio o primitivo aquel en que apareció Ñande Ru; v.g., el viento sur.

Yvytu pyaú: los vientos nuevos, v.g., los del N. y N.E., que anuncian el cambio de estaciones y la llegada de la Primavera.

Yvára popyte rakã poty: las ramas floridas de las divinas palmas de las manos, nombre de los dedos y uñas en el vocabulario religioso. Este vocabulario no debe confundirse con el llamado "idioma secreto" de los Mbyá y otras parcialidades guaraníticas (Cap. XVII).

Jechaka mba'ekuaá: el reflejo de su conocimiento de las cosas, de su sabiduría, nombre del órgano de la vista de los dioses y tambien, del Sol (Cap. II).

O py'a jechaka re oiko oikovy: existia iluminado por el reflejo de su propio corazón, etc. Compárese con el mito de los Apapokúva recogido por Nimuendajú, en que tambien Ñanderuvusu aparece iluminado por una fuente de luz que no es el Sol. La creación del Sol que, según Nimuendajú, no se menciona en los textos de los Apapokúva, figura entre las primeras obras de Ñamandu Ru Ete (Cap. II).

Omoñendu ma pytũ rupa: ya hizo que se tuviese presciencia de la noche. Pytũ rupa = lecho de las tinieblas, nombre religioso de la noche, *pyávy* en el lenguaje común. El día y la noche no se conocían aún, porque el Sol aún no habia sido creado, siendo la única fuente de luz la que reflejaba el corazón de Ñande Ru. Urukure'a, con la sombra que echaba, "hizo que se tuviera presciencia de la noche". Posteriormente Urukure'a — surgida misteriosamente de las tinieblas con Ñande Ru — descenderá a la tierra para engendrar al padre de la raza (Cap. VIII).

Ara yma: creyendo con ello dar una idea del verdadero concepto que encierran estas palabras, la traducción que doy es: tiempo-espacio primigenio (Comp. ára vera = relámpago; araí = nube; mbohapy ára = tres dias, etc.). Ara yma es el tiempo-espacio originario, el Caos. Es tambien el nombre que se aplica al invierno, designándose además con el nombre de *ara yma ñemo-kandire* = el resurgimiento o resurrección del tiempo-espacio en que apareció Ñande Ru, el retorno del tiempo-espacio primitivo. El nombre de la primavera es *ára pyaú* = época nueva; en el vocabulario religioso: *ára pyaú ñemo-kandire* = resurgimiento del tiempo nuevo. Estos nombres dan a entender que la primavera (como el verano: Kuaray puku a jevy = el retorno de los soles largos) fueron creados por Ñande Ru despues de surgir a la actividad.

Kandire: resurrección, Cap. VI, Notas.

Ỏĩkuaá eỹ mboyve i ojeupe: antes de saber para sí mismo, antes de haber concebido.

Ñemo-mburu: inspirarse de fervor religioso, Cap. VI.

Mbaraete: fortaleza espiritual, Cap. IV.

Tajy poty py: durante el florecimiento del Lapacho, que anuncia la terminacion de los frios.

Ramove: en cuanto; guaraní: vove.

CAPITULO II

Ayvu Rapyta	*El Fundamento del Lenguaje Humano*
I	
Ñamandu Ru Ete tenonde gua	El verdadero Padre Ñamandu, el Primero,
o yvára peteĩ gui,	de una pequeña porción de su propia divinidad,
o yvára py mba'ekuaá gui,	de la sabiduría contenida en su propia divinidad,
o *kuaa-ra-ra* vy ma	y en virtud de su sabiduría creadora
tataendy, tatachina oguero-moñemoña.	hizo que se engendrasen llamas y tenue neblina.
II	
Oãmy vy ma,	Habiéndose erguido (asumido la forma humana),
o yvára py mba'ekuaá gui,	de la sabiduría contenida en su propia divinidad,
o *kuaa-ra-ra* vy ma	y en virtud de su sabiduría creadora,
ayvu rapyta rã i oikuaá ojeupe.	concibió el origen del lenguaje humano.
O yvára py mba'ekuaá gui,	De la sabiduría contenida en su propia divinidad,
o *kuaa-ra-ra* vy ma,	y en virtud de su sabiduría creadora
ayvu rapyta oguero-jera, oguero--yvára Ñande Ru.	créo nuestro Padre el fundamento del lenguaje humano e hizo que formara parte de su propia divinidad.
Yvy oikó eỹ re,	Antes de existir la tierra,
pytũ yma mbyte re,	en medio de las tinieblas primigenias,
mba'e jekuaá eỹ re,	antes de tenerse conocimiento de las cosas,

ayvu rapyta rã i oguero-jera,
oguero-yvára Ñamandu Ru Ete tenonde gua.

III

Ayvu rapyta rã i oikuaá ma vy ojeupe,
o yvára py mba'ekuaá gui,

o *kuaa-ra-ra* vy ma
mborayú rapyta rã oikuaá ojeupe.

Yvy oiko eỹ re,
pytũ yma mbyte re,

mba'e jekuaá eỹ re,

o *kuaa-ra-ra* vy ma
mborayú rapyta rã i oikuaá
ojeupe.

IV

Ayvu rapyta rã i oguero-jera i ma vy,
mborayú peteĩ i oguero-jera i ma vy,
o yvára py mba'ekuaá gui,

o *kuaa-ra-ra* vy ma

mba'e-a'ã rapyta peteĩ i oguero-jera.
Yvy oiko eỹ re,
pytũ yma mbyte re,

mba'e jekuaá eỹ re mba'e-a'ã peteĩ i oguero-jera ojeupe.

creó aquello que sería el fundamento del lenguaje humano (o: el fundamento del futuro lenguaje humano) e hizo el verdadero Primer Padre Ñamandu que formara parte de su propia divinidad.

Habiendo concebido el origen del futuro lenguaje humano,
de la sabiduría conteñida en su propia divinidad,
y en virtud de su sabiduría creadora concibió el fundamento del amor (al prójimo).
Antes de existir la tierra,
en medio de las tinieblas primigenias,
antes de tenerse conocimiento de las cosas,
y en virtud de su sabiduría creadora el origen del amor (al prójimo) lo concibió.

Habiendo creado el fundamento del lenguaje humano,
habiendo creado una pequeña porción de amor,
de la sabiduría contenida en su propia divinidad,
y en virtud de su sabiduría creadora
el origen de un solo himno sagrado lo creó en su soledad.
Antes de existir la tierra
en medio de las tinieblas originarias,
antes de conocerse las cosas el origen de un himno sagrado lo creó en su soledad (para si mismo).

V

Ayvu rapyta rã i oguero-jera i ma
vy ojeupe;
mborayú peteĩ i oguero-jera i ma
vy ojeupe;
mba'e a'ã peteĩ oguero-jera i ma
vy ojeupe,
ochareko iño ma
mavaẽ pe pa ayvu rapyta
omboja'o i ãguã;
mborayú peteĩ i
omboja'o i ãguã;
mba'e-a'ã ñeỹchyrõ gui
omboja'o i ãguã.

Habiendo creado, en su soledad, el fundamento del lenguaje humano;
habiendo creado, en su soledad, una pequeña porción de amor;
habiendo creado, en su soledad, un corto himno sagrado,
reflexionó profundamente sobre quién hacer partícipe del fundamento del lenguaje humano;
sobre quién hacer partícipe del pequeño amor (al prójimo);
sobre quién hacer partícipe de las series de palabras que componían el himno sagrado.

Ochareko iño ma vy,
o yvára py mba'ekuaá gui,

o *kuaa-ra-ra* vy ma

o yvára irũ rã i oguero-jera.

Habiendo reflexionado profundamente, de la sabiduría contenida en su propia divinidad,
y en virtud de su sabiduría creadora
creó a quienes serían compañeros de su divinidad.

VI

Ochareko iño ma vy,

o yvára py mba'ekuaá gui,

o *kuaa-ra-ra* vy ma

Ñamandu Py'aguachu oguero-jera.

Habiendo reflexionado profundamente,
de la sabiduría contenida en su propia divinidad,
y en virtud de su sabiduría creadora
creó al (a los) Ñamandu de corazón grande (valeroso).

Jechaka mba'ekuaá reve oguero-jera.
Yvy oiko eỹ re,
pytũ yma mbyte re,
Ñamandu Py'aguachu oguero-jera.

Lo creó simultáneamente con el reflejo de su sabiduría (el Sol).
Antes de existir la tierra, en medio de las tinieblas originarias,
créo al Ñamandu de corazón grande.

Gua'y reta ru ete rã,

gua'y reta ñe'eng ru ete rã,

Ñamandu Py'aguachu oguero-jera.

Para padre de sus futuros numerosos hijos,
para verdadero padre de las almas de sus futuros numerosos hijos creó al Ñamandu de corazón grande.

VII

A'e va'e rakygue gui,
o yvára y mba'ekuaá gui,
o kuaa-ra-ra vy ma

Karaí Ru Ete rã,

Jakaira Ru Ete rã,

Tupã Ru Ete rã,

ombo-yvára jekuaá.

Gua'y reta ru ete rã,

gua'y reta ñe'eng ru ete rã,

ombo-yvára jekuaá.

A continuación, de la sabiduria contenida en su propia divinidad, y en virtud de su sabiduría creadora
al verdadero padre de los futuros Karaí,
al verdadero padre de los futuros Jakaira,
al verdadero padre de los futuros Tupã
les impartió consciencia de la divinidad.
Para verdaderos padres de sus futuros numerosos hijos,
para verdaderos padres de las palabras-almas de sus futuros numeroso hijos,
les impartió consciencia de la divinidad.

VIII

A'e va'e rakykue gui,
Ñamandu Ru Ete
o py'a rechéi guãrã
ombo-yvára jekuaá
Ñamandu Chy Ete rã i;

Karaí Ru Ete,
ombo-yvára jekuaa
o py'a rechéi guãrã

Karaí Chy Ete rã i.

Jakaira Ru Ete, a'e rami aveí,

o py'a rechéi guãrã
ombo-yvára jekuaá
Jakaira Chy Ete rã i.
Tupã Ru Ete, a'e rami aveí,
o py'a rechéi guãrã
ombo-yvára jekuaá
Tupã Chy Ete rã i.

A continuación,
el verdadero Padre Ñamandu
para situarse frente a su corazón
hizo conocedora de la divinidad
a la futura verdadera madre de los Ñamandu;
Karaí Ru Ete
hizo conocedora de la divinidad
a quien se situaría frente a su corazón
a la futura verdadera madre de los Karaí.
Jakaira Ru Ete, en la misma manera,
para situarse frente a su corazón
hizo conocedora de la divinidad
a la verdadera madre Jakaira.
Tupã Ru Ete, en la misma manera,
a la que se situaría frente a su corazón, hizo conocedora de la divinidad a la verdadera futura madre de los Tupã.

IX

Guú tenonde gua yvára py
mba'ekuaá omboja'o rire ma;

ayvu rapyta rã i ombo-ja'o
rire ma;
mborayú rapyta omboja'o
rire ma;
mba'e-a'ã ñeỹchyrõ omboja'o
rire ma;
kuaa-ra-ra rapyta ogueno'ã rire,

a'e kue i py:
Ñe'eng Ru Ete pavengatu,
Ñe'eng Chy Ete pavengatu, ja'e.

Por haber ellos asimilado la sabiduría divina de su propio Primer Padre;
despues de haber asimilado el lenguaje humano;
despues de haberse inspirado en el amor al prójimo;
despues de haber asimilado las series de palabras del himno sagrado; despues de haberse inspirado en los fundamentos de la sabiduría creadora,
a ellos (los citados) tambien llamamos: excelsos verdaderos padres de las palabras-almas; excelsas verdaderas madres de las palabras-almas.

Para interpretar correctamente el contenido de estos versos que constituyen, a mi parecer, el capítulo más importante de la religión mbyá-guarani, es indispensable tener presente que *ayvu* = lenguaje humano; *ñe'eng* = palabra; y *e* = decir encierran el, para nosotros, doble concepto de: expresar ideas — porción divina del alma. Fué esta sinonimia la que me impulsó a estudiar a fondo la religión de los Jeguakáva, y a ello se debe esta obra, fruto de más de seis años recopilando sus himnos, plegarias, mitos y tradiciones. Antes de haberme convencido de esta sinonimia, hice la siguiente pregunta a dos mburuvicha versadísimos: Kachiríto, de Paso Jovái, y el Cacique Pablo Vera, de Yro'ysã (Potrero Blanco):

Si tu estuvieras discurriendo sobre las Ñe'ẽ Porã Tenonde (capítulos sagrados) y tus nietos te preguntaran el significado de Ayvu Rapyta ¿qué responderías?

Kachiríto respondió:

Ayvu Rapyta oguero-jera, oguero-yvára Ñande Ru tenonde ñe'eng mbyte rã = el fundamento del lenguaje humano lo creó nuestro Primer Padre e hizo que formara parte de su divinidad, para médula de la palabra-alma.

Y el Cacique Pablo Vera:

Ayvu Rapyta, ñe'eng ypy, Ñande Ru tenonde kuéry yvy rupa re opu'ã va'erã gua'y reta omboú ma vy omboja'o i ãguã = el fundamento del lenguaje humano es la palabra-alma originaria, la que nuestros primeros Padres, al enviar a sus numerosos hijos a la morada terrenal para erguirse, les repartirían.

En una versión muy abreviada de este capítulo publicada en la Revista de la Sociedad Científica del Paraguay, Ñamandu Ru Ete fué creado por Ñande Ru Pa-pa Tenonde. La versión transcripta en estas páginas fué dictada por el Cacique Pablo Vera y el Mayor Francisco (de Tava'í, San Juan Nepomuceno), quienes tambien emplearon el nombre de Pa-pa Tenonde al referirse al Ser Supremo, pero no dijeron que él habia creado a Ñamandu Ru Ete, sino a Ñamandu Py'aguachu, como figura en el contexto. Al llamarles la atención sobre la discrepancia entre ambas versiones manifestaron ellos — como ya se me había informado — que Pa-pa Tenonde es el nombre cristiano del Creador. Puedo agregar que la presente versión ha merecido la aprobación de Patricio Escobar, dirigente de Bordas, Chararã, y de Laureano Escobar, de Tapytã, San Juan Nepomuceno.

Por demostrar que el párrafo VI de este capítulo se refiere a la creación del Sol, trascribo a continuación la plegaria matutina de todo Mbyá "ortodoxo":

¡Ñamandu Ru Ete tenonde gua!

Nde yvy py Ñamandy Py'aguachu
o yvára jechaka mba'ekuaá
ogueropu'ã.
Reropu'ã uka ramo ma ne remi
mbo-guyrapa,

ore ropu'ã jevy ma.

A'e ramo ma, ayvu marã eỹ
kurié ramo jepe oguero-kangy
katuĩ vare'ỹ jevy ma ore, yvára
tyre'ỹ mbovy i, ro-gueropu'ã ma.

A'e va re, toropu'ã jevy
jevy, Ñamandu Ru Ete tenonde
gua.

¡Oh, verdadero Padre Ñamandu, el Primero!
En tu tierra el Ñamandu de corazón grande se yergue simultáneamente con el reflejo de su divina sabiduría (se refiere al Sol, que está saliendo). En virtud de haber tu dispuesto que aquellos a quienes tu proveíste de arcos nos irguiésemos,
es que nosotros volvemos a erguirnos.
En virtud de ello, palabras indestructibles (o: carentes de mal)
que en ningún tiempo, sin excepción, se debilitarán, nosotros unos pocos huérfanos del paraíso, volvemos a pronunciarlas al levantarnos.
En virtud de ellas, séanos permitido levantarnos repetidas veces ¡oh! verdadero Padre Ñamandu, el Primero.

NOTAS

Ayvu: lenguaje humano, en mbyá-guarani y en apapokúva-guarani, según Nimuendajú. En guarani "clásico" esta palabra significa "ruído", idea que se expressa en mbyá con la voz *evovo* (hevovo) que figura en el "Tesoro" de Montoya.

Ñe'eng, ñe'ẽ: en guarani común *ñ'ė* significa lenguaje humano, aplicándose tambien al cantar de las aves, chirriar de algunos insectos, etc. En mbyá ,aplícase al ruído de insectos, aves y animales; en Ñe'ẽ Porã Tenonde significa: las primeras palabras hermosas, v.g. las tradiciones y mitos "esotéricos", aunque para designar éstos más a menudo se emplea la frase Ayvu Porã. *Ñe'enguchu* = voz fuerte, potente: el cambio de voz en la pubertad; con la palabra *ñemoñe'ẽ* designan algunos mensajes recibidos de los dioses, especialmente los recibidos de Karaí Ru Ete. En estos casos, la pronunciación de *ñe'ẽ* es idéntica a la que tiene en nuestro guarani. Tiene otro significado, sin embargo, v.g., la de "porción divina del alma" o "palabra-alma", y en este caso es pronunciada *ñe'eng,* con el sonido de la ng final inglesa y alemana, seguida de una brevísima *y* nasal. *Ñe'eng* es el espíritu que envían los dioses para que se encarne en la criatura próxima a nacer (Caps. IV y V). Tanto los animales como los árboles tiene alma: *ñe'eng,* según puede colegirse del contexto de los Caps. XVI y IX. En aquel se refiere al alma de un jaguar que se encarnó en un ser humano; y en éste al alma del Lapacho — Tecoma ype. Ñe'eng, la palabra-alma de origen divino, no debe confundirse con *angue,* palabra empleada en la vernácula para designar el alma de un difunto. V. Cap. XIX.

Apyta: base, cimiento, origen. Equivale a nuestro *hopyta* = extremidad en que comienza la cosa; se descompone en: apy = extremidad; yta = sostén. Empl. en: *ayvu rapyta* = fundamento del lenguaje humano; mborayú rapyta = origen del amor al prójimo; *ára rapyta* = origen del Universo, etc. etc.

Kuaa-ra-ra: palabra sagrada, compuesta de *kuaá* = saber; ra = radical de jera, mbojera, guerojera: crear. Su significado literal es: sabiduría- poder creador. La definición que trascribo, dictada por el Mayor Francisco de Tava'i y aprobada por otros dirigentes, corresponde al texto de *Ayvu Rapyta,* y da una idea del valor que para el Mbyá encierra esta palabra sagrada, que nunca es pronunciada en presencia de extraños. Debe tenerse presente que *tataendy* = llamas, es la manifestación visible de la divinidad; y *tatachina* = tenue neblina, es la neblina vivificante que infunde vitalidad en todos los seres:

Mba'e porã vy ma:
"Kuaa-ra-ra tataendy, tatachina", e'i.
Ñamandu tenonde gua rãgẽ
a'e va'erã oguero-moñemoña.

En virtud de su condición divina:
"Las llamas y la neblina del poder creador", dicen (los dioses).
Fué el primer Ñamandu quien hizo que se engendrase aquello que se convertiria en esta cosa (*kuaa-ra-ra*) como parte de su ser.

Yvy rupa re, jeguakáva porã gue i jepe, jachukáva porangue i jepe oikuaá va'erã eỹ: a'e va'e iupitypy eỹ.

En la morada terrenal, ni los mejores entre los que llevan la insignia de la masculinidad, ni las mejores que llevan el emblema de la feminidad la llegarán a conocer; ello es cosa inasequible.

Va'e jepe, oñembo'e porã
añetẽ gua va'épe, mara rami
pa "*Kuaa-ra-ra* tataendy tatachina" e'i, oikuaá uka va'erã.

De esta cosa, sin embargo, a los que se dedican a orar con verdadero fervor, les divulgarán (los dioses) porqué es que dicen "las llamas y la neblina del poder creador".

A'e vy ma Ñande Ru, o py'a mbyte mbyte py ñe'engatu rapyta rã i omboupa tenonde va'ekue.

Va'e pe ma: "Kuaa-ra-ra tataendy tatachina", e'i.
A'e vy ma, o py'a jechaka Kuaray reve omoñembo'y vy ma, yvy jave re, yva jave re omokañy a jipói ãguã ete, o'e vy ma oguerojera va'ekue pe ma: "Kuaa-ra-ra tataendy tatachina, yvára Kuaray i", e'i Ñamandu Ru Ete Tenonde gua.

Fué en virtud de ello que nuestro Padre asentó en el mismísimo centro de su corazón el origen de la excelsa palabra que originariamente engendró (a la que originariamente puso fundamento).
A esta cosa llaman "las llamas y la neblina del poder creador".
En virtud de ella, en virtud de haberla puesto en pié simultáneamente con la fuente de luz de su corazón y el Sol, para que en toda la extensión de la tierra y del firmamento no hubiera absolutamente nada que escapase a su vista, a aquello que créo como parte de sí mismo y en virtud de su decir (Verbo) "las llamas y la neblina del poder creador, el Sol de la Divinidad", la llamó el verdadero Padre Ñamandu, el Primero.

Esta palabra sagrada y la definición trascripta explican la etimología, objeto de tantas especulaciones, de Kuarahy o Kuaray = sol; v.g.: kuaá = saber; ra = crear; 'y = columna, mástil, manifestación: la manifestación de la sabiduría y poder creador (del Ser Supremo). Colígese tambien del contexto que *kuaa-ra-ra* es la fuente de luz que iluminaba al Creador en medio del Caos antes de haber sido creado el Sol, y que es la misma fuente de luz de que hablan los Apapokúva en sus anales

Tataendy: llamas, la manifestación visible de la Divinidad. A las personas a quienes los dioses dispensan la gracia divina, les aparecen llamas: tataendy en las palmas de las manos y las plantas de los piés. V. Caps. VI y XVI. Karaí Ru Ete es el dueño de las llamas divinas, V. Cap. III, 2a. parte.

Tatachina: tatachi = humo; rã, na = semejante a, aquello que se convertirá en; tenue capa de neblina que aparece a principios de la Primavera, considerada en consecuencia por los Mbyá que infunde vitalidad en todos los seres. Empleo la frase "neblina vivificante" al traducirla, por expresar el concepto que para el Mbyá encierra. A este fenómeno meteorólogico, que aparece regularmente a fines de invierno, le llaman nuestros campesinos *tatatina*. Jakaira Ru Ete es dueño de esta neblina, v. Cap. III.

O ãmy vy ma: en virtud de haberse erguido, de haber asumido la forma humana. Ã = estar erguido (v. la misma voz en el *Tesoro* de Montoya); py, mby = partícula verbal. En las Notas que siguen al Cap. IV hallará el lector las palabras derivadas de esta radical *ã*, de indiscutible valor para el filólogo.

Oguero-yvára: lo incorporó a la propia divinidad, hizo que formase parte de la propia divinidad, (comp. con: *oqueroke* = hizo que durmiese con él mientras él dormía, etc.).

Mborayú peteĩ i: un pequeño amor, un solo amor. Figura tambien en el contexto: mborayú rapyta = génesis o fundamento del amor (al prójimo).

Ochareko iño: escudriñó, observó detenidamente. En guarani diríamos: ojesareko mante, ojesareko itereí. Iño equivale a nuestro: itereí = muy, superlativamente. V. tambien la voz *tesarecó* que da Montoya.

Mboja'o: partir, distribuir. Dícese tambien: amboja'o arandu = asimilo sabiduría (parte de la sabiduría de los dioses).

Mba'e-a'ã: canto o himno sagrado. A'ã (ha'ã) = esforzarse (por obtener algo). Los cantos que entonan y las plegarias que pronuncian los Mbyá constituyen un esfuerzo que realizan por obtener valor y fortaleza, siendo el concepto que encierra *mba'e-a'ã*: "esfuerzo que se realiza (en pos de la fortaleza espiritual)". V. Cap. IV, Notas.

Ñeỹchyrõ: repetirse, ponerse en filas o hileras; guarani contemporáneo: ñembohysýi. Amoñeỹchyrõ arandu porã = repito o explico la sabiduría buena (de los dioses). Amoñeỹchyrõ ayvu porã = repito palabras hermosas (que me inspiraron los dioses).

Mavaẽ: el que, quien; guarani: máva.

Ñamandu Ru Ete: el verdadero padre Ñamandu; o, posiblemente: el verdadero padre del o de los Ñamandu; dios del sol. A mi parecer, se descompone en: *ñe'ã* = esforzarse, erguirse, dedicarse a las plegarias; *andu, endu,* percibir, percatarse de. Un análisis del concepto que encierran la voz *ã* y sus derivados induce a creer que el verdadero significado de Ñamandu Ru Ete es: el verdadero padre de los que se yerguen conscientemente; o posiblemente: el verdadero padre de los que escuchan las plegarias. En el primer caso, Ñamandu sería el verdadero padre de la humanidad; en el segundo, el verdadero padre de los dioses. Como Ñamandu creó a los demás dioses, la segunda hipótesis me parece la más razonable. V. tambien las voces *ñe'ã* y *mba'e-a'ã* en el Cap. IX.

Karaí Ru Ete: dios del fuego, "el verdadero padre de los Karaí"; Jakaira Ru Ete, dios de la primavera y dueño de la neblina vivificante; Tupã Ru Ete, dios de las aguas, etc. Las facultades de estos dioses van enumeradas en el Cap. III.

O py'a rechéi: frente a su propio corazón. Comp. con las voces *rehe, rehéi, rechéi* que da Montoya, y que son empleadas aún en el Guairá (Villarrica) por personas ancianas.

No remi-mboguyrapa: aquellos a quienes tu proveiste de arcos, la humanidad masculina, sinónimo de: ne remi-mbojeguakáva = aquellos a quienes tu adornaste con la insignia de la masculinidad o adorno de plumas.

Ayva marã eỹ: palabras carentes de mal, palabras indestructibles. Son las palabras de que se componen los himnos y oraciones. V. *marã eỹ*, Cap. VI, Notas.

Kurié: en un futuro próximo. V. esta voz en las notas que siguen al Cap. IV; tambien la partícula *e*, Cap. VI.

Katuī: sobremanera, en cantidad, V. Cap. IX, Notas.

Ore, yvára tyre'ỹ mbovy i: nosotros, algunos pocos huérfanos del paraíso. Posiblemente una mejor traducción sería: nosotros, algunos pocos seres que vivimos alejados de la Divinidad. V. *ty*, Cap. IX.

Omboyvára-jekuaá: les hizo tener consciencia de la Divinidad.

Kuaa-ra-ra rapyta ogueno'ã rire: despues de haberse inspirado en los origenes de la sabiduría creadora. Montoya da la voz *no'ã* con el significado de: junta de cosas, juntar; creo que el significado que doy es, sin embargo, el correcto, podiendo formar-se juicio propio el lector recurriendo a las notas referentes a la voz *ã* y sus derivados, que siguen al Cap. IV.

Guero-moñemoña: hacer que se engendre como parte del propio ser, o: hacer que se engendre mientras uno mismo se esta engendrando.

Guú, tuú: su propio padre, su padre. La duplicación de la vocal ocurre a menudo en mbyá-guarani, especialmente en las tradiciones religiosas y plegarias; v.g.: ñuú = pradera; cheé = yo, etc.

Mboupa: asentar, colocar sobre una base o pedestal.

Ñe'engatu: palabra excelente, palabra inspirada. En guarani significa: charlatán.

O'e vy ma oguerojera: creó en virtud de su decir (Verbo). El empleo que de estas voces *ayvu* = lenguaje humano; *ñe'ẽ* = palabra; *e* = decir, demuestran que encierran el doble concepto de expresar ideas-alma. V. Cap. XIX.

Jequakáva: los que llevan el emblema de la masculinidad; v. Cap. III.

Jachukáva: las que llevan el emblema de la feminidad. Jasuka, según Nimuendajú, es una voz utilizada por los Apapokúva para designar un adorno que llevan las mujeres en la danza ritual. Unicamente en el vocabulario religioso he oído emplearla entre los Mbyá, en: jachukáva = nombre sagrado de la mujer; Jachuka Chy Ete = diosa del sol; jachuka vyapu = himno o canto sagrado de la mujer. El equivalente de Jachuka en el lenguaje ordinario es: akãoja poty = las flores que adornan la cofia de la mujer. Samaniego, en un bosquejo de la mitología de los Ava Guarani (1. c.) cita la misma palabra, pero con un significado difícil de aceptar sin investigaciones más prolijas que las practicadas por él.

Va'e jepe: aún ésto, aún estos.

Marã rami pa: cómo, en qué forma; guaraní: mba'éicha pa.

A'e kue i py: a los ya mencionados o citados.

Jipói: no hay. Guarani: ndaipóri.

CAPITULO III

Yvy Tenonde — *La Primera Tierra*

I

Ñamandu Ru Ete tenonde gua
o yvy rupa rã i oikuaá ma
vy o jeupe,
o yvára py mba'ekuaá gui,

o *kuaa-ra-ra* vy ma

o popygua rapyta i re yvy
oguero-moñemoña i oiny.

Pindovy ombojera yvy mbyte
rã re;
amboaé ombojera Karaí amba
re;
Pindovy ombojera Tupã amba
re;
yvytu porã rapyta re ombojera
Pindovy;

ára yma rapyta re ombojera
Pindovy;

El verdadero Padre Ñamandu, el primero,
habiendo concebido su futura morada terrenal,
de la sabiduría contenida en su propia divinidad,
y en virtud de su sabiduría creadora,
hizo que en la extremidad (base) de su vara fuera engendrándose la tierra.
Creó una palmera eterna en el futuro centro de la tierra;
creó otra en la morada de Karaí (Oriente);
creó una palmera eterna en la morada de Tupã (Poniente);
en el origen de los vientos buenos (N. y N.E.) creó una palmera eterna;
en los orígenes del tiempo-espacio primigenio (S.) creó una palmera eterna;

Pindovy peteĩ ñirũi ombojera:
Pindovy re ojejokua yvy rupa.

cinco palmeras eternas creó:
a las palmeras eternas está asegurada (atada) la morada terrenal.

II

Mboapy meme oĩ yva;
yva ijyta irundy:

yvyra'i py ijyta.
Yva ituí va'e yvytu py oayña
imondovy Ñande Ru.

Yvyra'i mboapy py rãgẽ
omboupa ramo, oku'e poteri
yva; a'e rami ramo, omboyta
irundy yvyra'i py; a'e ramo
aé oĩ endaguãmy, ndoku'e
véima.

Existem siete paraísos;
el firmamento descansa sobre cuatro columnas:
sus columnas son varas-insignias.
El firmamento que se extiende con vientos lo empujó nuestro Padre, enviándolo a su lugar.
Habiéndole colocado primeramente tres columnas al paraíso, éste se movía aún; por este motivo, le colocó cuatro columnas de varas-insignias; solo despues de ésto estuvo en su debido lugar, y ya no se movía más.

III

Yvy rupa mongy'a ypy i are mbói
yma i; a'anga i te ma ñande yvy
py ãgỹ oiko va' e: a'ete i va'e
oime Ñande Ru yva rokáre.

El primer ser que ensució la morada terrenal fué la víbora originaria; no es más que su imagen la que existe ahora en nuestra tierra: la serpiente originaria genuina está en las afueras del paraíso de nuestro Padre.

Ñande Ru Tenonde yvy rupa
ogueroñe'ẽ ypy i va'ekue
oguerojae'o ypy i va'ekue,
yrypa i, ñakyrã pytã i.

El primer ser que cantó en la morada terrenal de nuestro Primer Padre, el que por primera vez entonó su lamentación en ella, fué la "yrypa", la pequeña cigarra colorada.

Yrypa yma oime ñande Ru yva
rokáre: a'anga i te ma ãgỹ opyta
va'e yvy rupáre.

La cigarra colorada originaria está en las afueras del paraíso de nuestro Padre: es solamente una imagen de ella la que queda en la morada terrenal.

Y-amaí ko yja, y-apo are.
Ñande yvy py oĩ va'e a'ete
ve eỹ ma: a'ete va'e oime
Ñande Ru yva rokáre; a'anga
i te ma ãgỹ ñande yvy py
oiko va'e.

Pues bien, el "y-amaí" es el dueño de las aguas, el hacedor de las aguas. El que existe en nuestra tierra ya no es el verdadero: el verdadero está en las afueras del paraíso de nuestro Padre: ya no es

Ñande Ru, yvy ojapóvy, ka'aguy meme araka'e: ñuú jipói araka'e. A'e rami ramo, ñuú rupa rã re omba'apo va'erã tuku parãrã i omboú. Tuku parãrã i guevi oikutu i ague, kapi'i rembypy i oñemoña: a'e gui maẽ oiku ñuú.

más que su imagen el que actualmente existe en nuestra tierra.
Cuando nuestro Padre hizo la tierra, he aquí que era todo bosques, campos no había, dicen. Por este motivo, y para que trabajase en la formación de praderas, envió al saltamontes verde. En donde el saltamontes clavó originariamente su extremidad inferior se engendraron matas de pasto: solamente entonces aparecieron las praderas.

Ñuú ogueropararãrã, oguerochirĩ tuku parãrã i. A'ete va'e Ñande Ry yva rokáre ma oime: ãgỹ opyta va'e a'anga i te ma.

El saltamontes celebró con sus chirridos la aparición de los campos.
El saltamontes originario está en las afueras del paraíso de nuestro Padre: el que queda ahora no es más que una imagen suya.

Nuú ojekuaá i ma vy, ogueroñe'endu ypy i va'ekue, oguerovy'a ypy i va'ekue, inambu pytã. Inambu pytã ñuú ogueroñe'endu ypy i va'ekue, oime ãgỹ Ñande Ru yva rokáre: yvy rupápy oiko i va'e, a'anga i te ma.

En cuanto aparecieron los campos, el primero en entonar en ellos su canto, el primero en celebrar su aparición, fué la perdiz colorada.
La perdiz colorada que por primera vez entonó sus cantos en las praderas está ahora en las afueras del Paraíso de nuestro Padre: la que existe en la morada terrenal no es más que su imagen.

Ñande Ru yvy rupa omboaí ypy i va'ekue, tatu i. A'ete va'eỹ ma tatu i ãgỹ reve oiko i va'e ñande yvy py: a'e va'e a'anga i reí te ma.

El primero en remover la tierra en la morada terrenal de nuestro Padre fué el armadillo. Ya no es el verdadero armadillo el que existe hasta el presente en nuestra tierra: éste ya no es más que su simple imagen.

Pytũ ja, Urukure'a i.

La dueña de las tinieblas es la Lechuza.

Ñande Ru Kuaray, ko'ẽ ja.

Nuestro Padre el Sol es dueño del amanecer.

II Parte

Ñande Ru Tenonde oñemboyvaropy pota; a'e rami ramo, kórami ijayvu:

Nuestro Primer Padre está por internarse en las profundidades del Paraíso; en vista de ello, así habló:

-Ndeé aé, Karaí Ru ete,
tataendy ñeỹchyrõ re, mba'eve oupity eỹ va'erã ano'ã va'e re, remoñeangarekóta nde ra'y,
Karaí Py'aguachu. A'e vy ma,
emoñeenói "Karaí Tataendy
ja", ere.
Oñeangareko va'erã tataendy ryapu rã re; ára pyaú ñavõ emboguy uka i tataendy ñeỹchyrõ, tataendy ryapu oendy ãguã jeguakáva jeayú porangue i, jachukáva jeayú porangue i.

-Solamente tu, Karaí Ru Ete, las hileras de llamas inasequibles en que yo me inspiro las harás vigilar por intermedio de tus hijos, los Karaí valerosos. Por consiguiente, haz que ellos se llamen "los Señores dueños de las llamas", (dí). Ellos vigilarán aquello que ha de producir el ruído de crepitar de llamas; cada primavera haz que se solivien las hileras de llamas para que escuchen el ruído de crepitar de llamas los bien amados que llevan la insignia de la masculinidad, las bien amadas que llevan el emblema de la feminidad.

A'e va'e rakykuégui, Jakaira
Ru Ete py:
-Néi, ndée reñeangarekóta tatachina ñe'engatu rapyta rã i re. Cheé jeupe aikuaá va'ekue re emoñeangareko nde ra'y, Jakaira Py'aguachu. A'e vy ma, emoñeenói: tatachina ñe'engatu ja rã i, ere nde jeupe.

Despues de estas cosas, a Jakaira
Ru ete (dijo):
-Bien, tu vigilarás la fuente de la neblina que engendra las palabras inspiradas. Aquello que yo concebí en mi soledad, haz que lo vigilen tus hijos los Jakaira de corazón grande. En virtud de ello haz que se llamen: dueños de la neblina de las palabras inspiradas, di a tí mismo.

A'e va'e rakykuégui, Tupã
Ru Ete py aipo e'i:
-Ndeé reñeangarekóta Para Guachúre, Para Guachu rakã a'e javi re. Yvára ñemboro'y rã ano'ã uka ta ndevy. Va'e re ke, nde ra'y Tupã reta py'aguachu rupi mba'e ñemboro'y eraauka jevy yvy rupa re, ñande ra'y jeayú porangue i pe, ñande rajy jeayú porangue i pe.

Despues de estas cosas, a Tupã
Ru Ete le habló en esta forma:
-Tu tendrás a tu cargo el extenso mar y las ramificaciones del extenso mar en su totalidad. Yo haré que tu te inspires en las leyes mediantes las que se refrescará la divinidad. Por consiguiente, tu enviarás repetidamente a la morada terrenal por intermedio de tus hijos los Tupã de corazón grande, aquello que refresca, para nuestros bien amados hijos, nuestras bien amadas hijas.

Ñamandu Ru Ete tenonde gua yvy rupáre jeguakáva apyre i pe, jachu-

El verdadero Padre Ñamandu, el Primero, estando por hacer des-

káva apyre i pe arandu porã ogueroyvỹy uka ta ma vy,
Jakaira Ru Ete py aipo e'i:

-Néi, tatachina rãgẽ i emboupa ñande ra'y apytére, ñande rajy apytére. Ara pyaú ñavõ eroatachina uka i nde ra'y Jakaira Py'aguachu pe yvy rupa.

A'e va re aé, ñande ra'y kue i ry, ñande rajy kue i ry oiko porã i va'erã.

A'e va'e rakykuégui:
-Karaí Ru Ete, ndeé ave tataendy mba'e porã i emboupa i ñande ra'y jeayk pe, ñande rajy jeayú pe.
-Va'e re, che ra'y Tupã Ru Ete, mba'e ñemboro'y rã ano'ã va'e gui ñande ra'y py'a mbyte py emboupa i.

A'e ramo aé, yvy rupáre opu'ã va'erã reta, jeayú porã i omombía che ramo jepe oguerokatupyry i va'erã.

Mba'e ñemboro'y gui vy aé, mborayú reko rã i a'e ague nomboaku aéi va'erã ñande ra'y jeayú rã i ñande rajy jeayú rã i.

Ñamandu Ru Ete Tenonde gua, omoñeenói mba i ma vy gua'y ru ete rã, gua'y ñe'eng ru ete rã, i amba rã re aé aé i:

cender a la morada terrenal la ciencia buena para las generaciones de las que llevan la insignia de la masculinidad, el emblema de la feminidad, a Jakaira Ru Ete dijo:
-Bien, en primer lugar, alojarás en primer lugar en la coronilla de nuestros hijos y nuestras hijas la neblina (vivificante). Cada vez que retorna la Primavera harás circular, por intermedio de tus hijos, los Jakaira de corazón grande, la neblina por la morada terrenal.
Unicamente en virtud de ella podrán nuestros hijos, nuestras hijas prosperar.
-Karaí Ru Ete, tu tambien harás que las llamas sagradas se alojen en nuestros amados hijos, en nuestras amadas hijas.
-Por ésto, mi hijo Tupã Ru Ete, aquello que yo concebí para refrescamiento (moderación) haz que se aloje en el centro del corazón de nuestros hijos.
Unicamente así los numerosos seres que se erguirán en la morada terrenal, aunque quieran desviarse del verdadero amor, vivvirán en armonía.
Unicamente mediante aquello que refresca (moderación), las leyes que pronuncié para regir el amor no producirán excesivo calor en nuestros futuros amados hijos, en nuestras futuras amadas hijas.
Habiendo Ñamandu Ru Ete, el Primero designado por sus respectivos nombres a los verdaderos padres de sus futuros hijos, a los verdaderos padres de las palabras (almas) de sus futuros hijos, cada

-Kova'e rakykuégui, apomoñeenói rire ma, pene amba rã aé aé i re, yvy re jeguakáva reko rã i, jachukáva reko rã i peẽ aé peikuaáne.

uno de ellos en su respectiva morada (dijo):
-Despues de estas cosas, despues de haber hecho que os llaméis por vuestros nombres, cada uno de vosotros en vuestras respectivas moradas, las leyes que regirán en la tierra a los que llevan la insignia de la masculinidad y el emblema de la feminidad, vosotros las conciberéis (sabréis).

Va'e rakykuégui, ombojeguaka-vyapu gua'y ru ete tenonde guápe, ombo-jachukavyapu guajy chy ete tenonde guápe, va'e rakykuégui aé yvy re opu'ã rei reta va'erã oiko porã i ãguã.

Despues de estas cosas, inspiró el canto sagrado del hombre a los verdaderos primeros padres de sus hijos, inspiró el canto sagrado de la mujer a las primeras madres de sus hijas, para que despues de ésto, en verdad, prosperaran quienes se erguirían en gran número en la tierra.

*
* *

NOTAS

Pyndovy: pindo ovy = palmera azul; las palmeras eternas, milagrosas, indestructibles. Según me ha informado el Dr. Gustavo Gonzalez, la voz ovy, hovy es empleada por los Indios Tapieté del Parapití, en Jagua Ovy = el perro azul, monstruo que devora a la Luna durante los eclipses; y según Nimuendajú, Jagua Ovy es el nombre que dan los Apapokúva al guardián del paraíso de Ñande Ruvusu. La voz JU, en los textos mbyá, tiene más o menos el mismo significado que *ovy;* y Nimuendajú, aunque no ha podido descifrar el significado de aquella voz, aseverando que "es un verbo defectivo que designa la existencia", (1. c., p. 2), dice que su empleo con la acepción indicada es general entre las parcialidades guaraníes. Recalde, en sus notas a la traducción de la obra de Nimuendajú, agrega: "Aceptamos plenamente la traducción del autor. En relación a JU, sabe que se refiere a un ser, pero no consigue identificarlo. La voz JU pertenence a la mitología, y ha desaparecido del léxico. Es posible que los mismo paje no sepan lo que esta palabra significa". Entre los Mbyá, conocen el significado de ambas palabras, no solo los dirigentes, sino todos los miembros de las tribus, por superficiales que sean sus conocimientos de las tradiciones religiosas. Y el origen del empleo de estas palabras para traducir el concepto de eterno, indestructible, milagroso, es el siguiente: los mburuvicha más avezados en las antiguas tradiciones enseñan que las vestimentas de los dioses son de color amarillo claro: *ju* = color del Sol; y azul claro, color de cielo despejado: *ovy*. Estos colores son considerados, por conseguiente, sagrados y emblemáticos de la Divinidad; siendo indestructibles, eternos, como lo son el Sol y el Cielo, son empleadas para tra-

ducir estos conceptos. De paso diré que el rojo es emblemático de la cólera, seguramente por ser el color de la sangre.

Mopyrõ: V. Cap. IV.

Amba: morada, mansión, empleada generalmente para designar la morada de los dioses. V. moambague, Caps. III y IX; y la voz *ambáva* que da Montoya.

Karaí amba; Tupã amba: la morada de Karaí, id. de Tupã: oriente y poniente, respectivamente.

Yvytu porã rapyta: el origen de los buenos vientos, N. y N.E., que anuncian la llegada de la primavera.

Ara yma rapyta; yvytu yma rapyta: el origen o cimiento del espacio primigenio; id. de los vientos originarios. El Sud, y el viento del Sud que soplaba mientras Ñande Ru se dedicaba a las tareas de la Creación. A un Indio le he oído decir que, para que se produzca el cambio de estaciones, trocándose el invierno en primavera, mudan los dioses los cimientos el espacio originario: oguerova Ñande Ru ára yma rapyta.

Petei ñiruĭ: 5, lit.: una serie de compañeros, o los dedos de una mano.

Mboapy meme rire: 7 = despues de dos veces tres.

Yva ituí va'e: la traducción que da Montoya de *ituí* es: rebosar; pero en mbyá-guarani parece más bien significar "extenderse", "hallarse en cantidad considerable". En el Cap. XIII (Agricultura") hallamos la oración: Evoko ituí che ma'ety a i = he aquí se extienden mis cultivos .

Oayña imondovy (*y acentuada*): lo empujó enviándolo. En guarani diríamos: omoaña imondóvo.

Poteri: todavía, aún. Guarani: gueteri.

Rami: como. Guarani: icha.

Omboyta ramo: por haberle puesto cimientos. Guarani; omboyta hague rehe.

Py, my: corresponden a nuestras partículas pe y me; aunque a menudo, por eufonía, se emplean éstas.

Mbói yma i: la serpiente primigenia, *ñandurié* en guarani: Leimadophis almadensis.

ãgỹ: (ỹ acent.) ahora. Ãgỹ reve = hasta el presente.

A'anga i te ma: (a'anga i aé ma) = ya no es más que su imagen. Yvy Tenonde, la primera tierra, de cuya creación trata este capítulo, fué destruída por el Diluvio (Cap. VI) despues de haber ascendido a los Paraísos todos los seres que la poblaban, los virtuosos en forma humana, y los pecadores metamorfoseados en seres irracionales. Creada Yvy Pyaú, la nueva tierra, la que habitamos, en reemplazo del mundo destruído (Cap. VII), fué poblada de imágenes de los habitantes de Yvy Tenonde. Como puede colegirse del contexto la víbora ñandurié, el insecto acuático y-amaí, el saltamontes, la perdiz grande y el armadillo no son seres humanos que sufrieron la metempsicosis, sino aparecieron ya en su forma actual en la primera tierra. Es posible, por no decir seguro, que tambien el Tapir o Anta (tapi'i en mbyá-g.) y el jabalí (kochi) pertenezcan a esta categoría de seres originarios; pues el primero tiene su camino en el paraíso, que es la Vía Láctea: Tapi'i rape; y el segundo es considerado como animal privilegiado: mymba porã. Tampoco figuran estos dos animales en las numerosas leyendas de metempsicosis que he escuchado.

Tuku parãrã i: esp. de saltamontes verde que se eleva muy alto en el aire y emite un chirrido agudo y penetrante, y otro chirrido menos agudo

(parãrã). El chirrido agudo lo designan los Mbyá con la palabra *chīrĭrĭ*, siendo una corrupción de esta onomatopeya la empleada por los paraguayos para designar al saltamontes de referencia, v.g., *tuku chilín*.

Y-amaí: coleóptero girínido sumamente veloz.

Inambu pytã: perdiz grande colorada, o "martineta" de las praderas, llamada *ynambu guasu* en guarani.

Oñembo-yvaropy: se retira al interior o profundidades del Paraíso. Con el mismo significado empléase: oñemboachojáva ropy, siendo achojáva (aho'i háva) otra voz empleada para designar los paraísos, v.g., los lugares donde se cubren, se sustraen a la vista los dioses. Opy es la casa de los cantos, plegarias y danzas rituales; de los que se introducen en esta casa para dedicarse a los ejercicios espirituales dícese: *oike opy* = se introduce en el interior de la casa, sobreentendiéndose que es para dedicarse a la oración, etc. V. Cap. XVI. Del contexto de estos versos podría deducirse que Ñamandu Ru Ete se habría retirado de toda ingerencia en el gobierno del Universo; así me informaron varios Mbyá, y así figura en la versión de este mismo mito que publiqué en la Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Pero los himnos y plegarias de los Mbyá demuestran que éste no es el caso, pues Ñamandu Ru Ete envía espíritus a la tierra para encarnarse (Cap. IV), y se le invoca diariamente (Cap. II). Es él quien, por intermedio de sus hijos Ñamandu Py'aguachu, hace que el Sol haga su recorrido diurno; y como el Sol es la fuente de toda vida y Ñamandu lo tiene a su cargo, no figuran sus atribuciones en este capítulo. Cierta similitud entre este mito y la egipcia en que el dios Ra entrega el universo a sus lugartenientes llamará la atención de quienes creen hallar analogías entre el egipcio y el guarani (me refiero a un ensayo publicado por el Prof. Alborno en "Revista de Turismo", Asunción, que lastimosamente se me ha traspapelado); como entre las mitologías del Viejo Mundo y nuestro continente.

Kórami, guírami: en esta manera.

Popygua, yvyra'i: la vara-insignia.

Karaí Py'aguachu (Jakaira, Tupã, Ñamandu Py'aguachu): Los Karaí, etc., de corazón grande, o valerosos, hijos de los dioses que ejecutan los designios de sus padres. Al invocar a los dioses se les suplica enviar a sus hijos de corazón grande para infundir valor a los nombres, moderar sus pasiones, resucitar a los muertos, etc. (Cap. IX). — Al referirse a los cuatro Primeros Padres de la Palabra, emplean los Mbyá a veces el nombre *ipuru'ã eỹ va'e* = los que carecen de ombligo, porque no fueron engendrados. Los Karaí Py'aguachu ya fueron engendrados y se diferencian de sus padres en el hecho de tener ombligos. Además de estos "hijos de corazón grande" tienen los dioses otros ejecutores de su voluntad, los Ñamandu Avaete, Ñ. Kuchuvi, Ñ. Rekoé. Ellos son agentes de destrucción, siendo el significado de *avaete*, feroz; *kuchuvi* = sacudir, menear; *rekoé* = de naturaleza distinta o maligna. (V. notas correspondientes a *avaete*, Cap. VI). Además de los citados, tiene Tupã Ru Ete (y casi con seguridad los demás dioses) a los Tupã Aguyjeí y Tupã Ñe'engija, mensajeros mansos, benévolos. Los hijos de los dioses que tienen por sobrenombre *tekoé, avaete* y *kuchuvi* tienen por tarea, entre otras cosas, el de perseguir a los duendes malévolos:

Jaecha eỹ va'e motare' ỹ a Tupã Avaete kuéry, etc.	Los que persiguen a los seres invisibles (duendes) son los Tupã Avaete, etc.

Tupã Ru Ete: llamado tambien Tupã Yma. El hecho de ocupar Tupã Ru Ete el quinto lugar en la teogonía mbyá-guarani y lugares más secundarios aún en la de otras parcialidades guaranies, da la razón a Nimuendaju cuando habla del "abuso que hicieron de su nombre los misioneros que lo han introducido para la designación del Dios cristiano en todo el Brasil, el Paraguay, gran parte de Argentina y Bolivia". Y destruye, creo, más de una enjundiosa hipótesis sobre la presunta etimología de esta palabra ("..bellas construcciones teóricas, insuficientes para la justa comprensión de la verdad", como dijera mi amigo Egon Schaden, de la Facultad de Filosofía de São Paulo); hipótesis, en su mayoría lanzadas por eruditos de gabinete — "armchair ethnologists" — que creen poder prescindir de la colaboración de los únicos autorizados a enseñarmos algo al respecto: los Indios mismos!

Tataendy ryapu: ruído de crepitar de llamas. Todo trueno que se escucha en Oriente — especialmente en Primavera — es producida por las hileras de llamas a cargo de Karaí Ru Ete quien las destapa para que escuchen el ruído los hombres. A Karaí Ru Ete tambien se le llama *tataendy ryapu ja* = el dueño del ruido de crepitar de llamas.

Tatachina ñe'engatu rapyta: el origen de la neblina de las, o que engendra las, excelentes palabras. Es mediante las palabras engendradas por la neblina de Jakaira, es decir, los mensajes divinos recibidos de este dios, que los médicos agoreros adquieren la buena ciencia — *arandu porã* — que los convierte en lugartenientes de Jakaira: Jakaira kuéry pyronga (V. Cap. IX).

Tatachina rãgẽ emboupa ñande ra'y apytére: primeramente haz que se aloje la neblina (vivificante) en las coronillas de nuestros hijos. Las llamas sagradas de Karaí Ru Ete que inspiran fervor, y la neblina vivificante que confere sabiduría y el poder de conjurar maleficios, penetran en el alma humana a través de la coronilla: *apyte*. La templanza, la moderación en cambio: *yvára ñemboro'y* enviada por Tupã Ru Ete, se aloja en el pecho o corazón: ñande ra'y py'a mbyte mbyte py = en el mismísimo centro del corazón de nuestros hijos. Comp. el texto con las plegarias que figuran en el Cap. IX.

Yvára ñemboro'y reko rã: las leyes que producirán el refrescamiento de la divinidad, v. g., la templanza y moderación, siendo sus manifestaciones visibles las lluvias y el granizo. V. Cap. XVI, en que Tupã envía un granizo para ahuyentar el alma de un tigre que se había encarnado en el hijo de Kapitã Chiku.

Mboaku aéi: calentar excesivamente, excitar hasta un punto peligroso (guarani: ahéi, jahéi). El fervor producido por las llamas de Karaí es moderado por la templanza: *yvára ñemboro'y*, te Tupã.

Jeguaka vyapu, jechuka vyapu: el ruído del adorno del hombre, el ruído del adorno de la mujer (en la danza ritual), nombres religiosos de los cantos sagrados del hombre y la mujer, respectivamente.

Para guachu rakã a'e javi: las ramas del gran mar, en su totalidad. A'e javi ha desaparecido de nuestro léxico, pero lo da Montoya en su TESORO.

Tataendy mba'e porã: llamas sagradas. *Mba'e porã kuéry*: los seres buenos, los dioses.

Aé: solo. Iño, como ya se ha dicho, significa muy, superlativamente; solo, lo traducen por la voz *aé* (guarani: ño); v.g.: ch'aé i aiko = vivo solo.

Ja: dueño. Guarani: jára.

Según un dirigente muy avezado, a quien sometí estos versos para su corrección, Ñande Ru, antes de hacer que se engendrase la tierra en la extremidad de su vara-insignia, hizo aparecer en una extremidad las llamas sagradas y en la otra la neblina vivificante. Agregó que Ñande Ru hizo que se encarnase el origen de la tierra en las Palmeras eternas: *Pindovýre omopyrõ yvy rapyta*.

Las versiones de la creación de la Primera Tierra que se me narraba antes de divulgárseme las tradiciones secretas omitían mención de *Ayvu Rapyta* y de *Kuaa-ra-ra*, englobando en un solo capítulo la creación de la tierra y de los cuatro Ñe'eng Ru. Según Cantalicio, de Yvy Pytã, Ñande Ru, al asumir la forma humana, creó la bóveda y los cuatro padres de la palabra; luego hizo surgir de las tinieblas una columna de madera indestructible: yvyra ju'y, para apoyar contra ella la tierra que iba creando:

Yvy oñono ma vy, omboyta ãguã
ma, yvyru ju'y ombojera;
kova'e ra'anga i ñande yvy
py oiko i va'e, aju'y mirĩ:
a'e va'e yvyra ypy, yvyra yma.

Al crear la tierra, a fin de sostenerla, creó una columna de madera indestructible; la imagen de esta columna que existe en la tierra es el Aju'y mirĩ (Ocotea). Este es árbol primitivo, árbol primigenio.

Fué mediante esta versión que pude descifrar el verdadero significado de la voz *ju*, siendo la definición que de ella me dió Cantalicio: *o marã eỹ rã oupity va'e* = el que ha alcanzado su estado de indestructibilidad; i marã eỹ va'erã = el que no puede sufrir daño o ser destruído. Según esta versión de Cantalicio (publicada en la revista Cultura, Asunción, X/1946) el Aju'y es imagen de la columna indestructible creada por Ñande Ru para sostén de la tierra; según la mayoría, sin embargo, es un árbol privilegiado creado simultáneamente con el Cedro para ser empleado por los Mbyá en la construcción de sus viviendas, etc. Esta creencia en que es árbol privilegiado débese, seguramente, al hecho de ser empleado para producir fuego (Cap. VII).

CAPITULO IV

Oñemboapyka pota jeayú porãngue
i rembi rerovy'a rã i.

Se está por asiento a un ser para
alegría de los bien amados.

Estos versos, que contienen las instrucciones impartidas por Ñamandu Ru Ete, padre de los dioses, a los Ñe'eng Ru Ete, referentes al envío a la tierra de almas para encarnarse, corresponden al capítulo que trata, entre otras cosas, de la creación de la humanidad. Pero debido tanto a las copiosas notas lexicológicas necesarias para una cabal comprensión de su contenido, cuanto a su belleza poética y profundidad filosófica, he creído indispensable dedicarles un capítulo especial.

I

-Jeguakáva porangue i,
jachukáva porangue i
ñembo-rerovy'a arã i
ijapyka pota ma vy,
ñande yvy py emondo
ñe'eng porã imopyrõ vy,
e'i Ñande Ru Tenonde
gua'y Ñe'eng Ru Ete py.

-A'e ramo katu,
ñande yvy py remondo va'e
ñe'eng porã imopyrõ vy,
gui rami reroayvu porã i
jevy jevy ta:
"Néi, ereóta, ndeé, Ñamandu ra'y i,

erombaraete yvy rupa;

opa mba'e jórami gua eỹ
eỹ opu'ã avaete ramo jepe,
erero-py'aguachu va'erã".

-Cuando está por tomar asiento (nacer) un ser que alegrará a los que llevan la insignia de la masculinidad, el emblema de la feminidad, envía a la tierra una palabra-alma buena para que se encarne, dijo nuestro Primer Padre a los verdaderos padres de las palabras-almas de sus hijos.
-Por consiguiente, la que a nuestra tierra enviares palabra-alma buena para que se encarne, en esta forma le aconsejarás discretamente reptidas veces:
"Bien, irás tú, hijito de Ñamandu (de Karaí, Jakaira o Tupã),
considera con fortaleza la morada terrenal;
y aunque todas las cosas, en su gran diversidad, horrorosas se irguieren, tu debes afrontarlas con valor (grandeza de corazón)".

Comentando esta alocución, dirigida por Ñande Ru Tenonde por turno a sus padres de la palabra-alma, dicen los mburuvicha:

Mitã ñanemboú ma vy:
"Néi, tereó yvy py", e'i
ñande arygua kuéry.

"Ne ma'endu'a ke che reé ne ãmy.

Aipo che reé aroñemongeta va'erã
che reé ne ma'endu'a ramo.

A'e vare cheé aroñemongeta
va'erã che ra'y mbovy katu
eỹ cheé ano'ã va'e gui.

Mby'aguachu apo a, mba'e
mbojaity a cheé ano'ã va gui jipói
va'erã yvy rupáre rei, che ra'y
mbovy eỹ reko acha arã.

A'e va re ndeé, yvy py ma
reikóvy, che amba porã re
ne ma'endu'a va'erã.
Cheé aroñemongeta ramo
nd'apytére, nde reko mboovái
arã jipói va'erã yvy rupa
reko achy re".

Cuando a nosotros criaturas nos envían: "Bien, irás a la tierra", dicen los situados encima de nosotros.
"Acuérdate de mi en tu corazón (en tu vida, tu ser).
Así, yo haré que circule mi palabra (inspirándote) por haberte acordado de mi.
Así, yo haré que pronuncien palabras (para tu inspiración) los excelsos innumerables hijos que yo albergo.
En valor, en la facultad de conjurar maleficios, no habrá, en toda la extensión de la tierra, quien sobrepase a los inumerables hijos a quienes yo albergo.
Por consiguiente tu, cuando mores en la tierra, de mi hermosa morada has de acordarte.
Inspirándote yo hermosas palabras en tu corazón (coronilla), no habrá quién te pueda igualar en la morada terrenal de las imperfecciones".

Vuelve a comentar el mburuvicha:

Arakuaá jareko i voí, ajeve
ramo ñande chy kã jepeve
jaropochy.

Entendimiento lo tenemos desde un principio, debido a cuyo hecho hasta con los pechos de nuestra madre nos encolerizamos (se refiere al llanto del párvulo que siente hambre).

Mbochy ñane moarandu, arandu
porã ñano'ã eỹ mboyve i; a'e
va re, kórami che roayvu
ñande arygua kuéry. ¡Pe jopyy
porã i ke ko ch'ayvu, che reindy
i kuéry, che ryvy i kuéry, kurié
opa eỹ va'erã ma vy!

Nos inspiramos en la ciencia nociva antes de inspirarnos en la buena ciencia; por consiguiente, así me han hablado los situados encima de nosotros. ¡Escuchad atentamente estas mis palabras, mis hermanitas, mis hermanitos, por

"Mitã o chy kã ogueropochy vai ma va'erã", e'i ñande arygua kuéry.

"Ikatúpy oĩ ramove, mbochy ogueno'ã. Amondo yvy py ramo opu'ã va'erã mbovy katu eỹ yvy rupáre, yvy reegua ayvu rupi kova'e oupity.

"A'e va re ma, ñande ñaenói ague rupi oñeenói ma vy aé yvy rupa oguerovy'a va'erã mitã, ndo gueropochy véi ma va'erã".

ser de las que perduran (de origen divino)!

"Mismo contra los pechos de su madre ha de encolerizarse grandemente la criatura", dicen los situados encima de nosotros.

"En cuanto se halla entre la gente, se inspira en la cólera. Por haber yo enviado a la tierra a innumerables seres para que se yerguen en la morada terrenal, a las palabras de éstos se debe que ésto le acontezca.

Por consiguiente, solamente cuando ellos se llamen por los nombres que nosotros les damos, hallarán gozo los niños en la morada terrenal y dejarán de rebelarse".

Mbochy o pochy, voz que en nuestro guaraní se emplea con el significado de enojo, cólera es, como puede colegirse del contexto de los mensajes transcriptos, la raíz, el origen de todo mal; al Demonio lo designan los Mbyá con el nombre de Mba'e Pochy: el ser colérico. (Montoya traduce *pochy* por colérico, recio, enojadizo, ruín, malo).

Desde edad temprana se le inculca al joven Mbyá la necesidad de dominar a *mbochy*, comenzándose a impartírsele estas enseñanzas después de la ceremonia de darle nombre. Es en estos usos en que se basan los últimos versos del mensaje de los Ñe'eng Ru Ete: "Solamente cuando se llamen por los nombres que nosotros (los dioses) les damos dejarán de encolerizarse", v.g., dejarán de dejarse dominar por *mbochy* y lo vencerán. En otras palabras, estarán en condiciones de ir venciendo al espíritu del mal mediante las doctrinas que se les imparte.

Una de las obligaciones de los dirigentes espirituales (pudiendo ser hombre o mujer, v. Cap. IX) es el determinar de qué región del Paraíso provienen las palabras-almas que se encarnan en los de su tribu. Las madres les llevan sus hijos, diciéndoles:

Ikatúpy ma oiko che memby:
ery aendu chévy ma aru.

Mi hijo ya está entre la gente:
lo traigo porque quiero escuchar su nombre.

El *Mitã renói a* = el que llama o da nombre a las criaturas responde:

Ery ñaendu va'erã

Hemos de escuchar su nombre.

y, poniéndose en comunicación con los dioses, averigua la procedencia de la palabra-alma que se ha encarnado en el niño. Enciende la pipa, sopla echando humo sobre la coronilla del niño y comunica a la madre el patronímico sagrado que le corresponde. Este nombre, parte integrante del ser que con él se designa, y que lo acompañará hasta la tumba, se llama *'ery mo'ã a* = aquello que mantiene erguido el fluir de su decir. Algunos de estos patronimicos sagrados que he logrado recopilar figuran en la lista que acompaña las notas correspondientes a este capítulo.

El siguiente mensaje fué recibido por Tomás, de Yvytuko, al llevársele una criatura para que averiguase la procedencia de su alma:

Mitã oiko ãgua ma, Ñamandu Ru Ete, Jakaira Ru Ete, Karaí Ru ete ogueroñemongeta ma yvy rupare guemimoñe'eng.

Para nacer esta criatura, Ñamandu Ru Ete, Jakaira Ru Ete, Karaí Ru Ete discurrieron sobre la morada terrenal con aquellos a quienes habia provisto de palabra.

Oguero-chareko ma ñe'eng o chy rã i re, guú rã i re.

Hicieron que escudriñasen las almas, buscando a quienes les servirían de madres, de padres.

A rire ma, Ñamandu Ru Ete, Karaí Ru Ete, Jakaira Ru Ete:
-Cheé, che ra'y namondo-uka véiri ma va'erã; namboapyka véiri ma va'erã .

Entonces Ñamandu Ru Ete, Karaí Ru Ete y Jakaira Ru Ete (dijeron):
-Yo a mis hijos no he de volver a hacer que sean enviados; no he de volver a proveerles de asiento (hacer que se encarnen).

-Va'ére, Tupã Ru Ete py amboacha, a'e, guemimongeta gui, a'e guemimbo-apyka gui oguero-ñemongeta ãguã yvy rupáre.

-Por consiguiente, a Tupã Ru Ete lo trasfiero, para que él de entre aquellos con quienes conversa (a quienes inspira), de entre aquellos a quienes da asiento (hace que se encarnen), discurra referente a la morada terrenal.

A'e vy ma, Tupã Ru Ete, o yvaropy re guemimongeta neỹchyrõ gui, Tupã Aguyjeí kuéry, Tupã Rekoé kuéry, a'eve py eỹ va'e apyte pyte re jepe oguero-ñemboarái va'erã; a'e kuéry reí vy aé oguero-py'aguachu va'erã.

En virtud de ésto, Tupã Ru Ete, de entre la multitud de aquellos con quienes él conversa en el interior de su paraíso, a los Tupã Aguyjeí y los Tupã Rekoé les permitirá que se diviertan en medio de las innumerables cosas nefastas; hará que mediante ellos, en verdad, exista grandeza de corazón.

Opa mba'e i peteĩ va'eỹ oovacha vaí apyte pytére jepe, o chy guú

Aún entre los innumerables seres que el condenó, maldiciéndolos, se

py okakuaá va'erã oãmy, mitã kova'e a'e omopyrõ ague guemi-moñe'eng.

erguirá, creciendo erguido para su madre, su padre, esta criatura en quien él hizo que se encarnara un alma creada por él.

El espíritu que ha encarnado en la criatura objeto de esta ceremonia, como puede colegirse del contexto del mensaje recibido por Tomás, es oriundo del Paraíso de Tupã Ru Ete, dios de las lluvias, etc. En caso de que proviniese de otro paraíso, la conversación trascripta la hubieran mantenido los tres Ñe'eng Ru que se habrían abstenido de "hacer que se enviasen" almas a la tierra. Tambien puede deducirse del texto: "Cheé che ra'y namondo uka véiri ma va'erã = yo a mis hijos no he de volver a mandar que sean enviados", que no son Ñamandu y los demas dioses que personalmente envían espíritus a la tierra, sino sus agentes o hijos, los Ñamandu Py'aguachu, etc.

Colígese tambien del contexto de este mensaje, cuya exactitud he verificado cotejándolo con otros de la misma índole, que la palabra-alma próxima a encarnarse elige ella misma a quienes han de servile en calidad de padres en la tierra. En cuanto a la reencarnación, elemento básico según Nimuendajú de las creencias religiosas de los Apapokúva, solo puede deducirse del contexto que sería posible; pero debo admitir que la creencia en la reencarnación — si por ella se entiende la encarnación repetida de una misma alma en distintos cuerpos — no la he hallado confirmada en ningún himno, plegaria o mensaje divino. (V. el Cap. V, que trata de la reencarnación del alma en el cuerpo abandonado). Un dirigente muy avezado, el Cacique Pablo Vera, me dijo que en alma que ha cumplido la peregrinación terrena ya se negaría a volver, en vista de las tribulaciones que hubiera tenido que afrontar. En cuanto a la encarnación de un alma de animal en un ser humano, creencia que tambien, según Nimuendajú, constituye un dogma entre los Apapokúva, ésto puede ocurrir según creen los Mbyá, pero trátase de una gran desgracia, y si no se logra que el alma del animal desaloje el cuerpo del que se ha apoderado, el infeliz debe ser sacrificado. Personalmente, aunque no he visto casos concretos, creo que los casos de demencia o locura violenta son atribuídos al hecho de haberse apoderado el alma de un animal de la víctima, no habiendo más recurso que eliminarla. En el mito de Kapitã Chiku (Cap. XVI) cítase el caso de un hijo de éste del que se había apoderado el alma de un tigre, abandonándole su propria alma. El padre estuvo a punto de eliminar al hijo, cuando Tupã mandó un granizo con el que la madre ahuyentó al alma del tigre y pudo volver a encarnarse el alma del chico. El caso presenta todos los aspectos de un caso de demencia.

Intimamente relacionado con este capítulo sobre la encarnación del alma, está la ley divina prohibiendo el adulterio a ambos cónyuges durante la gravidez de la mujer; pecado que, según las creencias de los

Mbyá, produce el aborto o la muerte prematura del niño. Esta ley está contenida en el siguiente mensaje divino:

Mitã ijapyka pota ma vy, pende rekora'ã va'erã: a'e va'e ke perombaerete; pendevy oiko reí va'e pejapo eme.

La criatura a quien se está por dar asiento os pondrá a prueba: esta tentación debéis afrontarla con fortaleza; no cedáis a los deseos ociosos que os acosen.

Ojavyuka che vy ma ko, pene moma'ẽ va'erã kuñangue amboaé i re, ava kue amboaé i re.
Néi, kova'e mitã peecha vaí ma vy pe jae'o va'erã ramo, a'e.

Pues a fin de os desviéis, hará que dirijáis miradas vedadas a otras mujeres, a otros varones.
Pues bien, ésto lo digo sabiendo que lloraréis viendo al niño enfermo de gravedad.

A'e va'ekue jepe ndapejapói remimbotái ma vy, peroguerojae'o jevy va'erã pene rembirerovy'a arã ijapyka pota ra'u va'ekue.

Por obstinares en violar este mi mandamiento clamaréis el uno al otro, lamentando la pérdida de aquel a quien se tuvo la intención (frustada) de dar asiento para alegría vuestra.

Cuando una criatura es adulterina, o los padres han sido culpables de adulterio hallándose grávida la madre, los dioses se niegan a darle nombre, es decir, de proveerle de "aquello que sostendrá erguido el fluir de su decir", condenándolo con esta negativa a morir prematuramente. Sé del caso de un niño llevado a Tomás para que lo "bautizara" en que se empeñó infructuosamente durante tres días enteros en comunicarse con el dios tutelar de la criatura, en busca de su nombre; y me comunicó que la negativa de los dioses era debida al adulterio de los padres.

El adulterio, hallándose la mujer en estado de gravidez, es designado con la locución: *mitã oñembojo'a*: mitã = criatura; ñembojo'a = superponerse, colocarse encima; y refiriéndose a los niños muertos prematuramente y otros cuya muerte es atribuida al adulterio, se dice: *Mitã ijo'akue ndoguerovy'ái* = el niño no aprueba, detesta el haber sido víctima de adulterio. Esta creencia, y el mensaje de los dioses prohibiendo el adulterio, lo considero de sumo interés desde el punto de vista etnológico; porque según Nimuendajú y Samaniego, la figura central de la mitología Apapokúva y la de los Ava Guarani engendraron hijos gemelos en una misma mujer (V. Cap. VIII).

* * *

Ñemboapyka: se da asiento, es concebido o engendrado; v.g., se le provee de un asiento similar a aquel en que apareció Ñande Ru en medio de las tinieblas.

Tembi-rerovy'a arã. Avy'a = me alegro; arovy'a = me alegro por, celebro mi regocijo por; che rembi-rerovy'a arã = aquello que motivará la expresión de mi regocijo.

Mopyrõ: hacer que ponga el pié, v.g., hacer que se encarne. Tambien empl. con el segnificado de: estar situado. V. *pyronga* = lugartesiente, Cap. IX.

Mbovy katu eỹ: inumerables excelsos. Mbovy = pocos; eỹ = lo contrario de; katu = bueno, excelente, etc.

Guero-mbaraete: afrontar con fortaleza. Mbaraete (guarani: mbarete) no es empleado para designar la fuerza física, sino la fortaleza espiritual, utilizándose la palabra poaka para traducir aquella idea.

Gueropy'aguachu: considerar o afrontar con grandeza de corazón, con valor. Empl. indistintamente mby'aguachu, py'aguachu.

Avaete: horroroso, nefando. V. esta voz en el "Tesoro" de Montoya. La etimología aparentemente confusa de la palabra se halla analizada en las Notas correspondientes al Cap. VI.

Joramigua eỹ eỹ: numerosas cosas disímiles. Jo rami gua = cosas que se asemejan; joramigua eỹ = cosas disímiles; joramigua eỹ eỹ = numerosas id.

Ne ma'endu'a ke che reé ne ãmy: (y acentuada) = acuérdate de mi en tu corazón, en tu conciencia de ser que se yergue. Ã, como verbo, significa: estar erguido, en pié (Comp. con las acepciones que da Montoya). A'ã, re'ã, o'ã = me yergo, te yergues, se yergue, etc. Che ãmy, ne ãmy, etc. = mi calidad de ser erguido, vertical, que me diferencia de los animales. Por considerar de gran valor lingüístico esta radical (V. Cap. XIX) enumero a continuación algunos ejemplos de su empleo, figurando en estas páginas todos sus derivados:

Ne ma'endu'a ke che reé ne ãmy	Acuérdate de mi en tu conciencia, tu corazón, Cap. IV.
Oãmy vy ma	En virtud de haberse erguido, Cap. II.
Ogueno'ã rire	Despues de inspirarse en, Cap. II
Reayú reãmy a	Que amas en tu corazón, Cap. XII
Eno'ãmy	Inspirándose en, Cap. XIII
Ndeé re'ã va'e	Tu quien te yergues, Cap. V.
Jaipycho imo'ãmy.	Lo clavamos en posición perpendicular, Cap. XII.

Al referirse a la ciencia, al amor, suele decirse: Che amboja'o eno'ãmy = yo me apodero de, inspirándome en. La traducción que de la voz *no'ã* da Montoya es juntar. Otra voz derivada de ã empleada en la conversación cotidiana es *ãme* = vivir, empleada exclusivamente con referencia al hombre, v.g.: aãmé = vivo, etc. Ãmy empl. como verbo activo en oraciones como la siguiente: Mba'e katu reecha reãmy = que es lo que miras tan absorto?

Cheé aroñemongeta ramo nd'apytére: inspirando yo palabras (divinas) en tu coronilla (corazón). Guero-ñemongeta es *ayvu porã*, v.g., pertenece al vocabulario religioso — aunque a veces se emplea en la conversación diaria tambien -- empleándose comúnmente al referirse a las conversaciones mantenidas entre los dioses y a las palabras por ellos comunicadas a quienes se dedican a los ejercicios espirituales. Como puede colegirse, las palabras enviadas por los dioses penetran en el alma através de la coronilla.

Mbojaity: en el vocabulario común = sacudir; v.g., ambojaity che ovã, che voko: sacudo mi abrigo, mi petaca. En los textos míticos significa conjurar maleficios; v. Cap. IX.

Arakuaá: entendimiento. Ara = universo; kuaá = saber. Araṇdu (endu, andu = oir, percibir) traduce nuestro concepto de ciencia, pudiendo ésta ser mala: vai, o buena: porã.

Ikatúpy oĩ: está entre la gente, está en el lugar que le corresponde. V. voz *icatú que da Montoya*.

Pejopyy: asid, agarrad (Guarani: pejopyhy).

Kurié opa eỹ va'erã ma vy: perdurarán eternamente (porque son de origen divino). La traducción literal es, mas o menos: porque no se acabarán en un futuro no remoto. Kuri = en un futuro remoto; kurié: id. no remoto. V. voz *avaete* en el Cap. VI, en el que se explica el empleo de la partícula *e*.

Guero-pochy: entregarse al mal, al dejarse dominar por la cólera.

Guero-ñemboarái: se divierte a expensas de alguien. Ñemboarái, en mbyá-guarani = divertirse de, ensañarse en. En la oración: Tupã Rekoé kuéry a'eve i eỹ va'e apyte pytére ogueroñemborái va'erã, se dice que los hijos de Tupã Ru Ete se divertirán persiguiendo a los seres malignos enemigos de las almas que él enviará a la tierra para encarnarse, obteniendo con ello que exista grandeza de corazón: mby'aguachu, en la tierra.

A'eve i eỹ va'e: cosas o seres no buenas, malignas. A'eve i = bueno, excelente.

Peteĩ va eỹ: no uno, v.g., numerosos.

Ojavyuka: hace desviar. La palabra *angaipa* — pecado en guarani — no existe en mbyá, empleándose la palabra *jeavy* = desviarse, equivocarse.

Ijapyka pota ra'u: se tuvo la intención de dar asiento, intención que fué frustrada. La voz ra'u encierra el concepto de ensueño, intención frustrada; los siguientes ejemplos de su empleo darán una idea de su significado:

Ajapo pota ra'u rei, ndapói ño eteve.	Solamente tenía la intención de hacerlo, pero nunca llegué a hacerlo.
Oó pota ra'u rei, ndóo ragái.	Parecía querer ir, pero nunca fué.
Roecha ra'u porã.	Soñé contigo en forma amena.
Ajeecha ra'u vai kuéri.	Tuvo una pesadilla (en el que me vi en apuros).

Mitã imbojo'akue: además de designarse con esta locución el adulterio, significa tambien: hijo adulterino.

Los patronímicos sagrados — tery mo'ã a, 'ery mo'ã a: no deben confundirse con los nombres comunes: tery, ery, che rery. Estos los emplean los hombres, aquellos los dioses para llamar a sus hijos. Es tarea

difícil recopilarlos porque ningún Indio puede divulgar el propio; la lista que sigue continee los que he logrado recoger:

Almas provenientes del Paraíso de:

Ñamandu Ru Ete (masculinos.
Kuaray Mimby
" Mirī
" Endyju
" Jeju
" Rataá
Karaí Ru Ete.
Karaí Ratáa, K. Ñe'ery,
K. Ñe'engija, K. Tataendy,
K. Atachī.
Jakaira Ru Ete.
Atachī
Tupã Ru Ete.
Vera; V. Mirī; V. Chunuá;
Tupã Kuchuvi veve; T. Guyra;

Ñamandu Chy Ete (femeninos).
Jachuka
" Rataá
Ara í
" Mirī
" Jera, Ara Poty.
Karaí Chy Ete.
Kerechu; K. Rataá, K. Poty,
K. Yva.

Jakaira Chy Ete.
Tatachī, Yva.
Tupã Chy Ete.
Para; P. Rete; P. Mirī; P. Poty;
P. Jachuka.

Además de los cuatro Ñe'eng Ru Ete propiamente dichos, envian espíritus a la tierra: Pa-pa Mirī, creador de esta tierra (Caps. VII y VIII), con los nombres de Pa-pa i y Pa-pa Ychapy; Pa'i Rete Kuaray, el hombre-dios (Cap. VIII), con el nombre de Pa'i seguido de un calificativo; Karaí Ru Ete Mirī, héroe divinizado, con el nombre de Karaí Mirĭ los hombres y Kerechu Mirī las mujeres (Cap. XVI). De los demás héroes divinizados citados en lo Cap. XVI, dicen los mburuvicha que podrían enviar almas a la tierra para encarnarse, pero que no lo hacen pensando en las penurias que ellos tuvieron que afrontar para llegar a la perfección. Creo, sin embargo, que investigaciones más minuciosas demostrarían que al menos Takua Vera Chy Ete, médica agorera citada en el capítulo mencionado (XVI) es considerada como madre de algunas almas.

Pueden encarnarse en una misma familia espíritus provenientes de diferentes paraísos; y en una familia excepcionalmente numerosa puede haber almas provenientes de todos los cuatro paraísos. Los comunes y sagrados de los hijos de Laureano, dirigente de Tapytã, San Juan Nepomuceno, servirán para demostrar este hecho:

Juan Cancio	Pa-pa Ychapy
Cantalicio	Kuaray Jera
Celso	Vera
Olegario	Karaí
Lucio	Karaí Ychapy
Celestina	Yva Poty
Ignacia	Jachuka Yva.

El nombre sagrado de Laureano no lo sé, y sería una imprudencia imperdonable preguntárselo.

Referente a los nombres comunes, v.g., los no sagrados o secretos, casi todos los Jeguakáva en la actualidad llevan nombres cristianos, algunos acompañados de apellidos, escogidos ambos al azar. Los únicos nombres autóctonos que he oído personalmente son: Unkéra u Oỹkéra, Che'iro, Kachírito y Cheritu. Otros nombres comunes de que se tiene memoria son: Arapotyju, Manduchiju, Veni, Mache, Takara'a, Kuarachyju,, Kuarachy Ete, Pichi, Mbe'i, Chiku, Tumbyaová, Chirave. Tambien se habla de dos poderosos caciques, Guaira y Paragua, quienes habrían dado sus nombres al departamento (antigua provincia) del Guairá y a Asunción (Paraguay) respectivamente. En Itape, Yuty, Caazapa y San Joaquín consérvanse en los registros parroquiales numerosos apellidos guaraníes empleados en aquellas reducciones. Un examen de casi trescientos de estos apellidos extraídos de dichos registros, sin embargo, demuestra que en su gran mayoría provienen de una rama del guarani que no es el mbyá; y, si no constituyen prueba de que estas reducciones no fueron pobladas por Mbyá, al menos demuestran que a los neófitos se les impuso apellidos que en su myoría no pertenecen a este dialecto.

CAPITULO V

El capítulo anterior trata de la encarnación; en éste se trascriben los himnos sagrados referentes a la concepción y muerte — dos joyas de la poesía autóctona — acompañados de las notas lexicológicas, y otros himnos y mensajes, indispensables para la cabal comprensión de su contenido. El himno de la concepción me fué dictado por el Mayor Francisco, de Tava'i; la endecha delos muertos la escuché en Potrero Garcete con motivo de la muerte de un miembro de la tribu allá radicada. Me ayudó a consignarlo al papel el Cacique Pablo Vera, de Yro'ysã, Potrero Blanco.

Yvyra'ikãgã ñemboapyka i va'e:
Ndeé, chy ramo rẽi va'e, ndeé, tuú ramo re'ã va'e:
kova'e py'aguachu porã
pereko i ãguã.
A'e ramo aé aguyjevéte va'erã.

Huesos de quien portará la vara-insignia a los que se da asiento (ser humano que es engendrado):
Tú que le sirves en calidad de madre; tú quien te yergues en calidad de padre: ésto acontece para que obtengáis hermosa grandeza de corazón. Unicamente así se llega a la perfección.

Este himno sagrado, recibido de los dioses — Ñe'eng Ru Ete — para celebrarse el haber sido engendrado un ser humano, es entonado por el dirigente espiritual de la tribu, hombre o mujer: oñembo'e porã i va'e, al constatarse la gravidez de una mujer casada.

Cuando muere una persona se entona la siguiente endecha (entre numerosas otras) en el que se refiere un dirigente al mensaje del Padre de los Dioses (Ñamandu) a los Ñe'eng Ru referentes a los deberes de éstos para con los esqueletos de los muertos:

Guirami ijayvu Ñande Ru Tenonde gua'y ñe'eng ru ete kuéry pe:

-Ñe'eng mbyte ojeayupi ma vy,
oó jevy ma vy imboú are ambare,
yvyra'ikãgã jeayukue ame rami jepe,
ñembopyta rei kue ame rami jepe,
rerojepovera mbegue katu va'erã,

En esta manera habló nuestro Primer Padre a los verdaderos padres de las almas de sus hijos:
-En virtud de haberse elevado el germen de la palabra (al cielo), y haber retornado a la morada de quien la enviara, los huesos de quien portara la vara-insignia, aparentemente despreciados, y no

mba'e reí eỹ ma vy ndeé, ára kañy meve.	obstante hallarse aparentemente abandonados, los iluminarás mansamente con la luz benéfica de tus relámpagos sin trueno — en virtud de tu divinidad lo harás — hasta que se hunda el espacio.

Comentando estos versos con Tomás de Yvytuko, me narró el mito de Takua Vera Chy Ete (Transcripto en el Cap. XVI) y recitó las siguientes estrofas:

Ara kañy rire, ára pyaú ramove cheé, yvyra'ikãgã amoñe'ery jevy va'erã,	Despues de hundirse el espacio y amanezca (surja) una nueva era yo he de hacer que circule la palabra nuevamente por los huesos de quienes portaran la vara-insignia,
amoprõ jevy va'erã ñe'eng,	y haré que vuelvan a encarnarse las almas,
e'i Ñande Ru Tenonde.	dijo nuestro primer Padre.
A'e ramo katu, yvypo amboae kuéry tupã ramo oó va'erã; ekovia, jeguakáva tenonde yvy rupa jave i re opu'ã va'erã.	Cuando ésto acontezca, los extranjeros se convertirán en Tupã; y en su lugar los Jeguakáva se erguirán en la morada terrenal en toda su extensión.

NOTAS

Yvyra'ikãgã: palabra sagrada empleada por los dioses para designar el cuerpo humano, el esqueleto masculino. Yvyra'i es la vara-insignia, emblema del poder; kãgã = huesos (kã, kang), siendo el concepto que encierra: huesos de quien porta la vara-insignia. El diminutivo masculino es: yvyra'ikãgã mitã i. Femenino:

Takuaryva'ikãgã: cuerpo o huesos de mujer. Takua, takuapu = trozo de bambú utilizado por la mujer para acompañar la danza ritual; yva (y acent.)= dirigente (esta voz se conserva en la vernácula en: ñembo'e'ýva = él o la que dirige las plegarias); v.g.: huesos de la que dirige las danzas y el canto con el takua. El dimininutivo femenino es: takuaryva'ikãgã mitã i.

Jeayukue: despreciado, aquel que fué amado (je ayú, je hayhu) y ya no lo es más.

Jeayupi: elevarse (al cielo). Posiblemente corresponda a: ye aupi, que da Montoya con el significado de: levantar la cabeza.

Ame rami: el concepto que encierra esta frase adverbial es: aparentemente. La única voz que da Montoya que posiblemente le equivalga, es: ami = tener la costumbre de, soler, suelo, solía, voz ésta que se conserva en el guarani contemporáneo, especialmente en el Guairá; v.g.: aha ami, aha vami (va ami) = suelo ir, solía ir. La sílaba a de ami es brevísima y,

en los casos en que sigue a una palabra que termina en esta vocal, es apenas perceptible, tanto en mbyá-guarani como en la vernácula. Los siguientes ejemplos darán una idea del valor de esta frase:

Oky oiny poteri; nda jaguatái ete i pota (a)me rami.	Esta lloviendo aún; parece imposible que vayamos.
Che ke jopy aguara (a)me rami.	Me pareció, en mi sueño, que un jaguar me atacaba.

Aguyje: perfección, madurez, plenitud del desarrollo. (V. Montoya).

Ñembopyta: equivale al guarani ñemombyta = hacer que se quede, abandonar, voz en la que, sin motivo aparente, la p se ha trocado en mb.

Guerojepovera: iluminar. Comp. de los prefijos verbales guero, je; po = lo contenido en; vera = relámpago sin trueno (y patronímico sagrado); es considerado como una manifestación visible o símbolo de la bondad y mansedumbre de los dioses, siendo por consiguiente el verdadero concepto que encierra el de: iluminar mansamente con la luz benéfica de los relámpagos sin trueno.

Ara kañy: el hundimiento o desaparición del espacio o universo; fin del mundo.

Los últimos versos recitados por Tomás, referentes a la resurrección de los huesos de los que portaran la vara-insignia, los consideré en un tiempo apócrifos, es decir, que no fueran de origen genuinamente autóctono, por la similitud de su contenido con la doctrina cristiana de la resurrección del cuerpo en el día de juicio. (Tambien, constituirían un argumento en favor de la tesis de la reencarnación, dogma entre los Apapokúva, pero de cuya existencia no he hallado pruebas en los textos" esotéricos" mbyá-guaraníes). Un día, sin embargo, al permitírsem entrar en el OPY la casa destinada a las ceremonias religiosas, de Tomás, me encontré ante un recipiente de madera de cedro labrada que contenía el esqueleto de un niño. Eran, me informó Tomás, los huesos de una nietecita suya fallecida hacia años:

Takuaryva'ikãgã mitã i.	Son huesos de una niña que portaba el bambú en la danza ritual. Mi nieta, mi humilde hijita, que conservo con objeto de hacer esfuerzos en pos de mi fortaleza.
Che remiãrirõ, che rajy poriaú i, che mbaraete reko rã re añea'ã ãguã añeongatu va'e.	

Y me informó que esta costumbre de conservar los esqueletos de los muertos forma parte del culto de la raza, pero que paulatinamente va cayendo en desuso, habiendo ya pocos que la observan. Tambien en aquella ocasión llegué a informarme que a los esqueletos de sus muertos los designan con los nombres de : yvyra'ikãgã y takuaryva'ikãgã, utilizando estos nombres los dioses al referir-se al cuerpo humano en los mensajes divinos que inspiran a los dirigentes.

El cadáver, según pude constatar, es enterrado generalmente en un cesto de takuapi (cañas), llamado kuarapemby, hasta la total putrefacción de las carnes; luego es exhumado, lavados cuidadosamente los huesos, y guardados en un recipiente de cedro labrado, especialmente fabricado para el efecto. Este "ataud", en caso de cambio de residencia, es llevado a la nueva población y guardado en el OPY, que constituye la parte más importante de una población mbyá "ortodoxa".

Tomás me informó además que los dioses le habían ordenado, durante una ceremonia fúnebre realizada con motivo de la muerte de su nietecita, que"no tirara los huesos", y que cumplía esta orden en la esperanza de que algún día resuscitara o reencarnara su nietecita. En prueba de que los huesos así tratados vuelven a la vida, citó el caso de Takua Vera Chy Ete, dirigente divinizada (v. Cap. XVI), quien había alcanzado el estado de *aguyje* entonando himnos sagrados en honor de un hijo muerto y cuyos huesos conservaba en la manera indicada, ascendiendo ambos al Paraíso. Me dijo tambien que él, Tomás, cumpliendo los ritos en homenaje de su nietecita, había recibido un mensaje de los dioses prometiéndole la gracia divina si se mudaba al departamento de Yhũ llevando, como es de suponer, los huesos de su nieta. La mudanza, sin embargo, no la pudo realizar debido a la incredulidad de su mujer, quien se negaba a acompañarlo.

He podido corroborar los informes de Tomás, y hasta se me ha asegurado que en la antigüedad ningún muerto era tirado: oñemombo rive = tirado sin motivo, es decir, sepultado definitivamente por segunda vez antes de haber sido conservados sus huesos, objeto de los cantos y plegarias de sus deudos y haber recibido un mensaje de los dioses comunicando que no resucitarían o volverían a encarnarse en ellos el alma antes de hundirse el mundo. Si cito esta costumbre es, no solo porque confirma el origen genuínamente autóctono de los versos sagrados de Yvyra'ikãgã — genuinidad que, desde luego, sería difícil objetar en vista del lenguaje en que son concebidos, a pesar de la similitud de su contenido con la doctrina cristiana de la resurrección del cuerpo, sino por su valor para el etnólogo. Según los cronistas de la Conquista, los Guarani creían en la resurrección de los esqueletos y les rendían culto; y el historiador guaireño Ramón I. Cardozo trae a colación lo dicho por Montoya y Lozano como prueba de la creencia en la reencarnación e inmortalidad del alma (en: "La Provincia del Guairá y la Villa Rica del Espíritu Santo").

Como típica de las endechas fúnebres de los Jeguakáva, transcribo in extenso la de Patricio Benitez, dirigente de Bordas, Chararã o Kilómetro 37,5, ramal Villarrica-Ava'i. La primera parte es dedicada al muerto; en la segunda Patricio invoca a su dios tutelar, expresando la esperanza de que sus huesos no se conviertan en tierra:

Néi, aiópke, Che Ru Tenonde,
ereñemongeta ke, kurié, mby'a-guachu ijapy katu eỹ va'e.

Eschúchame, oh mi Primer Padre!
Haz que nos hable, en plazo no lejano, excelsa grandeza de corazón sin límites.

Va Va'e ñemboja'o gui, che
py'aguachu che vy ma, aipo
aroñemombe'u ndevy, Ñamandu
Ru Ete ¡miña! ne remimomba'aguachu rupa.

Deseando participar de ella y obtener grandeza de corazón, héme aquí confesándome a ti, ¡oh Ñamandu Ru Ete! referente a aquello que contiene a aquel a quien tu

Aipo va re ndeé, tuú tenonde gua
ma vy, eremoñemongeta nde ra'y
ru ete pavengatu; ndée, tuú tenonde gua re ãmy ma vy, ñe'ã py'aguachu rã ereuka ño ne; ndeé, tuú
tenonde gua vy aé ma, reroayvu
va'erã nde ra'y py'aguachu; reroayvu va'erã mby'aguachu reko rã.

enalteces (el lecho del muerto). Por ésto tú, quien eres su primer padre (del muerto) habla referente a ello con los excelsos verdaderos padres de la totalidad de tus hijos; habiéndote tu erguido en calidad de su primer padre, inspirarás en abundancia oraciones para la obtención de la divina grande-

za de corazón; en virtud de ser tu, en verdad su primer padre, discurrirás con tu hijos de corazón grande; discurrirás con ellos acerca de las normas a seguirse para la grandeza de corazón.

Ombopopygua ne ko yvy rovakére, ombotarováne gua'y Jakaira Rekoé, Jakaira Py'aguachu meme meme.

Ellos (los Ñe'eng Ru) le proveerán (al muerto) de vara-insignia allende esta tierra; y harán cantar en voz alta a sus hijos los Jakaira Rekoé y los Jakaira Py'aguachu (para celebrar el retorno del alma).

Kova'e ete gui ta che py'aguachu che retarã ñembopyta mbovy mbovy i pe. A'e va gui, tataypy mbovy i re, che retarã mem mbovy i re, a'e va re ko yvy re Karaí mbaraete yma yma i tombopoaka ke o popygyua tataendy tatachina.

En virtud de ésto (estas plegarias) adquiera yo grandeza de corazón eficaz para servir a mis contados compueblanos obligados a permanecer (en la tierra). En virtud de ello, alrededor de los pocos fogones, en medio de mis pocos compueblanos; en virtud de ello, en esta tierra demuestren los numerosos Karaí poderosos originarios el poder de las llamas y la neblina de sus varas insignias.

Mba'ekuaá re meme ke, tataypy mbovy i ko yvy rupa jave re, che retarã ñembopopyta mbovy mbovy i re; che rembiecha eỹ jave jave rupi; jeguakáva ñembopyta mbovy i re; a'e javi katúre embopoaka tataendy tatachina; eromba'eapo jejekuaá jerovia porangue i a'e javípe, a'e javi katu.

Mediante la sabiduría, en los pocos fogones situados en toda la extensión de esta morada terrenal, a mis pocos compueblanos obligados a permanecer en ella; aún a la totalidad de aquellos a quienes no veo; a aquellos que llevan la insignia de la masculinidad y están obligados a permanecer en la tierra; a ellos, en su totalidad, demuestra el poder de las llamas y la neblina; a todos los que tienen fé demuestra su poder para obrar benéficamente, a todos, sin excepción.

II

Néi, Karaí Ru Ete Mirĩ, nde yva pyte jepoveráre, mamongatu re'ã ramo jepe, aipo jevy ma ajae'o i; a'e ramo ma, ñemingatu i eỹ jevy ma a jae'o.

Bien, Karaí Ru Ete Mirĩ, aunque tu, excelso, en tu pequeño paraíso iluminado inasequible te yergues, héme aquí nuevamente clamando; héme aquí, pues, clamando públicamente (en forma no disimulada).

Teko achy remi-moma'endu'a rã raga eỹ va'ete gui jepe, aipo añea'ã rei katu eỹ ndaje.

Aunque lo que añoro son cosas que no debieran añorar los seres imperfectos, héme aquí esforzándome en pos de ellas.

Kova'e re ke, emombe'u ño ete ke mba'e mba'e gui pa, mba'e-jekuaá

En respuesta a mis plegarias, díme, suplico, en qué forma, en vir-

gui ete gua araka'e nde py'aguachu kurié reikuaá ete ave araka'e.

Kova'e aikuaá che vy ma, je, aipo añemokane'õ aãmy jevy jevy.

A'e va re ma, nde rakykue porã aikuaá che vy ma, aipo aporandu py'aguachúre, aãmy, che Ru Karaí Ru Ete Mirĩ.

Yvára ñembopyta rei rã ete, yvyra'ikãgã jeayú kue'ỹ rami ri, che yvyra'ikãgã ndarojekuaá chéi.

Yvy ramo ño ri che yvyra'ikãgã jeayú ndaipotái opyta; yvyra'ikãgã jeayukue rami ño ri, ndaipotái.

Ñamandu Ru Ete Tenonde gua!
Kova'e gui ndeé, tuú tenonde gua jevy ma vy aé ereroñemongeta jevy va'erã.

tud de qué conocimientos obtuviste en aquella época remota grandeza de corazón en tan breve plazo.
Pues es mi deseo de saber estas cosas el que me impulsa a cansarme irguiéndome repetidas veces (en la danza ritual).
Es por el deseo de encontrar tus hermosas huellas (que conducen a la perfección) que en esta forma me hallo averiguando absorto acerca de la grandeza de corazón, mi Padre Karaí Ru Ete Mirĩ.
No quiero que a semejanza del alma que será abandonada, a semejanza de los huesos que serán despreciados, sean considerados mis huesos.
Deseo vehementemente que mis huesos amados (por los dioses) no se conviertan en tierra; a semejanza de huesos de quien portara la vara que nunca fueran amados, en ninguna manera quiero que se conviertan (en tierra).
¡Ñamandu Ru Ete, el Primero!
Eres tu quien hablarás referente a estas cosas (con Karaí Ru Ete Mirĩ) por ser tu indiscutiblemente su primer padre.

Guírami (kórami): en esta manera.

Ñe'eng mbyte ojeayupi: la médula de la palabra se eleva (al cielo). Como ya se ha dicho, posiblemente esta palabra sea la equivalente de la locución que da Montoya: o ye a upi = levanta la cabeza. Pero personalmente creo que se trata del nexo entre *ayvukue* = porción divina del alma en apapokúva-guarani, y *ñe'eng* = la palabra-alma de los Mbyá. La hallamos tambien en estos versos en: jeayukue = despreciado; y posiblemente sea la radical de: *hayhu, ayú* = amar. Compárese l.c. de Nimuendajú, traducción de Recalde, p. 16, y la palabra *ñemboayvu* en las notas que siguen al Cap. siguiente.

Yvypo amboaé: habitantes distintos de la tierra, los no Mbyá.

Miña: interjección que incita a la ternura.

Mba'eguachu: la cosa grande, nombre religioso, del cadáver humano. Mba'eguachu rupa: lecho en que yace el muerto.

A'e javi, a'e jave kue i: en su totalidad, sin excepción.

Re'ã: te yergues, consciente. V. Cap. IV, Notas.

Jae'o: clamar, entonar los himnos en voz alta. *Chapukai*: id., más alto.

Raga: fonema adverbial inexistente en nuestro guarani y que tampoco da Montoya; equivale más o menos a nuestro nipo.

Aipo a ñea'ã rei katu eỹ, ndaje: pues héme, en verdad, aquí esforzándome (rezando y danzando) no ociosamente. Ndaje en mbyá-guarani equivale al *emoña* de Montoya, siendo sinónimos ambas voces.

Che Ru, Karaí Ru Ete Mirĩ: colígese del contexto que Patricio, de quien esta endecha es el himno "particular", es encarnación de un espiritu enviado por este héroe divinizado (V. Cap. IV y XVI).

CAPITULO VI

Yvy Ru'ũ

Yvy Tenonde gua kuéry
oupity pe ma o marã e'ỹ rã.

Oñembo'e porã i va'ekue, i
jarakuaá va'ekue ijaguyje porã,
oó ma o amba rã re.

A'e kuéry voi ombojera o yvy ju rupa rã Tupã Mirĩ ambápy.

Ijarakuaá eỹ va'ekue, arandu vai ogueno'ã va'ekue, ñande arygua kuérype ojeavy va'ekue oó vai, ijaguyje amboaé.

Oime oó va'e guyra ramo, ju'i ramo, ene ramo; guachu ramo omondo Ñande Ru kuña omonda va'e: Ñande Ru porã kuéry ñande reko rã oeja va'ekue rupi vy aé ma jaiko porã i va'erã.

Karaí Jeupié ojeavy Ñande Ru Tenonde kuérype: omenda o jaiche i re.
Oú pota ma'yy; Karaí Jeupié
oñemboayvu, oporaéi, ojeroky;
oú ma'yy, aguyje oupity e'ỹ re
Karaí Jeupié.

Oyta Karaí Jeupié, kuña reve oyta; 'yy py ojeroky, oñemboayvu, oporaéi. Oñemomburu: mokõi jachy aguépy imbaraete.

El Diluvio.

Los habitantes de la Primera Tierra ya han alcanzado todos el estado de indestructibilidad.
Los que rezaron en buena forma, los que poseyeron entendimiento, han alcanzado la perfección, se dirigen hacia su futura morada.
Ellos mismos crean sus moradas de tierra eterna en la morada de los dioses menores.
Los que carecieron de entendimiento, los que se inspiraron en la mala ciencia, los que trasgredieron contra los situados encima de nosotros, se fueron en mala forma, sufrieron la metempsicosis.
Hay quiénes se convirtieron en pájaros, en ranas, en escarabajos; en venado convirtió Nuestro Padre a la mujer que habia hurtado: únicamente viviendo de acuerdo a los preceptos dejados por nuestros buenos padres hemos de prosperar.
El Señor Incestuoso trasgredió contra nuestros Primeros Padres: se casó con su tia paterna.
Estaban por venir las aguas; el Señor Incestuoso oró, cantó, danzó; ya vinieron las aguas, sin que el Señor Incestuoso hubiera alcanzado la perfección.
Nadó el Señor Incestuoso, con la mujer nadó; en el agua danzaron, oraron y cantaron. Se inspiraron de fervor religioso; al cabo de dos meses adquirieron fortaleza.

Ijaguyje; ombojera pindoju ogue mokõi i va'e; akãmy opytu'u oó ãguã o ambáre, ikandire ãguã.

Karai Jeupié, Karaí Joajué, a'e voí ombojera o yvy ju rupa rã i Tupã Mirĩ ambáre. Oó Karaí Jeupié ñande Ru Karaí Tapari ramo; Tupã Mirĩ Ru ete ramo oó.

Obtuvieron la perfección; crearon una palmera milagrosa con dos hojas; en sus ramas descansaron para luego dirigirse a su futura morada, para convertirse en inmortales. El Señor Incestuoso, el señor de la unión nefanda, él mismo creó para su futura morada de tierra indestructible en el paraíso de los dioses menores. Se convirtió el Señor Incestuoso en nuestro Padre Tapari; se convirtió en el verdadero padre de los dioses menores.

NOTAS

Oupity pa ma o marã eỹ rã: alcanzaron el estado en que ya no pueden sufrir daño. Aplícase tanto a quienes alcanzaron la perfección: aguyje, como aquellos que fueron metamorfoseados en seres inferiores o sufrieron la metempsicosis: aguyje amboaé, en castigo de sus trasgresiones. Los habitantes de Yvy Tenonde no morían: aquellos que vivían de acuerdo a las leyes, venciendo las tentaciones a que eran expuestos se purificaban, sus cuerpos perdían su peso y ascendían a los paraísos sin sufrir la prueba de la muerte, acompañados de mujeres, hijos, animales domésticos y sementeras, todo purificado y en estado de *aguyje*. Aquellos que sucumbían a las tentaciones sufrían la metempsicosis: *aguyje amboaé* (V. Cap. XVI). Todos estos seres pueblan los Paraísos; y al ser creada la tierra que habitamos, Yvy Pyaú, imágenes de todos ellos fueron enviadas para poblarla; v.g., los habitantes de esta tierra son imágenes: *ta'anga* de pobladores de los paraísos que sufrieron la metempsicosis o metamorfosis en seres inferiores por sus pecados.

Ijarakuaá: posee entendimiento; es obediente.

Ju: milagroso, indestructible; v. Cap. III.

Ñande ár̃y gua kuérype ojeavy: trasgredieron contra los situados encima de nosotros. Como se ha dicho, la voz *angaipa* = pecado, no se emplea en mbyá-guarani.

Aguyje amboaé: madurez o plenitud del desarrollo distinta a la normal, v.g., metempsicosis.

Karaí Jeupié, K. Joajué: el señor incestuoso, el señor de la unión nefanda. Je upi = subir, tiene el mismo significado que en nuestro guarani, pero se emplea tambien con el significado de: subir para la realización del acto carnal (lícito). Jeupié, sin pauso o hiato entre las últimas vocales, significa: subir para la realización del acto carnal ilícito o vedado, v.g., incesto. Joaju, como en nuestro guarani, significa: unirse; tambien, como en nuestro guarani: unirse para el acto carnal. *Joajué* significa unirse ilícitamente, en forma prohibida. El sufijo *e*, como se ve, equivale a nuestro prefijo in, en inhumano; des, en-desnaturalizar, etc. Ocurre tambien en kurié = en breve (kuri = dentro de mucho tiempo. *Mburué*, voz recogida por el Dr. Gustavo Gonzalez entre los Tapiete del Parapiti (en un trabajo aún inédito), nombre que estos indios aplican al paludismo, es otro exceñente ejemplo del empleo de este sufijo: *mburu* es el fervor religioso

adquirido mediante los ejercicios espirituales; *mburué* sería la perversión o desnaturalización de este fervor, v.g., el delirio producido por las fiebres palúdicas. Glosando la clásica obra de Nimuendajú, obra de la que es traductor, se refiere el Dr. J. F. Recalde a un tupinólogo de fama, según el cual el gran Montoya habría recogido una versión confusa al dar a la voz *avaete* el significado de horroroso, nefando, en su "Tesoro de la Lengua Guarani". Avaete, con la acepción que le da Montoya, es de empleo cotidiano entre los Mbyá, y ni pertenece al vocabulario religioso, sino al común. (Tambien tiene el mismo significado entre los Ava Chiripa, según he podido constatar últimamente). Y el sufijo *e* que ocurre en las voces *jupié, joajué* (y, entre los Tapiete, en *mburué*) explica su etimología aparentemente confusa: v.g., la desnaturalización *e;* total *ete*; del hombre o masculinidad ava; o, como bien dice Montoya, horroroso, nefando.

Oñemomburu: dedicarse a la obtención de fervor religioso mediante la oración, la danza, el canto. Dícese tambien: imburu. Varios ejemplos de su empleo los hallará el lector en el Cap. XVI. Es casi seguro que en esta voz *mburu* haya que buscarse la etimología de *mburuvicha* = jefe, dirigente, que vendría a significar: el que adquirió fervor religioso en abundancia.

Poraéi, mboraéi: himno, entonar los himnos sagrados.

Oñemboayvu: entona plegarias, reza. El significado de esta palabra, como de otras derivadas de *ayvu* = lenguaje humano, como la voz *jeayupi* = elevarse al cielo (Cap. V) presta visos de probabilidad a la hipótesis de que sea corrupción o se derive de *ang vu* (ã = estar erguido; vu = surgir, brotar); en cuyo caso rezar: *o-ñe-mbo-ayvu*; habla = ch'ayvu; discurrir: guero-ayvu, encerrarían el concepto de: el brotar, el surgir del ser, el surgir de la conciencia del ser-erguido (humano). Comp. con las observaciones de Nimuendajú, I.c., p. 16.

Oñemokandire: con esta locución describen el trásinto de la inmortalidad sin sufrir la prueba de la muerte, es decir, la ascención al cielo despues de purificar el cuerpo mediante los ejercicios espirituales. Es empl. tambien en: araguyje ñemokandire = el resurgimiento o resurrección del tiempo-espacio, Primavera. Es apócope de: kã = huesos; ndikuéri = se mantienen frescos (V. esta voz en el *Tesoro* de Montoya). El nombre implica que los que alcanzan este estado ascienden a los cielos sin que la armazón ósea del cuerpo se descomponga. El empleo de la palabra se halla ilustrada en el Cap. XVI. Es empleada con el mismo significado entre los Ava Guarani del Yvy Pyte (Samaniego, 1. c.). Es sugestivo que a una nación no-guarani se haya designado en la época de la Conquista con este nombre Kandire. ¿Se los habrá considerado como inmortales por poseer una cultura superior? El trabajo de Carlos Abregú Virreira: "Tres Mitos Indígenas", B.A. 1950, y el mío: "El Urutaú en la Prehistoria Guarani", Villarrica, 1950, parecieran demostrar que tal podría ser el caso.

Tapari: título que algunos (los más avezados) dan al señor incestuoso despues de su ascensión al Paraíso. Como apellido de origen guarani existía hasta hace poco en Yuty, Caazapa y San Joaquín. En el Guairá empl. aún en "so'o tapari", término despectivo aplicado a la carne de animales muy flacos, frase cuyo origen no he logrado descifrar.

Tupã Mirĩ: los dioses menores, los habitantes de Yvy Tenonde que ascendieron a los paraísos en forma humana; como tambien los héroes divinizados. V. Cap. XVI.

CAPITULO VII

Yvy Pyaú — *La Nueva Tierra*

La conversación trascripta a continuación tuvo lugar entre Ñamandu Ru Ete y los Ñe'eng Ru Ete referente a la creación de una nueva tierra para reemplazar a Yvy Tenonde — la Primera Tierra — que acaba de ser destruída por el Diluvio.

Ñamandu Ru Ete:

Néi, ereóta, che ra'y i,
Karaí Ru Ete py ere, a'e pa je
oñono ete va'erã o yvy rupa rã i.

Bien, irás, mi hijo, y a Karaí Ru Ete díle (pregúntale) si él es dispuesto a crear para su pequeña morada terrenal.

Karaí Ru Ete (al mensajero):

Cheé nañonói ete va'erã iare i va'erã eỹ. Cheé, yvy aropochy ne. A'e va re: "a'e noñono reeguái o yvy rupa rã i", ere chupe.

Yo en ninguna manera estoy dispuesto a crear algo predestinado a no perdurar; yo descargaría mi cólera sobre la tierra. Por consiguiente: "El no tiene intención de crear para su morada terrenal", díle.

Karaí Ru Ete, dicen los mburuvicha, sabe que los hombres que poblarán la tierra, imágenes de los habitantes de Yvy Tenonde que ahora pueblan los paraísos, volverán como ellos a caer en el pecado, obligándole a él a "descargar su ira" sobre ella y destruirla como fué destruída Yvy Tenonde; por éso la considera predestinada a una existencia efímera.

Ñamandu Ru Ete:

Néi, a'e ramo, tereó Jakaira Ru Ete py ere: a'e pa je o yvy rupa rã noñonói ete va'erã.

Bien, siendo así, ve ante Jakaira Ru Ete y díle: si él está dispuesto a crear para su morada terrenal.

Jakaira Ru Ete:

Cheé a ñono pota ma che yvy rupa rã i. Che yvy o'ãyvõ ma ñande ra'y apyre pyre ve i kue: a'e ramo jepe, aroatachina va'erã; tata-

Yo ya estoy dispuesto a crear para mi futura morada terrenal. Mi tierra contiene ya presagios de infortunios para nuestros hijos hasta la

endy tatachina ambojaity i pota mba'ete i oiny va'erã tape rupa reko achy re.

Cheé, petỹ, tatachinakãgã arojera i va'erã, ñande ra'y ry pe jekupe rã. Cheé, ka'aguy pa'ũ arojepovera mbegue katu va'erã a'e javi kue i.

postrer generación: ello no obstante, esparciré sobre ella mi neblina vivificante; las llamas sagradas, la neblina he de esparcir sobre todos los seres verdaderos que circularán por los caminos de la imperfección.
Yo crearé el tabaco y la pipa para que nuestros hijos puedan defender-se. Yo, la totalidad de los valles situados entre las selvas las iluminaré mansamente con mis relámpagos sin trueno.

Esta tierra, dicen los mburuvicha, es lugar de pruebas para la humanidad: tape rupa reko achy = sendas de la imperfección terrenal, caminos de las imperfecciones; es por éso que dice Jakaira que "contiene presagios de infortunios para nuestros hijos hasta la postrer generación". No obstante, él creará la pipa y el tabaco para que con el humo puedan defenderse contra las enfermedades, los duendes malévolos, etc. Los últimos versos, relacionados con la iluminación de los valles, tienen su origen en el hecho de elegir los Mbyá lugares abrigados situados entre los llamados montes altos para la ubicación de sus viviendas, las que no construyen en las alturas.

La versión trascripta me fué dictada por Cantalicio, de Yvy Pytã, siendo aprobada tanto por Tomás, en cuyo *tapyi* la consigné al papel, como por su yerno Cirilo. De acuerdo a la mayoría de los relatos que he escuchado acerca de la creación de Yvy Pyaú, sin embargo, no fué Jakaira Ru Ete personalmente quien creó la tierra en que vivimos. Hay quienes afirman que fué un hijo de él, Ychapy i; otros, que fué Ñande Ru Pa-pa Mirĩ, acerca de cuya paternidad existe discrepancia, afirmando unos que es hijo de Ñamandu, otros que es hijo de Jakaira. La mayoría, sin embargo, afirman que Ychapy i es sinónimo de Pa-pa Mirĩ, siendo éste el nombre que empleo al referirme a él. A fin de que Yvy Pyaú no fuera destruida por las aguas como lo fué Yvy Tenonde, Pa-pa Mirĩ le colocó cimientos de piedra: ita py omboupa, habiendo sido de papel los cimientos de la primera tierra, los que se desintegraron por efectos del Diluvio. Agregan que, si los dioses llegan a decretar la destrucción de esta tierra, será consumida por el fuego de Karaí Ru Ete, dueño del ruído de crepitar de llamas. Pa-pa Mirĩ pobló la tierra con imágenes — ta'anga — de los seres que habían poblado Yvy Tenonde y cuyas almas poblaban los paraisos. Tambien creó otros, entre los que figuran el *tatu aí* = armadillo colorado, y el *yvyja* = anfisbena:

Yvy Pyaú jaryi rã tatu aí ombojera. Yvy pyaú ja oeja va'ekue, evo'i guachu.

Para abuela de la nueva tierra creó el tatu aí. La que dejó para dueña de la nueva tierra es la anfisbena.

Pa-pa Mirī tambien pobló la tierra de hombres:

Ñande Ru Pa-pa Mirī yvy kova'e oñono. O yvy rupa oguero-jeguaka vyapu. O yvy jeguaka vyapu mboyvy are i, jachuka vyapu.

Nuestro padre Pa-pa Mirī creó esta tierra. Hizo que se entonase en su tierra el canto sagrado del hombre. El acompañamiento del canto sagrado del hombre en la morada terrenal fué el canto sagrado de la mujer.

Yvy kova'e oguero-jeguaka vyapu pa eỹ re, omboachy i chy, o ambáre ma oenói jevy. O yvy rupa oguero-jeguaka vyapu pa eỹ re, o yvy rupa oipopichy pa eỹ re oé jevy Ñande Ru o ambáre.

Antes de haber hecho escuchar el canto sagrado del hombre en toda la extensión de esta tierra, le echó de menos su madre y le volvió a llamar a su morada. Antes de haber llenado el ámbito de su morada terrenal con el canto sagrado del hombre, antes de haber alisado su morada terrenal en toda su extensión, volvió nuestro Padre a su morada.

Estos dos párrafos me fueron dictados por el Cacique Pablo Vera como complementos de los primeros versos; y como prueba de la veracidad del relato, señaló los cerros y cordilleras, carentes de toda utilidad, dijo, en que se convirtieron los montones de tierra y piedras que yacían por doquier por el mundo en creación, y abandonado prematuramente por su Hacedor. Y agregó que la madre del dios imitó la futura conducta de nuestras madres, sentando precedentes para la futura conducta de los hombres; pues las mujeres, dijo, a menudo malogran las obras de sus hijos por exceso de amor materno y el afán egoísta de tenerlos constantemente a su lado.

Consignado este relato al papel, lo leí a un grupo compuesto del Cacique Pablo Vera, de Yro'ysã, Potrero Blanco; Patricio Benitez, de Bordas, Chararã; Laureano Escobar, de Tava'i; e Inocencio Martinez, de Jaguakua i, Juty, preguntándoles si no había nada que agregarle. Este propuso al grupo narrar "la manera en que originariamente hubo fuego = tata oiko ypy i ague"; y se me dictó el siguiente relato — la versión mbyá-guarani del mito del robo del fuego — que, efectivamente, corresponde al mito de Yvy Pyaú o la Nueva Tierra:

Ñande Ru Tenonde yvy oñemboaí ma; oiko ma yvy pyaú. "Néi, che

La tierra de nuestro primer Padre ya se ha deshecho; ha surgido ya

ra'y, tereó yvy py, ndeé che ra'y Pa-pa Mirī. Ndeé ne arandúgui reikuaá ne jeguakáva porã rã i. Jeguakáva reikuaá ma vy, reraáta che ñe'ẽ erojapo yvy py. A'e va'e gui aé reikuaá va'erã yvy py rejapo va'erã", e'i Ñande Ru Tenonde.

la nueva tierra. "Bien, mi hijo, ve a la tierra, tu mi hijo Pa-pa Mirī. Tu de tu propia sabiduría sabrás (conocerás, concebirás) a los que llevarán la hermosa insignia de la masculinidad. En cuanto conozcas el adorno de plumas llevarás mi palabra y la harás obrar en la tierra. Solamente en virtud de ella sabrás qué hacer en la tierra", dijo nuestro Primer Padre.

O yvy ituí i ma ramo, a'e va'e oñono i ma inõgỹ ma vy, oikuaá i araka'e guembiapo rã, marã rami pa jeguakáva porã, yvypo amboaé i py oikuaá-uka va'erã imbojekuaá.

Extendiéndose ya (ante la vista) su tierra, habiéndola él creado y puesto en su debido lugar, concibió él la labor a que debiera dedicarse; qué es lo que debía enseñar a quienes llevan el adorno de plumas y demás habitantes distintos de la tierra, divulgándoselos para que lo supiesen.

Oguejy ma vy yvy py, oikuaá ypy í ri va'e, tata rã i.

Habiendo descendido a la tierra, lo primero que supo (en que pensó) fue la provisión de fuego.

-Tata rã i gui rãgẽ che rembiapo rã i aikuaá pota", e'i. A'e va re, che rembijokuaí, che ra'ykururu i, añemomano pota, che reé opu'ã va'ekue ojapo ãguã embikuaá.

-El primer trabajo que sabré es la provisión de fuego, dijo. Por consiguiente, mi mensajero, mi hijo sapo, yo fingiré estar muerto, a fin de que los que se levantaren contra mi practiquen en mi sus malas artes (prácticas vedadas).

A'e kuéry aé oguereko tata yvy py; teko achy py guãrã i opyta va'erã a'e va'e gui, ñande ra'y i yvy py opyta va'erã pe oikuaá ãguã.

Solamente ellos tienen fuego en la tierra; ésto deben tenerlo los mortales, para que nuestros hijos que permanecerán en la tierra tengan conocimiento de él.

Cheé añemomano i pota, che reé opu'ã va'e kuéry rata gui vy aé oiko ãguã ñande ra'y py. Néi, che ra'y kururu i, e arõ i ke; añembojaity ma vy amboaviju va'erã; a'e va'e ke, che ra'y i, emokõ iño.

Yo fingiré estar muerto, a fin de que el fuego de los que se levanten contra mi sea para nuestros hijos. Bien, mi hijo sapo, pónte al acecho; cuando yo me sacuda, lo esparciré (esparciré el fuego o brazas); ésto lo tragarás en cantidad.

Oñeno i ma vy oupy, oikuaá ma Ñande Ru gua'y omano a. A'e va re, Uruvu rã pe:

-Néi, tereó, che ra'y; che ra'y aecha vaí aé; a'e va re tereó che ra'y eepy jevy.
Oúma uruvu rã oecha tetekue, ojoú ikyra vaí reí. Ojatapy a'épy, oechy ãguã guapicha kuéry reve. Ojape'ava, ojatapy i'ary, oechy ãguã guapicha kuéry reve. Ojape'ava ojatapy i'áry, a riréma oñembojaity Pa-pa Mirĩ. A'e vy ma, gua'y kururúpy oporandu. "Namokõi", e'i.

Peteĩ gue i jevy oñeno oupy oñemano; eche opu'ã va'e kuéry ñomboaty jevy ma, ojape'ava, ojatapy jevy, oñembojaity jevy Ñande Ru. Oporandu jevy gua'y pe, kururu i pe.

"Ãgỹ ty amokõ iño rako.....
kírami i.
Néi, a'e ramo, che ra'y, ñambojaity ke chevy che ra'y pe; a'e vy, che ra'y, embojevy i. Ombojevy i ma vy: "Tereó eru yvyra jaeja ãguã tata", e'i.

Oguerúma Aju'y Joá rakã i.
"Néi, ãgỹ, apy embojevy i; rembojevy ãguã, eru che ru'y u'ycha reve", e'i.
Ombojévy i ma vy, oñeongatu Aju'y Joá re oeja. Ijoyvy i rã, ogueru ychypo yvyguy, a'e va'e re ombojevy aveí. A'e va re, mokõi gue i re, oñeongatu ma tata yvy py Jeguakáva porã pe, yvypo kue i py opyta ãguã.

Habiéndose acostado, extendiéndose, supo nuestro Primer Padre que su hijo había muerto. Por consiguiente, al futuro buitre (dijo):
-Bien, ve mi hijo; veo que mi hijo está muy grave; por consiguiente, ve y resucita a mi hijo.
Vino el futuro buitre y vió el cadáver; vió que era bien gordo. Encendió fuego (en dicho lugar) para asarlo juntamente con sus compañeros. Trajeron leña, encendieron fuego sobre él; entonces se sacudió Pa-pa Mirĩ. Entonces interrogó a su hijo el sapo. "No he tragado", dijo.
Volvió a acostarse, extendiéndose y fingiendo estar muerto; los que se alzaban contra él volvieron a juntarse, recogieron leña, volvieron a encender fuego; se sacudió nuevamente nuestro Padre. Volvió a interrogar a su hijo el sapo.
"Esta vez, efectivamente, he tragado en cantidad... un pedacito así". Bien, en ese caso, sacúdalo mi hijo para uso de mis hijos. Para el efecto, arrójalo aquí.
Habiéndolo arrojado: "Ve a traer madera para dejar en ella el fuego", dijo.

Trajo un gajo de Aju'y Joá (Laurel). "Bien, ahora arrójalo aquí; para arrojarlo, trae mi flecha con su punta", dijo.
Habiéndolo arrojado, lo depositó en el Aju'y Joá, dejándolo allí. Para compañero del Aju'y Joá, trajo el bejuco subterráneo; en él tambien lo depositó. En ellos, en ambos, depositó fuego para los buenos portadores del adorno de plu-

A'égui, oó jevy uruvu rã i Ñande Ru tenonde ápy. Oikuaá ma vy Ñande Ru tetekue oechy ague: Tapeó peẽ, mba'eguachu mboavai eỹ a ramo peiko, e'i. Ojae'o uruvu; ndoechái va'erã aé re ma teko aguyje, ojae'o.

mas, para que quedase fuego para los habitantes de la tierra.
Despues de estas cosas, volvieron los futuros buitres ante nuestro Padre. Sabiendo nuestro Padre que habían asado el cuerpo: Id vosotros y convertíos en seres que no respetaréis la cosa grande (cadáver), dijo. Lloraron los buitres; porque en ninguna manera alcanzarían la vida perfecta, lloraron.

NOTAS

Oñono ete: colocar o poner en su verdadero lugar.
I are i va'erã eỹ: aquello que no ha de perdurar. Guaraní: hi'are'ỹ va'erã.
Nañonó reeguái: no de poner o colocar (crear). Reeguái reemplaza a nuestro negativo mo'ãi, palabra ésta que nunca se empl. con este significado en mbyá-guarani.
Oã'yvõ ñande ra'y...: anuncia infortunios para nuestros hijos. Ã'yvõ significa: anunciar o pronosticar desgracias. La versión que da Montoya es: haũbo, por cuyo motivo he prestado especial atención a su pronunciación, pudiendo afirmar que en mbyá-guarani es pronunciada de acuerdo a la grafía que doy. Subsiste aún esta voz en la vernácula, y la mayoría de los campesinos del Guairá la pronuncian hãyvo, hanyvo. Se descompone en: ã = ser o estar erguido; yvõ, añyvõ = yo hinco, hiero con flecha, etc. Su sentido literal es: herir profundamente el alma (o conciencia).
Apyre pyre ve i kue: la última generación (o extremidad). Se conserva en la vernácula con el mismo significado.
Jekupe rã: para defensa, protección; literalmente: para colocarse detrás de. El humo de tabaco, ahuyenta tanto los seres malignos como los pesares y las enfermedades, empleándose en la medicina y los ritos.
A'e javi kue i: todos, sin excepción.
Evo'i guachu: anfisbena; en nuestro guarani: yvyja. Es un hecho digno de subrayarse el haberse conservado en el guarani contemporáneo el nombre religioso mbyá-guarani: yvyja para designar la anfisbena.
Jeguaka-vyapu, oguero-jeguaka vyapu: con la primera palabra, como ya señalé, se designa en el vocabulario religioso el canto sagrado del hombre; con la segunda expresan la idea de: poblar de seres humanos masculinos. Mbojachuka vyapu = poblar de mujeres.
Mbojoyvy: acompañamiento, id. musical en otra escala; consérvase en la vernácula con el mismo significado.
Mba'ete i oiny va'e: seres genuinos que están. Oiny (hina) como se ve, se emplea como verbo, y no sufijo verbal.
Tatachinakãgã: nombre religioso de la pipa de fumar.
Tereó che ra'y eepy: ve a redimir (epy) el decir ('e) de mi hijo; v.g., ve a resucitarlo.
Ñomboaty: se juntaron. En mbyá-guarani se omite la partícula pronominal ante la forma recíproca; v.g.: jojoú = se encontraron; opu'ã joé = se atacaron, etc.

Ãgỹ ty amokõ iño... kírami i: esta vez he tragado en cantidad... un pedacito así. Primeramente cree el sapo haber tragado gran cantidad, luego se da cuenta de que ha sido poco y agrega: *kírami i* = un poquito. Esta locución generalmente se acompaña de un gesto señalando la pequeñez del objeto de que se habla. — En otra versión de este mito, Kururu trató de engañar a su amo, queriendo guardar un pedacito de braza para su propio uso, por cuyo motivo fué convertido en batracio.

Oó Ñande Ru ápy: fué al lugar en donde estaba Nuestro Padre. Guarani: Ñande Ru rendápe.

Aju'y joá: especie fofa de laurel — Ocotea — empl. por los Mbyá para producir fuego por estregadura.

Ychypó yvyguy: el bejuco subterráneo, llamado tambien: kururu ra-ta'y = el tizón del sapo. Creo que en la vernácula se llama *amandayvo*.

U'ycha: la caña en que se introduce la punta de flecha; Montoya: ubysá. Fué con la punta de la flecha que Pa-pa Mirĩ agujereó el trozo de Aju'y y el bejuco para depositar en ellos las brazas. Se produce fuego hasta hoy día en la misma manera: revolviendo la punta dura de una flecha en un trozo seco de Aju'y o Ychypo yvyguy, hasta aparecer en ellos el fuego depositado por Pa-pa Mirĩ.

Traducción literal: huesos de (que produce) la neblina vivificante. El nombre religioso del humo de tabaco es: *tatachina reko achy*, la neblina mortal, imperfecta.

Tape rupa reko achy: al referirse a la humanidad en las plegarias, etc., empléase entre otras locuciones *teko achy* = vida, naturaleza imperfecta. *Tape rupa reko achy* es, literalmente: el lecho de las sendas de la imperfección, v.g., los caminos de la peregrinación terrena que debe seguir la humanidad.

Popichy: alisar. Empl. con el mismo significado en la vernácula, v.g., planchar, quitar arrugas.

Che ñe'ẽ erojapo: haz que trabaje (obre) mi palabra. Esta voz ya no existe en nuestro léxico.

Inõgỹ: parece tratarse de la forma "supina", según Montoya, de *no*, nong = poner; pero se emplea como adverbio.

Marã rami pa jeguakáva porã, yvypo amboaé, etc: en qué forma lo haría saber a los Mbyá, etc. Marã rami = en qué forma; guarani: mba'éicha pa; *yvypo* = habitante de la tierra; *yvypo* amboaé i = no-mbyá; raza distinta. La voz *po*, tanto en mbyá como en el guarani de Montoya: habitante, lo contenido en. En la vernácula, ha llegado a emplearse casi exclusivamente para designar a los fantasmas (póra), aunque a menudo se oye la expressión *yvypóra* para designar a la humanidad. Ni en mbyá-guarani ni en el TESORO es empl. para designar a seres incorpóreos.

Guembikuaá: aquello que ellos saben, refiriéndose a las prácticas vedadas, magia, etc. Empl. con el mismo significado en la vernácula al referirse al *paie* o brujería.

Ikyrà vaí reí: esta muy gordo. Oĩ vaí reí: hay gran abundancia (de miel en la colmena).

Mba'eguacho mboavaí eỹ a: seres que no respetarán la cosa grande, v.g., seres que desecrarán los cadáveres. Mba'eguachu, nombre religioso del cadáver humano; mboavaí = respetar, sentir repugnancia de. Comp. con las acepciones que da Montoya.

Ojape'ava: acarrean leña. Guarani: ojepe'ava. Con esta sentencia a menudo designan el vuelo de los buitres, y a menudo se oye decir:

Oiméne ne ñuãmy ine guachu;	**Seguramente hay un venado he-**
a'e vy ma ojape'ava uruvu.	**diondo en tu trampa, por eso es que acarrean leña los buitres.**

Oupy: "supino" de u = estar; empl. como adverbio.
Mbo-aviju: hacer volar las chispas. No se empl. en guarani.

CAPITULO VIII

Pa'i Rete Kuaray ***El Señor del cuerpo como el Sol***

Con la creación de Yvy Pyaú y el retorno de su creador al Paraíso, puede decirse que termina la primera parte de los anales religiosos de los Mbyá, anales que comprenden los capítulos más sagrados de la religión guaraní conservados por esta parcialidad. Entre las versiones que de estos mitos y tradiciones he escuchado de boca de los mburuvicha de numerosos grupos de Mbyá con quienes he tratado no existen discrepancias dignas de mención, salvo aquellas que he subrayado en las notas lexicológicas que acompañan a los capítulos antecedentes de este trabajo. Dan ellos la idea de haber sido trasmitidos através de los siglos sin modificación; y en cuanto a su genuinidad y fidelidad con que las versiones trascriptas en estas páginas han sido consignadas al papel, puede constatarlas quien quiera tomarse el trabajo de verificarlas, no requiriendo para el efecto sino poseer el guarani y ponerse en contacto con algún Indio medianamente versado en la mitología y religión de su raza.

Hago la salvedad, sin embargo, de advertir que únicamente lo comunicado espontáneamente por el Indio tiene valor científico, debiendo los relatos ser escuchados en el lenguaje auténtico de las Ayvu Porã Tenonde — tradiciones sagradas o esotéricas — o sea, en el lenguaje religioso, hallándose el Indio bajo la influencia del fervor religioso a veces rayano en éxtasis que siempre les domina cuando tratan de cosas sagradas.

El que mayores servicios me ha prestado para consignar estos capítulos al papel ha sido el Mayor Francisco, de Tava'i quien, con paciencia extraordinaria, ha ido repitiendo lo dictado por el Cacique Pablo Vera. Otro Indio muy inteligente y paciente que me ha prestado servicios invalorables en este sentido fué Cirilo, yerno de Tomás de Yvytuko, quien me repetía y explicaba lo dictado por su suegro, por Cantalicio y otros dirigentes.

La segunda parte de los anales religiosos de los Mbyá comienza con la aparición de Pa'i Rete Kuaray, el Señor del cuerpo resplandeciente como el sol, hombre-dios de la raza. Sobre el origen de este personaje pareciera existir discrepancia, pues aunque la gran mayoría afirman que es hijo de Ñamandu Ru Ete, tambien afirman que esta tierra fué creada por Ñande Ru Ychapy o Pa-pa Mirĩ, y que Pa'i es hijo de él. La versión que trascribo es la que atribuye su paternidad a Ychapy o Pa-pa Mirĩ. Y en las leyendas que tienen por tema las hazañas de Pa'i Rete Kuaray, descritas minuciosa-

mente por Nimuendajú y otros muchos autores — bajo distintos nombres, como es de suponer — ya no existe la uniformidad que se observa en las Ayvu Porã Tenonde; el Indio que narra los relatos se considera con derecho a alterar los detalles a su antojo, haciendo gala de su ingenio; desaparece tambien aquel recelo impenetrable que observan respecto a los himnos, plegarias y tradiciones sagradas, y discurren libremente sobre el tema.

Otro hecho que no puede menos que llamar la atención es el contraste que ofrece el contenido de ambas seriés de tradiciones: los profundos conceptos filosofico-religiosos, el elevado lenguaje exento del menor asomo de procacidad de los capítulos que constituyen la parte primera de estos textos, bien pudieran haber sido extractadas de los anales de una raza mucho más culta que la mbyá. La segunda parte, en cambio aunque matizados sus capítulos con el ingenio, la poesía, la filosofía inseparables de todas las leyendas guaraníes, no podría en manera alguna confundirse con una religión o mitología que no fuera la de una raza bárbara, inculta. — Hago excepción de los versos referentes a las huellas de Ñande Jaŕyi, trascriptos más abajo, en los que el investigador acostumbrado a leer entre líneas hallará tanto poesía como filosofía. —

El contraste entre las Ayvu Porã Tenonde y las comunes ¿debe atribuirse a injerto o sincretismo? Si el origen de algunos de los versos de Maino i Reko Ypy Kue; Ayvu Rapyta en su totalidad; los himnos de la encarnación y la concepción, y la endecha de los muertos, pudiera buscarse en las doctrinas cristianas, fácil sería contestar a esta pregunta. Pero como estos capítulos, la mayoría de ellos esotéricos, que se divulgan únicamente a los miembros de las tribus, ninguna huella evidencian de influencias cristianas, creo que nos hallamos ante un problema que bien merece la atención del estudioso.

El origen de Pa'i Rete Kuaray y algunas de sus innumerables hazañas los he esbozado en una serie de trabajos periodísticos publicados en la revista "Cultura", Asunción. Y si los trascribo en estas páginas, es porque dichos trabajos contenian algunos errores que mis investigaciones posteriores, hechas con criterio científico y dominando ya la lengua, me han permitido rectificar. Existen, además, entre el mito de los orígenes de Pa'i y los mitos correspondientes de otras parcialidades guaraníticas diferencias que no pueden menos que interesar al etnólogo.

Tanto Nimuendajú como Samaniego, en sus trabajos citados, se refieren al Mito de los Gemelos, elemento básico de la religión guarani y la de otras naciones. Pa'i Rete Kuaray, como se verá, creó él mismo a su hermano menor Jachyrã, futura Luna; no se les puede, por consiguiente, calificar de gemelos; y las creencias religiosas de los Mbyá hacen inadmisible la divinización y adoración de gemelos, si damos a esta voz el significado de hermanos nacidos simultáneamente de un mismo parto. Dicen los Mbyá que cuando un matrimonio ha ofendido a los dioses, éstos permiten a Mba'e Pochy les provea de prole. Mba'e Pochy, para demostrar que sobrepasa

a los mismos dioses en poder y sabiduría, hace que se engendren gemelos, enviando espíritus malignos: *omopyrõ ñe'engaí* para encarnar en los cuerpos de las criaturas por nacer. Debido a esta creencia, y a fin de evitar la presencia entre la tribu de encarnaciones del espíritu del mal, los mellizos son eliminados al nacer, tratándose de evitar que ninguna doncella en estado de concebir los toque, los vea o siquiera los oiga llorar (Cap. XII). Esta práctica de eliminar los mellizos entre los Mbyá, fué mencionada por el P. Franz Müller en su trabajo sobre las tres parcialidades guaranies Mbyá, Pãi y Chiripa publicado en "Anthropos", Band XXX, 1935. Y el Indio joven que me reveló la creencia — hubiera tardado años antes de llegar a saber algo al respecto de boca de un dirigente avezado — me dijo que sería una inconsistencia muy grande el que los Mbyá adorasen a dioses mellizos o gemelos, si ellos mismos consideran a los mellizos como encarnaciones del Demonio, y los eliminan al nacer.

* *
*

Ñande Ru Pa'i chy rã i iengue

ojapo ñuã inambu chõrõrõ i py gua;
a'e va'e py ombo'a urukure'a i.
Omochã iengue guymba i rã.
A rire, ojopói che kyjúpe;
a'e va'e ndo'úi; popo i ndo'úi;
mbeju pire i nandi aé o'u.

Pyávy ñavõ guymba omonge oãkãmy. A'égui o ja ãkã oipete i jepi opepópy; a'égui i ja ipuru'a i a'e va'égui.

A'e vy ma, Urukure'a i oñemboete:
Ñande Ru Pa-pa Mirĩ ty ra'e.

Ñande Ru ñande reko rã ra'anga.

A'e vy ma, opoí che ma o yvy gui.
-Jaá che ambápy, e'i guembirekópy.

La futura madre de nuestro padre Pa'i era niña púber;
armaba lazos para cazar perdices "tataupa":
en uno de ellos cogió una lechuza.
La ató para su animal doméstico.
Luego, quiso darle de comer grillos, pero no los comía; tampoco comía mariposas; solo comía costras secas de mbeju (tortas de maíz).
Todas las noches hacía dormir su ave a la cabecera de su lecho.
Ella golpeaba suavemente a su dueña con las alas en la cabeza, y la niña con ésto quedó embarazada.
Al acontecer ésto, tomó cuerpo la lechuza: resultó ser nuestro padre, Pa-pa Mirĩ (Ñamandu, según otros).
Nuestro Padre sentó precedentes para nuestra futura conducta.
Producidas estas cosas, quiso abandonar su tierra. -Vamos a mi morada, dijo a su esposa.

-Ndaá chéi; ivaí va'erã ne rembireko, nde ra'ychy aé yvápy oĩ va'e. A'e vy ma, opyta.

-Kurive i jepe, eraá che ra'y i, e'i. Oómoa Ñande Ru, opyta Pa-pa rembireko, Pa'i chy, yvy py.

A rire, oóma o me rakykue; ogueraá o memby i yépy; oporandu mavaẽ tape rupi pa tuú oó ra'e.

-No quiero ir; será mala tu esposa, la verdadera madre de tus hijos que está en los paraísos. Y diciendo ésto, se quedó.
-Aunque sea más tarde, llévame mi hijo, dijo. Se marchó nuestro padre; se quedó la esposa de Pa-pa, la madre de Pa'i, en la tierra.
Despues de estas cosas, siguió las huellas de su esposo, llevando su hijo en el vientre; a él le preguntó sobre los caminos que había tomado su padre.

*
* *

Ñande Jaŕýi oiko ypy i ague ygua yvu erá. A'e va'e yvy mbyte, yvy mbyte te i, ñande Ru Pa-pa yvy mbyte te i.

El lugar donde vivió originariamente nuestra abuela se llama el lugar de las aguas surgentes. Dicho lugar es el centro de la tierra, el verdadero centro de la tierra, el verdadero centro de la tierra de nuestro padre Pa-pa Mirĩ.

Pindovy aipópy i'ãĩ. Pindovy ipoty ramove, Guyra Piri'yriki ojavyky ypy i va'ekue.

Yérguese en dicho lugar una palmera milagrosa. Cuando la palmera milagrosa floreció por primera vez, fué el ave Piri'yriki la que originariamente libó sus flores.

Ãgỹ reve Ñande Jarỹi pypo pypo i imarã eỹ va'erã meme; ãgỹ reve nokañỹi va'erã meme. A'e va re ma, añetẽ gua, jajeayú riú ete vy, ñañembo'e porã riú ete ramo, a'e va'e jaecha jevy va'erã.

Hasta el presente las numerosas huellas de nuestra abuela han de conservarse intactas en su totalidad; ninguna de ellas ha de desaparecer, hasta el presente. Y esto mediante, en verdad, si nos amamos con verdadero amor y si pronunciamos sinceras plegarias, hemos de volver a ver estas cosas.

* *
*

Oecha Pa'i mba'vyky potýra, a'e vy ma: -Eipo'o péva'e, che ru rokápy ñavaẽ ramo añevanga ãguã.

Vió Pa'i una flor de lirio; al verla dijo: -Coge aquella flor para jugar yo con ella cuando llegue-

A rire ma, oecha jevy. -Péva'e eipo'o jevy, Pa-pa yva rokápy ñavaẽ ramo añevanga i ãguã.

A'e va'e oipo'o jevy ramo, opi i chy mãganga; i chy ipochy; a'épy ichy: -Ikatúpy ñaĩ va aéri ñande mba'evykyrã re jajerure, ñañevanga che, e'i.

Oporandu kuña tuú rakykuére, nomombe'u véi. A'e vy ma, oó tape porã ve a rupi, ovaẽ Mba'e Ypy rópy maẽ.

A'épy, aipo e'i Mba'a Ypy jaŕyi: -Tereó jevy, che memby; pi'a kuéry ky ivaíkue ikue.

A'évy, aipo e'i ramo jepe, ndoúi. A'épy i jaŕyi japepo guachu guy py ojao'i. A rire, emiarirõ ovaẽ ka'aguy gui; a'e vy ma je:- ¡U! Che jaŕyi embía!

A'e ramo, i jaŕyi e'i: -Cheé aé tamo che rembía, peẽ ka'aguy rupi peiko va'e, miña, na pene rembíai!

A'égui ma, oú jevy tyvy iñapyngua ve va'e; omboguy japepo; a'épy ri ty iny ñande ru Pa'i chy.

A'épy ojuka; oye'o ramo, ipuru'a i ty, ra'e. A'e ramo e'i o jaŕyipy; -Che jaŕyi, ipuru'a i ty ra'e. -Eechy, a'e ramo, ta'u, e'i.

mos a las afueras de la casa de mi padre.
Luego volvió a ver otra. -Vuelve a coger aquella para jugar yo con ella cuando lleguemos a las afueras del paraíso de Pa-pa.
Volviendo a coger aquella, picó a su madre un abejorro, enojándose su madre por ello, y dijo: -Solamente despues de estar entre la gente debemos pedir juguetes, queremos jugar.
Preguntó la mujer acerca del camino que había seguido su padre, pero no le contestó. Por ello, siguió el mejor de los caminos llegando, por consiguiente, a la casa de los Seres Primitivos.
En dicho lugar, así habló la abuela de los seres primitivos: -Vuelve sobre tus pasos, mi hija, que los chicos son seres perversos.
Pero, a pesar de haber dicho ésto, no volvió. Entonces la abuela la cubrió con una olla grande. Enseguida sus nietos llegaron de la selva y esclamaron, dicen: -¡U, mi abuela ha cazado!
En vista de ésto dijo la abuela: -Cómo queréis que yo haya cazado ¡ay de mi! si vosotros que anduvisteis recorriendo la selva no cazásteis?
Entonces vino llegando un hermano menor que tenía mejor olfato; alzó el borde de la olla y halló que debajo, efectivamente, estaba la madre de nuestro padre Pa'i.
La mató en el acto y, al destriparla halló que estaba embarazada. Por ésto dijo a su abuela: -Mi abuela, he aquí que está embarazada. -Asalo en ese caso, y lo comeré, dijo.

Oechy pota ramo, ychýi nda'evéi oñyvõ ãguã. A'e ramo: -Tatapỹi áry ta'u, e'i. Ndo echýi jevy, ndaipoakái jevy oechy ãguã; a'e ramo ma: -Eraá angu'ápy ejoka joka, e'i. Ndai katúi jevy ojoka joka. -Eraá eñono kuaraýpy taipiru che rymba rã i, e'i.

Queriendo asarlo, el asador no pudo penetrar en él; por consiguiente: -Lo comeré asado sobre las brazas, dijo. Nuevamente no pudieron asarlo; no tuvieron poder para asarlo; por consiguiente: -Llévalo al mortero y rómpele los huesos. Nuevamente les fué imposible romperle dos huesos. -Llévalo al sol para que se seque y me sirva de animalito doméstico, dijo.

* *
*

Ipiru i vyve, oeka guapa rã. -Che rapa rã emochã chevy, e'i Mba'e Ypy jaryi py. Omochã oñyvõ popo i, ogueru mire'ỹ re'ỹ o jaryipy. A'égui, tuja i ijarakuaá i ma vy, oeka o jaryipy guyra kyrī i, ojuka mire'ỹ re'ỹ i.

En cuanto se hubo secado, buscó un arco. -Pónle cuerda a mi arco, dijo a la abuela de los Mba'e Ypy. Le puso cuerda. Flechó (con él) mariposas, trayéndolas en grandes cantidades a su abuela. Más tarde, habiendo crecido y adquirido entendimiento, buscó pájaros para su abuela, matándolos en grandes cantidades.

A'égui maẽ oĩrũ rã i, guyvy rã i ojapo; a'e aé o marã e'ỹ gui ombojera kurupika'y rogue gui Jachyrã.

Despues de ésto hizo a quien le serviría de compañero, de hermano menor; él mismo, de su propia divinidad, creó de una hoja de kurupika'y a Futura Luna.

Oikokuaá ma vy ka'aguy re, i jaryi e'i: -Kúva'e ka'aguy ovy re tapeó eme.

Habiendo (ellos) adquirido destreza en la selva, su abuela les dijo: -A aquel monte azul no debéis ir.

Oikokuaá ma vy tyvy i: -Mba'ére nda'u ku ka'aguy ovy re na ñande mondouka chéi che jaryi?

Pero siendo ya más activo su hermano:
-Porqué será que nuestra abuela no nos quiere mandar a aquel monte azul?

A'e ramo: -Ereoche ramo, jaá, e'i.

En respuesta: -Si quieres, vamos, dijo.

-Jaá riu ete, e'i Pa'i.
A rire, ka'aguy re jogueraá joyvy yvy i. Guyra kyrī i eta iño ma oju-

-Vamos, a pesar de todo, dijo Pa'i.
Dicho ésto, se fueron al monte, el uno al lado del otro. Mataron mu-

ka; a'e vy ma, tyvy ojoú parakáo, omǫmbo parakáore u'y guyke'y pe omobe'u e'ỹ re; ojavy, parakáo ijayvu.

-Parakáo ajavy rã, ijayvu ri ndaje, e'i guyke'y pe. A'e ramo guyke'y oú. -Emombo jevy, e'i. Ojavy ramo, ijayvu jevy parakáo:
-Pende chy'uare peiporaka, e'i.

chos pajaritos; entonces el hermano menor encontró un loro. Disparó una flecha sin decir nada a su hermano mayor; erró y el loro habló.
-Al errar el loro, hé aquí que ha hablado, dijo a su hermano mayor. En vista de ello, se acercó su hermano. -Vuelve a tirar, dijo. Habiendo vuelto a errar, dijo el loro:
-A quienes devoraron a vuestra madre sustentáis, dijo.

A'épy ma je ñande ru Pa'i ojepytacho guepáre ojae'o. Guyra kyrī i eta ojuka va'ekue omondouka jevy. Guyra changue i guembepi oipyteuka guyvy pe ombojera jayru ramo. Oó rive te jevy, ndogueraái mba'eve o jarýi pe.

Al escucharle, nuestro pae Pa'i se apoyó en su arco y lloró. Los numerosos pájaros que habían cazado los libertó y el lazo de guembepi con el que habían estado atados lo hizo chupar por su hermano, creando de él un jayru ("guyra toro"). Volvieron con las manos vacías, sin llevar nada a su abuela.

* *
*

A'épy oikuaá ñande ru Pa'i o chy'uare a Mba'e Ypy; ojapo monde; oú tyke'y:

-Mba'épa ere japo? e'i.
-Ajapo monde guachu, e'i.

-Kova'épy, añetē, namanói averi, e'i Mba'e Ypy.
-Eike ave a'épy, e'i.
Oike omano. A'épy maē o chy'uare omomba, ava kue omoba.

A raíz de estas cosas supo nuestro padre Pa'i que eran los Mba'e Ypy los que habían devorado a su madre; hizo una trampa; vino un hermano mayor (Mba'e Ypy):
¿Qué haces? dijo.
-Hago una trampa grande (para tigres) dijo.
-Pues en éste ,verdaderamente, yo no moriría, dijo el Mba'e Ypy.
-Entra pues en él, a ver, dijo.
Entró y murió. Fué en esta manera que exterminó a los que habían devorado a su madre, que aniquiló a los machos.

A'égui maē Mba'e Ypy yva'y ojapo ñande ru Pa'i; a'évy ma Mba'e Ypy kuéry, kuña kuérype o'uka ãguã rami araka'e vy, ombotavy ãguã o

Fué despues de ésto que ñande ru Pa'i hizo el árbol frutal de los Mba'e Ypy para, fingiendo querer convidar con la fruta a las Mba'e

chy'uare. Ogueru o jarýipe ikúigue-kué i kue. I jarýi o'uche vaí pa ma vy: -Jaá ja'u porã ãguã yvy'y guy py voi, e'i.

A'e vy ma, ñande Ru Pa'i ojapo yãkã, oñono yryvõvõ; y py opoí yvyra pire; a'e va'e gui ombojera ypo: embo, guairaka, jaguachĩ, kuriju jagua, Mba'e Ypy kuéry'uarã, kuña kuéry'uarã.

Omboacha Jachy yakã, ojopyy uka yryvovõ apyre.
-Mbyte rupi meme ma ramo, embojere; a'e vy, añemochĩcha'ĩ va'erã; a'e ramo, embojere, e'i guyvy pe.

A'e ramo, mbyte rupi pa eỹ mboyve i, gory vy reí ñande Ru Pa'i oñemochĩ ch'ĩ ame rami; tyvy ombojere ma reí yryvovõ; ipuru'a va'e opo jepe, yvy'ã re poteri ño iãĩ. A'e ramo, ñande Ru Pa'i e'i:

-Ijavaetéva ¡java mokera! Yete, yete-yvy mboavaete a ¡java mokera! A rire jepe, i memby ava araka'e; a'e vy ma, o chy re ma ojeupi, a'e ramo vy ma oñemoña ño, yvy jave re oiko.

Ñande Ru Pa'i ipochy vaí pa ma vy, oecha ramo ochy'uare yãkã

Ypy, engañar a las que habían devorado a su madre. Trajo a su abuela algunas frutas caídas del árbol. Queriendo vehementemente su abuela comer más: -Vamos junto al árbol frutal para comer a gusto, dijo.
Por consiguiente, nuestro padre Pa'i hizo un río y colocó (sobre él) un puente; echó al agua corteza de árboles, creando de ella moradores del agua: serpientes, lobos chicos, lobos grandes, boas constrictoras, los que devorarían a las Mba'e Ypy, a las mujeres.
Hizo que Luna cruzase el río para sujetar la extremidad del puente.
-Cuando todas estén sobre el medio del río, dále vueltas (al tronco); en cuando estén (en el medio), yo arrugaré la nariz; entonces, tú le darás vueltas, dijo a su hermano.
Luego, y antes de hallarse todas sobre el centro de la corriente, de puro gozo hizo ñande ru Pa'i un gesto semejante el que hace quien frunce la nariz; su hermano dió vueltas al puente antes de tiempo, pudiendo dar un salto una Mba'e Ypy preñada, irguiéndose ya a salvo sobre la barranca del río. En vista de ello, dijo nuestro padre Pa'i:
-Ser horroroso ¡súmete en sueño y despierta! Ser que tornas horrorosos los ríos y las costas de los ríos ¡súmete en sueño y despierta! Y he aquí que su hijo fué macho, dicen; por consiguiente fornicó con su madre y procreó, extendiéndose (su prole) por toda la tierra.
Por haberse enfurecido grandemente nuestro padre Pa'i al ver a

yvy'ãre iãĩ oó jepe ño jevy, a'e ramo ma yakã yvy mboavaete a ramo omondouka; árami e'ỹ rire, ndoikói varangue aguara.

la que habia devorado a su madre erguirse en la barranca precipitosa del río y ponerse a salvo, fué por eso que la convirtió en el ser que torna inhóspitas las costas de los ríos; de no haber procedido así, no habría jaguares.

A rire ma, Mba'e Ypy mbotavy vy ri araka'e yva re'ẽ omobe'u rire, jeguakáva porangue i o'u ãguã ndoejái ndoejái ño araka'e: a'anga i oeja yvy re, teju rembi'u ramo, opyta.

Despues de lo acontecido, y habiendo divulgado lo de la fruta dulce a fin de engañar a las Mba'e Ypy, no la dejó para que la comiesen los Jeguakáva: dejó en la tierra su simple imagen, convertida en la "comida de las iguanas" (yvahái = Eugenia myrcianthes).

* *
*

A'e vy ma, o chy kangue omono'o; guyvy pe e'i: -Tereó inambu emondýi. Oó omondýi inambu; a'évy e'i Pa'i chy: -¡Po, pi'a omondýi inambu!

Acontecidas estas cosas, recogió los huesos de su madre y dijo a su hermano: -Ve y espanta una perdiz. Fue y espantó una perdiz y al hacer ésto, dijo la madre de Pa'i: -Escucha, el chico espanta perdices!

A'e ma je: -Eh, ha'i! Eh ha'i! e'i, okambu pota ra'u; o'a pa jevy o chy kangue.

Y él (Jachy) dijo: ¡Ay, mamita! ¡Ay mamita! e intentando mamar, volvieron a caerse los huesos de su madre.

A'e ramo ma: -Tereó ãgỹ mombyry ve i, emondýi inambu, e'i.
A'évy: -¡Po, pi'a omondýi inambu! e'i jevy i chy.

En vista de ello: -Ve ahora más lejos y espanta una perdiz, dijo.
Entonces: -¡Escucha, el chico espanta perdices! dijo nuevamente su madre.

-Eh, ha'i; ẽh, ha'i! e'i jevy tyvy; okambu pota ra'u jevy; ha'y pa jevy.

¡Ay mamita, ay mamita! dijo nuevamente su hermano; intentó nuevamente mamar; nuevamente se descompuso (el cuerpo reconstruído).

A'e vy, o chy kangue nomoatyrõ reeguái ma vy, omombo pa ka'agu-ýre. -Jaicha ¡java mokera! e'i, omondouka jaicha ramo, mbyku

Entonces, en vista de la imposibilidad de reconstruir los huesos de su madre, los arrojó por la selva. -Semejante a madre ¡súmete en sue-

para ramo. A'e va re, ãgỹ reve, ñuãmy o'a ramo jaicha, Kuaray noẽ pojavái, o chy mboachy gui.

ño y vuelve a la vida! dijo, convirtiéndola en jaicha, en mbyku moteado (Paca). Es por éso que, hasta el presente, cuando una Paca cae en una trampa, el Sol no sale pronto, por remordimiento.

* *
*

Pa'i Rete Kuaray Jachyrã reve jogueraá okuapy yete yvy ry jovái i. Ojoú Jachyrã guavira.
-Kova'e mba'e yva voí? e'i.

Pa'i Rete Kuaray y Jachyrã partieron siguiendo las costas del río, uno en cada orilla. Luna encontró un guavira. -¿Qué fruta es ésta? dijo.
-Qué forma tiene la fruta? dijo Sol.

-Mãrãrami voí i'a?, e'i Kuaray. -I'a pytã, evi kora. -A'e ramo guavira, c'u eme ke; nemboacho va'erã; guavira aguyje ñamoatachĩ va'erã ja'u ãguã.

-Tiene fruta colorada con un corral en la extremidad. -En ese caso son guavira; no los comas; te darán lombrices. Los guavira maduros deben fumigarse para comerse.

A rire ojoú guapyta. -Mba'e yva voí?, e'i. I'a pytã, i'a ratã ave, e'i. -Guapytã ma iku; ejachu'u.

Luego encontró frutas de pindo. -¿Que frutas son? dijo. Tiene frutos colorados y ademas, duros.
-Pues son frutas de pindo, muérdelas.

O'u oóvy; ovaẽ a'égui guavijúpe. -Ke'y ¿kova'e mba'e yva voí? e'i. -Guaviju ma iku, e'u eme; a'e va'e ñamoatachĩ rãgẽ va'erã ja'u ãguã. A'égui jogueraá yete yvýry; ovaẽ Jachy aguaí ápy; ovaẽ vy: -Kóva'e mba'e yvá-ra? e'i guyke'y pe'. -¿Marã rami katu i'a?, e'i. -I'a puku i, i ju, e'i. -Aguaí ma iku, e'i. Ejatapy eechy, e'u eme ipýry. Re'úvy ke a'ỹingue emono'o. Re'u ve'ỹ ma vy, eñono tatápy ejopy nde rapápy. A'égui oñono aguaí ra'yingue tatápy ojopy guapáre. Opu'ã tatápy gui o'ãmy. Tatápy oñono va'ekue aguaí ra'ỹi opororo; oñemondýi vaí pa Jachy; opo oóvy guyke'y ápy, o'a oóvy.

Iba comiendo y llegó donde había guaviju. -Hermano ¿qué fruta es ésta? -Son guaviju, pues; no los comas; hay que fumigarlas antes de comer. De allí siguieron por las costas del río; llegó Luna adonde había Aguaí. Al llegar: -¿Qué fruta es ésta? dijo a su hermano mayor.
-¿Qué forma tiene la fruta? dijo.
-Tiene fruta larga y es amarilla.
-Pues, es Aguaí, dijo; enciende fuego y ásalas, no los comas crudos. De los que comas recoge las pepitas y ponlas en el fuego y aprétalos con tu arco. Entonces puso las pepitas de aguaí en el fuego y las apretó con su arco. Se levantó, irguiéndose del lado del fuego.

Ovaẽ Charĩa pira ojopói ápy. Kuaray oike oóvy yguýry pinda re omoatã. Charĩa ojavy pira. Mboapy kue Kuaray a'e rami ojapo; mboapy kue jyy o'a ovayvávy Charĩa oóvy.

-Cheé, jyy, e'i Jachy.

A'égui, Jachy jyy ma oike yguýry oñapymi oóvy. Omoatã pindáre, oguenoẽ charĩa oñapyrupã yvyrápy. Ogueraá pira gua'y chy py. Ojy jave ovaẽ Kuaray oóvy a'épy.

-¿Re'u reeguápa pira? e'i Charĩa.

-Nda'u reeguái, e'i Kuaray. Mbaipy kue i aé peeja; kangue kue pemombo eme, tamboaty pa i. Omboaty pa ma vy kangue ogueraá, omoatyrõ jyy guyvy; omopyrõ jyy ñe' eng; mbaipy kue i py omoapytu'ũ.

Charĩa o'u ague ramy vy aéri, Jachy opa jepi; tyke'y omoingove ague rami vy aé ri ãgỹ reve opa águi oikove jyy Jachy ra'y.

A'e rami avei, Jachy oñeama ramo, Charĩa o'u pota ma, guyguy py oñeama Jachy.

Opoyvy Jachy o jaiche re. Oikuaá che vy ma mavaẽ pa opovyvy va'e, ychy omoĩ o kuãre.

Las pepitas de aguaí que había puesto en el fuego estallaron; él se asustó grandemente y dando un salto cayó donde estaba su hermano mayor (en la otra orilla).

Llegaron adonde Charĩa pescaba. Kuaray penetró debajo del agua y tiró del anzuelo. Charĩa erró el pez. Tres veces Kuaray hizo asi y tres veces tambien Charĩa cayó, yendo de espaldas.

-Ahora yo, dijo Luna.

Luego Luna penetró debajo del agua; zambulliéndose se fué. Tiró del anzuelo, y lo sacó Sarĩa y lo golpeó por la cabeza con un palo. Llevó el pescado a su mujer. Al cocinarse, fué llegando Sol al lugar.

-¿Vas a comer pescado? dijo Charĩa.

-No voy a comer, dijo Sol. Dejadme solamente un poco de polenta. No arrojéis los huesos, para que los pueda recoger. Habiendo recogido los huesos, se los llevó y rehizo a su hermano menor e hizo que volviese a encarnar el alma; con el mbaipy le proveyó de sesos.

Es solamente debido al hecho de haberle Charĩa devorado que hasta el presente la luna desaparece; solo por haberle su hermano mayor resucitado es que hasta ahora vuelve a nacer la luna nueva.

En la misma forma,cuando la Luna se eclipsa, Charĩa está por devorarla: la luna se eclipsa (se cubre) en su propia sangre.

Luna se introducía subrepticiamente en la habitación de su tía paterna (con intención de fornicar).

Pyávy, opovyvy jave jyy Jachy, omona ychy ováre. Ko'ērã oó Jachy ojovaéi omboí ãguã ychy. Ndoíri, ndoí pa voí, iparapa reíri.

Queriendo saber quién era el que se introduciá junto a ella, embadurnó sus dedos con resina y de noche, mientras a tientas la buscaba, le embadurnó a Luna el rostro. Al día siguiente Luna fué a lavarse la cara a fin de quitarse la resina. No salió, no salió todo; solo se le ensució más la cara.

Ãgỹ reve ova para ãguã rami vy aéri a'e va'e oiko, ñande reko rã ra'anga vy aéri a'e rami.

Para que hasta el presente lleve la cara manchada acontecieron estas cosas, sentando en esta forma, efectivamente, precedentes para nuestra conducta.

E'i Kuaray guyvy pe: -Eñyvõ yva mbytépy u'y py. Opoi u'y oñyvõ. -Eñyvõ jyy u'y iñañáimy. Oñyvõ jyy. Oñyvõ jyy añetẽ iñañáimy. A'e rami vy u'y yvýre ovaẽ oúvy. -Ãgỹ katu nde ru'y rupi ejeupi, e'i. Ojeuyi añetẽ Jachy. Oekýi Kuaray iju'y, ikuarépy oike, ndouvéi; opyta ma yváre.

Dijo Sol a su hermano menor: -Hiere el centro del cielo con tu flecha. Disparó una flecha y lo hirió. -Clava una flecha en la muesca de la primera. Efectivamente, clavó flecha en la muesca. En esta manera iban llegando las flechas hasta la tierra. -Pues ahora, sube por las flechas, dijo. Subió Luna, efectivamente, y Kuaray extrajo su flecha; entró en el agujero y entró (Luna) en el cielo.

Apa katu opyta ãgỹ reve, guyrapaju, Jachyrapa ja'e a ri, ñande rapa rã i voí oeja.

En cuanto a su arco, permanece hasta el presente, el arco milagroso que llamamos Arco de Luna, para que lo usemos para nuestros arcos.

A rire, Jachy omongy; ãgỹ reve o jaiche ombo-ovapara ague Jachy omongy omboí ãguã ychy; a'e ramo Jachy ra'y ojovaéi ãgỹ reve.

Entonces, Luna hizo que lloviera; hasta el presente, para quitarse las manchas que le puso su tía, Luna hace llover, así es que la luna nueva se lava la cara hasta el presente.

* *
*

Ojoú Charĩa koachi ojuka. A'égui ojeupi Ñande Ru guaviráre, a'épy Charĩa ojapi guyrapápy: ñande Ru oñemomano, oka'apa. Epochikue oñovã tajaópy omoĩ tetekue ajaká-

Encontró Charĩa coatíes y mató (uno). Despues subió Kuaray a un guavira; estando allí le tiró Charĩa con arco; Sol fingió estar muerto y cagó. El excremento lo envolvió

py epochikue reve koachi guýpy. Oó Charīa pira jopóivy, ajaka omboguejy mombyry i. Oó jyy Kuaray, omoī ita koachi guýpy imoiny. Oó Charīa ovaē goópy. Oma'ẽ guajy kuéry. -Eguī rako Ñakãrãchichã iny, epochikue i ave, e'i.

Charīa con hojas de lirio; puso el cadáver en canastro junto con el excremento, debajo de los coatíes. Fué Charīa a pescar y bajó el canastro lejos (del agua). Se escapó Sol, poniendo una piedra en su lugar. Se fué Charīa y llegó a su casa; miraban sus hijas. Pues aquí está el Ñakãrachichã, os digo; tambien su excremento, dijo.

Omoẽ guajy kuéry koachi.
-Kova'e koachi tyre'ỹ, e'i, *ty ra'e* e'i vy ri.

Sacaron sus hijas los coatíes.
-Este es un coatí huérfano, dijeron, cuando lo que quisieron decir, efectivamente, fué: es verdaderamente un coatí.

-Kova'e.... ¡ita! e'i; ojoú ita iguýpy.

-Y esto es... ¡una piedra! dijeron; encontraron la piedra debajo de los coatíes.

* *
*

Yváre ojeupi Charīa. -Kóva'e mba'e yva? e'i. -Añangapiry ri, e'i Kuaray. -A'y, che mbopíry ma ñande Ru, e'i Charīa, o'a a'é guive oúvy.

Subió Charīa por un árbol frutal. ¿Qué fruta es ésta? dijo. Es el Añangapiry, dijo Kuaray. -¡Ay! nuestro Padre me hace fluir agua (mbo pí ry) de la piel, dijo Charīa, y vino cayendo al suelo.

* *
*

Ojoú ma ñande Ru Ygary i'a va'e. -Koachi ¡java mokera!e'i. Oiko ma koachi oñamba oóvy. A rami rire ãgỹ reve ojeupi pa koachi, a'égui rive ojepoí pa yvy py.

Encontró ñande Ru un cedro cargado de cápsulas. -Coatí ¡java mokera! dijo. Ya existieron coatí, que se alejaron corriendo. Por haber sido así es que hasta ahora suben los coaties y poco despues se arrojan todos al suelo.

* *
*

Ñande Ru Pa'i ta'y oikovy. Gua'y ombojepyéi pira o'uche rã, a'e ramo piky omano mba, omono'o a'e o'u. A rire oú Charīa.

Nuestro padre Pa'i ya tenía hijos. Hizo que su hijito se lavase los piés cuando quería pescado; haciendo ésto morían todos los peces y él los recogía y comía. Luego vino Charīa.

-Eiporuka chevy nde ra'y i, e'i; piky a'uche avei. Ogueraá ka'aguy re oñapyrupã ombotyryry eraavy ogueraá yakãmy. Chimbo rami oinupã chimbo rã oa'anga vy ri a'e rami ojapo, ojuka ñande Ru ra'y i, Ipochy ñande ru Pa'i, opu'ã joé charĩa reve. Joguero'a. Ndaipoakái Charĩa, opu'ã jevy Kuaray. A'e kuéra ãgỹ reve Kuaray oñeama.

-Préstame tu hijo, dijo; yo tambien quiero comer pescado. Lo llevó por el bosque y lo golpeó por la cabeza y arrastrándolo lo llevó al río Como se golpea el timbo lo golpeó; imitando lo que haría posteriormente con el timbo, así hizo; y mató al hijito de nuestro padre. Se encolerizó nuestro padre Pa'i; lucharon; se derribaron el uno al otro. No pudo vencerlo Charĩa y Sol volvió a levantarse. Resultado de ésto son hasta ahora los eclipses del sol.

* *
*

A'égui katu ñande ru Pa'i ojapo guajy rã ajaka gui. Ome'ẽ Charĩa pe, ogueraá tape rupi opa'ã, akuãi oikychimba. Oinupã rive Charĩa kuña pe, ajaka rive jyy ituí.

Despues de esto hizo nuestro padre Pa'i para su hija de un canasto. La dió a Charĩa y él la llevó y fornicó con ella por el camino, destrozándose el pene. Castigó por eso Charĩa a la mujer, y sin más volvió a convertirse en canasto.

* *
*

Aguara ojoú ñande ru Pa'i rapa tape rupi ituí. Ojavyky ramo, oinupã aguara rova rupi. A'ekue gui ñandyta oiko. Ãgỹ reve jake rei ápy, ñandypápy jajopía, a'e va'e gui ojevy aguara, okyyje. Mondepi jajapóvy, ijyke rã ñandyta ave ñamopu'ã ramo, aguara ndoúi.

El jaguar encontró el arco de nuestro padre Pa'i por el camino. Lo manoseó, y el arco le pegó por la cara. De él (el arco) surgió el Ñandyta (Genipa americana). Hasta el presente cuando dormimos en despoblado nos desviamos del camino hasta (encontrar) un Ñandyta; de él retrocede el jaguar. Si a una trampa le colocamos los costados de madera de ñandyta, el jaguar no se le acerca.

* *
*

A'égui ñande ru Pa'i ojapo jeguaka; tata reve ojapo; a'e va'e ome'ẽ Charĩa pe. Ñuú rupi oóvy oetũ tata piche: iñakãre okái jeguaka. Oike yapo guy py, oẽ: okái poteri. A'égui oña oike yete py, ndoguéi voí; a'égui oẽ, ñuúmy okáipá. Ogue ma vy, oipeju ñande ru Pa'i ugue omondo mbarigui ramo, mbiguy ramo, mberu agua ramo. Charĩa ryekue opu: "chõrõrõ rõ rõ", e'i. Oveve yekue peengue oó jaí guy py ituí, oó inambu tõrõrõ ramo, tataja ramo.

Despues de estas cosas hizo nuestro padre Pa'i un adorno de plumas para la cabeza. Con fuego lo hizo; lo dió a Charĩa. Yendo él por la pradera, olió quemazón: ardía el adorno que llevaba en la cabeza. Penetró en un pantano y salió: todavía ardía. De allí corrió y entró en un río; no se apagó; de allí salió y corrió por el campo, incinerándose. Cuando se hubo apagado, ñande Ru Pa'i sopló sobre las cenizas convirtiéndolas en "mbarigui", jejenes, moscas chupadoras y tábanos. Reventó el intestino de Charĩa. "Chõrõrõ rõ rõ", dijo. Voló un pedazo de su intestino y cayó en la maleza, convirtiendose en la perdiz "tataupa", dueña del fuego.

Charĩa ñe'eng omondo ñande Ru Tupã Rekoé ru ete ramo.

El alma de Charĩa lo convirtió nuestro padre en el verdadero padre de los Tupã Rekoé (agentes de destrucción).

Ñande ru pa'i raỹy oma'ẽ che. -Ema'ẽ me ke, e'i Ñande Ru. Oma'ẽ ño ri, a'e rami vy omano. A'e va'e mbogua oguero'a ypy i va'ekue. Ojaty. Ñande rekorã oa'anga vy ri aé ndoeepýi.

Una hija de nuestro padre Pa'i quiso mirar. -No mires, dijo Ñande Ru. Miró, sin embargo, y en consecuencia murió. Ella fué la primera a quien derribó el Mbogua (alma de origen telúrico). La enterro; sentando precedentes para nuestra futura conducta no la resucitó.

* *
*

Las hazañas de Pa'i Rete Kuaray y Jachy constituyen sagas interminables, como es de suponer, que varíam en sus detalles según el narrador, pudiendo apreciarse en ellas todos el ingenio del Indio. A los episodios trascriptos, recopilados en los tapýi en el lenguaje en que fueron narrados, agregaré los siguientes dos, por haberme convencido mis lecturas de su importancia para el investigador. El primero me fué narrado por el Cacique Pablo Vera y otros Indios; el segundo por Tomás, de Yvytuko, y

tambien por otros indios. Aquel se refiere al origen del oso hormiguero grande, y es como sigue:

Pa'i y Jachy enseñaron a los hombres la danza, las oraciones y los himnos sagrados. Un día que Pa'i había ordenado fuera dedicado a la danza y la oración, un indio desobediente se internó en la selva en busca de hojas de pindo (palmera) para techar un rancho. Al volver, fué convertido en oso hormiguero grande con las palabras:

Ka'aguare (kaguare)
¡java mokera!

El que estuvo en la selva ¡duérmete enseguida y vuelve a la actividad!

Este nombre de kaguare lo emplean los Mbyá para designar tanto al oso hormiguero grande como el chico; y tanto el nombre mbyá, *kaguare* — ser que estuvo en la selva (en vez de asistir a la danza); como Tamanduá (Ñamandu'a = fruto de Ñamandu), nombre que se le aplica en el Brasil, encierran reminiscencias de los mitos autóctonos, pues ambos explican el origen del mamífero de acuerdo a las leyendas nativas. — En el momento de producirse la metamorfosis del indio desobediente, hallábase sometida a régimen una niña con motivo de su primer período catamenial: *gueko oecháre ojekoaku*. Dispuso Pa'i que la única carne lícita durante tales períodos fuera la del animal recien creado, siendo vedada toda otra clase de carne.

El otro episodio tiene por tema el origen de los Guajaki. En un principio los Mbyá y los Guajaki vivían juntos bajo el gobierno de Pa'i Rete Kuaray. Un dia los Guajaki aparecieron en la danza ritual completamente desnudos y Pa'i, enfurecido, los apostrofó con la sentencia ¡Guajaki, java mokera! dispersándolos por la selva. Es por este motivo que viven errantes y salvajes hasta el presente. Para determinar el valor de este mito sería indispensable poder desentrañar la etimología de *guajaki*, para cuya tarea carezco de la documentación necesaria, pero el mito en si, más la etimología de la palabra *kandire* y su empleo (Cap. VI) demuestran que la tesis de Abregú Virreira (sustentado por mi hace ocho años) sobre contactos guarani-inkáicos no puede descartarse sin minuciosas investigaciones.

* *
*

NOTAS

Iengue: niña púber; lit.: una a quien salió o fluyó (el menstruo).

Inambu chõrõrõ: pequeña perdiz de color violáceo, llamada *tataupa* en guarani. Tambien la llaman: tõrõrõ i.

Mbo'a: cazar, coger presa.

Jopói: dar de comer, convidar.

Popo: mariposa. Panambi = mariposa en guarani, no es empleado por los Mbyá; pero la palabra *tanambi* se usa para designar las mariposas nocturnas. V. "guachuakã'ũ" y "popo" en el vocabulario.

Pyávy: noche. De *pyá* = noche (Montoya) y *vy* = siendo, cuando. Guarani: pyhare.

Ñande Ru ñande reko rã ra'anga: nuestro padre imita nuestra futura conducta, sienta precedentes para nuestra futura conducta. La estratagema de Pa-pa Mirī justifica todos los ardides que llegará a emplear el hombre en la conquista de la mujer.

Nde ra'y chy aé: la verdadera madre de tus hijos, la legítima o primera esposa. Las demás se designam con el nombre de *ta'ychy jevy*, las posteriores madres de sus hijos.

Ygua yvu: fuente. Guarani: ykua yvu. Este lugar encantado, el Jardín de Edén guarani, está situado dentro del actual departamento de Caaguazu. Creo que ha sido esta leyenda la que ha dado origen a tantas historias fantásticas acerca de la supuesta capital secreta del Imperio Guarani: Mba'e Vera Guasu. Dirigentes mbyá de confianza dicen que es a este lugar encantado, cuna de la raza según el mito, a que se refiere las leyendas tejidas alrededor del fabuloso Mba'e Vera; y uno de ellos me dijo que este nombre lo aplican ellos al mar que, según sus creencias, separa a tierra del Paraíso. Constituye una coincidencia notable el llamarse Mba'e Vera Isla un montículo situado cerca de Pastoreo Ñuaí, a cinco leguas de Caaguazu. Don Pedro Guggiari, propietario de la estancia dentro de cuya jurisdicción está situada la "isla", me informó que al practicar excavaciones para la construcción de una casa en dicho lugar, halló restos de alfarería a más de un metro, en tierra aparentemente virgen. Existe tambien, en la misma isla, una fuente perenne.

Iãĩ: se yergue, inmóvil.

Guyra-piri'ýriki: avecilla legendaria, cuyo sobre nombre *piri'ýriki* posiblemente pertenezca al vocabulario secreto (v. Cap. XVII). Piri'y es el nombre de la palmera pindo, empl. a veces en las tradiciones religiosas.

Riú ete: a pesar de todo obstáculo, sinceramente, decididamente. Comparando los verbos *ayube, ayu* que da Montoya en su "Arte" con *oupy* y *okuapy* de este vocabulario, se verá que la radical *u* tiene el significado de *ser, estar*, siendo casi seguro que ayú, (hayhu) = amar, sea derivado de la misma.

Poriaú: humilde, palabra que en la vernácula solamente se empl. con el significado de: pobre.

Pa'i mba'evyky potýra: la flor juguete de Pa'i, nombre de un lirio silvestre llamado tambien *peguaó*.

Ñevanga: jugar. En apapokúva, según Nimuendajú: nimanga.

Che mba'evyky rã: algo para tocar yo ociosamente, con qué jugar: juguete.

Mba'e Ypy: los seres primitivos ,nombre que hace pensar en la posibilidad de que tanto ellos como Charĩa hayan sido los primitivos habitantes de las tierras que venían ocupando las hordas guaraníes invasoras; aunque en un principio era de opinión de que "toda la existencia de Pa'i Rete Kuaray en la tierra es una pugna contra lo nocivo, cuyas manifestaciones en Yvy Pyaú anteceden a las encarnaciones del Bien". (Revista "Cultura", VI/1947).

Pi'a: hijito.

Tembía: (che rembía, embía) su presa, lo que mató o cogió en sus trampas, etc.

Miña: interjección equivalente a nuestro ¡anga! = ay de mi, pobrecito.

A'épy ri ty iny: el hecho es que se hallaba (él) en dicho lugar. En la vernácula diríamos: Upépe nipo oĩ hína ra'e.

Ychýi: asador.

Nda'evéi oichyvõ ãguã: no era capaz, apto, para ensartarlo.

Apa, rapa, guapa: arco.

Tuja i: niño que salió de la primera infancia.

Mire'ỹ re'ỹ i: muchísimos, numerosísimos. El diminutivo *mi* no se empl. en mbyá-guarani sino en la forma mirĩ. En esta frase aparece unido con el negativo.

Kurupika'y: Sapium longifolium. Según otra versión de este mito, narrado por Mario Higinio, de Cedroty, Yhũ, fué de un grano de maíz que creó a su hermano.

Tapeo eme: no vayáis.

Ereó che rã, jaá: nosotros diríamos: rehoso ramo, jaha = si quieres ir, vamos.

Ka'aguy ovy: monte azul; y, posiblemente: monte eterno. V. Cap. II.

Joyvy yvy i: el uno al lado del otro, cerca del otro. Guarani: ojoyke rehe.

Poraka: sustentar (Montoya).

Rive: parece ser combinación de los fonemas *ri, ve*. Significa, más o menos: ociosamente, con las manos vacías, inútilmente.

Parakáo: loro, de la esp. llamada "lorito say'ju".

Cuando Pa'i ascendió al paraíso, desterró a Parakáo Ñe'engatu:

Oó ma vy Ñande Ru Pa'i agueraá Parakáo Ñe'engatu oeja araka'e tukombo porã rapytáre oñeangareko ãguã, Para Guachu rapytápy, Kurutué Retã rovái. A'e va'e ñande, ñande poriaú porã i va'e jajoú va'erã, omombe'u água mamópa Ñande Ru oacha Para Guachu. Ogueraá eỹ rire Parakáo omoarandu pa varangue Jeguakáva, ñande Ru Pa'ípe omoarandu a ramive.

Al irse nuestro Padre Pa'i, llevó consigo al Loro del Discreto Hablar, dejándole encargada la extremidad de la maroma en los orígenes del Gran Mar, allende el País de los Kurutué. A él le hemos de hallar todos los que somos verdaderamente humildes, y nos divulgará por dónde nuestro Padre cruzó el gran mar. Si no lo hubiera llevado consigo, habría divulgado la sabiduría a los Jeguakáva, así como a nuestro Padre la divulgó.

Kurutué Retã = el pais de los Kurutué, según algunos Mbyá, seres con cuerpos humanos pero inmortales, última etapa de la peregrinación de quienes obtienen Aguyje. Es Parakáo quien en última instancia resuelve si el postulante es merecedor de ingresar en el País de los Bienaventurados, Yvy Marã Eỹ. Kurutué no es palabra mbyá, sino corrupción de Purutué, versión guaranizada de portugués.

Po: escucha, atención, ¿qué es?

Eh: llanto de párvulo que quiere mamar.

Ha'y: se deshace, se descompone. Una de las contadísimas palabras en que se escucha la ha aspirada.

Ha'i: mamita. Tambien tiene la h.

Okambu pota ra'u: tuvo la intención (que se frustró) de mamar. (V. voz *ra'u*, Cap. IV).

Jaicha ¡java mokera!: semejante a mamita, súmete en sueño y despierta. Java = pronto; mbo, mo = factitivo, hacer que; ke = dormir; ra = crear; fórmula empleada para producir la metempsicosis. Jaicha (a'icha,

ha'icha) = semejante a mamita. Es de notar que la voz icha, que no se emplea en mbyá, aparece en esta palabra.

Ãgỹ reve, Kuaray noẽ pojavái: hasta el presente el Sol no sale pronto (cuando una Paca cae en una trampa). Sucede a veces, hallándose cargada la atmósfera, que el disco del sol asoma con aparente lentitud sobre el horizonte; en tales casos dicen los Mbyá que una Paca ha caído en una trampa y que el Sol, hijo de la que fué metamorfoseado por él en animal, se entristece por ello. La lentitud con que se eleva el astro es una demostración de su remordimiento por haber, en un arrebato de impaciencia, convertido a su madre en animal en vez de haber perseverado en su intento de volverla a la vida en su forma de ser humano. Comentando la discrepancia de este relato con Ayvu Rapyta, el dirigente que me servía de maestro me dijo que Pa'i no es el verdadero Sol, sino su dueño.

Tereó inambu emondýi: ve y espanta una perdiz. Un episodio similar fué hallado por Samaniego entre los Ava del Norte.

Okuapy: estando. V. "ocuapa" en el "Tesoro", y ejemplos en el Vocabulario al final de la obra.

Guavira ñamoatachi va'erã: debemos fumigar los guavira maduros. La mayoría de los frutos deben ser fumigados con humo de tabaco para evitar que produzcan malestares.

Iku: pues, efectivamente.

Ke'y: apócope de tyke'y = su hermano mayor.

Ipýry: crudo. Guarani: ipýra.

Jyy, apocópe de jevy: nuevamente.

Opovyvy ojaichére: buscó, a tientas, a su tía, con intención de fornicar.

Eñyvõ yva mbytépy: clava en el centro (o profundidades) del Paraíso. Según una versión de este episodio, Pa'i esparció las flechas por el cielo, convertidas en estrellas: jachytata.

Guyrapaju, Jachy rapa: arco milagroso, arco de Luna, árbol de la familia de las Apocináceas, conocido con el nombre de Kirandy, pero a veces llamado tambien *yvyraju*. Emp. para la fabricación de arcos, como el Guajayvi.

Ñakarãchichã: nombre que Charĩa y su familia aplicaban a Pa'i Rete Kuaray, cuya etimología me es dudosa.

Egui ra ko: pues aquí está. V. Montoya.

Koachi tyre'ỹ, koachi ty ra'e: juego de palabras que hace burla de la mala pronunciación de Charĩa y sus hijos.

Añangapiry: fruta llamada tambien ñangapiry en guarani. En el mito apapokúva, Añay exclama tambien: píry, píry, en uno de los episodios.

Chimbo: timbo, bejuco ictiotóxico. Jagua chimbo: planta id.

Ñandyta: nombre mbyá del ñandypa = Genipa americana.

Ojapo jeguaka, tata reve: hizo un adorno, con fuego. Nimuendajú demuestra que este episodio aparece en la mitología americana a través de todo el continente, hasta Siberia.

Charĩa ryekue opu..: este episodio de la conversión de un pedazo de la tripa de Charĩa en perdiz portadora de lumbre me fué narrado por Juanchito, hermano menor del Cacique Pablo Vera. Lo considero importante desde el punto de vista etnológico.

Mberu agua: mosca que pica, de cabeza chata: agua.

Charĩa ñe'eng...: el alma de Charĩa se convierte en el padre de los Tupã Rekoé. Este episodio es una intercalación de Cirilo, yerno de Tomás, de Yvytuko. Mereció la aprobación tanto de Tomás como de Cantalicio.

Mbogua oguero'a: el Mbogua lo derribó. Mbogua, angue o Takykuéry gua, el alma de origen telúrico que se incorpora a *Ñe'eng*, el alma divina, poco despues de nacer el ser humano. Mbogua merodea por el lugar en donde ha fallecido una persona; puede matar a quien lo ve u oye. V. Cap. XVI. Pa'i no resucitó a su hija para que los hombres supieran que Mbogua es peligroso.

Omarã eỹ gui: de su propia divinidad, en virtud de su indestructibilidad.

Jayru: pájaro que anida en túneles, llamado "guyra toro" en guarani, tambien *marakana yvyguy*. En el vocabulario religioso mbyá: jaku changue = cuerda que fué del faisán, porque fué del lazo de guembepi con que iban atados los pájaros, entre ellos un jaku, cazados por Pa'i y su hermano. Tiene el pecho rojo, color del guembepi fresco con que iba asegurado.

Monde, mondepi: trampa consistente en un tronco grueso que aplasta al animal que penetra en ella.

Teju rembi'u: Eugenia Myrcianthes. Guarani: Yvahái.

Guapytã: fruta madura del pindo. El pindo tambien se llama: guapytangy.

Pindáre omoatã: tiró el anzuelo. Kuaray tiró el anzuelo con la mano, Jachy con la boca, a pesar de haber sido advertido del peligro.

Oi, ndoiri: salió, no salió. Guarani: ojei, ndojeíri.

Yryvovõ: puente. V. Montoya. La etimología de esta palabra tuvo perplejos a Nimeundajú y su traductor Recalde. V. p. 32 y 37 de su LEYENDA tantas veces citada.

CAPITULO IX

Arandu porã ogueno'ã va'e, mba'e mbojaity a, Jakaira kuéry pyronga.

Los que se inspiran en la buena ciencia, conjurando los maleficios; los lugartenientes de los Jakaira.

En un estudio hecho a pedido del Dr. Manuel Gamio, Director del Instituto Indigenista Interamericano, y publicado en "América Indígena", dividí la ciencia médica de los Mbyá en Medicina Mística y Medicina Racional. De la medicina racional me ocuparé en el capítulo siguiente; la medicina mística protege a la tribu contra las acechanzas de Mba'e Pochy cuyos agentes, ya en forma de duendes malévolos, ya en forma de hechiceros rivales, persiguen a los hombres, introduciendo en sus vísceras guijarros, insectos, hojas venenosas. Es misión de los *iñarandu porã i va'e* = los que poseen la buena ciencia, sanar a los embrujados y castigar a los culpables; recibir mensajes de los dioses referentes a la vida tribal, dirigir los cantos y las danzas. En la primera parte de este capítulo, el Mayor Francisco, de Tava'i describe las facultades del médico agorero (pudiendo ser hombre o mujer); en la segunda se trascriben las plegarias que se pronuncian con el objeto de obtener la grandeza de corazón: mby'aguachu reko rã, y la fortaleza: mbaraete reko rã necesarias para practicar la medicina mística. En la tercera se trascriben algunos mensajes recibidos por dirigentes; en las Notas, los procedimientos empleados por los médicos agoreros, y una lista de las figuras de la mitología.

PARTE I

Ijarakuaá va'e mborayú ijapy e'ỹ va'e ogueno'ã yvate gua gui.

Quienes poseen entendimiento, ilimitado amor al prójimo reciben de los de arriba.

Mbaraete, mby'aguachu ijapy eỹ va'e ogueno'ã avei. A'e javi kue i gui ijarakuaá ve aé ma va, ipy'aguachu iporã ápy, ñande áry gua kuéry gui. A'e rami ramo, ombojerovia Mba'e Porã kuéry. Mbaraete rekó rã mba'e i kuri katué ramo jepe e'iuka ño.

Ilimitada fortaleza y grandeza de corazón reciben tambien. Aquel que entre todos los demás en mayor grado entedimiento verdadero posee, obtiene valor para las obras buenas, inspirádole por los situados encima de nosotros. En esta forma le honran los Seres

A'e rami ramo, oñembo'e porã i va'e oecha ramo jepe, oendu ramo jepe ogueropochy va'erã, ndogueropochýi.

Arandu porã ogueno'ã va'e mbaraete reko rã, mby'aguachu reko rã oupity yvategua gui, Jakairy kuéry pyronga. Jakaira kuéry mbojaity a gui mba'e vai ombojaity. Kuña karai kuéry, karai kuéry iñarandu porã i va'e, mberu ra'y ombojaity.

Tataypy rupa jave i re, peteĩ teteĩ a'e rami gua oiko.
Itara'ỹi my ñandapi ramo yvy re itáva reí va'e, y'akã yvy'ãjá, a'eva'e jepe omba'eapo porã i va'e ombojaity, oguerochyry.

Oñembo'e porã i va'e ombojaity ka'avo yvategua, Jakaira kuéry mbojaity a gui.

Yvyra iñe'ẽ katupyry eỹ va'e oporoapi ramo, iñarandu porã i va'e oguerochyry, ombojaity. A'e javi kue yvyra iñe'ẽ avaete ve va'e, tajy. Tajy jajaga ramo jepe, iñe'ẽ ndochyrýi; a'e rami ramo yvyra kóva'e ore yta rã ndoroiporúi. Yvyra iñe'ẽ katupyry va'e, ygary, yvyra Ñamandu; amboaé, Aju'y chĩ.

Buenos. Palabras para acrecentar su fortaleza en plazo no lejano le hacen pronunciar.
Por consiguiente, los que pronuncian plegarias hermosas, por más que vean, por más que escuchen cosas que incitan a la cólera, no se encolerizan.
Quienes se inspiran en la buena ciencia, quienes fortaleza y valor reciben de los de arriba, son los lugartenientes de Jakaira. En virtud del poder de conjurar de los Jakaira, conjuran los maleficios. Las señoras, los señores que poseen la buena ciencia, extraen las larvas de las moscas.
En todos los asientos de fogones existe una persona de esta clase. Los guijarros con que nos hieren los habitantes ociosos de la tierra, y los dueños de los barrancos precipitosos de los arroyos, aún estas cosas las conjuran y extraen quienes ejecutan buenas obras.
Los que pronuncian buenas plegarias extraen las hierbas nocivas, en virtud de la facultad de conjurar de los de arriba, de los Jakaira.
Cuando un árbol de alma indócil hiere a alguien, los que poseen la buena ciencia conjuran el maleficio, extraen el mal. Entre todos los árboles, el que posee alma más feroz es el Lapacho. Aún cortando en pedazos el lapacho, su alma no desaparece; por consiguiente este árbol no lo usamos nosotros para horcones de nuestras viviendas. El árbol de alma dócil es el Cedro, el árbol de Ñamandu; otro es el Aju'y blanco.

Ijarakuaá eỹ va'e, iñarandu vaí va'e, omoakamby ño mborayú; ogueropochy va'erã rami gua eỹ jepe ogueropochy pa katuī: Mba'e Pochy ombojerovia a'e rami. A'e va'e ma katu, guapicháre oarandu vaí oiporu va'e, a'e nunga pe ma "poroavyky a" ro'e.

El que carece de entendimiento, el que posee la mala ciencia, permite que se bifurque sobremanera su amor; aún aquellas cosas que no debieran enfurecerle le enfurecen en extremo: procediendo así el Ser Furioso le inspira. A los de esta clase, que utilizan su mala ciencia en detrimento de sus semejantes, a los de esta laya les llamamos "los que hieren furtivamente al prójimo".

Poroavykyá oiko ramo, ñamondýi vaí pa va'erã; ipoapy rupi ñaikichīmba i va'erã. Embiavykykue omano ramo katu, jajuka i aveí va'erã, oporoayú eỹ va'e opa ãguã.

Cuando hay hechiceros, debemos escarmentarlos ejemplarmente; debemos inferirles numerosas heridas en las muñecas. Si muere aquel que ha sido herido furtivamente debemos matar tambien al hechicero, para acabar con los que dejaron de amar al prójimo.

Porayú eỹ gui poroavyky ápe guapicha porã omoambague ma rami vy, jajuka ramo maẽ a'eve. A'e ramo aé omano va'ekue chy, tuú pe a'eve va'erã, ichy py'arachy okuera i va'erã.

A aquel que por desamor e hiriendo furtivamente a su semejante, haya desolado el hogar de un prójimo, debemos matarlo tambiem para que haya justicia. Únicamente procediendo así estarán contentos la madre y el padre del muerto y sanará el dolor de corazón de la madre.

* *
*

Arandu porã ogueno'ã che va'e.
Oñembo'e porã va'e roka rupi aroguata tatachina.

Un aspirante a la buena ciencia.
Yo recorro los alrededores de las casas de quienes pronuncian buenas plegarias esparciendo la neblina (humo de tabaco).

A'e vy ty, ñe'ã che mby'aguachu reko rã aikuaá iño va'erã. A'e a rupi a'e ramo aiko, che che Ñe'eng Ru Ete kuéry oecha ãguã; kuri katué ramo jepe ñe'ã mba' e i e' iuka ño va'erã.

Perseverando así, aprenderé numerosas palabras para fortalecer mi espíritu. Por ésto es que concurro a tales lugares, para que lo vean los verdaderos padres de mi alma; y para que en un futuro no lejano me hagan decir muchas palabras.

A'e vy ri ma, che rapicha i kuéry namotare'ỹ chéi; amotare'ỹ vy nda'u, che Ru tenonde kuéry pe a jeavy va'erã. A'e rami ramo che rapicha i kuéry ojeavy i ramo jepe, a endu vei pa i va'e. A'e rami ramo, mbaraete i reko rã mba'e i e'iuka ño eteve va'erã ñande Ru tenonde kuéry.

Por consiguiente, no quiero ofender a mis semejantes, en caso de enemistarlos, pecaría contra mis Primeros Padres. Por consiguiente, aunque mis semejantes se equivoquen, les escucho sin prestarles importancia (les perdono). Procediendo así, nuestros primeros Padres sin duda alguna me harán pronunciar numerosas bellas palabras para el fortalecimiento de mi espíritu.

Jajeayú riú ete jepe, ñamoakamby ño ramo katu, ndajaupitýí va'erã mby'aguachu reko rã, mbaraete reko rã.

Aunque nos amemos sinceramente, si permitimos que nuestro amor se bifurque, no hemos de alcanzar valor, fortaleza.

"Tereó yvy py, che ra'y; opa marangua reecha va'erã vy jepe, reropy'aguachu va'erã", e'i ague ramo ñande Ru tenonde kuéry jaecha.

"Ve a la tierra, mi hijo, y aunque todas clases de cosas nefandas deberás ver, has de afrontarlas con grandeza de corazón", el que nuestros primeros Padres pronunciaran estas palabras lo vemos (V. Cap. IV).

A'e va re, teko porã ijapy eỹ vare ñañemomburu va'erã.

Por consiguiente, debemos dedicarnos con fervor a la obtención de la vida imperecedora.

Néi, a'e ramo, ñane mbaraete, ñande py'aguachu kuaray rupa ñavõ, jechaka rupa ñavõ: a'e va'e jaropy'aguachu pa vy aé je ñande Ru tenonde gua gua'y ruvicha vicha opy'a rechéi re meme ogeuno'ã va'e gui ojokuái ño va'erã jeayú porã pe; ogueroyvỹi uka ño va'erã, omoñeỹchyrõ uka ño va'erã ñe'ẽ porã.

Bien, siendo así, seamos fuertes, seamos valientes todas las noches, todos los días; pues solamente si afrontamos con valor la sucesión de las noches y los días enviará nuestro Primer Padre a los dirigentes de sus numerosos hijos que alberga frente a su propio corazón junto a los bien amados; hará, efectivamente, que desciendan; en verdad, hará que ellos pronuncien largas series de bellas palabras.

El que habla se dirige a los presentes:

Néike, karai kuéry, kuña karai kuéry, peñea'ã i ke peñandu i rei

Pues bien, señores, señoras, esforzá-os (danzad) en virtud de la con-

vy ñane Ñe'eng Ru Ete kuéry pe, japytu'u i ãguã.

ciencia (conocimiento) que tenéis, de los verdaderos padres de nuestras almas, para luego descansar.

* *
*

Mba'ea'ã.

Aipo jevy ma, Ñe'eng Ru Ete i, roporandu i jevy ma mbaraete, py'aguachu reko rã i re.

A'e va re, tove ta ore mbopy'aguachu i jevy jevy.
Opa marangua mbytépy jepe, mby'aguachu reko rã i ereuka ño eteve va'erã nde py'aguachu reno'ã va'e rupi.

Nde yvy rupáre opa mba'e te i ore mbopy'aguachu ãguã rami raga eỹ, opa marangua rami mbopy'aguachu rã rami eỹ rojekuaá va gui jepe, tove i ta ore mbopy'aguachu jevy jevy.

Plegaria.

Henos de nuevo aquí, verdadero Padre de las almas, averiguando nuevamente acerca de la fortaleza del valor.
Por consiguiente, infúndenos tu valor repetidamente.
Aún en medio de todas las cosas malignas ,harás pronunciar por intermedio de tus valerosos hijos que albergas abundantes palabras que nos infundirán valor.
Todos los seres habitantes de tu morada terrenal lastimosamente no merecemos que nos inspires valor; no obstante, a los que manifiestamente rechazamos las inspiraciones de lo malo, te suplicamos nos inspires repetidamente valor.

* *
*

Aipo i jevy ma roñembo'e i ore py'aguachu reko rã re.
A'e va re, Karaí Ru Ete, Karaí Chy Ete tenonde, a'e rami ma nde ra'y py'aguachu o popygua tataendy tatachina pende yva rokáre a'eve rei ma oñeangareko va'e; kuri katué ramo jepe mba'e oupity eỹ va'e, ne remimbo-jeguakáva apyre pyre apyte jave eremoñeangareko a'e va'e; ne remimbojachukáva apyre pyre apyte jave re eremoñeangareko a'e va'e.

Hénos nuevamente aquí orando para obtener valor.
Por consiguiente, Karaí Ru Ete, Karaí Chy Ete, siendo efectivamente así, haced que los valientes hijos que con las llamas y la neblina de sus varas vigilan en forma insuperable los alrededores de vuestro Paraíso; aunque estas cosas para nadie serán jamás asequibles, haced que ellos cuiden de las coronillas de las últimas generaciones de aquellos a quienes pusisteis la insignia de la masculinidad, de las coronillas de aquellas

A'e va re, pende popygua tataendy tatachina tove i taperomba'eapo porã i jevy jevy; a'e ãguã ma roñeendu jevy.

en quienes vosotros pusisteis el emblema de la feminidad, haced que ellos cuiden.
Por consiguiente, haced que obren benéficamente las llamas y la neblina de vuestras varas; para que así sea es que nuestras voces vuelven a escucharse.

* *
*

Ro'e ñendu jevy ma, Jakaira Ru Ete, Jakaira Chy Ete tenonde gua.

A'e rami ete ma, pende ra'y Jakaira mba'e mbojaity a peno'ã va'e, a'e ramo ¡anga! opa marangua mbytépy jepe, pe romba'eapo i jevy jevy pende popygua tataendy tatachina.

Vuelven a escucharse nuestras voces, Jakaira Ru Ete, Jakaira Chy Ete, los primeros.
Siendo verdaderamente así, a vosotros que albergáis a vuestros hijos los Jakaira conjuradores de maleficios, os suplicamos que aún en medio de toda la malignidad de la tierra hagáis obrar benéficamente las llamas y la neblina de vuestras varas.

* *
*

Ro'e i jevy ma, Tupã Ru Ete, Tupã Chy Ete tenonde.

A rami ete ma, yvy rupa aku katuï oupy ramo, peẽ i jevy ma pende ra'y ruvicha vicha pejokuái pende yvy rupáre pemoma'ẽ, pemboro'y pende yvy rupa.

Nde jeguakáva apyre i, nde jachukáva apyre i opa marangua rembijeecha vaí ojekuaá i ma vy, jeepy a kuéry mbovy eỹ peñogueno'ã; a'e rami vy ma, peroaéi ñendu i, pende tarova i jevy, añetẽ guãra my eteve i ma ro jekuaá a gui ore mopu'ã i. A'e va re tove i ta ore mbopy'aguachu jevy jevy.

Volvemos a decir (hablar), Tupã Ru Ete, Tupã Chy Ete, los primeros.
Por ser efectivamente así es que, cada vez que yace recalentada la morada terrenal en toda su extensión, sois vosotros quienes volvéis a enviar a los dirigentes de vuestros hijos y refrescáis vuestra morada terrenal.
Aunque las generaciones de los que llevan vuestra insignia de la masculinidad y las generaciones de las que llevan vuestro emblema de la feminidad están predestinadas a ser acosadas por todo lo maligno, no obstante ello, vosotros reunís innumerables restituidores de la palabra, y así hacéis escuchar vuestras voces, hacéis escuchar vuestros gritos; y aún ha-

llándonos en los umbrales de la muerte, nos volvéis a levantar. Por ser así es que os suplicamos infundirmos repetidamente valor.

* *
*

Además de la serie de himnos trascriptos, tiene cada Mbyá su himno "particular". Los trascriptos se entonan, como se colige del contexto, en las reuniones para orar en común y las danzas rituales; los "particulares" se entonan en la intimidad del tapýi, aunque a menudo, tambien, en las reuniones. Como ejemplos, he recogido los de Inocencio Martinez, de Juagukua i, Yuty, y el de Laureano Escobar, de Tapytã, San Juan Nepomuceno.

Himno de Laureano Escobar

Aipóke, ore Ru Tenonde gua, ndeé rãgẽngatu ma ore reko kuaá a tenonde i.

Oh, nuestro Primer Padre! fuiste tu quien concibió antes del principio las normas para nuestra conducta.

Ndeé rãgẽ ma ayvu rapyta rã reikuaá nde jeupe yvy rupa rerojera eỹ re.

Fuiste tu quien concibió el origen del futuro lenguaje humano antes de haber creado la morada terrenal.

Karaí Ru Ete, Karaí Chy Ete nde yva mbyte rupi Karaí porã, Jakaira porã, Tupã pora reno'ã remi-moñeỹchyrõ.

A Karaí Ru Ete, a Karaí Chy Ete, en el centro de tu paraíso a los Karaí buenos, los Jakaira buenos, los Tupã buenos, puestos en hileras tu albergas.

A'e va re, ore ma'endu'a porãngue i, nde yvy py ropyta mbovy i va'e pe, emoma'ẽ ño ete ke nde ra'y py'aguachu, Karaí, Jakaira, Tupã py'aguachu.

Por consiguiente, hacia los que nos acordamos (de ti), hacia los pocos que permanecemos en la tierra, haz que dirijan sus miradas tus hijos de corazón grande, los Karaí, los Jakaira, los Tupã de corazón grande.

Kova'e gui vy aé, ropyta mbovy i va'e peteĩ teĩ, ore ore py'aguachu ri ñe'ã.

En pos de ella (la grandeza de corazón) es que algunos de nosotros, los pocos que quedamos, nos esforzamos.

Ndeé rãgẽ ngatu ma, Karaí Ru Ete rã i, re'ã ramo, a'e va'e re ima'endu'a porangue i ropyta i va'e roãme a'e va re ore, yvy py ropyta

Por haber sido tu el primero, excelso padre de los Karaí, en erguirte, a nosotros que nos acordamos de ti erguidos; por éso, a los que

va'e ta ore py'aguachu toroãme.

A'e rami vy ete ty ñe'ã, opa mba'e roecha roãmy vy ete, ore py'aguachu vy jepe, a'e rami vy ete aé ma va'erã ore py'aguachu.

permanecemos erguidos en la tierra, haz que nos irgamos (vivamos) con grandeza de corazón.
Teniendo siempre este objeto nuestras plegarias, considerando en nuestro corazón todas las cosas con el solo objeto de obtener valor, obtendremos grandeza de corazón.

* *
*

Himno de Laureano Escobar

Aipóke, ore Ru Tenonde gua! ndeé rãgẽ ma, nde rupa rã reikuaá eỹ re, nde yvára py ñemongeta kurié ramo jepe mba'eve ojoko eỹ ngatu va'e.

Va'ére ma ore, ne remi-mboguyrapa apyre pyre i ore ma'endu'a ne amba ipoata porãngatu vare'ỹ.

Va'e gui jepe, ndeé meme ne remimboguyrapape ñemongeta rembochyryry i jevy va'erã.

Kova'e re ma, mba'eve ne moangeko katu i ramo eỹ jepe, ore ne remi-mboguyrapa apyre i vy aé romoangeko jevy jevy roãmy ramo ma.

Nde ra'y ete rã ndeé rãgẽ ngatu ma rerojera reãmy ramo ma; Ñamandu Py'aguachu reta o yvára jechaka reve voi; Karaí Ru Ete rã, Jakaira Ru Ete rã, Tupã Ru Ete rã, rerojera reãmy ramo ma: kova'e roikotevẽ roãmy, Ñamandu Ru Ete tenonde gua.

¡Oh ,nuestro Primer Padre! antes de haber tu, excelso, concebido tu futura morada terrenal, existía dentro de tu divinidad tu palabra omnipotente (tu palabra a la que nada era capaz de parar o atajar).
Por éso es que nosotros, a quienes tu proveíste de cuerpos que portarían arcos, nos acordamos de tu hermosa morada inasequible.
En virtud de ello, en verdad, tu eres el único que inspirarás palabras a quienes tu proveíste de arcos.
Es por eso que, aunque en verdad nada te puede molestar, nosotros las generaciones de quienes tu proveiste de arcos, te importunamos repetidamente, por habernos erguido (adquirido conciencia, etc).
Habiendo tu, excelso, al erguirte el primero, creado a los verdaderos futuros padres de tus hijos, a los numerosos Ñamandu valientes con el reflejo de su sabiduría; a Karaí Ru Ete, a Jakaira Ru Ete, a Tupã Ru Ete: es de ellos de quienes tenemos necesidad en nuestro corazón ¡oh verdadero Padre Ñamandu el Primero!

A'e ramo ma, nde ra'y py'aguachu reta yvy py ne remimboguyrapa mbyte py, orecha mboguejy porã jevy jevy va'erã, Ñamandu Ru Ete Tenonde gua. Kova'e re, reroayvu vy aé ma yvy py jeguakáva reko rã i, reroayvu tenonde reãmy; jachukáva reko rã i yvy py reroayvu reãmy; a'e ramo ma, nde reé meme rojerovia roãmy, Ñamandu Ru Ete tenonde gua.

Por consiguiente, tus numerosos hijos valientes dirigirán buenamente sus miradas hacia las coronillas de quienes tu proveíste de arcos ¡oh verdadero padre Ñamandu, el Primero! Por ésto, habiendo tu en verdad, establecido las leyes para los que llevan la insignia de la masculinidad, habiéndolas tu establecido al erguirte; habiendo tu establecido en la tierra las leyes para las que llevarían el emblema de la feminidad: es por ésto que confiamos en ti, ¡oh verdadero Padre Ñamandu, el Primero!

Nde ra'y ru ete rã mbovy katu eỹ ne rembi-roayvu meme: a'e rami ete reno'ã nde yva pyte jave jave rupi ima'endu'a porangue i pe.

Fuiste tu quien inspiró la palabra a los futuros numerosos padres de tus hijos; asimismo los albergas en toda la extensión de tu Paraíso para los que se acuerdan buenamente (de ti).

A'e rami ma, nde reé rojae'o. Porangue i pe nde ra'y remboayvu ño ete ne; nde yvy py opa mba'e opu'ã va'e mbytépy, nde ra'y py'aguachu reta remboayvu ño ete ne.

Por ser así es que a ti clamamos. A los buenos tu harás que hablen extensamente tus hijos; harás que tus hijos de corazón grande hablen en medio de todo lo que se levanta en la tierra.

Kova'ére ma romoangeko, Ñamandu Ru Ete tenonde gua.

Para que ésto acontezca es que te molesto, Ñamandu Ru Ete el Primero.

* *
*

El noviciado del que aspira a que los dioses inspiren puede durar años; durante él, el neófito entona los himnos trascriptos, buscando diariamente comunión con su dios tutelar o padre de su alma: Ñe'eng Ru. Debe frecuentar las reuniones para orar en común, asistir a las danzas, ajustarse al código moral, la que impone la hospitalidad, la caridad, el amor al prójimo. Cuando los dioses le consideran merecedores de recibir mensajes divinos, v.g., iniciarse en la práctica de la medicina mística, conjurar los maleficios, etc., cae el novicio en un estado comparable al de trance. Esto sucede a veces en una reunión para orar en común. El Mayor

Francisco, de Tava'i, recibió su mensaje hallándose convalesciente de una larga enfermedad. Durante este estado de excitación religiosa o fervor, recibe un mensaje de Ñamandu Ru Ete concebido en los siguientes términos, trasmitido por intermedio de un intermediario (invisible). El que trascribo literalmente es el que recibió Francisco:

Néi, a'e ramo, rejeayú che ri teī ma iku.

A'e ramo ma, ñande Ru Tenonde "ñe'ẽ porã earõ je" e'i ague ramo rejepoguyro uka i va'ekue ma ri teī.

A rire jepe, reñembo'e poriaú jey ty ra'e, kuaray rupa ñavõ re, jechaka rupa ñavõ re.

Va'e oecha ñande Ru tenonde gua, ñande Chy tenonde gua.
A'e vy ma, aipo e'i:
-Mba'ére voi ñande ra'y apyre oñembo'eche ri ño ty ra'e?

-A'e va'e ma jaecha reí eỹ aé, e'i ñande Chy tenonde.

A'e ramo, aipo e'i ñande Ru Tenonde:
-Néi, a'e ramo, yvy rupa avaete porangatu eỹ re jepe, che ñe'ẽ ñeỹchyrõ gui araaka i ãguãé ma.

-Cheé voi ma, jeguakáva reko rã kuaá tenonde are vy ma; cheé vy aé jeguakáva moñeenói ãguã che popygua rapyta tataendy tatachina aroỹvỹi, ijyvára mbopy'aguachu rã i, ijyvára mbaraete rã i amoñenói che jeupe.

Pues bien, con falta de entereza, efectivamente, te has dedicado a obtener que se te ame.
Por consiguiente, te has desviado de aquello que dijo nuestro primer Padre: "esperarás palabras hermosas".
No obstante, has vuelto a orar con perseverancia, humillándote grandemente todas las noches, todos los días.
Esto lo han visto nuestro primer Padre, nuestra Primera Madre.
Por consiguiente, dijeron:
-¿Porqué es que el descendiente de nuestros hijos persevera, pronunciando plegarias?
-De estas cosas en ninguna manera solemos hacer caso omiso, dijo nuestra primera Madre.
Por consiguiente, nuestro primer Padre ha hablado así:
-Bien, siendo así, mis series de palabras en manera alguna fueron destinadas para ser enviadas a la morada terrenal horrorosa, imperfecta.
-Sin embargo, fuí yo el primero en conocer las costumbres de los que llevarían la insignia de la masculinidad; siendo yo el primero que hizo descender las llamas y la neblina de la extremidad de mi vara a fin de que los que llevarían la insignia de la masculinidad y el emblema de la feminidad pudieran ser llamados por sus nombres; y para inspirar valor en sus almas,

A'e va re, mba'e a'euka ño va'erã ipy'aguachu pe ma vy, imbaerete pe ma vy.

y fortaleza pronuncié sus nombres en la soledad.
Siendo así, abundantes palabras le haré pronunciar para su valor, para su fortaleza.

* *
*

Poraéi porã yvategua gui oikuaa va'e oñembo'e porã i va'e.

Hermoso canto que supo de los de arriba uno que entona hermosas plegarias.

-Néi, che ra'y kuéry, cheé che rembi-mbojeguakáva ambojeguaka-vyapu va'ekue rami eỹ pa ma oiko; a'e vy ma, ñande Ru Tenonde gua.

-Bien, mis hijos, aquellos a quienes puse la insignia de la masculinidad no proceden de acuerdo a los cantos que yo les inspiré, así (habló) nuestro Primer Padre.

-Che ra'y ima'endu'a porangue i ndaecha véi ma. Mba'e vare che ra'y apyre noñemo-mboriaú ete rei ri che reé?

-Buenos recuerdos en mis hijos ya no veo más. ¿Porqué será que los descendientes de las generaciones de mis hijos dejaron de humillarse ante mi?

A'e ramo, ñande Chy Tenonde:

En respuesta, nuestra Primera Madre:

-Cheé, aecha poteri ima'endu'a porangue i. Oime oime poteri oñemomboriaú va'e chevy. A'e va re ma, kapi'i aviju ty re eichu marane'ỹ ano'ã, ima'endu'a porangue i che rupity vy ambojéjuruéi ãguã.

-Yo veo aún buenos recuerdos. Hay todavía algunos pocos que se humillan ante mi. En vista de ello yo, en los pajonales eternos, abejitas "eichu" he reunido, para que aquellos que albergan buenos recuerdos pueden enjuagarse la boca (con miel).

Kóma, che yva rokáre, ajaka i ju ano'ã, che memby apyre pyre i oñevanga ãguã.

-He aquí, en los alrededores de mi Paraíso, canastillas milagrosas he reunido, para que con ellas puedan jugar las descendientes de las generaciones de mis hijas.

Esta conversación entre el Padre y la Madre de los dioses, captada por el dirigente y trasmitida a los de la tribu en forma de himno, constituye una advertencia a los hombres, cuya irreligiosidad comienza a irritar al Ñe'eng Ru Ete. Su ira ha sido desviada mediante la religiosidad de las mujeres y niñas, cuyas preces han sido escuchadas por la Madre de los Dioses, quien se prepara para recibirlas, cuando retornan a la morada de ella, con miel de *eichu* y canastillas indestructibles o eternas. Merece su-

brayarse el hecho de que el nombre de las Pléyades, tanto en mbyá-guarani como en guarani "clásico", es Eichu, nombre autóctono de estas abejas.

* *
*

Kuaray oñeama.

Iporangue py oñemboayvu eỹ eta ma vy, Kuaray oñeama.

Imarã va'erã eỹ vy jepe a'e rami, ojeechauka ñande Ru Kuaray.

-Kuaray oó rã che yvy re, no endúi je oñembo'e porã i va'e che ambáre; a'e va re che ra'y ajoko pota, pytũ oiko ãguã, e'e Ñande Ru Tenonde.

A'e va re, ijayvu jevy Tupã Ru Ete:

-Néi, ambe rãgẽ; pytũ jajapo va'erã ramo jepe, jajapychaka ñande ra'y mbovy katu eỹ re, ñane remiñeangareko ñamboapyka ague re.

-Ayvu kurié opa eỹ va'e amondouka yvy py; che ñe'ẽ te che rovia rovia ramo, ochapukái porã jevy i va'erã che ambáre.

-A'e rami eỹ ramo, ndeé ma, ore Ru Tenonde, reikuaá nde yvy re rejapo va'erã.

Se eclipsa el Sol.

Siendo numerosos los que no dirigen plegarias a los dioses, se eclipsa el Sol.
Aunque no será destruído él, en esta forma nos advierte (se nos muestra).
-En su viaje por mi tierra, dice el Sol que no escucha buenas plegarias dirigidas a mi morada; por tanto, yo detendré a mi hijo el Sol para que sobrevengan tinieblas, dice nuestro Primer Padre.
En cosecuencia, ha vuelto a hablar Tupã Ru Ete:
-Bien, esperemos; aunque debiéramos crear tinieblas, prestemos oídos a nuestros innumerables hijos, a aquellos a quienes damos asiento para tenerlos a nuestro cuidado.
-Palabras perdurables he enviado a la tierra; si algunos entre ellos (entre nuestro hijos) ponen fe en estas mis palabras ,volverán a clamar buenamente en alta voz a mi morada.
-Si así no aconteciere eres tu, nuestro Primer Padre, quien sabes qué hacer de tu tierra.

Un eclipse del Sol es motivo para que toda la población se dedique a la danza con acompañamientos de himnos entonados en alta voz: chapukái. Estos cantos los escucha Tupã Ru Ete, y se lo comunica al padre de los dioses, evitando así que sobrevangan las tinieblas. Compárese con el episodio del mito de Pa'i Rete Kuaray referente al origen de los eclipses del sol.

* *
*

Eepy a jajerure a.

Ne retarã na echãi ramo ,poã reikuaá ve eỹ ma vy, ñe'eng mbyte ojeayupi katu ma vy, eepy a re rejerure va'erã. Kórami i ma reñemboayvu va'erã;

-Néi, ore Ru, ndeé Ñamandu Ru ete ma vy, ndeé araka'e reikuaá Karaí Ru Ete rã, Jakaira Ru Ete rã, Tupã Ru Ete rã.

-Aipóke, arojepychaka nde ra'y jeepy a mbovy katu eỹ reno'ã va'e.

-Arojepychaka, arojerovia nde ra'y jeepy a.

-Nde ra'y jeepy a ruvicha vicha mbovy katu eỹ reno'ã ramo, eroñemongeta yvy re, yvy rovakére.

-Nde ra'y Jakaira Rekoé reta, nde ra'y jeepy a meme, emboú yvy rovakére, embotarova-ñendu ke ore apytére; kova'e gui jeepy a tojekuaá.

-A'e va re, che mbopy'aguachu ke, kurieve ramo jepe mby'aguachu mba'eve omoakamby i eỹ va'e.

Cómo se pide la venida de quienes redimen la palabra (*resucitan*).

Hallándose enfermo tu compueblano e ignorando ya tu qué remedios administrarle, hallándose ya por ascender la médula de la palabra, debes pedir la venida de los que redimen el decir. En estas manera debes orar:

-Bien, nuestro Padre, fuiste tu quien por ser el verdadero padre Ñamandu conociste el futuro Karaí Ru Ete, al futuro Jakaira Ru Ete, al futuro Tupã Ru Ete.

-Héme pues aquí, invocando a tus innumerables hijos, rescatadores del decir, que tu albergas.

-Yo invoco a tus hijos que redimen el decir, y en ellos pongo mi confianza.

-En virtud de albergar tu a innumerables dirigentes de tus hijos que redimen el decir, haz que ellos envien su palabra a la tierra, que la envíen allende la tierra.

-A tus hijos los inumerables Jakaira Rekoé, a todos tus hijos que redimen el decir, envíalos frente a la tierra, haz que se escuchen sus clamores en nuestras coronillas, que en virtud de ello se produzca la redención del decir.

-En esta manera, concédeme grandeza de corazón, grandeza de corazón que nunca jamás se bifurcará.

Si el enfermo objeto de esta plegaria va a "resucitar", escucha el médico agorero el siguiente mensaje:

-Tereó eovaichĩ ñe'eng, emboguapy jepy: che naikotevei poteri.

-Ve al encuentro de la palabra y dále nuevamente asiento: yo no necesito aún de ella.

-Kóva'e togueraá jeepy a; kóva'e gui yvára jeepy ojekuaá ma. Kóva'e gui ereñemombe'u are chi py'aguachu ke, opy'aguachu che vy ma gueterã yvára jeecha vaí oguero-ñemombe'u Ñe'eng Ruvete py.

-Que éste (a un enviado) lleve la redención del decir; que en esta forma se manifieste la divina redención del decir. Que en virtud de lo ocurrido, aquel que hizo que yo escuchara estas cosas, aquel que me las confió obtenga grandeza de corazón; porque buscando grandeza de corazón divulgó al verdadero padre de la palabra la angusta de alma de su compueblano.

* *
*

NOTAS

Tatachina reko achy: neblina imperfecta: humo de tabaco.

A'e vy ty: perseverando en ésto. Las traducciones que de esta particula da Montoya (N.° 17 de su "Tesoro") son: lugar de las cosas, costumbre, no perseverar. Pareciera que esta última definición se debe a un error, debiendo ser perseverar, como se colige de los ejemplos de su empleo que cita. Porque en estos ejemplos (como en mbyá-guarani) tambien denota perseverancia; v.g.: che ty = estoy (contuando); ka'a ty = donde hay la yerba, etc.

Mbojaity: sacudir, conjurar. Uno de los procedimientos es como sigue: el enfermo de quien se sospecha haber sido herido furtivamente o embrujado es introducido en el *opy;* el médico, despues de orar y cantar, recibe un mensaje de los dioses informándole de la naturaleza del mal que aqueja a su paciente; v.g., si es un caso de embrujamiento o de heridas inferidas por un espíritu o por algún árbol de alma indócil. A veces se le administra una infusión de *Pipi* — Fitoláceas — y se le empapa con una infusión de *Poã pochy* — el remedio bravo, yerba que según dicen, parece ejercer una acción estimulante sobre el sistema nervioso y los músculos voluntarios. Este mismo *Poã pochy* a veces se administra en pequeñas dosis al enfermo. Mediante la succión extrae el médico de las visceras del enfermo gusanos, si se trata de embrujamiento; y de guijarros y hojas si se trata de heridas inferidas por "los seres invisibles", o un árbol. En los últimos casos, los dioses castigarán al culpable:

Tupã avaete kuéry, Jakaira avaete kuéry, jaecha eỹ va'e omotare'ỹ; poro-avykyá omotare'ỹ. Oñembochi Tupã kuéry: yvyra iñe'ẽ ikatupyry eỹ va'e ojaka.

Los Tupã avaete, los Jakaira avaete (furiosos) persiguen a los seres invisibles; persiguen a los que hieren furtivamente. Lanzan rayos los Tupã; reprenden violentamente a los árboles de alma indócil.

Tratándose de un caso de embrujamiento, los gusanos (u otros insectos) que extrae el médico son cargados en un cañuto de *takuapi* — Merostachys clausenii, en la que han sido cargadas previamente virutas de

yvyrapepē — Holocalyx balansae, y espinas de *ju morī* — Pareschia aculeata. Encima de los gusanos vuelve a cargarse espinas y virutas; se tapa herméticamente el cañuto con cera y se coloca en posición vertical, semienterrado, al lado del fuego. Al derretirse la cera, el mismo calor que mata los gusanos fulmina al hechicero autor del embrujamiento, penetrando en su cerebro a traves de su coronilla. En caso de que así no ocurriere, los dioses se encargarán de castigarlo de otra manera. — Tambien se ma ha informado de casos en que los gusanos extraídos de la víctima son introducidos en un cañuto de takuapi conteniendo, además de las virutas y espinas mencionadas, grasa de víbora cascabel y jaguar. — Ocurre sin embargo a veces que, debido a la presión producida por el calor dentro del cañuto herméticamente cerrado, revienta éste y vuela por los aires; en este caso la dirección que toma revela el lugar en que debe ser buscado el hechicero culpable quien, una vez individualizado, es ajusticiado si muere su víctima y, en caso de recobrar éste la salud, recibe numerosas heridas en ambos brazos. El único caso de juicio por hechicería del que he podido obtener datos fidedignos ocurrió en el Alto Monday en el año 1935, en consecuencia de cuyo juicio fué ultimada una mujer y castigadas con heridas en los brazos sus supuestas cómplices.

Mo-tare'ỹ: enemistar, perseguir. Es la misma voz *ambotarei* que da Montoya, aunque discrepo con él acerca de su etimologia. La palabra mbyá se descomponen en: mbo = hacer que; a, ha, háva = el lugar en que; eỹ = negativo; v.g.: quitarle todos los medios de estar tranquilo.

Oñembochi: los rayos con truenos con que los dioses exteriorizan su cólera. Parece conservarse en la vernácula en: cigarro chiri = cigarros fabricados de tabaco de inferior calidad; y petỹ chiri = tabaco id.; por el leve chisporroteo que producen durante la combustión. Dicen los Mbyá que un escopetazo podría calificarse de: añembochi; y en guayaki *chiria* significa feroz (Bertoni, G.T.: "Diccionario Guajaki"). ¿No habría que buscarse la etimología de Chiriguano en estas palabras?

Ojaka: reprende violentamente. Comp. con Montoya.

Yvy re itáva reí va'e: los habitantes ociosos de la tierra, nombre genérico de los duendes, entre los que pueden citarse:

Iñakanguaja: dueños de los barreros — lugares adonde acuden los animales en busca de la sal que aflora a la surpeficie. Se manifiestan a veces en forma de meteoros que estallan, en cuyos casos se dice que estos duendes están de visita: jopoú iñakanguaja. Este duende fué originariamente un hombre virtuoso que habia alcanzado el estado de *aguyje* y estaba próximo a iniciar la ascensión al paraiso. Pero dominado por la codicia, habia acumulado tantos animales y tan grande era la casa que había construído para albergarlos, que no cabía en ls puertas que dan acceso a Yvy Marã Eỹ; y tuvo que volver a la tierra, convertido en espíritu guardián de los barreros.

Guachu Ja Ete: el verdadero dueño de los venados, llamado tambien: *Omimby i va'e* = el que silba, duende que tambien corrompe a las doncellas: *iengue omboeko vaí*.— Una mujer se introdujo en una chacra ajena y hurtó porotos; el niño de pecho que llevaba en brazos fué convertido en Guachu Ja Ete, y ella en venado. — No suele molestar a los que no dan motivo para ello:

Guachu Ja Ete mba'eve re eỹ ñanemoangeko va eỹ.	El Guachu Ja Ete es de los que no nos molesta sin motivo.

En el Cap. XVIII hallará el lector un cuento, cuyo personaje principal es este duende.

Yãkayvy'ãja: dueño de los barrancos precipitosos de los ríos, que habita los precipicios que bordean los cursos de agua.

Itaja, itáre itáva rei va'e: dueños de las rocas, habitantes ociosos de las rocas.

Mbogua, takykuéry gua, (angue): nombres aplicados a fantasmas de origen humano, v.g., la segunda o "alma animal" que permanece en la tierra despues de morir el ser humano. Es por temor a *Mbogua* que los Mbyá abandonan sus poblaciones cuando en ellas ha fallecido una persona. Este mismo fantasma anuncia la proximidad de desgracias, la muerte, etc. con un grito agudo que escucha el que se halla amenazado. Montoya da la palabra *mboguavi* con el significado de Demonio.

Piragui: ser anfibio, comparable a nuestra sirena.

Tapy'yi: seres semejantes al hombre, pero carentes de orificio anal, por cuyo motivo se alimentan exclusivamente de líquidos.

Kurupi: seres inmortales, habitantes de grandes cavernas de las que, según dicen, existen varias en el departamento de San Juan Nepomuceno. El que se atreve a ello puede comunicarse con ellos y obtener el don de la inmortalidad. Al que desea iniciar contacto con ellos, sin embargo, le anuncian su aparición con truenos, temblor de tierra y vientos huracanados, por cuyo motivo se aconseja atar un pollo: uru en la boca de la caverna del Kurupi en calidad de primer emisario, colocándose el postulante a una distancia prudente, para despues acercarse e iniciar conversación. El *Kurupi* de los Mbyá no guarda semejanza con el clásico kurupi guarani de enorme miembro viril, duende del amor o la lascivia.

Karugua, yvyra'ija: nombres aplicados a un duende que algunos confunden con el Guachu Ja Ete, pero que creo debe ser distinto.

Aó-aó y Pyta jovái: monstruo lanudo el primero; provistos de dos talones, el segundo, y sin dedos en los piés; salvajes y antropófagos.

Ava poapy: otro monstruo maligno, antropófago, provisto de garras muy largas.

Mbaí: duendecillo malévolo.

Eira-jagua: monstruo en forma humana, cubierto de una coraza de escamas que le hace invulnerable a las flechas y balas; tiene, sin embargo, un punto vulnerable, pero no en el talón, sino en la boca del estómago. V. en el Cap. XVIII un cuento que tiene por personaje un Eira Jagua. De todas las especies animales dicen que hay un ejemplar monstruoso, fantástico, la mayoría de los cuales viven solos, en lugares solitarios, y no se procrean. De éstos, he oído citar el *Mbií jagua*, oruga monstruosa que habita en el país de los Paĩ; la *Jeruchi jagua* (jeruti = paloma); *Tapi'i jagua; Ka'i Jagua* (mono) que vive asociado con el *Moñái* o *Ta'ytetu Jagua* (cerdo montés pequeño).

Ninguna de las figuras de la mitología iguala en poder a los dioses o sus emisarios:

Yvýre itáva rei va'e reta, yãkãyvy'ãja, amboaé jaecha eỹ va'e reta, iporangue ombojoja ame rami vy jepe, oekupity va'erã eỹ.	Los numerosos habitantes ociosos de la tierra, los dueños de los precipicios y demás numerosos seres invisibles, aunque aparentemente se asemejan a los Seres Buenos, no podrán igualar a ellos en poder.

Pyronga: aquel en que pone el pié, a quien inspira: lugarteniente. V. *mopyrõ* = hacer que se encarne, Cap. IV.

Mba'e i: palabras, en este caso; seres, cosas. Ñe'ã mba'e i: palabras de una plegaria .

Mberu ra'y: hijos de las moscas, v.g., larvas, gusanos. Guarani: yso. Ycho, en mbyá, es un gusano o larva comestible.

Tatapy rupa: asiento de fogones, población. Che ratypy gua aéi: mi compueblano.

Guero-chyry: hacer correr, que desaparezca.

Ka'avo: amuleto, sortilegio; yerba nociva.

Yvyra Ñamandu: cedro. En el vocabulario común: ygary.

Aju'y: "Laurel" u Ocotea.

Omoakamby mboriaú: hace que se bifurque — se debilite — el amor. Dícese tambien: *omoakamby arandu*: deja que su ciencia sea atraída hacia las cosas vedadas.

Ogueropochy pa katuī: se enfurece sobremanera contra muchas cosas. Montoya da la voz *catuí*, pero no *katuī o catuĭ*.

Nunga: semejante a.

Ñaikychī mba i: le inferimos heridas superficiales. Guarani: jahaí pa, jahaí pa reí.

Oyta: horcón. Montoya: oquyta.

Jaga, jayá: cortar, herir con arma cortante.

Moambague: asesinar. Lit.: hacer que (mo) un hogar (amba) se convierta en ruínas (kue).

Ñe'ã mba'e i: palabras de un himno, o mensaje divino.

Aendu veí pa: oigo, sin darle importancia; perdono. Montoya, creo, no da esta palabra.

Je ayú porã pe; jajeayú riú etevy jepe: los bien amados; aunque seamos sinceramente amados. El empleo de la forma pasiva denota que los hombres son amados de los dioses, pero que si nuestro amor si bifurca, no alcanzaremos la gracia. Nótese el empleo de la preposición pe en vez de la narigal *me* despues de *porã*.

Opa marangua: todas las cosas nefastas.

Kuaray rupa ñavõ, jechaka rupa ñavõ: todas las noches, todos los días, en el vocabulario religioso.

Opa marangua mbojeecha vaí: acosado por lo nefasto o maligno, en todas sus manifestaciones.

Pende tarova ñendu: hacéis escuchar vuestros clamores Tarova, nombre de los cantos en alta voz; tambien, con os de los mismos dioses.

Añetẽ guãrãmy eteve i ma rojekuaá: nos hallamos en los umbrales de la muerte, condenados a morir.

Iku: en verdad, efectivamente. Comp. con *ico*, Montoya.

Teī: engañosamente, con falta de sinceridad. Según Montoya: con mentira. Consérvase en el Guaira en oraciones como: Péina ko oho teī = por fin se fué (despues de mucha dificultad).

Oupy: "supino" de u = estar (Montoya). Empl. a menudo, pero no siempre, para indicar que el objeto está en posición horizontal. V. ayube, ayu, p. 66 del "Arte" de Montoya.

Jepoguyro: zafarse. Comp. guiro, poguiro (Montoya).

Ãguãẽ: contracción de ãguã = adv. de futuridad; aé = efectivamente.

Ijyvára mbaraete rã: para fortalecimiento de su alma.

Eepy: rescatar el decir; resucitar.

Kuaray oñeama: el Sol se eclipsa.

Ambe: espera. Verbo defectivo; empleado, pero poco, en el guarani contemporáneo.

CAPITULO X

Poã Reko Achy. — *Los Remedios Imperfectos.*

En un estudio hecho a pedido del Instituto Indigenista Interamericano, al que ya he hecho alusión, dije:

-Según la filosofía mbyá-guarani existe estrecha relación entre *Teko achy,* las imperfecciones humanas que, al morir el hombre se convierten en *angue* o *mbogua* — y numerosas enfermedades. A la influencia de *teko achy* — la vida imperfecta o las pasiones humanas, atribuyen los Mbyá gran número de enfermedades; en otras palabras, estas enfermedades son atribuibles a la influencia de nuestras propias pasiones sobre nuestros destinos, a la inobservancia de los preceptos divinos y las infracciones al código moral. La rama de la medicina que llamo racional cumple la misión de proveer al Indígena de armas con que defenderse de las enfermedades comunes, productos casi todas ellas de *teko achy,* las imperfecciones, las pasiones, los apetitos.

Esta afirmación la hice basándome en lo que dicen los mismos médicos indígenas:

Ñande reko achykuégui opu'ã ñande reé ñane mba'achy rã.	De nuestro imperfecto vivir se apoderan de nosotros nuestras enfermedades.

La relación existente en la filosofía mbyá entre *teko achy* — vida imperfecta, dolorosa, y enfermedad: *mba'achy* = enfermedad, queda demostrada tambien en los siguientes preceptos entresacados del código legado a los Mbyá por Pa'i Rete Kuaray:

Iñypyrungue peroatachina va'erã; petỹ chimbo reve pe'u va'erã. A'e ramo eỹ ramo, pene rembi'ukuégui opu'ã va'erã pende reé pende *reko achy* rã.	La primera pieza de caza que cogiéreis debéis fumigarla, con humo de tabaco debéis comerla. En caso de que así no hiciéreis, de vuestro alimento adquiriréis malestares, enfermedades, imperfecciones.
Tembi'u aguyje peroayvu va'erã pende arygua kuéry pe; a'e rami eỹ ramo, mitãre guembikuégui gueko achy rã opu'a va'erã eche..	Los frutos maduros debéis dedicarlos a los de arriba; en caso contrario los niños de su propio alimento contraerán enfermedades.

Los elementos racionales de la terapéutica mbyá-guarani, es decir, los medicamentos utilizados en el tratamiento de enfermedades atribuibles a influencias telúricas, fueron divulgados a la humanidad por los dioses:

Ñande Ru tenonde kuéry, o yvy oeja ma inõgỹ ma vy:
-Néi, che rajy apyre pyre i, che ra'y apyre pyre i, aáma.
Poã i aeja i imoiny, nda'evéi aé ramo peteĩ va ẽỹ oiporara va'erãẽ ma moã oguereko eỹ vy. A'e va re ma, poã re pepoko i ma vy, che reé ma perojerovia va'erã: a'e vy aé ma pemboaje-uka porã i va'erã.

Estando nuestros padres por abandonar la tierra (dijeron):
-Bien, generaciones de mis hijas, de mis hijos, ya me voy.
Remedios pongo para dejaros, por no ser lícito, en ninguna manera, que numerosos seres tengan que padecer por falta de remedios. Por consiguiente, cuando cojáis un remedio pondréis en él, en mi nombre, plena confianza; únicamente así obtendréis que sea eficaz.

-Néi, che Ru Ete, che Chy Ete, poã teko achy peikuaá ma vy, teko achy poã rã i peeja rire ma vy, che Ru Ete, che Chy Ete, pende reé ajerovia vy ma poã aipo'o i.

-Bien, verdadero Padre mio, Madre mía, por haber vosotros conocido los remedios imperfectos; habiéndo-nos vosotros, mi verdadero Padre, verdadera Madre, dejado los remedios de las imperfecciones, porque deposito en vosotros mi confianza es que cojo este remedio.

A'e va re ma, pemboajeuka porã i va'erã, poã reko achy pytyvõ arã jepe mbovy katu eỹ peno'ã va re. Guírami ere va'erã, poã reipo'o i vy.

Por ésto vosotros haréis que sea eficaz, por albergar vosotros numerosos seres que coadyuven a la eficacia de los remedios de las imperfecciones. Así hablarás al coger remedios.

Agregan los médicos:

Jajerovia porã i va'erã; jarojerovia porã i va'erã Ñande Ru Tenonde gua re, Ñande Chy tenonde gua re. A'e ramo aé ijaje i va'erã poã. Jajerovia ete ỹ ri ramo, ndaijajéi va'erã poã a'e javi kue i.

Debemos tener fe, tener confianza en ellos por haber sido dejados por nuestro primer Padre, nuestra primera Madre. Unicamente así serán eficaces. No depositando plena confianza en ellos no será eficaz ninguna clase de remedio, sin excepción.

C. H. de Goeje, en "Revista do Museu Paulista", Nova Serie, N.° 1, Vol. I, ha dicho: "Si l'Indien ou le Nègre veut avoir de la sagesse, ils se

rendent dans des trances médiumnistiques; ils ont plus de confiance en leur subconscience qu'en leur intelligence". Y el Padre F. Müller, en una excelente reseña de la medicina guarani ("Anthropos", Band XXX, 1935) dice: "Wenn hier von Medikamenten und Zauber gehandelt wird, so tragen wir damit lediglich unserer Anshcuung Rechnung. In der Mentalität der Guarani gehören beide Dinge zusammen..." Todo investigador que haya estudiado la psicología del Indio estará de acuerdo con estas observaciones, y deben tenerse muy presente, aún considerando la rama de la medicina aborigen que designo con el nombre de Medicina Racional. Pues, aún en muchos casos de enfermedades atribuíbles a influencias telúricas y susceptibles al tratamiento que prescribe la medicina racional, v.g., la administración de remedios de las imperfecciones: *poã reko achy*, recurre el médico indígena a la plegaria en busca de iluminación. Y más de uno me ha asegurado haberle los dioses divulgado los remedios a emplearse en tales casos, no solamente durante el sueño, sino durante el fervor religioso de la danza, etc.

La medicina guarani ha sido objeto de numerosísimos trabajos; trátase ademas de un aspecto de la cultura aborigen al que menos atención he prestado, por estar convencido de que un estudio científico requeriría la colaboración de médicos, psicologos, botánicos y farmacólogos. Me limito, por consiguiente, a trascribir una lista de las enfermedades más comunes — anotada de paso — con algunas recetas empleadas en su tratamiento.

Aí vaí ija va'e: llagas feas que tienen dueño, v.g. que se deben a la presencia de parásitos (microbios?) 1) Hojas de *ñerumi*: Baccharis dracunculifolia, chamuscadas y espolvoreadas sobre la llaga. 2) Corteza y hojas de *Parapara'y*: Jacaranda cuspidifolia, aplicadas en la misma forma. 3) Aceite de *Ycho pytã*: larva de Rhinchophorus palmarum y de *teju*: iguana, aplicadas a la llaga.

Apycha rachy: dolor de oído. Zumo de flores de *andaí*: calabaza dulce, calentada e introducida en el canal auditivo.

Karugua rachy, ñande karugua pa vy: *reumatismo*: 1) Internamente, infusión de huesos de tapir, chamuscados. 2) Inf. de karagua poã = el remedio de reumatismo: Aristolochia triangularis. 3) Aplicación de ychy, resina extraída de los panales de abejas silvestres mezcladas con cenizas de karugua poã.

Kyringue i acho vaí pa ramo: lombrices en las criaturas. Cocimiento de yvyra kachĩ: Bergeronia cerisea; ndavy'ái (?); raices de javyrandi: Piper; endulzado con miel.

Mbói py gya poã: remedios contra mordeduras de víboras. 1) Cocimiento de plumas y molleja de Inambu guasu: guarani, Ynambu kagua. 2) Cocimiento de Peguaó mirĩ: Thalia geniculata; u'yvarã: Cordiline dracaenoides y raices de Mbery: Canáceas. Tambien he oído mentar una yerba llamada Poã pochy, el remedio bravo.

Mba'acha tata: enfermedad del fuego (fiebres). 1) Infusión de Ka'a ete i: Solanáceas, y Jaicha ka'a = Begoniáceas. 2) Cocimiento de cedro en zumo de naranjas agrias. 3) Cocimiento de Javyrandi.

Ñande rachy vaí pa ramo: venéreas. Cocimiento de takuaryva, planta llamada "cola de caballo" en la vernácula. 2) Tajuja: Cayaponia ficifolia. 3) Parapara'y: Jacaranda cuspidifolia.

Ñande ruguy oguata porã eỹ ramo: estancamiento de la sangre. Baño caliente con cocimiento de Taturuguái, hierba aromática algo parecida al toranjil.

Pi'a oñeunga rire aku vaí pa ramo: fiebre en las criaturas despues de contusiones. Infusión de Ygaryrã: Cabralea cangerana.

Pengue: fracturas. Vendar con pasta de Pengue poã, orquidácea muy mucilaginosa. Internamente: infusión de nido de hormigas coloradas.

Ñañemboguái ramo: heridas cortantes y lacerantes. Cataplasmas frías con pulpa de Jakare ruguái rã: Cactáceas.

Pochy meguã: demencia. Ka'avo tory: Hypericum connatum. 2) Manji manji'o ?. 3) Fricciones en todo el cuerpo con sangre Akuti jagua: acuti grande. Si no responde al tratamiento, es porque se ha encarnado en la víctima el alma de un animal feroz, debiendo recurrirse a la medicina mística. V. Cap. XVI.

Poã piro'y: remedios refrescantes. Ypekũ ka'a guachu: Loranthâceas. 2) Jatevurã: Peperonia cyclophylla, etc.

Temo: sarna. Ka'a tái: Poligonun acre. 2) Cocimiento de Parapara'y en Jatayva kamby: látex de Chlorophora tinctoria.

Tete racho gui gua poã: remedios contra los gusanos del cuerpo que producen malestares como entumecimiento, calambres, etc. Cocimiento de Poã pochy, ya mencionada.

Te'õ'ã: epilepsia. Cocimiento de Aju'y vaí: Cordia lillioi; Tembetary kachĩ: Rutáceas; Ju ovy?; poã ruvicha: Brunfelsia uniflora.

Tyé vaí: dolores en el bajo vientre. Infusión de grillos internamente, y cataplasma de estos insectos a la parte afectada.

Taiñykã rachy: paperas. Fricciones con Jaicha pái gue: grasa de Paca, y aplicar una pipa de fumar caliente.

Tãi rachy: dolor de muelas. Petỹngua ychy: resina de una pipa. 2) Cocimiento de Mbaratatavy: Cecrópeas.

Juku'a: tos. Cocimiento de Guemberã: Casearia sylvestris. 2) Fricciones en el pecho con grasa mezclada con Pipi: Petiveria aliácea. 3) Cocimiento de Amambái: culantrillo; jaguapinda: Pisonea aculeata, y Tanimbu rembojape: cenizas viejas del fogón.

Jyryvi remo: irritación de la garganta. Cocimiento de Guemberã.

Jyryvi aí: ulceración de la garganta. Infusión fuerte de corteza de Karaja'y: Pterogyne nitens. Administranse tambien febrífugos.

Juru aí: aftas. Yryvaja rembi'u: Schinus molle. 2) Miel de jate'i y mandori (Trigona).

Jakaráu ramo: luzaciones. Vendaje con Pengue poã, orquidácea mencionada.

Ju'ái: bocio. Aplicación de látex de Koachingy: hi guerra silvestre, colocándose alrededor del cuelo del enfermo tiras de corteza del mismo árbol. A veces, el enfermo es llevado hasta el mismo árbol, apostrofándosele en la siguiente forma:

Aju nde yvypy py, Koachingy,
aipota erembokuera kuña (a:ava)
A'e va'e re aju rojavyky.
Rembokuera eỹ ramo chevy aju
va'erã roake'o.

Vengo junto a tu tronco, Higuera,
quiero que sanes a esta mujer
(hombre). Por éso es que vengo a
herirte. Si no me la sanas, vendré
a derribarte a hachazos.

Techa rachy: mal de ojos. Conocen cuatro clases: techa rachy reí: mal de ojos simple; taku gui gua: producido por el calor; yro'y gui gua: id. por el frío; techatũ: catarata. Entre los remedios empleados para curar el mal de ojos común, figuran la leche de mujer y aceite de Piraju: Dorado, Salmidus brevidens. 2) Cocimiento de Aguarapo: Solanum robustum, en leche de mujer. En el mal de ojos atribuído al frío, se lavan la cara y cabeza en infusión de poã raku: remedios calientes, v.g., yerbas aromáticas; y en los casos atribuídos al calor, en agua corriente fría e infusiónes de poã yro'ychã: remedios fríos o febrífugos. En un caso de catarata, he visto recurrir al látex del Ficus.

Ñande kutu ápy: dolores lancinantes en el vientre. Cocimiento de Takuaryva: "cola de caballo".

U'yvypy ra'ỹi: hinchazón de la ingle. Aplicación de grasa animal y fricciones con pipa caliente.

Un árbol de que me habló el Cacique Che'iro del Alto Monday, es el *Yvyra moã guachu*, al que se atribuye propriedades catárticas; y sin duda, existen muchas plantas empleadas por los Mbyá cuyas propriedades merecerían ser estudiadas.

* *
*

Teko porã ja.

Imemby eta ete va'e nda'evéi aé;
ñañemoña etereí vy, ñande ra'y che
ve'ỹ vy, ñande ra'ychy jaiporiaúvereko vy, ñaipoanõ va'erãẽ ma:
memby ve'ỹ ja ja'uka va'erã.

Los dueños del buen vivir o normal funcionamiento (de los órganos de reproducción de la mujer).

No es bueno que la mujer tenga
demasiados hijos; si somos en exceso prolíficos y, por compasión
a la madre de nuestros hijos no
queremos tener más prole, debemos tratarla, debemos adminis-

Kuñangue i jareko va'e imemby eta rire, imemby va'ekue rami eỹ iyvi reí ramo, ñaipoanõ va'erãẽ aveí imemby ve'ỹ ãguã, naimemby kakuaái ramo.

trarle los dueños de la esterilidad (preventivos).
Si la mujer que tenemos, despues de haber concebido muchos hijos, se yergue solitaria (como árbol carente de hojas y ramas), tambien debemos tratarla, a fin de que deje de concebir, por no sobrevivir sus hijos.

La técnica más empleada para evitar la concepción es como sigue: abstención de relaciones sexuales durante dos meses, fricciones en el bajo vientre de la mujer con grasa de Jaicha: Paca, administrándole una dosis diaria de Polypodium polypodioides y cola chamuscada de oso hormiguero grande. A esta infusión agregan algunos otra epífita de la familia de las Cactáceas, la Rhipsalis spe. Estos remedios se designan con el nombre de *Memby ve'ỹ ja* = los dueños o productores de la esterilidad.

Memby raku i ja:

Nda'evéi aé ramo kuñangue i imemby eỹ va'e jareko, ñaipoano va'erãẽ ma. Kuñangue i imemby va'erã ma: A'e ramo ãguã aé oeja rire ñande áry gua kuéry, ja'uka va'erãẽ memby raku i ja imemby eỹ va'e py.

Los dueños del calor de las criaturas (*productores de fertilidad*).
Por no convenir en ninguna manera que tengamos mujeres estériles, debemos tratarlas. La verdadera misión de la mujer es tener hijos; por habérlas los situados encima de nosotros puesto, en verdad, para este objeto, debemos administrar a las que no conciben los dueños del calor que produce hijos.

Ijyvy rupa tenonde aé ma oikuaá uka rire nda'evéi ramo kuñangue i imemby eỹ vy, guembireko imemby eỹ va'e oĩ ramo poã jajapo i va'erã. Gueko oecha rire kuña, opytu'u aé ma vy, poã memby raku i ja o'u va'erã; pytũ ypy peteingue i; Ñamandu kuéry ñanemopu'ã áre, ja'uka peteingue, mokoingue i.

Por haber divulgado los dueños de la Primera Tierra que en ninguna manera convenía la esterilidad en la mujer, habiendo alguien que tenga mujer estéril, debemos hacer los remedios. Despues del período, y hallándose la mujer ya bien sana, debe tomar el remedio dueño del calor de las criaturas: al caer la noche, una vez; y cuando los Ñamandu nos levantan, una vez o dos.

Moã o'u jave ndoiko akúi va'erã. Gueko re oiko puku kue, cho'o omboaja; ei, juky ndo'íu va'erã.

Mientras toma el remedio, no necesita someterse a régimen. Durante todo el período debe abste-

nerse de carne; no debe comer miel ni sal.

Memby raku i ja mokõi jóramigua ēỹ oī: peteī pytã,
peteī chi'ī.

Del remedio que produce la fertilidad hay dos variedades distintas: una roja, la otra blanca.

La muestra de una de las especies mencionadas de Memby raku i ja la clasificó el Prof. Teodoro Rojas, a pedido del farmacéutico don Silvio Codas, siendo la Usnea barbata; no pude obtener una muestra de la otra especie mencionada. — Todos los medicamentos empleados en Ginecología se designan con el nombre de Teko Pora Ja: los dueños del buen vivir, es decir, medicamentos que producen el normal funcionamento. Además de los citados, he anotado:

Mitã je ojaú, endague ndo'ái: nace una criatura sin caer el sobreparto. El tubo de cera, chamuscada, que da entrada a las colmenas de las abejas Jate'i (Trigona), en infusión.

Gueko ndoecha porãi: menstruación excesiva. 1) Takuarembo'a; hongo que se cría en la Chusquea ramossissima, en cocimiento. 2) Infusión de yerba mate y cenizas. Como estíptico empléase, tambien, raíces de la palmera pindo; y como emenagogo: Poã kachī yapo rupi gua, hierba aromática de los bañados, de las verbenáceas.

Practicar el aborto es raro; a las culpables se las designa con nombre infamante de "*omemby u'a*": las que decoran a su propria prole; y del contexto del himno trascripto en el Cap. V., colígese que la paternidad y maternidad eran originariamente consideradas como funciones sagradas.

* *
*

NOTAS

Iñypyrungue: primera pieza de caza que se coge.

Oeja ma inõgỹ vy: la traducción parece ser: lo abandonaron, poniéndolo; pero *inõgỹ*, en vez del "supino" de *no, ñono*, poner, puede tambien ser adverbio de tiempo, correspondiente al *no* que da Montoya.

Moiny: "supino" de moī, poner.

Porara: padecer, sufrir, Comp. con Montoya.

Peteī va eỹ: no uno, muchos.

Mboajeuka, ijaje, mboaje: prestar eficacia, eficaz, hacer que sea eficaz.

Yvypy: tronco, pié; ingle.

Koachingy: Ficus. Guarani: Guapo'y.

Ake'o: derribar con hacha.

Gueko oecha rire: despues de estar con la menstruación. Gueko = su costumbre; menstruación.

Ndoiko akúi va'erã: no necesita someterse a régimen (vivir o estar caliente). Oiko aku: se somete a régimen.

Mboaja: abstenerse de. Aja: prohibido, ilícito. Aja eỹ: lícito, permitido.

CAPITULO XI

Ñande reko rã oeja va'ekue Ñande Ru porã kuéry.

Los preceptos que dejaron nuestros Buenos Padres para nuestro gobierno.

El código mbyá guarani, recopilado con la colaboración del Cacique Pablo Vera y el Mayor Francisco, de Tava'i. Los párrafos referentes al homicidio son síntesis de una arenga pronunciada por aquél con motivo del ajusticiamiento de un reo convicto de homicidio, en una tolderia llamada Alambre Punta, Caaguazú.

* *
*

Iengue tape rupi oguero'a va'e oñenupã iño va'erã. A'e rami eỹ ramo, mba'e reí reí ome'ẽ va'erã. Embirero'a kue omano ramo katu, omano eteve va'erã.

Aquel que se haya apoderado violentamente de una niña al lado del camino recibirá numerosos azotes. En caso contrario, compensará a la víctima. Si su víctima muriera, es indispensable que su agresor muera.

Guapicha oikutu va'e, omboguái va'e, yvyra raimbépy oinupã va'e, ome'ẽ va'erã mba'e reí reí. A'e rami eỹ vy, ojekutu va'erã, oñemboguái va'erã, yvyra raimbépy oñenupã va'erã; oepy va'erã.

El que haya hincado a su prójimo, el que haya inferido herida cortante, el que haya castigado con espada de madera, dará compensación.
Si así no aconteciere, debe ser hincado, cortado, castigado con espada de madera: purgará su delito.

Imonda va'e oñenupã va'erã. A'e ramo eỹ vy, mba'e reí reí ikokue va'épy ome'ẽ va'erã joguereko porã i jevy ãguã.
Nde ra'ychy oiko ñemi ramo amboaé reve, reeja rive yvi i va'erã rejaéi jepe eỹ re.

El ladrón será azotado. En caso contrario, compensará al dueño de la chacra a fin de que vuelva a reinar la armonia entre ellos.
Si la madre de tus hijos convive a escondidas con otro, debes repudiarla (dejarla) prudentemente, sin antes maltratarla.

A'e rami eỹ vy katu, nde repoí reeguái vy peteingue a'e rami oiko

En caso contrario, si no tienes intención de repudiarla por haber

ramo, reroayvu porã rãgẽ i va'erã. A'e rami ramo noendúi ramo katu, repoi ete i ma va'erã.

obrado así una sola vez, debes aconsejarla oportunamente en buena forma. Si a pesar de tus buenos consejos te hace caso omiso, debes repudiarla definitivamente.

Guapicha rete porã i re ija'e eỹ ma vy oó oapy, a rire ma, a'e kue jevy va'erã. A'e ramo aé a'eve.

Aquel que por desamor al cuerpo hermoso de su semejante incendiara su vivienda sufrirá la misma pena; únicamente así hay justicia.

* *
*

Un caso de infidelidad conyugal, representado en forma de comedia por los chicos de una población.

Víctima:
Che ra'ychy ojava ty ra'e ava reve. A'e va'e aipota reikuaá-pota i. A'e ramo va'erã chevy a'eve.

Hé aquí que mi esposa se ha fugado con un hombre. Esta cosa quiero que lo investigues. Si así se hace, será de mi agrado.

Dirigente:
A'eve iño katu; jaikuaá-pota iño va'erã. (A sus soldados): Néi, a'e ramo, tapeó peikuaá-pota i. Peupity águi perojevy mokõi ve i.

Está muy bien, hemos de investigar lo ocurrido. (A sus soldados): Bien, siendo así, ved a investigar. De donde los alcancéis traed de vuelta a ambos.

Se ausentan los soldados y vuelven con la pareja.

Dirigente:
Peupity ño pa?

¿Les dieron alcance, efectivamente?

Soldados:
Ta, roupity ño ko, añetẽ.

Si, les alcanzamos, efectivamente.

Dirigente:
Néi, a'e ramo, pejo i rãgẽ apy; pejo pa i rãgẽ, kunumi ngue i, kuñataĩ ngue i, yvyra'ija kuéry, tachayvu rãgẽ peteĩ i.

Pues bien, venid todos acá un momento; mozos, mozas, señores, permitid que os dirija la palabra durante un momento.

A los fugitivos:
Marã rami rupi nda'u pejava? Mova'ẽ rãgẽ nda'u omboypy i araka'e pejoguero-java ãguã?

¿Por qué motivo fué que os fugásteis? ¿Quién concibió originariamente la idea de que os fugás-

A'e va'e aipota pemombe'u porã i chevy.

Los fugitivos:

Jovái ve i rojoayú aé ma vy a'e rami roiko.

Dirigente, al hombre:

Néi, ne mba'e reí reí remboacha ño va'erã, embireko reve reiko i ramo aé ma. Nde py'aguachu i vy aé ma a'e ramo reiko. A'e rami eỹ ramo, ere ñenupã ño va'erã.

Fugitivo (a la víctima):

A rire, ame'ẽ ramo nda'u, torypápy porã i jevy nda'u japyta reegua?

Víctima:

Torypápy porã i japyta va'erã.

Dirigente:

A'eve i ma katu, a'e ramo.

seis? Esto es lo que quiero que me expliquéis en buena forma.

Por habernos amado mutuamente en buena forma es que hemos procedido así.

Bien, darás en cantidad objetos de tu propriedad por haber convivido, efectivamente, con su mujer. Verdaderamente, tienes coraje para proceder en esta forma. En caso contrario, recibirá azotes en cantidad.

Y bien ¿si doy (mis objetos) volveremos a vivir en buena armonía?

En buena armonía hemos de vivir.

Siendo así, está arreglado el asunto.

* *
*

Teko Avy.

Cheé, arandu porã ano'ã ñande arygua kuéry gui. A'e va re cheé, iporã árupi pogueroayvu va'erã. Ñande Ru porã kuéry ñande reko rã oeja va'ekue rupi vy aé ma jaiko porã i va'erã, ñande yvate i va'erã. A'e rami eỹ ramo katu, jajeeko--me'ẽ va'erã opamarangua pe. Né, a'e ramo, ko a'e va'e, che reindy i kuéry, che ryvy i kuéry, kurié jepe opa eỹ va'erã ko ch'ayvu amombe'u; a'e va re ke pejopyý porã i.

El Homicidio.

Yo me inspiro en la buena ciencia de los de arriba y, en virtud de ello, buenos consejos he de impartiros. Solamente mediante los preceptos que nos dejaron nuestros buenos padres hemos de vivir en armonía, hemos de prosperar. En caso contrario, permitimos que se apodere de nosotros el hacedor de todo mal. Por consiguiente, ésto que digo, mis hermanitas, mis hermanitos, estas mis palabras no las digo para que tengan efecto efímero; escuchalas pues con atención.

Tay jepe, akate'ỹ ramo ta'y reé, mba'eve ojapo eỹ ramo jepe, ta'y ñamoangeko vy ipochy, ñande pi.

Mismo la hormiga, en defensa de sus hijos, cuando a ellos los molestamos se enfurece y nos pica, aunque con ellos nada consiga.

Guyra kyrī i gua'y re akate'ỹ aveí: oecha ta'y jaru operere mba'eve ojapo va'erã eỹ vy jepe.

Tambien los pajaritos defienden a sus hijos y viendo que nos apoderamos de ellos baten las alas, aunque con ello nada puedan hacer.

A'e rami a ramive, ñande ñane rakate'y aveí ñande ra'y kue i ry re, ñande rajy kue i ry re. A'e vy, mbyte gui jepe embiapo ño ri ty joé ramo, nda'evéi aé ma. A'e rami ramo, ndachepoakái ri vaé ma, nda ch'ayvu rapéi

Exactamente en la misma manera, nosotros defendemos a nuestros hijos, nuestras hijas. Por consiguiente, si entre ellos se infligen grandes males (se matan) el hecho es en extremo grave. Cuando tales cosas acontecen, me hallo impotente, faltan caminos para mis palabras (enmudezco, no pudiendo alegar nada en defensa del victimario).

Ñe'ē porã ete ano'ã ramo jepe, a'e va'e ijoko py eỹ.

A pesar de haberme inspirado en excelentes palabras, esta cosa es irremediable (no puede defenderse).

Cheé, iporã va'erã re aroayvu: a'e va'e mbytépy jepe Mba'e Pochy omoakañy ño ri ty. A'e va re aé ma nda che poaka véi ãguã iny ra'e.

Yo imparto los buenos consejos en que me he inspirado (he recibido); aun en medio de ellos Mba'e Pochy ha prosperado, haciéndole perder la cabeza (al victimario). Estas cosas suceden para que sobre ellas carezca en absoluto de potesdad.

A'e gui katu, mba'e te'ỹ te'ỹ re ramo katu, che poaka meme iny teko a'e javi.

Con excepción de ello (el homicidio) en todos los casos de delitos, sin excepción, estoy facultado para intervenir.

A'e va'e katu, teko avy katu, mba'eve py imoatyrõmby eỹ: a'e va'e ñande reko ipoýi ve va'e oī. A'e ramo, ekovia eteve i ramo aé, opa rive yvi va'erã.

En cuanto a este caso, el homicidio, sin embargo ,en ninguna manera admite componendas: se trata del crimen más grave que cometemos. Por consiguiente, el purgarlo (con la vida) es la única manera en que puede haber justicia.

Durante largo rato permanece inmóvil el Cacique, con la mirada fija en el cielo, sin pronunciar palabra; luego prosigue:

-Che remimondouka yvy py ma oikóvy, Mba'e Pochy rembiapo aé ma oiporu. Aùe ramo vy ma'e i Ñande Ru Tenonde — guapicha porangue i oayú ãguã ãguã rami ve'ỹ eko.

-A'e va re ma, ñande nañambojerovia véi ri ma va'erã, ñame'ẽ ma va'erã eko-marã arã kuérype. A'e va re ma, cheé, ijapytépe ramo, naroñemongeta véi ma va'erã che ra'y py'aguachu kuéry.

-Néi, a'e ramo, ja-ekome'ẽ Mba'e Pochy pe; embiapo vaí ma; guapicha rete porã i oguereko marã Mba'e Pochy ñe'ẽ rupi. A'e va re, ndajaupity ukái ri ma va'erã ñane amba

-Portándose como si no hubiera sido enviado por mi a la tierra, ha obrado exclusivamente de acuerdo a los designios del Ser Furioso. A causa de ésto — dice nuestro Primer Padre — no ha amado sinceramente en su corazón a sus buenos semejantes.

-Por consiguiente, nosotros dejaremos de estimarle; hemos de entregarlo a aquellos que han de destruir su ser. Por tanto, yo dejaré de inspirarle bellas palabras através de su coronilla por intermedio de mis hijos de corazón grande.

-Pues bien, siendo así, entreguemos su ser al Ser Furioso; ha delinquido; ha destruído, por inspiración del Ser Furioso, el hermoso cuerpo de su semejante. Por consiguiente, no debemos permitirle que alcance nuestra morada.

Acto contínuo, se procede a ejecutar en el reo la pena de muerte, recayendo generalmente el papel de verdugos en muchachos pubescentes, quienes deben inferir al reo las mismas heridas recibidas por la víctima.

* *
*

NOTAS

Guero'a: apoderarse violentamente de una persona o animal, derribándolo; violar.

Mba'e reí reí: objetos de la propriedad de alguien; animales.

Mboguái: inferir heridas cortantes.

Oepy va'erã: debe purgar, indemnizar, rescatar.

Oiko ñemi: vivir a escondidas, cometer adulterio. Mitã ñemingue: niño adulterino o bastardo.

Reeja rive yvi i va'erã: debes dejarla, como si no hubiera ocurrido nada; discretamente. Oiko oiko rive i: vive como si no aconteciese nada, v.g., es una persona que nunca da ofensa a nadie; Guarani: ikaraí guasu etereí. Con estos ejemplos del empleo de *rive*, mas los ejemplos en el Cap. VIII, puede el lector formarse juicio de su valor, porque no figura en el TESORO, y ha desaparecido de nuestro léxico.

Jaéi: maltratar. Guarani: jahéi.

Oó: su casa. Posesivo "reflejo": goó. Guarani: hóga.

A'e kue jevy va'erã: debe suceder la misma cosa; debe pagar la misma pena.

Java, guero-java: fugarse, fugarse en compañia de.

Kuaá-pota: averiguar, investigar.

Ta, roupity ño ko, añetẽ: si, les alcanzamos, efectivamente. Ta equivale a nuestro afirmativo *hẽ*. Nótese la última sílaba nasalizada de *añetẽ*.

Kunumi: muchacho, mozo.

Yvyra'ija: portador de la vara; hombre respetable.

Mboypy: concebir, dar origen, comenzar.

Gueroayvu: conversar, discurrir, dar consejos.

Tay: hormiga. Guarani: tahýi.

Akate'ỹ: mezquinar, defender por amor a.

A'e a ramive: exactamente en la misma forma. Guarani: upéichaite avei.

Embiapo ño ri ty joé: grandes cosas hicieron los unos a los otros; locución empleada al referirse a las luchas en las que resultan muertos y heridos.

Eno'ãmy: supino, según la clasificación de Montoya, de no'ã, gueno'ã = adquirir, inspirarse en.

Mba'e Pochy omoakañy ño ity: el Ser Furioso le hizo perder, efectivamente, en verdad, la cabeza.

Nda chepoaka péi ãguâ iny va'e: estas cosas existen (son) únicamente, para que yo deje de tener facultad sobre ellas. El verbo *iny* indudablemente corresponde al *ni* de Montoya = estar en plural.

Mba'e te'ỹ te'ỹ: cosas carentes de genuinidad; crímenes, delitos.

Opa rive yvi i va'erã: terminará sencilla y rectamente, v.g., de acuerdo a justicia. Rive = sencillamente (v. arriba); *yvi* = derecho, recto. *Amboyvi* = enderezo, corrijo.

Jaeko-me'ẽ ma Mba'e Pochy pe: entregamos su ser al Ser Furioso. No solamente debe morir el culpable: su alma tambien es entregada al Demonio, quien la devora. El ajusticiamiento de un reo no es acompañado de llantos y endechas, sino celebrado con musica y algazara. En caso de que el victimario ha cometido más de un homicidio, puede purgar su crimen juntamente con un hermano, etc., pues la ley exige vida por vida: ekovia va'erã teko avy. Teko avy = homicidio; ekovia = dar en trueque, sustituir. — Los castigos que inflige el código en casos de hechicería son descritos en el Cap. IX.

Por corresponder a lo que podría llamarse su "código civil", trascribo los siguientes párrafos relacionados con la propriedad de los difuntos, dictados por Tomás, de Yvytuko.

Omano va'e mba'ekue i.

Omano va'e mba'ekue i jajavyky va'erã eỹ Tupã kuéry oecha eỹ mboyve i. Tove Tupã kuéry toecha rañe i japoko ãguã mba'ekue i re. Overa, oñembochi rire Tupã kuéry, oecha ma rire o yvy rupa, ikatupyry eỹ va'ekue ombokatupyry rire, mba'ekue i re japoko va'erã.

La propriedad de los muertos.

No es lícito tocar los objetos de los muertos antes de haberlos visto los Tupã. Que los vean primeramente los Tupã, luego toquemos los objetos de los muertos. Despues de haber los Tupã enviado rayos y truenos, poniendo en orden lo desordenado, hemos de tocar las cosas de los muertos.

Los objetos pertenecientes a los muertos son colocados sobre la sepultura — hecha generalmente en la misma vivienda del muerto — y generalmente (por no decir siempre) abandonados. Lo trascripto se refiere a las sementeras que, como se colige, *pueden ser aprovechados*, pero en la mayoría de los casos son abandonados tambien.

CAPITULO XII

Karaí ogueroaỹvu gua'y omenda che va'e.

Un señor da consejos a su hijo que quiere casarse.

Ndeé, che **ra'y,** remendache va'erã ichy va re, tuú va re.

Tu, mi hijo, querrás casarte con una que tiene madre, que tiene padre.

I chy, tuú, iporiaú kue i ete va'e py nome'ẽchéi va'erã guajy. A'e rami ramo, reñea'ã va'erã revy voi ãguã, ne rembiapópy nde pojava ãguã. A'e vy aé, remenda i ma vy nde ro rã, nde kokue rã rejapo pojava va'erã.

Su madre, su padre no querrán dar su hija a un sujeto excesivamente pobre. Por consiguiente, debes esforzarte por despertarte temprano, por ser activo en la ejecución de tu trabajo. Unicamente así, cuando te cases, construirás pronto una casa, harás pronto una plantación.

Nde kokue kyrĩ ete vy, ndogeroorýi va'erã nde ra'ychy, naiñembyaýi chéi vy. A'égui katu, noĩ chéi va'erã tapýi vaí kue i guy py.

Si tu plantación es demasiada reducida, no se regocijará, porque no querrá pasar hambre. Ademas, no querrá vivir bajo un rancho destartalado.

Ñande Ru tenonde gua re nema'endu'a va'erã: a'e ramo aé nde yvate i va'erã. Ne ma'endu'a porã i vy aé katu ñane renonde ijapy ri ma jepe, tenonde gua ma vy ñande reko mbojoapy jevy jevy i eno'ãmy va'erã. Ñande Ru jechaka kuaray rupáre oó ramove, tatachina rerojere va'erã pytũ rupáre, repytu'u porã i ãguã Tatachina rerojere eỹ vy, ikuái reí va'e reta ñanemoangeko .

Debes acordarte de nuestros primeros padres; únicamente en esta manera prosperarás. Si te acuerdas de ellos como es debido, aunque nuestros días tienen fin (señalado) los Primeros añadirán repetidamente días a nuestra vida, alargándola. En cuanto el reflejo de nuestro Padre penetre en la morada de las tinieblas, debes recorrer los lugares oscuros esparciendo neblina, para que puedas descansar tranquilo. Si no recorres (la vivienda) esparciendo neblina los seres invisibles que pululan por ahí nos molestan.

A'e rami va'erã ramo tatachina jarojere va'erã ñande roka-ryapy rupi. A'e rami ãguã Jakaira Ru Ete oguerojera petỹ, tatachinakãgã te-

Por haberse dispuesto que así fuera, debemos recorrer, esparciendo la neblina por los alrededores de

ko achy reko rã oikuaá ma vy; oipytyvõ-uka va'erã vy ma rire, ja-jerovia va'erã.

nuestra vivienda. Para que asi procediésemos fué que Jakaira Ru Ete creó el tabaco y la pipa una vez que hubo conocido las futuras costumbres de los hombres; habiéndolos creado con la intención de prestarles eficacia, debemos darles fe.

Apúre reí ke nde ra'ychy emotare'ỹ eme. Nde rapicha kue i ry reve eiko-kuaá ña'ã reikovy. Nde rañe reí ke nde rapicha kuérype nde vaí eme. Eporoa'ã eme ke: tove taivaí kue i nde rapicha kuéry, ojeupe aé ri ma ivaí kue okuapy. Ndeé, nde ra'y che va'erã: oporoa'ã che va'ekue ta'y vaí kue va'e. Ñama'ẽ rive i va'erã ñande rapicha vaí kue i re; a'e vy aé ñañemoña porã i.

No riñas a tu mujer por simples murmuraciones. Con tus semejantes trata de vivir en armonía. En ninguna manera seas tu el primer en enojarte. No remedes a tus semejantes: déjese en paz a los tullidos, que los defectos que les afligen no son de incumbencia de otros. Tu querrás tener hijos: aquel que se burló de sus semejantes remedándolos suele tener hijos tarados. Debemos mirar a nuestros semejantes haciendo caso omisso de sus defectos; únicamente así engendraremos hijos sanos.

Nde ra'ychy kórami eroayvu i ipuru'a i ramove: -Eñemboory eme ke nde rapicha i re; ema'ẽ rive i ke; eroory rive i ke, mitã porã i oiko ãguã.

En esta forma aconseja a tu esposa en cuanto esté embarazada: -No te burles de tus semejantes; mírales con sencillez; recíbeles con hospitalidad, a fin de que nazca un hijo hermoso.

Mitã ereko i ma vy, emoñembyáyi eme, nde reko mbovy'a arã i oú va'ekue ramo ma. Ne reinupãi i va'erã: remombo'o porã i va'erã; ejaéi eme nde ra'y i re. A'e rami ramo aé, mitã reecha jevy jevy i va'erã, mitã ijyvate i va'erã.

Cuando tengas un niño, no permitas que pase hambre, por tratarse de quien ha venido para alegrar tu existencia. No has de castigarle; has de apaciguarlo; no te enojes con tu hijo maltratándolo. Unicamente así volverás repetidamente a ver un niño, y los niños prosperarán.

Mitã ijaviru i vy, tanimbu akúpy jaipichy pa i va'erã; a'e va'e py okuera i va'e.

Si la criatura padece de flatulencia, debemos friccionarla con cenizas calientes; con ésto suelen sanar.

Oñeanga pa i vyve nde ra'y, guachu retyma apytu'unguépy reipicha pa i va'erã oguata pojava ãguã.

Nde ra'y naechãi ramo, poã re'uka va'erã ndereikuaái ete i vy, imboú are kuéry rerochapukái va'erã. Rerochapukái ma vy, tatachina reiporu va'erã oecha ãguã rejerovia jekuaá reãmy a Ñande Ru tenonde. Guírami rerochapukái va'erã:

-Che ra'y i arojeecha vaí, manga, ore Ru tenonde gua, ore Chy tenonde gua! A'e vy ma che ma'endu'a, Ñamandu Ru Ete, Ñamandu Chy Ete. Nde ra'y py'aguachu mbovy katu eỹ reno'ã va'e gui rejokuái va'erã emoñeangareko jeayú porangue i re, a'evý mba'eve emoingo eme. Ndeé, Jakaira Ru Ete, che roatachina porã i, che retarã kue i ry a'e javi reve, mba'eve i oiko eỹ ãguã.

Kuñangue i imemby ma vy, omboaja va'erã cho'o, tembi'u ijoá va'e, eí, juky. Peteĩ jachy peve ojekoaku va'erã. Ñande ñamba'apo poy poýi eỹ va'erã ñande ra'y ramo vy; a'e ramo eỹ ramo, mitã aruá ete i va'erã: jaiko aku va'erã.

Aruá poã yvy re oiko; a'e va'e reru va'erã mitã ryé rupi remboja mboja. A rire, okupeguy gui reru va'erã yvy oky vy otyky ague i, a'e va'e i puru'áre remoĩ. A'e va'e ombokuera pojava.

Cuando intenta dar los primeros pasos, con tuétano de huesos de venado debes friccionarle bien para que camine pronto.
Hallándose enfermo tu hijo y si ignoras qué remedios darle, debes invocar, clamando, a los que le enviaron. Al invocarles, clamando, debes utilizar la neblina (humo) para prueba manifiesta de la fe y devoción que tienes para nuestros Primeros Padres. En esta forma les invocarás:

-Me aflige el mal estado de mi hijo ¡ay de mi! mi primer Padre, mi primera Madre. Por ésto es que te invoco, acordándome de ti, Ñamandu Ru Ete, Ñamandu Chy Ete. Haz que los numerosos hijos de corazón grande que tu albergas para ejecutar tus designios cuiden de nosotros los que nos amamos y evita, por intermedio de ellos, que nada ocurra. Tu, verdadero Padre Jakaira, esparce sobre mi y mis compueblanos sin excepción la neblina, para impedir que nada ocurra.

La mujer despues de tener un hijo debe abstenerse de carne, comidas irritantes, miel y sal. Durante una luna debe someterse a régimen. Nosotros no debemos hacer trabajos pesados cuando acaba de nacernos un hijo; en caso contrario, el niño se perjudica: debemos vivir con cuidado.

El remedio del mal de las criaturas crece en el suelo. Esto lo debes traer y aplicarlos repetidas veces al vientre de la criatura.
Luego del alero de la casa traerás tierra lavada por la lluvia y vol-

Jaecha eỹ va'e kuéry gui ja rokyyje vy mitã, ei rakuãiñachĩ raity gue reru va'erã rejapo tataendy, remoendy pyávy iñakãmy omoangeko eỹ ãguã.

Evo'i guachu mitã ra'ỹvõ vy ma ñande ro py oẽ. A'e rami ramo rejuka va'erã remombo Kuaray reike áre, mba'eve i oiko eỹ ãguã.

Iengue ndopokói va'erã mba'e rei rei ikõi va'e re. Opoko rire, oa'ã ri va'e a'e ramo Mba'e Pochy ñe'ẽ porã omboekovia. A'e rami gua ramo ma, kuñangue imemby va'erã ojepoyú va'erã mitã ivaikue ndoguereko chéi vy. Mitã ikõi va'e oiko vy, i chy nomokambúi va'erã; omombo pa i va'erã.

verás a aplicarselo al ombligo. Esto lo sana rápidamente.
Por temor a que los seres invisibles perjudiquen a las criaturas, traerás cera de abejas "kuañetĩ" y harás velas que encenderás cerca de su cabeza de noche a fin de que no le molesten.
Si la anfisbena aparece en nuestra vivienda, es para anunciar desgracias para las criaturas. Cuando ésto ocurre, debes matarla y arrojarla hacia el poniente para que nada pase.
Las niñas púberes no deben tocar cosas gemelas. Si llegaran a tocarlas, el Ser Furioso se esforzaría por trocar el alma buena. En tales casos, la mujeres en estado de concebir deben recelarse de ellos, por temor a tener hijos imperfectos. Cuando nacen mellizos, su madre no debe amamantarlos, sino arrojarlos lejos de sí.

* *
*

NOTAS

Nome'ẽ chéi va'erã guajy: no querrán dar su hija.

El código mbyá exigía obediencia absoluta a su padre, pero de que esta ley no siempre se cumplía, ni en la antigüedad, constituye una prueba esta fábula: Las muchachas núbiles de una aldea habían sido asignadas en matrimonio; pero, en violación del código, alegando de común acuerdo que a ninguna de ellas le gustaba su pretendiente, se encerraron en el *opy* y se negaron a salir para ser entregadas a sus futuros esposos. Intervino enseguida Pa'i Rete Kuaray y, apostrofándolas con las palabras "Kuña gueropy ¡java mokera! = mujeres que os encerrásteis (en el opy), rápidamente dormid y despertad", las convirtió en abejas *Eirusu,* hasta ahora a veces designadas con el nombre de *kuña gueropy*.

Revy voi ãguã: para despertarte temprano. Montoya da la voz vy con el significado de levantarse.

Ojeupe aé ri ma ivaikue okuapy: existen para que ellos solamente se den cuenta de sus defectos (y no para que otros se burlen). Okua = hay; ndokuái = no hay. Montoya da este verbo *qua,* con el significado de estar en plural, supino quapa.

Ikuái reí va'e: los que están ociosos, los duendes. Ikuái, verbo activo defectivo, solamente se emplea en la vernácula como sufijo verbal, III persona plural.

Mombo'o: *apaciguar*. En guarani significa: destetar. Destetar un niño, en mbyá: mitã ñamboí.

Apytu'ngue: tuétanos. Guarani: karaku.

Aipo che ma'endu'a: así expresso mis recuerdos.

Aruá: el mal de los niños. *Aruá poã*, un pequeño hongo empl. para espolvorear el ombligo del párvulo.

Eirakuãi-ñachĩ: kuãñetĩ, camoati. El nombre mbyá: pene incrustado de espinas, se debe al tubo cilindrico cubierto de protuberancias que da entrada a la colmena.

CAPITULO XIII

Ma'etỹ reko rã i. — *Normas para la agricultura.*

Algunas prácticas y creencias relacionadas con la agricultura, recopiladas con la colaboración de Tomás, de Yvytuko y el Mayor Francisco, de Tava'i.

Amombe'u pota marã rami pa Ñande Ru tenonde oeja ñande ma'etỹ reko rã i. Amoñeỹchyrõ pota ma'etỹ reko rã a'e javi.

Explicaré las normas que nuestro Primer Padre dejó para la agricultura. Enumeraré en su totalidad las reglas concernientes a la agricultura.

A'e vy ma, ára pyaú oeja va'e kue ñama'etỹ ãguã.

De acuerdo a ellas, dejó la Primavera para época de la siembra.

Avachi jachy pyaúpy ñañotỹ va'ekue naiporã chéi; iypépy voí u'ã racho pa. A'e rami eỹ vy katu, aỹi porã ri vy jepe, ichĩguã'ã voí. A'e nunga ramo ma, jachy pyaúpy ñañotỹ va'erã eỹ araka'e. A'e nunga ramo ma, jachy pyaúpy ñañotỹ va'erã eỹ araka'e. Jachy pa'ũre ñañotỹ va'ekue aé oiko porã i va'erã. A'égui, manji'o a'e rami aveí: jachy pyaúpy guare iarẽ reí reí. Jety katu jachy pyaúpy guare ogue voí ojavyky ycho ngaruru. A'e rami eỹ ramo katu, i'a racho pa i aveí.

Maíz que se siembra en luna nueva no prospera. Al endurecerse el cogollo, se llena de gusanos. En caso contrario, aunque produzca buenos granos, éstos se llenan pronto de gorgojos. Debido a estos hechos es que se dispuso que no se sembrara maíz en luna nueva. Unicamente lo sembrado en menguante prosperará. Con la mandioca tambien pasa lo mismo: la que se planta en luna nueva da a menudo tubérculos podridos. En cuanto a la batata, las hojas de las plantadas en luna nueva son enseguida atacadas por el gusano "ngaruru" y si se libra de ellos, los frutos se llenan de gusanos.

Jachy ra'y ñañotỹ va'erã eỹ a'e javikue ra'ỹi.

Ninguna clase de semilla debe ser sembrada en luna nueva.

Tajy ipoty ramove, ñañotỹ va'erã mba'e reí reí ra'ỹi a'e javikue i. Tajy poty re yro'y o'a jevy vy jepe, yvate rupi aé ma o'a; mba'e reí reí reñói ndojuka véi i ma.

En cuanto florece el lapacho debemos sembrar toda clase de semillas, sin excepción. Aunque alguna helada volviera a caer sobre las flores del lapacho, ya solamen-

Oẽ peẽ mba ramo ne ma'etỹ i, eipa'undy-monde jevy voí, joavy eỹ ãguã, jojavi raí raí a'ỹi mba ãguã.

Oky jaipota i vy, ñande popygua i jaraá i y py jaeja i. Jaipycho y py imo'ãmy. A'e rami ramo, oky iño va'erã aé ma.

Avachi para i, kumanda ñuú, avachi yvỹi i, manduvi ave i jevykuerã i ñañotỹ va'erã. A'e va'e i te ma ijevykuerã i iñotỹmby vy ma: guembe aju mbytépy ñañotỹ i.

Nde kokue ituí va'e reroayvu i va'erã, mba'e rei rei reipota eỹ ramo ojavyky. Nde aé re'u eỹ vy, nde repoyúi va'erã reroayvu ãguã Ñande Ru tenondépy. Guirami reroayvu va'erã ne ma'etỹ ague i, oecha ãguã Ñande Ru tenonde:

-Evoko ituí che ma'etỹ a i.
Emoñeangareko ke Jakaira kuéry oiko porã ãguã añotỹ va'ekue a'e javi. Mba'e reí reí ikuaí va'e ne rembijera meme vy ma, ndevy arombo'e-ñendu. Ne amba ipoataá porangatu eỹ re vy jepe, aroma'endu'a che ma'etỹá i oiko porã i ãguã, che retarã kuéry reve ro'u i ãguã.

A'e ramo ma, Ñande Ru ogueroñemongeta va'erã gua'y ruvicha vicha:

te alcanzará las alturas, ya no matará los brotos de las plantas.
Si germina en forma despareja lo que sembraste, debes replantar enseguida, para evitar que tu plantación sea despareja y fructifique en forma más o menos uniforme.
Cuando queremos que llueva, llevamos nuestra vara al agua, dejándola allí. La clavamos en posición perpendicular, sumergida en el agua. Haciendo ésto, es seguro que llueva mucho.
Maíz moteado, porotos precoces, maíz enano y además, maní, sembrarás para la segunda cosecha. Estas son las únicas semillas para la segunda cosecha: se siembran a mediados (de la época) de la madurez del guembe.
Debes orar por tus sembrados (que se extienden), porque no querrás que los insectos los devoren. No tendrás recelo en hablar de ellos con nuestro Primer Padre, pues no están destinados a ser consumidos solamente por tí. En esta manera orarás por lo que sembraste, para que lo vea nuestro Primer Padre:
-Hé aquí se extienden mis cultivos. Haz que los Jakaira los vigilen a fin de que todo lo que he sembrado prospere. Habiendo sido creadas por ti todas estas plantas que se ven, a ti dirijo esta plegaria referente a ellas. Y aunque no se hallen dentro de tu morada inasequible, tan hermosa, a ti te las consagro a fin de que prosperen, para que me sirvan a mi y a mis compueblanos de alimento.
En vista de ello, Nuestro Padre hablará a los numerosos dirigentes de sus hijos:

-Mba'ety mirī rupa rã ke che ra'y kuéry toguero-jekuaá, omopyrõ ãguã kuña karaí kuéry, oecha ãguã yvy potýra mirī, mitã i kuéry oupi ãguã. A'e va re Tupã kuéry a'ety cñeangareko va'erã pende yvára popyte ñemo-mba'eavyky re.

Ne rembi'u reegua ijaguyje ramo, re'uka i va'erã ne retarã kuéry a'e javípe. A'e javi ja'u avói ma tembi'u aguyje oiko; takate'ỹmbyrã eỹ. Ja'uka ramo a'e javípe, a'e va re aé, Ñande Ru oecha vy aé ñande porayú, ñama'etỹ ãguã ombojoapy i jevy jevy va'erã.

-Hagan aparecer mis hijos un lugar en donde situar sus cultivos, para que lo pisen las señoras, y para que se engendren las pequeñas flores de la tierra (frutos) para consumir las criaturas. Que los Tupã vigilen permanentemente aquello que tocan las ramas floridas de las palmas de vuestras manos (cultivos).

Habiendo sazonado tus frutos, darás de comer de ellos a tus compueblanos sin excepción. Los frutos maduros se producen *p*ara que de ellos coman todos, y no para que sean objeto de avaricia. Dando de comer a todos, solo así, solo viendo nuestro Primer Padre nuestro amor al prójimo, alargará nuestros días para que podamos sembrar repetidas veces.

(V. en el Cap. X el precepto que obliga a dedicar a los dioses los frutos sazonados).

* *
*

NOTAS

Ma'etỹ: cultivos; agricultura, Guarani: ñemitỹ.

Iypépy voí: cuando se achata la planta. Cuando la parte superior pierde la forma cilíndrica, achatándose. Guarani: hu'ã ratã.

Chiguã'ã: gorgojo, Guarani: tiguã'ã.

Jachy pa'ũ: menguante; intervalo entre lunas.

Ycho ngaruru: gusano que ataca los cultivos.

Oẽ peẽ: sale o germina en forma despareja.

Ijevykue rã: la segunda cosecha, segunda siembra.

Pa'ũ monde: vestir los espacios; replantar.

Jojavi raí: más o menos parejo o igual.

Guembe aju mbytépy: en medio de la época en que madura el Guembe = Phyllodendron. Tambien se guían por el florecimiento del Yvyrapytã — Peptophorium dubium.

Jaipycho yguy-py imo'ãmy: lo clavamos debajo del agua en posición perpendicular. Mo'ã = hacer que se yergue.

Evoko: hé aquí, equivale a nuestro: péina ápe.

Ndevy arombo'e ñendu: pronuncio plegarias — referentes a — para que las escuches.

Mba'e ty mirī rupa: nombre religioso de la chacra.
Yvypotýra mirī: id. de los frutos.
Pende yvára popyte rakã poty ñemo-mba'evyky: aquello que tocan (ligeramente) vuestros dedos. Sentencia empl. por los dioses para designar el trabajo de desbrozar la selva.
Mitã i kuéry oupi va'erã: lo que alzarán (comerán) las criaturas. Los dioses no dicen *ja'u* — comemos, sino: jaupi — alzamos.
Omopyrõ ãguã kuña karaí kuéry: para que lo pisen las señoras. Las mujeres trasportan los frutos de las chacras, etc.
Tupã kuéry a'ety oñeangareko: los Tupã vigilan permanentemente. V. A'e vy ty, Cap. IX, Notas.
Tembi'u aguyje: la madurez de los frutos. Es todavía motivo de ceremonias, similares a las descriptas por Nimuendajú.

CAPITULO XIV

Guyra Marangatu. Guyra kirī i amboaé reegua ayvu.

Las Aves Migratorias. Palabras referentes a otros pajaritos.

Chyvī tapē, apykachu, amboaé guyra kyrī ave, guyra mymba porã ve vy, ára yma ñavõ guú ete ambápy oó. Yro'y pa rire ára pyaú ramove oú jevy, ta'y ãguã yvy py.

El halcón grande, la paloma torcaza, y otros pajaritos, siendo seres alados (domésticos) superiores, y en virtud de ser aves bienaventuradas, todos los inviernos van a la morada de su verdadero padre. Cuando terminan las heladas y vuelve la Primavera, regresan a la tierra para criar.

Kova'e yvy kupépy Guyra Ru Ete amba oī; Ñande Ru tenonde amba ndoup itýi; i amba apy'ive oī.

Detrás de este nuestro cielo está situada la morada del verdadero Padre de los pájaros. No alcanza el paraíso de nuestro Primer Padre; más cerca de nosotros está situada su morada.

Araku vaí oñe'ē ramo pyávy, ñana'ỹvõ. -Tereó e'a tay retãmy, ta nde'upa tay, ja'e chupe, oiko eỹ ãguã mba'e vaí.

Cuando el Araku malo canta de noche, es para anunciar infortunios. -Véte a caer en un nido de hormigas, que te devoren las hormigas, debemos decirle para evitar que ocurra nada malo.

Piakái mba'achy reve guápy a'e rami aveí ja'e, oñe'ē ramo pyávy, jajora ãguã.

Al Piakái de las enfermedades así tambien le hablamos cuando canta de noche, para conjurarlo.

Oporoa'ỹvõ vy ma aveí ojae'o ano pyávy; ojae'o va'e oī jevy pota. A'e va'e jajora ãguã jipói.

Anunciando desgracias, tambien, llora el Ano de noche; habrá nuevamente quien llore. No hay nada para conjurar ésto.

Kochi guyra oñe'ē vy: "Oh, kochi guyra!" e'i ñande jaryi, "ja'úta ra nda'u kochi".

Gritando el tajasu-guyra: "Oh, tajasu-guyra!" dice nuestra abuela, "es que comeremos jabalí?"

Chingachu oñe'ē ramo, oú pota mombyrygua, e'i.

Cuando canta el tingasu, es porque vendrá alguien de lejanas tierras, dicen.

-A'y, pene mombe'u pa, e'i ñande jaryi kuña kuérype, ñai-ñaī oñe'ē ramo. -Pende puru'a ramo, a'e ri katu omombe'u; ijapu eỹ va'e, ñai--ñaí.

-¡Ha! éste os delata, dice nuestra abuela a las mujeres, por haber oído cantar al pitogue. -Porque estáis embarazadas es que os delata. El pitogue es de los que no mienten.

Urutaú, yro'y oime ramo poteri, noñe'ēi.

El Urutaú no llora si hay todavía heladas por caer.

Avía chu'ã oñaro rã, oiko eteve ra nda'u aguara. Ñai cha'ã eteve aguara oiko ãguã a'e va'e oñe'ē rã.

Cuando grita el havía chu'ã es porque hay, efectivamente, jaguares. Cuando él grita esperamos (nos imaginamos), efectivamente, que hay jaguares.

Churuva guecha racho oecha me rami, okyyje vy oñarõ.

El Suruva, antojándosele ver un gusano en su ojo, se asusta y grita.

Ñande Ru tenonde kuéry ome'ē uruvuchī me arandu: mba'e reí reí omano ramo, nokañýi va'erã chugui. A'e o arandu vy ma, oecha tatachī mba'e reí reí omano ápy. A'e, o arandu ri vy ma, yvykuápy omano i va'e jepe, oikuaá katuī va'erã.

Nuestros primeros padres dieron entendimiento al buitre blanco: no le habría de pasar desapercibido la muerte de ningún animal. El, en virtud de su entendimiento, ve humo en el lugar donde ha muerto un animal. En virtud de su entendimiento, aún sabe de todos aquellos animales que murieron en pozos.

Guyra kyrī i mbyte py jajuka eỹ va'erã tumbykyragua i; yvytu guachi o'a va'erã a'e va'e jajuka ramo.

Entre las avecillas la que nunca debe matarse es el "masakargua i"; fuertes vientos han de soplar si se le mata.

Guyra kuchíu, guyra marangatu. Ara ryapu oendúvy, ojae'o. Oikuaá ramo ma yvy okañy pota ma a, oguerojae'o araka'e; a'e va re ma omboveve i Ñande Ru, omondouka araka'e yva ko jaecha va re. Ãgỹ reve i, oendu ramo yapu, ojae'o yma guarére ima'endu'a i vy. Guyra kuchíu ñande yvy re oiko i va'e, guyra marangatu ra'anga te ma.

El "guyra kuchíu" es pájaro bienaventurado. Se lamenta cuando oye tronar. Sabiendo que la tierra iba a ser destruída se lamentó; y por este motivo, dicen, lo hizo volar nuestro Padre, enviándolo a este cielo que tenemos a la vista. Hasta el presente se lamenta cuando oye tronar, acordándose de lo ocurrido antiguamente. El guyra kuchíu que está en nuestra tierra no es más que la imagen del ave bienaventurada.

Piritáu oñe'ẽ vy, ichy oikove va'e, tuú oikove va'e, noa'ãi va'erã; oa'ã ramo, oa'ỹvõ o chy, guú.

Cuando canta el Piritaú, aquel cuya madre y padre aún viven, no deben imitarlo; imitándolo, atraen infortunios sobre su madre, su padre.

Oĩ Piritau-ju rã oñemomburu i oiny. Oikuaá ma vy ombaraete rã, omondouka ri kokuépy Piritau-ju rã i, guaicho, guajy i amboaé reve.

El padre de la futura Piri trágicamente inmortal se hallaba inspirado (de fervor). Conociendo ya la fortaleza, envió a la chacra a la futura Piri trágicamente inmortal, a su suegra y a su otra hija.

-Néi, tapéo pemono'o pojava kumanda, e'i; yvapyte oupity eỹ mboyve Kuaray peju.

-Bien, id a recoger rápidamente porotos, dijo; antes de llegar el Sol al cénit, volved.

Guaicho, amboaé kokuépy ri oó rive, omonda kumanda; a'e va re, omondoka guachu ramo.

Su suegra entró furtivamente en una chacra ajena y hurtó porotos; por ello la convirtió en venado.

Piritau-ju nomono'o pojavái ramo kumanda, ndojapói rembipotái guú ayvu, guyra ramo oó. "Te'õ aí, te'õ aí", e'i. A'e rami ramo, oó ramo jepe Piri-tau-ju ramo, oupity ño guú amba.

La futura Piri trágicamente inmortal, no habiendo recogido rápidamente porotos, empecinándose en desobedecer a su padre, fué convertida en ave. "Muerte triste, muerte triste", dijo. Por ésto, aunque convertida en Piri trágicamente inmortal, alcanzó la morada de su padre.

I kypy'y oupity ño guú roapy yva pyte oguerovy eỹ mboyve i Kuaray. Oecha ma vy guyke guyra ramo oó: "Piritau-ju ramo oó che ryke", e'i. Piri-tau ãgỹ reve oiko va'e yvy re, Piri-tau-ju ra'anga reí te ma; a'ete va'e oime guú ambápy. Tuú, o aguyje vy ma, oeja tembiecha rã Piritau reko achy.

Su hermana menor alcanzó holgadamente las afueras de la casa de su padre antes de acercarse el Sol al cénit. Viendo a su hermana mayor convertida en ave: "En Piri trágicamente inmortal se ha convertido mi hermana mayor!" dijo. El Piritau que hasta ahora está en la tierra no es más que la imagen de la Piri trágicamente inmortal; el Piritau genuino está en la morada de su padre. Su padre, en virtud de su perfección al Piritau imperfecto lo dejó para ejemplo en la tierra.

Ka'aguy ojapopa ma vy ñande Ru, ombojera araka'e Guyra Ñe'engatu, guyra rembykyra'a eỹ. Opoi ka'-

Habiendo terminado de crear las selvas creó nuestro Padre, dicen, un ave de maravilloso cantar, el

aguỹ re, oñe'ẽ guyra vaí pa aé rami.

Guyra rembykyra'a eỹ, guyra ñe'engatu, yr'yvaja oa'ã, arapachái oa'ã, aka'ẽ ñe'ẽ ave, mbatovi; guyra a'e javi kue i oa'ã. A'égui katu:

-Nda'evéi aé guyra peteĩ i oiko ãguã, e'i Ñande Ru.

A'e va re ma katu, o marã eỹ gui Ñande Ru ombojera guyra kỹrĩ eta, ka'aguy javére ma oñeendu.

guyra rembyk'yra'a eỹ. Soltándolo en los bosques, cantó simulando una multitud de pájaros.
El guyra rembykyra'a eỹ, el ave del maravilloso cantar, imitó el ruído de las cotorras y el de los papagayos; el reclamo de las urracas y tambien el mbatovi; imitó a los pájaros en su totalidad. Despues de ésto:
-No es nada bueno que ha'ya una sola clase de pájaros, dijo nuestro Padre.
Por dicho motivo, Nuestro Padre de su divinidad creó una multitud de pájaros, cuyos cantos se escucharon en toda la extensión de la selva.

* *
*

NOTAS

Chyvi tapẽ: especie de halcón migratorio.

Guyra mymba porãvévy: por ser aves domésticas (de los dioses) preferidas.

Apyí ve: más cerca (del que habla). Guarani: apeove.

Araku vaí, piakái vaí: el Syryko (Rallidae) malo; el ñahana, de la misma familia, malo: espíritus en forma de aves que anuncian desgracias. Cuando gritan de noche, generalmente es abandonada inmediatamente la población o vivienda; aunque a veces, puede conjurarse el peligro en la manera indicada en el texto. Estos espíritus, aunque tienen la forma de aves, no vuelan, sino se trasladan por los aires en APYKA, semejante al que tiene Ñande Ru y los demás dioses. Existe tambien el Karãu vaí, el que, tambien provisto de *apyka* se traslada de un lado para otro pronosticando, con sus gritos, infortunios.

Jajora: desatamos, conjuramos.

Ano: Crotophaga ani.

Kochi guyra: el ave de los cerdos: Nycticoraz hoactlii, llamado Tajasu guyra en guarani. Kochi es el nombre genérico en mbyá, del cerdo montes grande; tajachu, nombre de la hembra. Según las creencias de nuestros criollos, el Tajasu guyra anuncia desgracias; para los Mbyá, un festín de carne de cerdo.

Tingachu: Piaya cayana macroura.

Ñaĩ-ñaí: pájaro muy parecido al Pitogue o Bienteveo que, en el folklore de nuestros campesinos, tambien posee la facultad de descubrir la preñez de la mujer.

Uruvu chĩ: Sarchorampus papa, el cuervo blanco.

Urutaú: v. Piritauju, en estas Notas.

Tumbykyragua: Troglodytes musculus guarixa.

Guyra kuchíu: el único nombre que le oido aplicar entre los obrajeros es: Guyra sunu ha — pájaro de los truenos, por su costumbre de cantar cuando amenaza llover. Otra leyenda en que aparece esta ave es la titulada "El que se prendó de una marrana", Cap. XVIII.

Oendu ramo yapu: cuando oye tronar; guarani: ohendu ramo osunu. Sunu solamente la he oído emplear en mbyá, en el nombre sagrado Tupã Chunuá.

Piri-tau-ju; piri-tau: las traducciones de estos nombres son, más o menos: Piri trágicamente inmortal; Piri trágica o desgraciada (V. la voz *hau* en el TESORO). Como el nombre no es onomatopéyico, siendo su reclamo, como lo dice el relato: te'õ aí, te'õ aí = muerte desgraciada, deduzco que Piri debe ser nombre proprio de mujer, empleada en la antigüedad, caído en desuso. Según una versión más extensa de esta leyenda, que publiqué en la revista "Cultura", IX-1946, fueron cinco las personas enviadas a la chacra: la abuela, una hija del dueño de casa con criatura de pecho en brazos, y dos sobrinas. La abuela, por dormilona, fué convertida en Urutaú; su hija en venado, y la criatura que llevaba entre brazos en Guachu Ja Ete, dueño de los venados (Cap. IX, Notas); la sobrina mayor en Piri-tau-ju; siendo salvada la menor. Siempre subrayan los que narran la leyenda que Piri-tau-ju acompañó a su padre al Paraíso (pero en forma de ave) porque, al sufrir la metamorfosis, exclamó compungida: Te'õ aí, te'õ aí: muerte desgraciada. Com dice el relato, el Piritau que permanece en la tierra es imagen de la doncella "trágicamente inmortal", quien llora su desobediencia con el triste canto de "muerte desgraciada". Según la leyenda citada — mucho más extensa — el espíritu de la criatura, como ya se dijo, asumió la forma de Guachu Ja Ete; su *teko achy kue* = mortalidad, imperfección, fué convertida tambien en pájaro: el Andyra, de la familia de las Cuculidae. La leyenda o mito la considero de interés, al compararlo con el trabajo de F.G.S. Schaden "Páginas de Etnografía e Folclore", São Paulo, 1949; y la tesis defendida por Carlos Abregú Virreira en "Tres Mitos Indígenas", B.A., 1950.

Guaicho: su propia suegra.

Avía chuã o chu'ã: especie de havia que anuncia la proximidad del jaguar.

Oiko eteve ra nda'u: parece que en verdad hubiera.

Cha'ã: tener la impresión de; imaginarse. Guarani: aimo'ã.

Suruva: ave que figura tambien en el Mito del Diluvio de los Apapokúva (Nimuendajú). Anuncia tambien la proximidad del jaguar.

Guecha racho: el gusano de sus ojos, mote o puntita que aparece ante la vista y a veces se alarga, llamándose por consiguiente "el gusano de la vista".

Guerovy: acercarse, aproximarse.

Guyra rembykyra'a eỹ: ave muy hábil en imitar el canto de otras, parecida a la calandria.

Yryvaja, arapachái: cotorra, loro.

Mbatovi: pertenece, creo, a la fam. de las Charadridae.

CAPITULO XV

Irũ porã — Ka'avo.

Tupã Ru Ete ra'y oguerojaú araka'e ka'avo tory. A'e va re jareko i va'erã, Tupã ñande reko ayú uka ãguã a'e javípe, ñane retarã-vy'a ãguã. Ka'avo tory, marangatu ja ma katu: a'e va'e ipochy mẽguã i va'e ñaipoano ãguã i ma oguero-jaú araka'é Tupã ra'y.

Mangaychy re ñañemoirũ va'erã ñaẽ porã i ãguã u'y gui, kyche gui, yvyra raimbe gui.

Kyre'ymba, irũ porã; vokópy jareko i va'erã ñane mboetia'e i ãguã opa mba'e i re. Kuarachy'a reve jareko va'erã; a'e va'e irũ, guembe paje. Kyre'Ymba, Kuaray oẽ i vyve oú va'e ñande ro rupi, mãganga. Guembe paje katu, ñakyrã kỹrĩ i guembe rembóre oiko i va'e, "guapo'y" jaeá.

Kuña ñande rayú ãguã, mba'e reí reí ka'a jareko i va'erã. Mandori ka'a, churuku'a ka'a, ju'i ka'a, karãu ka'a, a'e va'e irundy ñaimorũ joé jareko vokópy, kuñangue i ñande rayú ãguã.

Amuletos — Filtros.

Dicen que un hijo de Tupã Ru Ete hizo nacer simultáneamente con él la "ka'avo tory". Por ésto debemos llevarla a fin de que Tupã haga que a todos agrade nuestra conducta; para que nuestros semejantes sean felices en nuestra compañía. La Ka'avo tory es dueña de la bienaventuranza: el hijo de Tupã hizo que naciera simultáneamente con él para sanar a los peligrosamente furiosos (dementes).
Debemos llevar un amuleto de goma de mangaysy para poder esquivar flechas, cuchillos, espadas de madera.
La "kyre'ymba" es buen compañero; debemos llevarla en la petaca a fin de tener bríos para todo. Hay que llevarla junto con un kuarachy'a (colibrí); el compañero de éste es el guembe paje. La kyre'ymba es una especie de abejorro que viene llegando a nuestra vivienda en cuanto sale el Sol. En cuanto al Guembe paje, es la pequeña cigarra que vive dentro de las raíces del guembe, y que llamamos "guapo'y".
Para que nos amen las mujeres, debemos llevar hierbas de los animales. Hierba del mandori, del Suruku'a, yerba de la rana, del Karãu; estas cuatro debemos juntarlas y llevarlas en la petaca para que las mujeres nos amen.

Karãu gui katu remoĩ va'erã ñuã; remono'o va'erã echay mbayrúpy; a'e va'e remona rive te i. -A'e va va'e, ka'avo che moãkã vaí ra nda'u; a'e vy ma nda vy'ái vaí pa, e'i kuña kova'e jajapo ramo.

Armarás una trampa para cazar Karãu; recogerás en un recipiente sus lágrimas, y ésto lo aplicarás sencillamente. -Sin duda alguna, esto es un hechizo que me hace perder la cabeza; por éso es que me hallo tan triste, dice la mujer cuando ésto hacemos.

Jate'i ru jaryi remombúvy, remona mona i nde recháre, nde ei-recha ãguã.

Aplastando la reina de las abejas Jate'i, te untarás con ello los ojos, para tener suerte en la búsqueda de miel.

Guachu i recha'ỹi rembo'a ypy i va'ekue, reipe'a va'erã rembo'a katu ãguã. A'e vy ma, echa'yingue tatapỹi my remoũ, gupía oecha cỹ ãguã. A'e vy aé rembo'a katu va'erã.

Para tener suerte en la caza (de venados) extraerás los ojos del primer venado que cazares. Hecho ésto, teñirás los globos de los ojos con carbón para que ellos no puedan ver aquello que lo ha de matar. Así tendrás fortuna en la caza (de venados).

Kochi recha kue ñamboi va eỹ; kochi mba'e rei rei rive eỹ: Karai Ru Ete rymba ri avoi ma, a'e va'e. Kochy mymba porã; a'e vy ma ñane ma'endu'a porã i va'e aé ñambo'a va'erã; jaiko rive rive i va'épy opyta va'erã eỹ.

Los ojos del cerdo montés grande no deben extraerse, pues el cierdo no es un animal cualquiera, siendo el animal doméstico de Karaí Ru Ete Mirĩ. El cerdo es animal preferido; por consiguiente, únicamente los que nos acordamos en buena forma (de los dioses) lo hemos de cazar; si vivimos descuidadamente, no se queda (para que lo cacemos).

Pira recha'ỹingue tatapỹi my ñamoũ vy, nda echapycho véi ma a'e va re echa'ỹingue ñamoũ va'erã ñañyvõ katu ãguã.

Enegreciendo los globos de los ojos de los pescados, ellos pierden la vista; por consiguiente, debemos ennegrecer con carbón los ojos para poder flechar muchos.

Guyraũ kyrakue mbói poã ñande chu'u eỹ ãguã. Guyraũ pepoykangue gui jajapo mimby i, a'e va'e ñambopu mbói iñarõ eỹ ãguã.

La grasa del Taguatohũ (Falconidae) es remedio que nos protege contra las mordeduras de víboras. Del hueso principal del ala del Taguatohũ se hace una flauta; ésta se toca para que las víboras no se enogen.

Maino pepokue remboí va'erã rereko, nde reé yvyra oity va'e oĩ ramo rejogua ãguã.

Debes arrancar plumas del ala del colibrí y tenerlas, a fin de atajar los golpes de garrote que te dirigieren.

Referente a paje = hechizos ilícitos, es difícil obtener datos fidedignos, porque nadie quiere ser considerado como conocedor de tales cosas. Entre otras cosas, he oído que utilizan huesos del dedo de un muerto; huesos y ponzoña de víboras; varias hierbas venenosas. De los que utilizan estas cosas, dicen que cuando enferman están irremisiblemente condenados a morir, na habiendo medicamentos ni oraciones que los puedan salvar. La sangre de jaguar, sin coagular, infunde coraje, pero es vedado beberla:

Aguara ro'o ivaikue ramo, i'upy eỹ. Aguara ruguy oke eỹ va'e omokõ va'e ipy'aguachu vaí, ojaéi apicháre.

La carne de jaguar es vedado comerla por haber sido un ser maligno (V. Cap. VIII). El que traga sangre de jaguar sin coagular adquiere coraje, fiereza; se ensaña en sus semejantes.

* *
*

NOTAS

Oguerojaú: hizo que naciese simultáneamente con él. Jaú = bañarse, nacer.

Pochy mẽguã: demencia furiosa, v. Cap. XVI.

Mangaychy: goma del Mangay, árbol que, según dicen los Mbyá, crece en el Norte, fuera de la zona que ellos habitan. El nombre Mangaychy (mangaysy) no es, creo, de origen Mbyá; significa: resina para el juego. (ñe vanga = jugar; nimanga en apapokúva).

Ka'avo tory: hierba de la alegría. Hypericum cormatum, planta sagrada de los Mbyá. Hay otra planta conocida en el Guairá con el mismo nombre. Ka'avo, en la vernácula, ha llegado a ser sinónimo de cordial, popular, querido.

Kuarachy'a: especie de colibrí; lit.: fruto del Sol. Kuarachy (kuarasy) nombre de Sol en algunas ramas del Guarani, y nombre de algunos héroes divinizados en mbyá (Cap. XVI).

Guapo'y: pequeña cigarra que vive dentro de las raíces secas del Guembe — Phylodendron, llamada tambien *guembe paje*. Guarani: guapo'y = higuera silvestre, *kuachingy* en mbyá.

Mba'e rei rei ka'a: hierbas de los animales. Todo animal, ave, y la mayoría de los insectos, tiene una planta que le "pertenece".

Mbo'a: coger, cazar.

Gupía: aquello que lo ha de matar. Forma sencilla: upía, rupía.

Kochi: cerdo: cerdo montés grande. Caps. XIV, XVIII.

Aguara ruguy oke eỹ va'e: sangre de tigre sin coagular. La palabra *hypy'a*, coagular en guaraní, no se emplea.

Jogua: parar, atajar.

CAPITULO XVI

Kapitã Chiku. *Capitán Chiku.*

(*Los héroes divinizados de la mitología mbyá-guarani*)

En el Cap. VI hice referencia a la creencia según la cual el hombre virtuoso, que ajusta su conducta estrictamente a los preceptos contenidos en el código moral de la raza, se dedica con perseverancia a los ejercicios espirituales, se limita a un régimen estrictamente vegetariano, puede hacerse merecedor a la gracia e ingresar al Paraíso sin sufrir la prueba de la muerte. Mediante los ejercicios señalados, libra paulatinamente el cuerpo del lastre que representa *Teko achy,* las imperfecciones humanas, el cuerpo va perdiendo paulatinamente su peso hasta volverse imponderable y el postulante, sin sufrir la prueba de la muerte, ingresa en el Yva o Yvy Marã Eỹ, para cuyo objeto cruza el mar que separa la tierra del paraíso. Esto lo hace en la maroma a cargo de Parakáo Ñe'engatu (Cap. VIII, Notas), debiendo previamente hacer una larguísima peregrinación através del mundo, la que termina en Para Guachu Raputa — el origen del mar grande, última etapa terrestre del viaje.

Contienen los anales de los Mbyá casos de varios seres privilegiados que obtuvieron la perfección: *aguyje* en la tierra, despues de haberse dedicado a su misión de médicos agoreros de los grupos a su cargo. Se les venera como Tupã Mirĩ, ocupando una posición comparable a los santos de la hagiografía católica. Recuerdo Kuarachy Ju, Kuarachy Ete, Takua Vera Chy Ete, Karaí Katu, Karaí Chapa y Karaí Ru Ete Mirĩ.

De Takua Vera Chy Ete, quien tiene su morada en el cielo en dirección sur-este de Caaguazú, se dice que obtuvo la perfección o *aguyje* danzando y entonando himnos en honor de los huesos: yvyra'ikãgã (Cap. V) de un hijo que se la había muerto:

Takuapemby py omboupa Takua Vera Chy Ete yvyra'ikãgã. Ogueroporaéi; ogueroñembo'e; oguerojeroky; ogueroaguyje; oguerokandire; kanguekue omboetery. Mba'e Porã kuéry omoataendy mba'eguachu rupa, o enói Takua Vera.

Depositó Takua Vera Chy Ete los huesos del que portara la vara en un recipiente de cañas trenzadas. Cantó, oro, danzó en honor de ellos. Obtuvo con ellos la gracia divina; con ellos se hizo acreedora a la resurrección; hizo que circulara por los huesos el decir (Ver-

bo). Los Seres buenos iluminaron el cadáver; llamaron a Takua Vera.

Vera es patronímico correspondiente a las almas enviadas por Tupã (Cap. IV); Takua Vera, el nombre sagrado del hijo que volvió a encarnarse y ascendió al Paraíso acompañado de su madre, significa: Bambú Iluminado, pues el recipiente de bambú, *takuapemby,* en el que habían sido depositados sus huesos, también ascendió al cielo. El nombre de la madre del niño, bajo el que se le rinde culto, es Takua Vera Chy Ete, la verdadera madre de Takua Vera; y según una versión de este mito que escuché de boca de Tomás, de Yvytuko, lleva en cada hombre una plantita de bambu, que le brotaron en el momento de adquirir la gracia.

De Karaí Chapa cuentan que, terminada su peregrinación, cruzó solo el mar que separa la tierra del Paraíso, dejando a su esposa en la tierra por sospechar de ella que le era infiel, y diciéndole que volvería para llevarla consigo despues de haberse establecido en su *amba,* morada. Cuando en cumplimiento de su promesa volvió, halló a su mujer con una criatura de pecho en brazos, hijo de él, según la mujer. Al alcanzar la maroma que da acceso al Paraíso, tomó Chapa la criatura de brazos de su madre; se disolvió: *ykupa,* el niño, prueba de que era adulterino, por cuyo motivo Chapa abandonó definitivamente a su mujer y ascendió solo al Paraíso.

Karaí Katau, en su peregrinación, fundó el pueblo de Tava'i con la intención de permanecer en él algún tiempo y fortalecer su espíritu y los de su discípulos y, a la vez, sembrar y recoger provisiones para el largo viaje hacia el mar. La llegada de los Españoles — yvypo amboaé i — sin embargo, le obligó a abandonar la población que acababa de fundar y seguir su camino. En el cerro de Mbatovi situado en el departamento de Tava'i existen aún plantas milagrosas de tabaco: petỹ ju, sembradas por Karaí Katu, las que podrán ser halladas y utilizadas por quienes se dedican con fervor a los ejercicios espirituales y adquieren la buena ciencia, es decir, los médicos agoreros.

De Kuarachy Ju, Kuarachy Ete, Takua Vera Chy Ete, Karaí Katu y Kapitã Chiku, los héroes divinizados de la mitología jeguagákáva puede afirmarse, basándose en detalles contenidos en sus respectivos mitos, que obtuvieron *aguyje* y ascendieron al Paraíso despues de la Conquista. Este hecho lo confirma la aseveración de los dirigentes de que el origen del Mar Grande: Para Guachu Rapyta, está situada allende Kurutué Retã, el pais de los Portugueses (Cap. VIII, Notas). Siendo notoria la tenacidad con que los Jeguakáva se aferraban a su religión, lengua y tradiciones, y los desesperados esfuerzos que realizaron por sustraerse a la dominación española y la asimilación (Bertoni: "La Civilización Guarani", 1922), es casi seguro que Chiku, Chapa y demás héroes eran médicos agoreros que conducían a sus respectivas tribus en un éxodo hacia el mar a fin de

salvarlas de dicha dominación. Y una investigación prolija de las tradiciones referentes a estos caudillos religiosos indudablemente arrojaría luz sobre las grandes migraciones guaraníes en busca de la tierra sin males: Yvy Marã Eỹ de tan funestas consecuencias sobre el cuerpo político social de la raza y cuyas causas, a estar a lo que dice Nimuendajú (1.c. Cap. VII) aún no han sido explicadas satisfactoriamente por los hombres de ciencia.

Las causas de estas migraciones, sin embargo, existían ya antes de la Conquista, según lo comprueba el mito de Karaí Ru Ete Mirĩ, y los datos que da Montoya en la "Conquista Espiritual" sobre la veneración de los esqueletos y la reencarnación del espíritu en los mismos. Esto confirma las deducciones de Schaden ("Mitología Heróica", São Paulo, 1946), aunque él aún ignoraba las tradiciones religiosas de los Mbyá cuando escribió su tesis. Los datos contenidos en el mito de Karaí Ru Ete Mirĩ que he escuchado inducen a creer que su divinización antecede en mucho al de los demás héroes divinizados. El es el creador del *kochi*, cerdo montés grande; envía espíritus a la tierra para encarnarse, y tiene su morada en una isla situada en medio del mar, según se colige de la leyenda trascripta en el Cap. XVIII, titulada "El que se prendó de una marrana". Fué en Yvy Mbyte, el centro de la tierra, que se dedicó a los ejercicios espirituales:

Karaí Ru Ete Mirĩ, kochi ja, Yvy Mbytépy rãgẽ oñemomburu i. A rire ma, Yvy Katúre oó. Parana rakãre ijaguyje, oó ma Para Guachu kupépy, ogueno'ã yvy ju mirĩ.

Karaí Ru Ete Mirĩ, el dueño de los cerdos, comenzó primeramente a dedicarse a la obtención de fervor en el centro de la Tierra. Luego fué a Yvy Katu. Entre los afluentes del Paraná obtuvo *aguyje* y se trasladó allende el Mar Grande, donde juntó tierra milagrosa, indestructible.

Omboporaéi jevy va'erã guyvy kuéry Yvy Mbytépy, omombe'u jevy va'erã guekokue Yvy Mbytépy opyta va'ekuépy.
Ndoopái etarã kuéry; to'o noñemoatỹrõ mbái.

El volverá a hacer cantar a sus hermanos menores en Yvy Mbyte, contará sus aventuras a los que permanecieron en Yvy Mbyte.
No fueron todos sus compueblanos; no toda la carne se regeneró.

El caso de *aguyje* que trascribo es el de Kapitã Chiku, oriundo, según datos que considero fidedignos suministrados por el Cacique Pablo Vera y otros, del arroyo Kurukuchi'y o Urukuchi'y, actual departamento de San Joaquín.

Kuarachy Ete omboguapy Chiku opy. Chiku oñemomburu. Oporaéi,

Kuarachy Ete dió asiento a Chiku en la casa de las plegarias. Chiku

ojeroky, oñemboaʼyvu, ojerure o marã eỹ rã re.

U'ichíre oiko. Mboapy jachy aguépy, e'i Kuarachy Ju:

-Emoẽ Chiku nde po, taecha.

Omoẽ Chiku o po: a'e rami ramo, i po ychapy ty ra'e.

A'e ramo, Kuarachy Ete e'i:

-Ne mbaraete pota ma; ereikuaá pota ma mbaraete rã erejavy e'i rã, e'i.
Oguapy jevy Chiku opy gua'ychy reve, Kuarachy Ete rajy reve. A'égui ma:

-Emoẽ nde po taecha, e'i jevy Kuarachy Ete.
Omoẽ ramo jevy o po, ipiru, ychapy ma va'ekue eỹ ri. A'e ramo ma, omoẽ opy gui omondouka oó ãguã my.

A'égui, Kuarachy Ete oipy'ara'ã Chikúpe, omondouka tajy rovapy re, omoakã-pa'ã.

A'e ramo, Kuarachy Ete rajy:

-Eñemondýi eme ke; che ru guírami ñande rereko, e'i.
-Che pʏ'avera, mba'ekuaá, che reru taru'ã ¡manga! Kuarachy Ete.

A'e rami guero-ñembo'épy omopyrõ jevy Chiku yvy py.

A'égui, guajy jevy omombo tajy rovapy re, omoakã-pa'ã. Ogueroñem-

se dedicó a la obtención de la gracia. Cantó, danzó, oró; pidió inmortalidad (el estado en que no puede sufrir daño).
Se alimentó de harina de maíz. Al cabo de tres meses dijo Kuarachy Ete:
-Saca, Chiku, tu mano, para verla yo.
Sacó Chiku su mano y hé aquí que, al hacerlo, se hallaba cubierta de rocío.
Por consiguiente, dijo Kuarachy Ete:
-Estás por adquirir fortaleza; conocerás la fortaleza si es que no te desvías.
Volvió a sentarse Chiku en la casa de las oraciones, juntamente con su esposa, la hija de Kuarachy Ete. Despues:
-Saca tu mano para verla yo, volvió a decir Kuarachy Ete.
Sacándola fuera nuevamente, estaba seca, como si no hubiera estado antes cubierta de rocío. En vista de ello, lo sacó fuera de la casa e hizo que tomara su camino.
Luego Kuarachy Ete tentó a Chiku, arrojándolo a la cima de un lapacho, entre cuyas ramas hizo que quedara prendido de la cabeza.
En consecuencia, la hija de Kuarachy Ete:
-No te asustes; es mi padre que así nos tiene, dijo.
-Luminoso mi pecho de sabiduría, me ha arrojado Kuarachy Ete a la cima del lapacho ¡ay de mi!
Entonando esta plegaria (por él) hizo que nuevamente pisase Chiku la tierra.
Entonces, a su propia hija arrojó a la cima del lapacho, haciendo

bo'e Chiku jevy; a'e vy, omopyrõ jevy yvy re gua'ychy.

que quedase prendida de la cabeza. Chiku, a su vez, oró por ella e hizo que su esposa volviese a pisar tierra.

Jogueraá jevy; ojapo goó rã; oñemomburu jevy.

Se fueron juntos de aquel lugar; construyeron una vivienda; volvieron a dedicarse a la obtención de fervor.

Ojau rire Chiku ra'y, ijarakuaá i ma vy, omopyrõ Kuarachy Ete aguara ñe'ẽ guaminóre. Aguara ñe'ẽ omopyrõ ma vy, oó Chiku ra'y ka'aguy re. A'e ramo, i chy omoña jevy, ojopyy jevy o memby, ogueroñemomburu, oguero-poraéi Tupã pe.

Despues de haber nacido el hijo de Chiku y haber adquirido entendimiento, Kuarachy Ete hizo que se encarnase en el cuerpo de su nieto el alma de un jaguar. Debido a ésto el hijo de Chiku se fugó a la selva. Su madre corrió detrás de él; se inspiró (invocando a su hijo), entonando himnos referentes a él a Tupã.

-Eñemondýi eme ke, che me; ejuka eme ke mitã; che ru guírami ñande rereko, e'i.

-No te asustes, mi esposo, dijo; no mates al niño; es mi padre quien así nos tiene, dijo.

Tupã oú, aguyje reve oú; a'e vy, ome'ẽ i chy pe amandáu.

Vino Tupã, con gracia vino; y por ella dió a la madre un granizo.

-Ejapi ne memby rovápy, e'i Tupã kuéry.

-Arrójalo contra la frente de tu hijo, dijeron los Tupã.

Ojapívy amandáupy, ojuka o memby, aguara ñe'ẽ ojeekýi jevy. A'évy ma, Tupã kuéry oeepy, omopyrõ jevy ñe'ẽ porã.

Tirándolo con el granizo, mató a su hijo: se escurrió el alma del jaguar. Hecho ésto, los Tupã redimieron se decir, hicieron que nuevamente se encarnara el alma buena.

Paraguay rupi oó Chiku, ñane retarã amboaé i mbyte rupi oiko. A'e ramo oikóvy jepe, oporaéi ñande kue i amboaé mbyte rupi. A'e ramo, aipo e'i juruá kuéry:

Pasó Chiku por Asunción, mezclándose con los que no son nuestros paisanos. Aunque anduvo entre ellos, él seguía cantando entre los extranjeros. Viéndole, así hablaron los extranjeros: -¿Porqué

-Mba'ére katu a'e ramo oiko? Jajuka kova'e. Ojapyy, ojuka pota; koty yvatépy ipokua ápy oiko.

será que se comporta asi? Matémosle a éste. Lo prendieron, con intención de matarlo; engrillado anduvo en una casa de altos.

A'égui maẽ ogueroñevaẽ Tupã kuéry ka'aguy re, ogueroike jevy; a'-

Solo despues de estas cosas lo llevaron los Tupã a la selva en la

égui maẽ ijaguyje ñande Ru Kapitã Chiku.

Ijaguyje Chiku; ipopyte tataendy; ipypyte tataendy; i py'a jechaka mba'ekuaá; ijyvára rete, ychapy marane'ỹ; i jeguaka ychapy pa; ijapyte poty, tataendy, ychapy.

que lo introdujeron nuevamente. Despues de lo acontecido, solamente, obtuvo *aguyje*, Capitán Chiku. Obtuvo Chiku la perfección; de las palmas de sus manos y las plantas de sus pies brotaron llamas; su corazón se iluminó con el reflejo de la sabiduría; su cuerpo divino se convirtió en rocío incorruptible, su adorno de plumas se cubrió de rocío; las flores de su coronilla eran llamas y rocío.

* *
*

NOTAS

Kangue kue omboetery: hizo que fluyese por los huesos el verdadero decir. Mbo = hacer que; 'e = decir; ete = verdadero; ry = fluir. En el Cap. V tenemos la oración: Amoñe'ery jevy va'erã yvyra'ikãgã = haré que por los huesos del que portara la vara vuelva a fluir la palabra. Y en el Cap. IX, refiriéndose a la resurrección del que acaba de morir: eepy = rescatar el decir. La sinonimia existente entre estas tres palabras, pareciera indicar tambien que la palabra ete, tete: cuerpo, tiene su origen en la radical 'e = decir.

Ipiru, ychapy va'ekue eỹ ri: estaba seca, como si antes no hubiera estado cubierta de rocio (rocio que manaba de las manos, anunciando la proximidad del *aguyje*. La palabra *kã* nunca se emplea en mbyá con el significado de: seco.

Omondouka tajy rovapy re: lo arrojó dentro del espacio formado por las ramas del tajy = lapacho.

Che reru taru'ã ¡manga!: me arrojó a la cima del lapacho ¡ay de mi! Aunque el relato no lo dice textualmente, los castigos de Chiku se deben a que éste, al volvérsele a dar asiento en el *opy*, cedió a sus deseos y satisfizo su apetito carnal. Kuarachy Ete, como puede colegirse del contexto, habia obtenido ya *aguyje*, y volvía de Yvy Marã Eỹ para vigilar los ejercicios de su yerno. Según una versión, ordenó a su hija que le llevase mate a la pieza en donde se hallaba encerrado, para refrescarle, ocasión que aprovechó para poseerla.

CAPITULO XVII

Ñande Ru Ayvu. — *La lengua de nuestros padres — y otros datos lingüísticos.*

Tanto Schmidt como Belaieff se refieren a un "idioma secreto" hablado por tribus guaraniparlantes del Chaco ("Revista de la Sociedad Cinetífica del Paraguay", Tomo IV, N.° 3; Tomo V, N.° 3); citando aquél seis palabras de este idioma recogidas por Nordenskjöld como prueba de que los Chane pertenecen al grupo linguístico de los Arwak. Tambien Métraux se refiere a versiones según las cuales los Tapiete, a pesar de haber adoptado el dialecto chiriguano-guarani, hasta hoy emplearían una lengua primitiva no guarani para hablar entre ellos (Handbook of S.A. Indians, de la Smithsonian, Vol. I, 1946, p. 238). Lastimosamente, Métraux no cita ninguna palabra de este idioma; y Belaieff solo menciona su existencia como "sagrada reliquia".

Además del vocabulario sagrado, *ayvu porã* o *ñe'ẽ porã* utilizado en la trasmisión de las tradiciones religiosas, cantos y oraciones, vocabulario que, aunque no empleado en la conversación cotidiana, es de origen indiscutiblemente guarani, conservan tambien los Jeguakáva un número relativamente grande de voces cuyas raíces son de origen no-guarani. Estas palabras se designan con el nombre de *Ñande Ru Ñe'ẽ* = palabras de nuestros Padres; o *Ñande Ru ayvu*: idioma de nuestros Padres. Algunas palabras y oraciones de esta "lengua secreta" fueron publicadas en la "Rev. de la Soc. Científica del Paraguay", Vol. VII, N.° 1; vuelvo a trascribirlas, juntamente con otras que he logrado recopilar posteriormente, subrayando en las oraciones las palabras que considero de origen guarani:

No ñonte kárai *tataendy* ria, chang ka *katu rapyta*.
Pende ára pararíra, ung ké ry pa eng ka chãi no.
Paraóma.
Kóryma.
Apáito, apáita.
Apáita *yvára* pychuka .
Chichésa (nótese la "s").

No están cerradas las puertas, podéis entrar libremente.
Si armáis muchas trampas, habéis de coger muchos animales.
Hoko: garza.
esp. de buitre: uruvu piẽ.
gallo, gallina.
Huevo de gallina.
Polenta de harina de maíz: mbaipy.

Píko vevéto. — Torta de harina de maíz: kavure.
Yvy rénka. — Armadillo colorado: tatu aí.
Guyra kéno. — Tucán: tukã.
Guyra kávumi múchiki. — Calandria.
Cháia. — Loro: arapachái.
Guyra pávo. — Ara chloroptera, Gray.
Poturípi. — Pato.
Atekẽ. — Tamizar, cerner.
Piri'y riki. — Avecilla legendaria (Cap. VIII).
Nóryka; nórka. — Especie de buitre.
Guyra para rýa. — Avecilla: kuchíu.
Chúki. — " "
Guyra ókyo. — " : "Benditosea".

Utilizan tambien los Mbyá nombres "secretos" al referirse a ciertos animales cuando suponen que éstos se hallan en las cercanías, y no quieren que se asusten y se alejen. Doy a continuación los que he logrado recopilar:

Korochã	tatu	armadillo
Pachã	guasu	venado
Yaky	kaguare kuña	oso hormiguero hembra
Ipe	" ray	" " jovem
Tamói	" ava	"" " macho
Pa'i	jakare	caimán
Javera	jaku	faisán
Koto	ygáu	musgo p/ recoger miel
Picho	jaicha, mbyku	paca

Otros nombres de animales, aves e insectos, desconocidos en el guarani contemporáneo, y que tampoco figuran el el "Tesoro" de Montoya, los hallará el lector en el Vocabulario al final de la obra.

En tres canciones infantiles que he recogido, trascriptos en el capitulo sigiente, aparecen palabras no guaraníes cuyo significado no pudieron explicarme los Mbýá, diciendo ellos que eran los nombres de estos cantos. En otros versos, hállanse mezcladas palabras guaraníes, y otras aparentemente de origen exótico.

Con referencia al vocabulario religioso, las palabras y frases más empleadas las hallará en los mitos y leyendas trascriptos, mereciendo agregárseles los siguientes:

Vocabulário común.	*Vocabulário religioso.*
Opy: casa de las plegarias	achojáva
tapýi: choza	" mirĩ
tembi'u: alimento	tembiupi (sin hiato).

poraéi: canto

u'y: flecha
mbaraka: instrumento musical
akãoja yvoty: cofia adornada
iengue: muchacha núbil
iñakã chimba i va'e: anciano canoso
py'a: pecho, corazón
tenapy'ã: rodilla
Oẽ Kuaray: sale el sol

Oike Kuaray: entra el Sol

Kochi: cerdo montés grande

Ñuã: trampa

Mimby i: flauta de mujer

Mimby guachu: flauta de hombre

Angu'a: tambor

tarova; ñemoñe'ẽ; mba'e'a'ã **Kuaray.**
guyra mirĩ potýra
mba'e pu mirĩ
jachuka
akãju, akanju
yvára apyte rakã ju

yvára jerojy rupa
yvára jerojy rupa
Ñande Ru jechaka ogueropu'ã = nuestro Padre se levanta simultáneamente con su reflejo.
Ñande Ru Jechaka Kurary rupa re oó: el reflejo de nuestro Padre va hacia le lecho de las tinieblas.
tataendy ryapu a: aquel alrededor de quien producen ruído las llamas.
Tukombo mirĩ: la maroma pequeña.
Mimby Kuaray reko rovái yvy py che remi-mbojachukáva rete kuerype aeja va'ekue ovy'a ãguã: la flauta, imitación de la del Sol, que dejé en la tierra para que se diviertan aquellas que adorné con el "jachuka".
Mimby Kuaray reko rovái yvy py che remi-mbojeguakáva rete i kuérype aeja va'ekue ovy'ã ãguã yvy rupa reko achy porangatu eỹ re: la flauta, imitación de la del Sol, que dejé en la tierra para que los cuerpos de quienes adorné con el "jeguaka" se diviertan en la morada terrenal de las imperfecciones.
Mba'e pu mirĩ jeguakáva mbovy i mbovy'a arã achojáva rokáre: el pequeño instrumento musical, destinado a alegrar a los pocos seres que llevan la insignia de la masculinidad, en las afueras de la casa de las plegarias.

Numerosas palabras empleadas en el guarani contemporáneo y que tambien da Montoya en su "Tesoro" no son empleadas por los Mbýá cuando hablan entre ellos, siendo utilizados únicamente por los más sofisticados en su trato con paraguayos. Prueba de que no pertenecen al vocabulario mbyá lo constituye el hecho de no aparecer en las tradiciones, cantos y plegarias. Doy una lista de algunas de estas palabras, con sus equivalentes en mbyá-guaraní:

angaipa	pecado	ojeavy
apekã	casi seco	ipiru raí i
akatúa	mano derecha	achu eỹ
ama	lluvia	oky. Ama = eclipsarse.
atõi	tocar levemente	momýi, avyky
ãguĩ	cerca	yvýri, apy ete i
akanundu	fiebre	mba'achy tata; taku vaí
hi'ã	deseable	aipota, etc.
hypy'a	coagularse	oke
haí	herir superficialmente	kychĩ kychĩ
haimete	casi	raí i
hu'u	tos	juku'a
hovi	amontonarse	ijaty jaeá oupy
guapo'y	higuera	koachingy. Guapo'y = cigarra.
icha	parecido	rami
aimo'ã	imagino	aicha'ã
kã	seco	ipiru
kiveve	polenta de zapallo dulce	andaí mbaipy
karugua	tembladeral	yapo churu. Karugua: mántidos; karugua rachy: reumatismo.
korire	despues de ésto.	a'égui
mbykỳ	corto	apu'a i
mi, michĩ	chico	kyrĩ i; mirĩ
kupa'y	Cupaifera	jukypytangy
mo'ã	tener intención de	ra'u; pota
mboypýri	allende	ovái, tovake
panambi	mariposa	popo. Tanambi = mariposa nocturna.
pay	Paca	jaicha; mbyku para
pya'e	pronto	pojava
pyri (che)	cerca de mi	yvýry, joupy ve'i
saingo	colgarse, colgar	vava, mbovava imoiny
sunu	tronar	yapu

sapy'a	raramente	amongue
tyvyro	sacudir	mbojaity
tarova	demente	pochy mēguã. Tarova = himno
tuju	barro	yapo
tujuju	cigüeña	ajaja, guyra ajaja
tie'ỹ	descarado	ji jarakuaái
tembe'y	orilla	yvy ry

En las tradiciones trascriptas en estas páginas, figura un número relativamente grande de partículas y palabras mbyá-guaraníes desconocidas en el guarani contemporáneo, tampoco incluídas por Montoya en su "Tesoro". Otras, las hallará el lector en el Vocabulario al fin de la obra.

CAPITULO XVIII

Cuentos, Leyendas, Cantos Infantiles, Saludos.

Kachire ojepota va'ekue, guú oñe'-ẽapo eỹ vy.

El que se prendó de una marrana, por haber desobedecido a su padre.

Karaí oñemomburu va'e oĩ opy.
Oporaéi, oñemboayvu, o marã eỹ rã re oñea'a.

Un señor que buscaba fervor religioso estaba en la casa de las plegarias. Cantaba, oraba, se esforzaba en pos de la inmortalidad.

A'égui ma, gua'y ñuã recha omboguata, kochi rupía recha.

Luego, envió a su hijo para que viera sus trampas, trampas para cerdos.

-Kochi ndo'ái ramo jepe, eju meme; kochu akykue ramo jepe, tereó eme, e'i.
Kochi akykue; oó ñande i va'e kochi rakykue. Kochi oó a rupi oó oiny: ka'aguy gui oacha ma ápy pindoty re okaru okuapy, oecha raí raí eraávy; a'e rami oó, oó Kochi rakykue, yvypépy oupity. A'épy, Kochi rereko a oecha ñande i va'e.

-Aunque no hayan caído cerdos, ven enseguida; aunque haya rastros de cerdos, no los sigas, dijo. Había rastros de cerdos; nuestro paisano siguió los rastros. Por donde habían ido los cerdos se iba; al atravesar la selva y en un palmar en donde se dedicaban a comer logró, siguiéndolos, entreverlos; por consiguiente se iba, se iba sobre las huellas de los cerdos, y en un lugar bajo les alcanzó. En dicho lugar, el guardián de los cerdos vió a nuestro paisano.

-Mba'e rekávy pa reju, ra'e? e'i.

-¿En busca de qué viniste? dijo.

-Taja...ka'i rekávy aju, e'i.

-En busca de taja... Ka'i vine, dijo.

A rire, "tajachu" e'i raí ri.

Pues, casi dijo "tajasu" (Al pronunciar el cazador las primeras sílabas de taja...su = marrana, se da cuenta de su imprudencia y, en un esfuerzo por despistar al cerdo, agrega: ka'i = mono).

-Tajachu i rekávy aju, ere, e'i kochi. Ombotavy eỹ ma rã:

-Eiporavo che rajy reipotave va'e, emenda, e'i. A'égui, jaáta ore rupive; a'e ramo eỹ, remano va'erã. Omenda ñande i va'e kochíre. Oó ma vy aju'y guy rupi, ombojupi, ombovava, aju'y a omondo embirekópy. A'e va'e a'e ndo'úi. -Yvate ma voí a'u cheé kuri, e'i.

-En busca de tajasu vine, dí, dijo el cerdo; y, no habiéndole engañado:
-Elige aquella de mis hijas que más te plazca y cásate; luego nos acompañarás. Caso contrario, morirás. Se casó nuestro paisano con la marrana. Yendo por debajo de los Aju'y, le hicieron subir; sacudía las ramas de los Aju'y, echando la fruta a su esposa. De ésta fruta él no comía. -Entre las ramas ya he comido yo, decía.

Omongúi yvyrapepẽ a guembirekópy; a'e va'e ndo'úi ñande i va'e; guapytã o'u; a rire ovaẽ guavirápy: a'e va'e o'u avei.

Echaba frutas de yvyrapepẽ a su esposa, de ésta fruta él no comía; frutos de pindo comía; luego llegaron junto a un Guavira: de esta fruta comió tambien.

A rire, ovaẽ yý tuvicha iperĩ va'épy, oacha rañẽ ñande i va'e. A'égui maẽ ovaẽ Para Guachúpy a'e va'épy oguejy ãguã okyyje. -Eguejy ch'atuaráre ejopyý, toroguero-acha, e'i embireko. A'évy ma, oguero-acha, o ja rópy oguerovaẽ, Karaí Ru Ete Mirĩ ambápy.

Luego llegaron a un agua extensa pero poco profunda, cruzándola primero nuestro paisano. Pero más tarde llegaron al Mar Grande, y tuvo miedo de bajar al agua. -Desciende y agárrate a mis crines, y yo te haré cruzar, dijo su esposa. Dicho ésto, cruzó con él, llegando con él a la casa de su dueño, a la morada de Karaí Ru Ete Mirĩ.

A'épy ogueroke irundy pytũ. Kochi ja ojopói ñande i va'e manduvi ku'i ju; a'e ramo jepe, irundy pytũáre ñande i va'e ndovy'avéi; a'égui ma oú goópy.

En dicho lugar durmió cuatro noches con él. El dueño de los cerdos convidó a nuestro paisano con harina de mani milagrosa; pero a pesar de ello al cabo de cuatro noches nuestro paisano no se sentía feliz; por consiguiente, se dirigió hacia su casa.

A rire, embireko e'i:
-Ah, yapu! Manduvi ku'i ju a'u aguére che mo ma'endu'a! ereméke, yapu reendu rã.

Entonces, su esposa dijo:
¡Oh, truenos, me recordáis el tiempo en que comía harina de maní milagrosa! no digas ésto cuando oyeres tronar.

Ojevy ma ouvy, ovaẽ yý guachu py, para guachu rembépy. Oma'ẽ: ndo-

Ya volvía, llegó al agua grande, a la orilla del mar grande. Miró: no

acha reeguái. A rire oú ype, yga reve oú.

-Che mboacha yý, e'i mbyá i.

-Tove, kyrī i ete che yga, e'i.

A rire, oú mbigua. -Che mboacha yý, e'i.

-Tove, kyrī i ete che yga, e'i jyy mbigua.
A'égui maē oú jakare, gua'y reta i reve.

-Karaí pa'i apechỹi, recha jaja mbarakuja poty, che mboacha yý, e'i mbya i.

-Toromboacha yý, e'i. A'e va'e yga, tuvicha i. Oguejy oó. A rire jakare ra'y kue i ry:

-Che ku'irã i, che ku'irã i, e'i oere pa jakare ra'y.

A rire oje'ói.
-Jakare rechapyka tapy tapyi, ere, e'i ñande i va'épy.

-Tove, ima'endu'a porã ete ri ave nde reé kuñataī ngue, e'i mbyá i.

-Mba'e e'i avy ima'endu'ávy? e'i Jakare.
-Karaí Pa'i apechỹi, recha jaja mbarakuja poty, e'i, e'i Mbyá i.

Opuka Jakare: Haá, haá, haá! e'i.
A rire, oó puku i ma vy: -Jakare tuja ape koro korói, ere, e'i jyy Jakare.

le sería posible cruzar. Entonces vino un pato, un pato con una canoa.
-Llévame através del agua, dijo el indiecito.
-No, es demasiado pequeña mi canoa, dijo.
Luego, vino un mbigua (ave somorgujadora). -Llévame através del agua, dijo.
-No, es demasiado pequeña mi canoa, dijo nuevamente el mbigua.
Despues de estas cosas, vino un jakaré, con sus numerosos hijos vino.
-Señor hechicero de tersa espalda y ojos refulgentes como flores de mburukuja, llévame através del agua, dijo el indio.
-Te llevaré a través del agua, dijo.
La canoa de él era grande. Descendió (al agua) y partieron. Entonces los hijos del Jakaré dijeron:
-Sabroso bocadito, sabroso bocadito, dijeron; lo lamieron los hijos del Jakaré.
Luego partieron (nuevamente).
-Jakaré con párpados semejantes a ranchos destartalados di, dijeron a nuestro paisano.
-No, se acuerdan demasiado bien de tí las doncellas (te tienen en gran estima), dijo el Mbyá.
-¿Y qué es lo que dicen cuando se acuerdan de mi? dijo el Jakaré.
-El Señor Hechicero de tersa espalda y ojos relucientes como flores de mburukuja, dicen, dijo el Mbyá.
Se rió Jakaré: ¡Haá, haá, haá!
Y despues de haber andado un largo trecho: -Viejo Jakaré con la espalda cubierta de pústulas, dijo el Jakaré.

-Tove, ima'endu'a porã ete ri ave nde reé kuñataĩ ngue, e'i Mbyá i.
-Mba'e e'i avy ima'endu'ávy? e'i.

-Karaí pa'i apechŷi, recha jaja mbarakuja poty, e'i.

Opuka Jakare: Haá, haá, haá! e'i.

A rire, oó puku i ma vy, oupity yvyra jeroá guy.

-Jakare tuja ape korói, rechapyka tapy tapýi, e'i Mbyá i ovávy; oña a'égui.

A rire, Jakare omoña. Ovaẽ ñande i va'e pira ojopói ápy javachi guachu.

-Che moña ko jakare, e'i.
-Eike a'e ramo che piky guy py, e'i javachi.
Oike piky guy py, ajakápy.

Ovaẽ jakare. -Ndoúipa Mbyá i? e'i. Ndoúi, e'i javachi. -Nde apu, e'i jakare; korópi oú ra'e; ipypo ojekuaá; nde remokañy. -Che eỹ, e'i javachi. A rire, piky ogueroveve ta ma vy, omoĩ o akã re ajaka, ogueraá ñuú mbytépy omboguejy.

A'égui ñande i va'e oó oiny ovaẽ guachu puku rópy, ka'aru i ma ovaẽ. Guachu puku oke pota ma; ñande i va'e ndaupanguái.

-Korópi ake pota, e'i.
-Tove, che py ruparã, e'i guachu puku.

-No, dijo el Mbyá, en demasiada estima te tienen las doncellas.
-Y qué es lo que dicen cuando se acuerdan (de mi) dijo.
-El Señor Hechicero de tersa espalda y ojos relucientes como flores de mburukuja, dicen.
Se rió Jakaré: ¡Haá, haá, haá! dijo.
Luego, habiendo andado un largo trecho, alcanzaron un árbol inclinado (sobre el agua).
-Jakaré viejo con la espalda cubierta de pústulas y párpados como ranchos destartalados, dijo el Mbyá al saltar (mudarse); y echó a correr de aquel lugar.
Entonces el jakaré le siguió corriendo. Nuestro paisano llegó adonde un martín pescador grande pescaba.
-Me persigue un jakare, dijo.
-Entra debajo de mis pececitos, entonces, dijo el martín pescador.
Entró debajo de los pescaditos, en el canasto.
Llegó el jakare. ¿No vino un Mbyá? dijo. -No vino, dijo el martín pescador. -Mientes, dijo el jakare; por aquí vino; se ven sus pisadas; tu lo has escondido. -No fuí yo, dijo el martín pescador.
Luego, estando ya por emprender vuelo, alzó el canasto sobre la cabeza, llevándolo a bajar en medio de una pradera .
De aquel paraje se alejó nuestro paisano y llegó a la casa del ciervo, tarde llegó. El ciervo se preparaba para dormir; nuestro paisano no tenía cama.
-Dormiré aquí, dijo.
-No, allí voy a poner los pies, dijo el ciervo.

-Korópi take, e'i jevy Mbyá i.

-Tove, ch'akã ruparã, e'i.
A rire, uparã jipói ramo, oacha oovy, ovaẽ inambu rópy maẽ.

A'épy oke pota ñande i va'e. Oĩ kururu ave, oke inambu rópy. Inambu e'i:
-Tata ke petapỹijo rive i, peipeju eme, e'i.
Yro'y je. Ñande i va'e ndogueroochã véi ma yro'y; tata otapỹijóvy, oipeju.

Inambu je oke ma ra'e. Tata oipeju ramo ñande i va'e, oñemondýi ame rami, oveve; tata ogueroveve pa; opyta ñande i va'e kururu reve.

Kururu e'i:
-Ndeé pa tata neremokõi ra'e?
-Namokõi, e'i. A'évy, ndeé ne remokõi ri ave?
-Amokõ ri ame rami, e'i.
Kururu ombojevy; ojatapy; oke.

Ko'ẽrã oacha ñande i va'e, ovaẽ Urukure'a i rópy. Kyringue i aé ikuái; i chy jipói; oporandu i chy re.

-Piky jopói rako oó kuri, e'i.

Ko'ẽ raí i ma oú i chy kuéry, eta ogueru piky ame rami; pyku ramo ogueru kyju, ajaka para rupi ogueru.
Arire je:
-Mba'ére voí pepy piky re oñemombiara ramo ¡Hã, Urukure'a i! pi'a oendu ramo ri ame rami? e'i ri ko.

-En este lugar dormiré, volvió a decir el Mbyá.
-No, alli recostaré mi cabeza, dijo.
Entonces, en vista de que no había en donde dormir, siguió viaje, llegando a la casa de la perdiz.

Allí dormiría nuestro paisano. Estaba, a demás, el sapo; dormía en casa de la perdiz. La perdiz dijo:
-Atizad sencillamente el fuego, pero no lo sopléis, dijo.
Dicen que hacía frío; nuestro paisano no aguantaba el frio: al atizar el fuego, lo sopló.

Dicen que la perdiz ya dormía; al soplar nuestro paisano el fuego, parece que se asustó y debido, aparentemente, al susto, levantó vuelo, llevando consigo todo el fuego; nuestro paisano se quedó con el sapo.
Dijo el sapo:
-¿Tu no has tragado fuego?
-No he tragado, dijo. Y tu ¿acaso has tragado?
-Parece que he tragado, dijo.
-El sapo lanzó; prendieron lumbre; durmieron.

Al amanecer siguió viaje nuestro paisano, llegando a la casa de la Lechuza. Solamente estaban los chicos; su madre no estaba; preguntó por su madre.
-Pues, hace rato que fué a pescar, dijeron.

Apenas amanecía, vino llegando la madre; parecía traer pescados, pero en vez de pescados traía grillos, un canastro adornado lleno traía.
Entonces dicen que (dijo):
-¿Porqué será que, habiendo alguien tratando de atrapar pececillos, se me antoja oir al chico de-

A'e ramo: -Jaá jevy, e'i Mbyá i; jaá ñama'ẽ.
Oóma Urukure'a i reve.
-Apy, rako, e'i.
-Eñemombiara ave, a'e ramo, e'i Mbyá i.
Oñemombiara Urukure'a i.
-Hã, Urukure'a i! pi'a oendu ramo ri ame rami, e'i opy oĩ va'e: a'épy ri ty iny Mbyá i chy.

-A'ety rami, e'i Mbyá i.
-A'ety rami, e'i i chy.
-Hỹ'ỹ, py'a i! e'i, o'a omano.

Mbyá i oñotỹ o chy. Ko'erã oó ojaú; yguápy oĩ jave yapu. A'e ramo, ñande i va'e:

-Hã, yapu; manduvi ku'i ju a'u ramo ri ame rami Kochi Ja Ete amŁápy maẽ!

Aipo e'i vyve, oveve oó Kuchiu ramo.

cir: ¡Oh, Urukure'a! Pues así, en verdad, ha dicho. (El chico está ausente; su madre, oyendo a la Lechuza buscar su presa entre el estaqueo del rancho, parece escuchar al hijo ausente dirigirle un saludo).
En vista de ello: -Volvamos, dijo el Mbyá; vamos a escudriñar.
Se fué con la Lechuza.
-Pues, este es el lugar, dijo.
-Dedícate, entonces, a buscar tu presa, dijo el Mbyá i.
La Lechuza se dedicó a cazar.
-¡Oh, Lechuza! pareciera decir el hijito, escuchándole, dijo la que se hallaba dentro de la casa: allí, efectivamente, se hallaba la madre del Mbyá.
-Salud, dijo el Mbyá.
-Salud, dijo su madre.
-¡Ay, hijito! dijo, y cayó muerta al suelo.
El Mbyá enterró a su madre. Al día siguiente fué a bañarse; estando en la fuente tronó. Al acontecer ésto, dijo nuestro paisano:
-¡Ay, está tronando, como si estuviera yo comiendo harina de maní milagrosa en la morada del verdadero dueño de los cerdos!
Al decir ésto, emprendió vuelo convertido en Kuchiu.

* *
*

NOTAS

La versión trascripta fué narrada por un hijo de Cármelo Silva, de Cerro Punta (Colonia Mauricio José Troche) a un grupo de Indios sentados alrededor del fogón en el rancho de su padre; Cármelo me ayudó a consignarlo al papel. Aunque tiene, sobre todo en lo que se refiere a la unión del Mbyá con la marrana, las características de un mito, pertenece a lo que calificaría de leyenda, primero porque nunca lo he escuchado de boca de dirigente avezado; y segundo, porque los detalles que lo adornan a veces varían, de acuerdo a la fantasía de quien lo narra. La unión del

Indio con la marrana, sin embargo, su peregrinación hasta la morada de Karaí Ru Ete Mirī, situada en medio del mar, su regreso, el hallazgo de su madre mediante la Lechuza, y su muerte, constituyen características invariables de todas las versiones que he escuchado. Lo considero un documento importante por hallarse en él fusionados un número de elementos extraídos de distintos mitos americanos.

Ojepota: prendarse.

Kochi rupía: aquello que ha de matar o coger al cerdo.

Oecha raí raí i: vió confusamente. Guarani: vaí vaí.

Ore rupive: junto con nosotros.

Guapytã; guapytangy: fruto de palmera, palmera pindo.

Atuara: cines. Atúa = nuca; ra: pelos, cabellos.

Ah, yapu!: Oh, truenos! Según otra versión, fueron acordes de mimby que escuchó en lontanza; la versión trascripta me parece más "genuina", por ser el trueno en oriente la manifestación de Karaí Ru Ete.

Jyy: otra vez, nuevamente. En casi todas las leyendas comunes se emplea la forma *jyy*, utilizándose *jevy* con su acepción de volver.

Karaí Pa'i: tanto *karaí* como *pa'i* se usaban, según Montoya, para designar a los dirigentes espirituales o hechiceros.

Che ku'irã: solamente en esta leyenda he oído la palabra *ku'irã*, traduciéndola por "sabroso bocadito" por indicación de quienes me la explicaron.

Mbarakuja: Pasionaria; guarani: mburukuja.

Javachi: martín pescador (Montoya).

Guachu puku: ciervo.

Inambu: perdiz. Es interesante comparar este episodio con el pasaje del mito de Pa'i Rete Kuaray describiendo la creación de la perdiz portadora de lumbre, Cap. VIII.

Kururu: sapo. V. el mito del robo del fuego, Cap. VII.

Urukure'a: la Lechuza. V. Caps. I y VIII. En una parábola, que posiblemente sea otra versión de este mismo mito, que publiqué en la revista "Cultura" hace años, la Lechuza aparece tres noches consecutivas en la choza de la mujer cuyo hijo se ha marchado a lejanas tierras.

Ñemombiara: buscar la presa, cazar.

A'ety rami: saludo. V. "Saludos" al final de este capítulo.

Kuchíu: v. los datos referentes a esta ave en el Cap. XIV. Otras versiones del mito omiten mención de la metamorfosis del protagonista.

* *
*

Eira Jagua Paī reve opu'a joe.

Ñande i va'e rajy re Paī omenda.

A rire je Paī, guatyú na echãi ramo, oó ka'aguy re embi'u rã i re.

A'évy, oó tapi'i aguara ojuka ápy ovaẽ. Ovaẽvy, aguara embía áry ituí; arire, Paī u'y py oñyvõ aguarápy, ojuka. Oje'ói ogueraá pa guatyú rópy aguara ro'o; tapi'i ro'o ogueraá pa aveí.

El Eira Jagua y el Paī se atacan.

Un Paī se casó con la hija de un paisano nuestro.
Despues, dicen, hallándose enfermo su suegro, fué el Paī a la selva a buscarle algo qué comer.
Caminando, llegó adonde un jaguar había derribado a un tapir. Al llefar (el Paī) el jaguar se hallaba tendido sobre su presa; el Paī, entonces, hirió con flechas al jaguar, y lo mató. Se alejó del lugar; tras-

A rire, ko'ẽ rã, oó iyy ka'aguy re; a'évy, oendu ka'aguy re pindo ru'ãmy itã omoparã oiny va'e. Oma'ẽ vy, Paĩ oecha Eira Jagua kuña. Guyrapa pindo yvypy re ombojeko va'ekue Eira Jagua kuña ojaga pa Paĩ. A'évy. Eira Jagua oecha Paĩ pe. -U, ava! e'i.

portó toda la carne del jaguar a la casa de su suegro; la carne del tapir tambien la llevó.
Pues bien, al día siguiente volvió a la selva; escuchó en la selva el ruído de alguien producido en la cima de un pindo con una calabaza. Mirando, el Paĩ vió una Eira Jagua hembra. El arco que la Eira Jagua hembra habia dejado recostado contra el tronco del pindo lo cortó en pedazos el Paĩ. Al hacer ésto, la Eira Jagua vió al Paĩ. ¡U, hombre! dijo.

Ogeuky Eeira jagua kuña; pindo ku'áre itury jave, kuarepochi py oñyvõ ta ramo Paĩ, ypekũ ramo ojere pindo ku'áre, ojavy.

Descendió la Eira Jagua y, hallándose a mitad de camino entre la cima del pindo y el suelo, y queriéndola herir el Paĩ con flechas, dió ella la vuelta al° tronco del pindo como si fuera pájaro carpintero, y la erró.

A'égui oguejy yvýpy Eira Jagua kuña; a'e rami, oikutu i py'ajurúpy, ojuka.

Entonces la Eira Jagua bajó al suelo; al hacer ésto, el Paĩ la hincó en la boca del estómago con cuchillo, matándola.

Okévy, oecha ra'u. Ko'ẽ rã, guatyúpy omombe'u. -Ange pyávy a jeecha vaí kuéri, e'i.
-Aipo rã, tereó eme ka'aguy re, e'i guatyú.
A'évy jepe, oó jyy ka'aguy re.
Eira Jagua kuña ojuka aguépy ovaẽ raí i ma vy, oendu ijayvu va'e. Ijayvu va'e e'i.

Al dormir, soñó con ella. Al amanecer, contó a su suegro. -Anoche tuve una pesadilla, dijo.
-En tal caso, no vayas a la selva, dijo su suegro.
A pesar de ello, fué a la selva.
Al aproximarse al lugar en donde habia dado muerte a la Eira Jagua hembra, escuchó quien hablaba. El que hablaba decía:

-Ava a'eveve ramo, che jukáne; che che ra'eveve ramo, ajukáne cheé.

-Si el hombre es más hábil que yo, me matará; si yo soy más hábil, le mataré yo.

Oó ve i vy, oovaichĩ ma Eira Jagua. Oovaichĩ vy Paĩ pe, oa'ã u'y py; u'ymã oikuãvã eruvy o jyva guy py Eira Jagua. U'y ojaga pa ojokóvy Paĩ. A rire, Eira Jagua u'y opa ma ramo, guyrapápy oñapỹrupã pota.

Prosiguiendo su camino, se encontró con el Eira Jagua. Al encontrarse con el Paĩ, el Eira Jagua disparó flechas; un carcaj de flechas traía debajo de su brazo. Al atajar el Paĩ las flechas, las cortaba en pedazos. Luego, habiéndosele terminado las flechas, el Eira Jagua intentó hundirle el cráneo con el arco.

A'e ramo, kyse pukúpy ojaga Paĩ guyrapa. Paĩ ikane'õ ma, o'ã; ovayvávy o'a. O'a ramo, Paĩ rague mbytépy guare ojopy. Eira Jagua. A'évy, iju'ái py oichu'u. Iju'áipy oichu'u ramo, oku'águi kyche i oe-

En vista de ello, el Paĩ volvió a cortar en dos el arco con su cuchillo largo. El Paĩ ya estaba cansado, se cayó; cayó de espaldas. Al caer, el Eira Jagua lo asió de los cabellos de la coronilla, mor-

kỹi Paĩ; a'évy, Eira Jagua oikutu i pyùa jurúpy; a'évy, mokõive i omano jo'áry.

A rire, atyú, guajy-me ndouvéi rã, oó akykue. Ojoú guajyme omano Eira Jagua reve jo'áry.

-A'y, che rajyme! Guírami guápy ri ty'y oiko vaí va'erã, e'i. A'évy, atyú oó etarã kuérype omombe'u. A'e ramo, etarã oú oecha. A'évy maẽ oipe'a jo'áry gui, oñotỹ ma a'épy.

diéndole en la manzana. Al morderle en la manzana, el Paĩ extrajo de su cintura un cuchillo corto y le clavó en la boca del estómago, muriendo ambos, por consiguiente, el uno encima del otro.
Despues, su suegro, en vista de que no volvía su yerno, le siguió los pasos. Halló a su yerno y al Eira Jagua muertos, uno encima del otro.
-Ay, yerno mío, a manos de un ser semejante a éste habías de encontrar la muerte! dijo. Luego fué su suegro a contar lo ocurrido a los de su pueblo, y vinieron sus compueblanos a verlo. Solamente entonces fué que los separaron y los enterraron en el lugar.

* *
*

Eira Jagua: monstruo en forma humana, cubierto de una coraza de escamas impenetrable que le permite desafiar flechas, cuchillos y balas. Tiene un punto vulnerable, no como el héroe griego en el talón, sino en la boca del estómago, como se colige del contexto.

Paĩ: raza guarani, muy guerrera según los Mbyá, que tinen su habitat muy al Norte, semejante a ellos salvo en ser más marciales y de consumir de todo, inclusive carne de jaguar y una oruga monstruosa: Mbií Jagua, del tamaño de un tapir.

Guatyú, atyú: su suegro.

Itã: calabaza grande dividida en dos. Se llama así por su semejanza a la concha de un bivalvo: itã; sirve como recipiente de miel y frutas.

Itury: forma "supina" de u = venir.

U'y mã: manojo o carcaj de flechas.

Kuãvaã: llevar apretando o abrazando con el brazo.

Ñapỹrupã: matar a golpes en la cabeza.

Guajyme, tajyme: su yerno; esposo de su hija.

A'y: interjección que expresa pesar, enojo.

Ty'y: fonema adverbial correspondiente, mas o menos al *nipo ra'e*, de la vernácula: así era.

* *

Omimby i va re ojepota iengue

Mbyá i reindy iengue ramo va'e ojepota omimby i va re.
Mbyá okopi takuaty oikovy; kuaray mbyte jave oó goópy.
Goópy oó omimby i va'e oẽ takua omondoro jaeá oikovy. Oúvy Mbyá i oecha takua omondoro pa ague, oó jyy goópy. A'évy je, ĩrũ kuérype omombe'u:

Da doncella que se prendó del duende que silba.

La hermana núbil de un Mbyá se prendó de un duende que silba. El Mbyá desbrozaba una parcela de takuapi (cañas); al llegar el sol al cénit volvió a su casa.
Mientras él se iba a su casa, salió el duende y arrancó grandes cantidades de cañas. Al volver el Mbyá vió todas las cañas que había arrancado, y volvió a su casa.

-Mba'e voi a kopi ápy takua omondoro pa va'e? e'i.

Al llegar, dijo a sus compañeros: -¿Quién será el que arrancó cañas en el lugar que yo desbrozaba? dijo.

-Jaá avy, jaecha, e'i irũ kuéry.

-Vamos, pues, a ver, dijeron sus compañeros.

Ovaẽ vy, oma'ẽ mbegue okuapy, takuaty okopi ague re ojere okuapy.

Al llegar, se pusieron a escudriñar, rodeando el lugar desbrozado.

Omimby i va'e oẽ.
Ta'ychy okopi ague yvýry gui oma'ẽ mbegue aveí oiny. Omimby i va'e oẽ jave, Mbyá kuéry ovaẽ aveí, ojopyy che vy.
A'e rã, ipochy omimby i va'e, ojuka pa ta Mbyá i pe. Ta'ychy e'i: -Ejejopyy-uka nde rovaja kuéry retápe.

Salió el duende. Su esposa tambien escudriñaba desde un lugar cercano a la parcela desbrozada. Al salir el duende que silba salieron tambien los Mbyá, con intención de cogerlo. Por ello, se enfureció el duende e iba a matar a todos los Mbyá. Su esposa dijo: -Deja que te cojan tus numerosos cuñados.

Ojejopyy-uka; ta'ychy oẽ ma aveí o kyvy kuéry ápy. Ogueraá goópy i kyvy kuéry.

Se dejó prender; su esposa salió tambien adonde estaban sus hermanos. Lo llevaron sus hermanos a su casa.

Omimby i va'e oó ka'aguy re ovaja kuéry reve mba'e reí reí oekávy. O mimby i va'e ojoú guachu ojuka. Oove jyy; ovaja kuéry oendu kochi mombyry okuapy. A'évy je onombe'u o mimby i va'épy; o mimby i va'e oó kochi ápy. Ovaja kuéry e'i:

El duende que silba fué a la selva con sus cuñados en busca de animales. El duende encontró un venado y lo mató. Siguieron caminando y sus cuñados escucharon ruido de cerdos en la lejania. Al escucharlo, lo contaron al duende que silba, y él se dirigió al lugar en donde habia cerdos. Dijeron sus cuñados:

-Kochi aé tamo ndojuka retái raga, e'i.

-Cerdos, sí, que no ha de matar muchos, dijeron.

Kochi ápy ovaẽvy omimby i va'e va'e oñemondýi vy achẽ vaí pa ete. A'e rã ovaja kuéry:

Al llegar en donde habia cerdos, se asustó y gritó lastimeramente. Al escucharle (dijeron) sus cuñados:

-Aipo oichu'u. E'ivy oó.

-Aí lo muerden. Diciéndolo, se fueron.

Govaja ápy ovaẽ vy:
-Mamópa nde chu'u? e'i.
A'évy je, omimby'iva'e ojeyvy, guevikua oechaka govaja kuéry pe:

Al llegar adonde estaba su cuñado: -¿Dónde te murdieron? dijeron.
Al decir ésto, él se agachó, mostrándoles su culo:

-Apy rive che chu'u, e'i.

-Pues, es aquí que me han mordido, dijo.

* *
*

NOTAS

Omimby'iva'e: el duende que silba, llamado Guachu Ja Ete = el verdadero dueño de los venados (V. Cap. IX). Como solamente le pertenecen los venados, cuando se encontró entre los cerdos (que tienen otro dueño) se asustó grandemente y, para justificarse ante sus cuñados, fingió haber sido mordido por ellos en el ano.

Kochi aé tamo ndojuka retái raga: matar él muchos cerdos ¡qué esperanza! Tamo raga: locución que expresa burlonamente, duda, incredulidad. Aunque el duende ha ido adonde están los cerdos, sus cuñados saben que no cazará ninguno, porque él es dueño de los venados exclusivamente.

Ojeyvy: se agachó. Guarani: ojayvy.

Chivi aguara i reve.

Chivi je jojoú aguara i reve.
O'uche aguara i pe; a'e ramo aipo e'i: -Na neryvatãi va'erã, che'u ramo jepe; taá taeka tapi'i eta a, che jaryi, e'i.

-Néi, e'i chivi.
Oó ma aguara i oekávy, ojoú ma tapi'i ikuái a; oú jyy omombe'u chvípe. Oó ma chivi oguero'a petei ikyrave va'e. Chivi rembi'u reegua o'uche aguara i; ndo'uka chéi ma ramo:

-Ityryru kue i emombo i emboúvy, e'i.
A'e va'e ombopatu'a aguara i, omombiru kuaray py; ipiru vyve, mberu ojopyý omboyru, mbovy eý omboyru. A'e rami vy, jagua jo javi javi oñe'ẽ va rami oñendu, i tyryru kuépy mberu oĩvy. A'e va'ekue ojukua chivi ruguáiri; a'e rami ma vy, aipo e'i:

-Ejapychaka pova'ére, e'i; jagua eteve ri ame rami oú ñandevy.

A'e ma rami, ojapychaka ;oendu vy jepe, o'u jevy rãgẽ.

A'égui, aguara aipo e'i:
-Ejapychaka ke, aipo oú eteve ma.

A'e ma rami ramo, oña chivi. Oó mombyry i ma vy, opyta ojapychaka: oú ri aé ñendu jagua. A'e ramo

El jaguar y el zorro.

Dicen que el jaguar se encontró con el zorro. Quiso comerse al zorro; por consiguiente, habló asi:
-Aunque me comieras, no te hartarías; déjame ir a buscar donde abundan los tapires, mi abuela, dijo.
-Bien, digo el tigre.
Se fué el zorro a buscar; encontró un lugar en donde abundaban los tapires; volvió a contárselo al jaguar. Se fué el jaguar y derribó uno de los más gordos. El zorro quería comer de lo que comía el jaguar; no queriéndole dar:
-Tírame aunque no sea más que la vejiga, dijo.
Esta la infló el zorro y la secó al sol; hallándose seca, cazó moscas y las cargó en ella, innumerables moscas cargó. Presas las moscas en la vejiga, producían un ruído semejante al de numerosos perros ladrando al unísono. La vejiga con las moscas dentro la ató a la cola del jaguar y hecho ésto, habló así:
-Presta atención a aquel ruído; se trata, sin duda, de perros que se nos vienen encima.
A raíz de ésto, el jaguar prestó atención pero, no obstante haber oído, siguió comiendo.
Entonces, el zorro habló así:
-Presta atención, pues ahí vienen, sin lugar a dudas.
A raíz de ésto, echó a correr el tigre. Habiendo corrido lejos, hizo alto para escuchar: oíase aún, in-

katu, oñave jyy; mombyryve i ma oó ojapychaka: oú ri aé ñendu jagua.

A'e ramo katu oña jyy, oó mombyry ve i ma, opyta jyy; ikane'õ ma ramo opyta ñorairõ ãguã: ivaí ma.

Opytávy, ojere guakykue katy; a'e rami, guakykue katy jyy jagua ñe'ẽ oendu. A'e rami, ova jyy guakykue katy: guakykue katy jyy jagua ñe'ẽ oendu. A'e rami ramo maẽ, ova vy ve'ỹ, guakykue katy rive te oma'ẽvy, oecha ityryrukue py mberu imoĩ rive ty ra'e, jagua rami oñendu va'e. Guembi'ukuégui mombyry i jepe ma oóvy, oó rive te ma a'égui.

Yma rire ma, joecha jyy aguara i reve. A'évy ma, aipo e'i:

-Ãgỹ ri ma, ro'u pota, e'i.
-Che 'u vy jepe, naneryvatãi va'erã, che jaryi, e'i aguara i: taá ri aé taeka ndevy tape reñoarõ ãguã, e'i; kuimba'e rape, e'i.

-Néi, e'i chivi.
Oó ma aguara i tape reka; ojoú ma teko aviá; a'e vy ma oú jyy omombe'u ojaryi pe. A'égui, oó tape rarõ vy; aguara i katu ijyvy'íry aveí oĩ. Aje'i ma rire:

-Oú ma ra nda'u, e'i chivi.

-Tama'ẽ cheé, e'i aguara i.
A'évy ma, oecha imbouvy kunumingue, mboapy oú.
-Oú ma, e'i.
-Aarõ porã pa? e'i chivi.

-Ambe rãgẽ, e'i aguara i; kuimba'e'ỹ ri oú; kuimba'erã reí poteri, e'i.

discutiblemente, el ruído de perros que venian. Por consiguiente, volvió a correr nuevamente; se fué mas lejos y, volviendo a escuchar, oyó el ruído indiscutible de perros que venían.
Por consiguiente, volvió a correr; se fué lejos, de nuevo paró; hallándose cansado, se dispuso a luchar: se presentaban mal las cosas.
Haciendo alto, se volvió hacia atrás, escuchando de nuevo detrás suyo el ladrido de los perros. Por consiguiente, de nuevo se dió vuelta; nuevamente detrás suyo se escuchaba el ladrido de los perros. Fué entonces que, sin mudar de lugar y mirando disimuladamente hacia atrás, descubrió que el ruído que semejaba ruído de perros era producido por las moscas encerradas dentro de la vejiga. Habiéndose ya alejado mucho de su presa, se retiró del lugar sin rumbo fijo.
Despues de mucho tiempo, volviéronse a ver con el zorro. En dicha ocasión, le dijo:
-Ahora, sí, que te comeré, dijo.
-Aunque me comieras, no te hartarías, abuela, dijo el zorro; déjame más bien ir a buscarte un camino donde puedas acechar (la presa); un camino de hombres, dijo.
-Bien, dijo el tigre.
Se fué el zorro en busca de un camino; encontró un lugar muy transitado y, en consecuencia, volvió a contárselo a su abuela. Luego fueron a acechar; en canto al zorro, se apostó cerca de su abuela. Despues de una larga espera:
-Parece que ya vienen, dijo el tigre.
-Déjame mirar a mi, dijo el zorro. Mirando, vió a tres muchacos que venían: tres venían.
-Ya vienen, dijo.
-¿Estoy esperando en posición ventajosa? preguntó el jaguar.
-Espera aún, dijo el zorro; los que vienen todavía no son hombres; son solamente futuros hombres, dijo.

A'e rami ramo, ndojokói; oacha oó, oje'ói meme kunumingue.

Aje'i ma rire jyy:

-Oú ma ra nda'u, e'i chivi.

Tama'ẽ cheé, e'i aguara i.
-Oú ma, e'i.
-Aarõ porã pa? e'i.

-Tove ragẽ, e'i jyy; kuimba'e kue ma ri oú; tuja i oú ramo jyy, aipo e'i.

Ndojokói jyy imondovy.

Aje'i ma rire maẽ:
-Oú ma ra nda'u, e'i chivi.
-Tama'ẽ cheé, e'i aguara i.
A'évy ma, apáva ma oecha imbouvy; jagua katu,mboapy oú:

-Ãgỹ ri ma katu, kuimba'e itury, e'i. Ijuka-arã aé oú ramo aé voí: -Earõ ke, e'i.

Jagua kuéry ovaẽ ouvy chivi oĩ ápy; oñe'ẽ pavẽ ma voí; chivi okorõrõ nda'evéi ete ma voí; a'e rami, i ja oña ouvy.

Ovaẽ vyve, ojeé opu'ã ta ramo chivi, oñyvõ kuarepochi py; a'égui oñyvõ jyy voí; a'égui oñyvõ jyy voí ojuka eteve i inõgỹ. A'e rami chévy, aguara, apáva'e oú ma ramo maẽ:

-Earõ porã ke, e'i.

No los detuvo, por consiguiente; fueron pasando y se alejaron los muchacos sin detenerse.
Despues de larga espera, nuevamente:
-Parece que ya vienen, dijo el tigre.
-Déjame mirar a mi, dijo el zorro.
-Ya vienen, dijo.
-Estoy acechando bien? dijo el tigre.
-Todavía no, volvió a decir; el que viene ha dejado de ser hombre; por tratarse ahora de un anciano que venía, habló así.
Nuevamente no lo atajó, dejándole pasar.
Despues de otra larga espera:
-Parece que vienen, dijo el tigre.
-Déjame mirar a mi, dijo el zorro.
En esta ocasión, vió que venía uno con arco; venían, además, tres perros.
-Ahora sí que viene un hombre, dijo. Porque ahora venía aquel que fatalmente iba a matarlo: -Pónte a la espera, dijo.
Los perros ya venían acercándose al lugar donde estaba el tigre; ya ladraban al unísono; en cuanto al jaguar, rugía de una manera espantosa; al oirlo, se acercó corriendo el dueño (de los perros). Al llegar, y al erguirse contra él el jaguar, le hirió con flecha de hierro; le volvió a herir; le volvió a herir nuevamente, derribándolo muerto. Por haber deseado el zorro que así ocurriera, solamente cuando venía uno que llevaba arco dijo:
-Pónte bien al acecho.

* *
*

NOTAS

Chivi: jaguar. Llámanle tambien *aguara, ijavaete va'e* = el ser horroroso; *ka'aguy po* = habitante de la selva. La palavra *chivi* utilizase en el Guairá para llamar a los gatos domésticos.
Mbo-patu'a: inflar; hacer burbujas. Guarani: mokamambu.
Yma rire ma: despues de largo rato.
Ãgỹ ri ma: ahora sí. Guarani: ko'ãgã katu.
Teko aviá: camino transitado.

Ijyvy'iry: cerca de él. Guarani: ijypýpe.

Aje'i ma rire: despues de un largo rato.

Oú a ma ra nda'u: no será que viene ya? Guarani: noiméi pipo oũ mba'e?

Oecha imbouvy kunumi: vió la venida de los muchachos. Esta forma verbal ha decaído totalmente en desuso en el guarani contemporáneo. Otro ejemplo es:

Kuimba'e itury: viene un hombre.

Ojeé opu'a ta ramo chivi: cuando se irguió contra él el jaguar. El jaguar generalmente se levanta sobre las patas traseras para atacar al hombre

A'e rami chévy: por haber querido que así fuera.

Javuku pytã aguara i reve.

Javuku pytã aguara i reve ñoa'ã ijaky voi ve va'e. A'e va re, mboapy ára mba'eve omokõ eỹ re ikuái. Mboapy árapy maẽ, nomoporãi ete i mba'eve omokõ eỹ re mokõive va'e, a'égui ndojoachái mokõive va'e.

-Néi, jaá, e'i joupe. Joakaty eỹ oó.

A'égui aguara i oó; ijaky vai pa oó. Guapytã oeka; pindo guy py ovaẽ oeka oikovy, ojoú guapytã peteĩ kúi gue i; a'e va'e omokõ. A'e ocha pojava: ijaky vai pa ma, nda epochi véi ma, jipo véi ma ojoko va'erã. A'e ramo, guapytã apĩ jepe oacha, a'e noendu ragái.

A'égui oekave oikovy; ojoú jyy omokõ va'ekue, omokõ jyy: a'e katu ndoikuaá ragái. A'e va'e katu oacha jyy. Oeka, oeka, oeka, ovaẽ jyy guapytã omokõ va'ekue o'a aguépy: a'e va'e omokõ jyy, a'e va'e o'a jyy.

A'égui maẽ katu: -Eta ma me rami a'u; a'e va'e ri aé, na che ryvatãi. A'évy, peteĩ omokõ vy, ojapychaka: a'évy maẽ oikuaá ndopytái a.

A'égui oacha oó. Oó oenói mandori ru. -Emboty i che revikua, e'i; ndopyta véi che rembi'u, e'i.

La Puma colorada y el zorro.

La puma colorada y el zorro se desafiaron para ver quién resistía más al hambre. Por ésto se estuvieron tres días sin probar bocado. Al cabo de tres días estaban ambos rendidos por el ayuno; ninguno de los dos, por consiguiente, venció al otro.

-Bien, vámonos, se dijeron el uno al otro; se fueron en direcciones opuestas.

El zorro se fué de aquel lugar; rendido de hambre se iba. Buscó frutas de pindo; buscando al pié de un pindo, halló una fruta caída; ésta la tragó. La fruta pasó rápidamente: estando sumamente hambriento, no habia materia fecal en sus intestinos que lo atajara, por cuyo motivo aún la fruta seca de pindo los atravesó sin que él se diese cuenta.

Luego, siguió buscando; halló aquella que habia tragado, la volvió a tragar porque no la reconocia. Y esta, naturalmente, volvió a pasar. Buscó, buscó, buscó; volvió a llegar al lugar en donde la fruta que habia tragado habia caído; volvió a tragarla, volvió a caer.

Solamente entonces dijo: -Mucho, aparentemente, he comido; y a pesar de lo mucho que realmente he comido, no me harto. Solo entonces, al tragar, prestó atención; solo entonces se percató de que no le quedaban (en el estómago).

Despues de ésto siguió caminando. Fué y llamó a la abeja mandori. -Tápame el culo, dijo; lo que como no queda en mi estómago, dijo.

A'e rami ramo, mandori ru oú. -Amboty ne, e'i. Oó ogueru ñae'ũ, omboty aguara revikua; nomboty pái ete i jepe, ombokua kỹrī ete i te.

A'égui ma katu, oó pukuve i ma aguara, ovaẽ guapytã oñeẽ reí ápy. A'e va'e o'upa ete i; yvatã jaeá ma vi, oacha oó. A'égui maẽ katu, oka'-ache ma; ndoka'a ãguãi ma vy maẽ, omano raí i.

A'évy ma, ojapychaka áre rei, oendu ypekũ ipopu ñendu. Oó ovaẽ Ypekũ ápy.

-Aju nde ápy, Ypekũ, ndaka'a porã véi vy ri; aipota rembokua che revikua, e'i.
-Ambokuáne, e'i. Oguejy Ypekũ. -Eñemoĩ porã, e'i. A'évy ma, aguara oñemoĩ porã, guguái oupi. A'-évy ma, Ypekũ omboguái, omboguái. Ombokuávy maẽ aguara revikua, oñeẽ ouvy guapytã.

Por consiguiente, vino la abeja mandori. -Lo he de tapar, dijo. Fué a traer arcilla y le tapó el culo al zorro; aunque no se lo tapó del todo, dejó un agujero demasiado pequeño.
Luego se alejó el zorro del lugar, llegando a un lugar completamente cubierto de frutas de pindo. Las devoró íntegramente y, estando ampliamente harto, siguió su camino. Fué entonces que le vinieron ganas de cagar y, no estando en condiciones de cagar, casi murió.
En este estado, y por casualidad, oyó el ruído producido por el trabajo de un pájaro carpintero. Fué junto al Carpintero.
-Vengo junto a ti, Ypekũ, por serme imposible cagar bien; quiero que me agujerees el culo, dijo.
-Lo he de destapar, dijo. Descendió el Ypekũ. -Colócate bien, dijo. Entonces, el zorro se colocó bien, alzando la cola. Hecho ésto, el Ypekũ golpeó, golpeó; y en cuanto hubo destapado el culo del zorro, salieron derramándose las frutas de pindo.

* *
*

NOTAS

Javuku: puma, el "león" de nuestras selvas.
Aky, ijaky: hambre, tiene hambre.
Joá katy eỹ: in diferentes direcciones.
Mandori: esp. de abeja silvestre. Guarani: mondori.
Oñeẽ reí ápy: en donde se derramaron; en donde habia gran abundancia de. Oñeẽ = se derrama; guarani: oñehẽ.
Guguái; uguái, ruguái: cola.
Nde ápy; ypekũ ápy: en donde tu estás; en donde está el Ypekŭ. Guarani: ne rendápe.

Kaguare guachu chivi reve ñoa'ã.

Chivi kaguare guachu reve ñoa'ã. Chivi aipo e'i: -Jaá epochi mba'e reí reí kangue ve va'e, e'i kaguarépy.

El oso hormiguero grande y el tigre se desafían (se prueban).
El jaguar y el oso hormiguero grande se desafiaron. El tigre habló así: -Veámos en el excremento de cual de nosotros hay más huesos de animales, dijo al oso.

Oguapy joyvy i oka'a ãguã. Kaguare aipo e'i: -Ñachapymi jaka'ávy; a rire, oka'a mokõive i.

Oma'ẽ ñemi kaguare, oguerova epochi chivi revi guy py. Oguerova ma vy, aipo e'i: -Ãgỹ katu, ñama'ẽ voi.

Oma'ẽ ma; ojoú chivi guepochi tay meme; kaguare katu, epochi mba'e reí reí ragueí va'e.

A'é ramo, chivi aipo e'i:
-Cheé ko, chepochy vy, che avaete va'e, e'i. Opu'ã yvyráre, yvatégui oikarãi oipiro yvyra.

A'e ramo, aipo e'i kaguare:
-Cheé che pochy vy, che vaikue va'e aveí, e'i. Yvyra rakamby oipīchã vy, oipee'ã mbyte rupi yvyra, oachave jyy chivípe. A'e rami ramo, okyyje chivi kaguare gui; a'e va re ndo'úi chivi kaguarépe ãgỹ reve.

Se sentaron uno al lado del otro para cagar. El oso hormiguero dijo. -Cerremos los ojos mientras caguemos. Luego, cagaron los dos.
El oso abrió disimuladamente los ojos; mudó su propio excremento debajo del culo del jaguar. Habiéndolo mudado, dijo: -Pues bien, ahora miremos.
Miraron, y el tigre encontró que su excremento se componía íntegramente de hormigas; en cuanto al oso hormiguero, su excremento se componía exclusivamente de pelos de animales.
Por consiguiente, así dijo el tigre: -Yo, cuando me enojo, soy terrible, dijo. Se irguió contra un árbol y desde gran altura rasgó la corteza.
En vista de ésto, así dijo el oso: -Yo tambien, cuando me enojo, soy feroz, dijo. Al asir una rama en su bifurcación, partió el árbol, y sobrepasó al tigre. Debido a ésto es que el tigre teme al oso hormiguero; por este motivo es que el tigre no come al oso hasta el presente.

Los dos cuentos que siguen son muy populares entre los Mbyá de la joven generación; los incluyo en esta colección por contener, entremezclados, elementos extraidos de mitos autóctonos y cuentos paraguayos escuchados por los Indios en obrajes y yerbales.

* *
*

Kuña ipuru'a i va'e ijuéi piky re. A'e ramo, i mẽ oó piky jopói. A rire, piragui e'i ma i mẽ pe:

-Ãgỹ nde ra'y yru va'e reme'ẽ reegua ramo, ame'ẽta piky. Nde ra'y ojaúta va'e reme'ẽ ramo aé ame'ẽta piky. A rire ome'ẽ ave reí, ogueraá mbyá i piky ajaka para renyé nyé.

Ojaú ma mitã; ijayvu ava i; oikuaá ma guú ome'ẽ ague piraguípe. Oó, oẽ tape pypuku yapo rupi oó va'e, a'épy opyrõ mbói guachúre.

Una mujer embarazada tenía deseos vehementes de comer pescado. Por consiguiente, su esposo fué a pescar. Entonces, una sirena le dijo:
-Si me das tu hijo que ahora está en el vientre, te daré pescado; solamente si me das tu hijo que está por nacer te daré pescado. Entonces, en el acto se lo dió; llevó el mbyá canastos adornados llenos de pescado.
Nació la criatura; ya hablaba el niño; supo que su padre le había dado a la sirena. Se fué, llegando a una huella profunda que pasaba

-Che renoẽ ri aé apy gui, e'i mbói.
A rire, oguenoẽ tape yvy'iry iñogỹ.
A rire, oichu'uche. -Epo'ẽ che jurúpy, e'i mbyá i py. "Tove", e'i jave, oñe'ẽ guyraũ; a rire: -Aipo oú che ru, e'i.

A'e ramo: -Néi, tereó katu; che mombe'u eme rañe ke, e'i.
A'égui oó i vyve, oovaichĩ guyraũ pe. -Pepy rako mbói ituí, e'i; che mondýi vaí, e'i.

-Jaá ñama'ẽ, e'i guyraũ.
-Apy rako, e'i ñande i va'e.
Oeka, ndojoúi a'épy; a'évy ri ma, oeka okuapy jaí ku'i rupi: oñemi oupy mbói. A'évy ma ojuka guyraũ mbóipe.

-Néi, ãgỹ tereó, che ryvy, e'i guyraũ.
Oó ovaẽ ñuúmy; ñuú mbytére oecha ijaty reí va'e okuapy: guéi omano ra'e. A'épy peteĩ kamba e'i: -Ejo apy; ojepoyru. Oó ijaty va'e ápy.

-Embo'i cho'o orevy, e'i. Ombo'i. Oĩ javuku, jagua, uruvu, tay, taguato i; a'e javí kuépy cho'o ome'ẽ mba.

-Néi, ãgỹ gui ramo rejeecha vaí jagua, ch'irũ ápy: -Néike, ch'irũ javuku ,ch'irũ tay, ch'irũ tay, ch'irũ taguato, ere. A rire, oacha a'égui; oma'ẽ akykue katy, oecha yý overa; oma'ẽ enonderã katy, oecha jyy yý overa; oma'ý ijyke rovái; oecha jyy yý overa. Ndoikuaái marã katy oóta: Piragui ma oó akykue, oikuaá ma okañy ague.

A'épy ma e'i: -Néike, ch'irũ taguato i, e'i. Oú taguato i ojopyý iñakã raguégui oupi tajy rakã ijyvateve va'e ru'ãmy.
Yý opa ramo, ndoikuaá véi ma mamarã rami pa oguejy ãguã. A'é ramo: -Néike, ch'irũ tay, e'i. Oú tay reta ajaka para reve meme, por un estero; allí pisó una víbora grande.
-Sácame, pues de aquí, dijo la víbora. La sacó, poniéndola al lado del camino. Entonces le quiso morder. -Mete tu mano en mi boca, dijo al mbyá. Al decir "no", silbó el halcón negro. Entonces: -¿Escuchas? viene mi padre, dijo. En vista de ésto: -Bien, véte no más; no me dilates, dijo.
Al alejarse un poco del lugar, se encontró con el halcón negro. -Allí hay una víbora, dijo; me ha asustado grandemente, dijo.
-Vamos a ver, dijo el guyraũ.
-Fué aquí, dijo nuestro paisano. Buscaron, pero no la hallaron en aquel lugar; entonces, la buscaron en la maleza; la víbora se ocultaba allí. Entonces el guyraũ mató a la víbora.
-Bien, véte ahora, hermanito, dijo el guyraũ.
Se fué y llegó a una pradera; en medio de la pradera vió que se hallaban reunidos muchos (animales). Allí dijo un negro: -Ven acá; le hizo señas con la mano. Se acercó a los reunidos allí.
-Corta la carne en pedazos para nosotros, dijeron. La despedazó. Había una puma, un cuervo, un perro, hormigas y un halcón; a todos ellos dió carne.
-Bien, cuando te encuentres mal: -Ven, compañero puma, compañero perro, compañera hormiga, compañero halcón, dí. Se alejó de aquel lugar; miró hacia atrás, y vió brillar el agua; miró hacia adelante, y vió brillar el agua; miró hacia el costado, y vió brillar el agua; miró hacia el otro costado, y vió brillar otra vez el agua. No sabía hacia donde dirigirse; la sirena le seguía, sabiendo que él se fugaba.
Entonces dijo: -Vien, compañero halcón. Vino el halcón, lo asió de los cabellos y lo alzó a la cima de un lapacho, a la cima más alta.
Cuando descendieron las aguas, no sabía en qué forma bajar. Por consiguiente: -Ven, compañera hor-

ojeupi tajy rakãmy; a rire, mbyá i omboguejy ajaka parápy.

Oó ovaẽ yvypépy, ojoú kochi ra'y ichã va'e guembepi jepoka pyrépy. Ogueraá a'e va'e; oikuavã eravy. Ovaẽ oópy, ojoú kuña a'e aé i va'e.

-Mamógui reju, che kyvy? e'i.
-Mombyry gui ri ko aju, e'i mbyá i.
-Ejevy jyy ri aé, e'i kuña; che mẽ ipochy va'e: tay jepe novaẽi apy.

-Tove, e'i.
-Eike, ave, a'e ramo, che rópy, e'i kuña. Oike, okẽ ombotypa.

-Marã rami ne me oú rã oñendu va'erã? e'i.
-Che me oú rã, oñendu va'erã yvytu guachu, e'i. Oñendu ma yvytu guachu.
-Aipo ma, che me itury, e'i.

Ovaẽ vy, okẽre apyvoi. -Marã rami gua pa reĩ apy? e'i. Che mbojoja a pa; che mbojoja a eỹ rã, che racha a pa? Che racha a ramo, eity nde rague peteĩ.

A'e ramo, oity mbyá i okẽ rupi guembepi jepoka pyre.
-Néi, ãgỹ, eity nde ky peteĩ, e'i.

Oity kochi ra'y o ky ramo; achẽ achẽ oikovy. Oñemondýi aña, oña jyy guakykue katy.

Oú jyy aña gua'ychy ápy, a'e rami mbyá i oñemi, tay i ramo oĩ i typyja ruguáire. Ñorarõ ague rupi oú aña, iñakã rupi oñemboguái pa. Yý pupu oĩ tata py mbayrúpy; a'e va'e oñoẽ o mẽ akãre kuña; okuera i mẽ.

Ko'ẽ rã oó jyy ñorarõ ãguã katy. A rire e'i mbyá i:
-Ãgỹ oú jyy rã, eporandu ne mẽ pe: Mba'ére pa nde ra'eve te?
Oú jyy i mẽ; a'e kue rami jyy iñamiga, dijo; vinieron numerosas hormigas, todas con un canasto adornado, y subieron a las ramas del lapacho. Luego bajaron al Mbyá en un canasto adornado.
Fué y llegó a un lugar bajo, y encontró un lechón atado con lazo de guembepi trenzado. Lo llevó consigo, debajo del brazo. Llegó a una casa y encontró a una mujer que estaba sola.
-¿De dónde vienes, hermano? dijo.
-Pues, vengo de lejos, dijo el Mbyá.
-Pues, vuelve enseguida, dijo la mujer; mi esposo es malo; ni hormigas suelen llegar acá.
-No, dijo.
-Entra, pues, en mi casa, dijo la mujer. Entró; cerró todas las puertas.
¿Cómo se sabrá cuando está por llegar tu esposo? dijo.
-Cuando viene mi esposo, se escuchan fuertes vientos, dijo. Ya se escuchaban fuertes vientos.
-¿Ecuchas? Ya viene mi esposo, dijo.
Al llegar, dió puntapies contra la puerta. -¿Qué clase eres que estás aquí? dijo. -¿Me igualas? Si no me igualas ¿me sobrepasas? Si me sobrepasas, echa (fuera) un pelo de tu cabeza.
Por ésto, el Mbyá tiró por la puerta la cuerda de guembepi trenzado.
-Bien, ahora tira uno de tus piojos, dijo.
Como piojo suyo, arrojó el lechón; gruñía contínuamente. Se asustó el demonio, y volvió corriendo al lugar de donde había venido.
Volvió el demonio junto a su mujer; el Mbyá se escondió, como hormiga se prendió a las faldas de la mujer. Había estado peleando el demonio, tenía heridas en la cabeza. Había un recipiente con agua caliente en el fuego; la mujer se la derramó por la cabeza a su esposo, y con ello sanó.
Al siguiente día volvió para pelear. Entonces el Mbyá dijo:
-Cuando vuelve tu esposo, pregúntale -Cómo es que eres tan valiente (hábil)? Volvió su esposo; como

kã oñemboaí pa; oñoẽ yý 'pupu iñakãre. Oporandu a'épy i mẽ pe, mba'ére pa a'eve te.

de costumbre, tenía la cabeza llena de heridas; volvió a derramar agua caliente sobre su cabeza; haciendo ésto, le preguntó cómo era que era él tan valiente.

-Mba'ére voí reikuaache? e'i.
-Aikuaache rive ri, e'i; jipói ñane rendu va'erã; ñande aé i ñaĩ.

-¿Para qué quieres saberlo? dijo.
-Por curiosidad, no más, dijo; no hay quien nos escuche; estamos solos.

A'e ma ramo, omombe'u gua'ychy pe: -Ku iaĩ va'e tajy yvypy guachúpy, toro-jagua ichã oamỹ va'e: a'e va'e che paje; toro-jagua ãi tata va'e. A'e va'e ryepy py oĩ tapi'i ãi tata va'e, iñakuã va'e; tapi'i ryepy py oĩ guachu puku, ãi tata va'e iñakuã va'e; guachu puku ryépy oĩ ta'ytetu ãi tata va'e, iñakuã va'e; ta'ytetu ryépy oĩ jaicha ãi tata va'e, iñakuã va'e; jaicha ryépy oĩ apychaku oveve va'e; iñakuã va'e; apychaku oveve va'e; iñakuã va'e; apykachu ryépy oĩ upi'a; upi'a ojeka ramo, amano va'erã.

Entonces se lo contó a su esposa: -En el tronco de aquel lapacho que se yergue, está un toro monstruoso: el es mi paje; un toro monstruoso con dientes de fuego y veloz; en su vientre hay un tapir con dientes de fuego y veloz; en el vientre del tapir hay un ciervo con dientes de fuego y veloz; en el vientre del ciervo hay un cerdo montés chico con dientes de fuego y veloz; en el vientre del cerdo hay una paca con dientes de fuego y veloz; en el vientre de la paca una paloma que vuela; en el vientre de la paloma está su huevo: cuando se rompa su huevo, yo moriré.

A rire, oó mbyá i oma'ẽ tajy yvypy py, ojoú toro-jagua ichã va'e oãmy. A'épy: -Néi, pejo ch'irũngue i, e'i.

Entonces fué el Mbyá a mirar el tronco del lapacho y encontró que en él vivía el toro monstruoso, encadenado. Entonces: -Bien, venid compañeros míos, dijo.

Ojuka toro-jagua. A'évy maẽ toro ryepy py oĩ tapi'i. Oyembovo toro, a'e ramo tapi'i oẽ; oña, oó oja ro katy; jagua javuku reve oupity oguero'a ojuka, Guachu puku, omano ramo tapi'i, oẽ, ojuka jyy.
Ta'ytetu ojoú, ojuka jyy.
Ta'ytetu ryépy jaicha oĩ, a'e va'e ojuka. Apykachu oẽ vyve oveve. A'e va'e, jagua ipogua ramo, ndojopyýi. Taguato i py e'i: -Ndeé aé rejopyý va'erã. Apykachu oja rópy oike raí i jave taguato i ojopy ojopyý. Oecha ma ija oupy, ikangy.

Mató al toro monstruoso. Hecho ésto, había en el vientre del toro un tapir. Destripó al toro y salió el tapir; corrió, dirigiéndose hacia la casa de su amo; el perro y la puma lo alcanzaron y lo mataron. El ciervo, al morir el tapir, salió; lo mataron tambien. Encontraron el cerdo; en el vientre del cerdo habia una paca, la mataron. Al salir la paloma, voló.
A ella, por tener él las manos redondas, no la atajó el perro; y dijo al halcón: -Tu solamente la cogerás. Estando por penetrar la paloma en la casa de su dueño, el halcón la apretó y la cogió. Viéndola venir su dueño, desfalleció.

-Guírami rejapo ãguã reikuaache, che ra'ychy, e'i aña.
Apykachu ryépy ojoú upi'a mbyá i.

-Para hacer ésto es que querías saber, mi esposa, dijo el demonio.
En el vientre de la paloma encontró el Mbyá el huevo.

-Kova'e emombo ne mẽ rováre, e'i.

Omombo, omano ete i ma aña.
Omenda, opyta mbyá i.
Iky'a je mbyá i. A rire: -Jaá jaú, e'i kuña omẽpe. Oó yetépy ojaú. Ojaú jave, piragui oñemombiara ogueraá ño.

Ta'ychy ogueru mbaraka, ombopu oiny, ombopu rive. A'e rami, Piragui oú ojeroky mbyá i reve. -Néi, ch'irũ i, taguato, e'i, ejo apy. Oú taguato ojopyý iñakã raguégui oguenoẽ yý gui. A'épy oje'ói goópy. A'épy maẽ opa.

-Arroja ésto contra la frente de tu esposo, dijo.
Lo arrojó, murió el demonio.
Se casaron, se quedó el Mbyá.
Estaba sucio el Mbyá. Luego: -Vamos a bañarnos, dijo la mujer a su esposo. Fueron al río a bañarse. Mientras se bañaban, la sirena lo cogió y se lo llevó.
Su esposa trajo su mbaraka y lo tocaba, lo tocaba sencillamente (sin cantar ni bailar). Entonces la sirena vino a bailar con el Mbyá.
-Bien, mi compañero halcón, ven acá, dijo. Vino el halcón, lo asió del cabello y lo extrajo del agua. Entonces fueron a su casa. Y aquí termina (la historia).

* *
*

NOTAS

Ijuéi: tiene deseos de comer (o beber).
Piragui: monstruo acuático. V. Cap. IX.
Nde ra'y yru va'e: tu hijo que está en la matriz.
Ome'ẽ ave reí: se lo dió sin más trámite.
Guyraũ: halcón negro grande que come víboras. Este episodio aparece en muchos cuentos.
Pepy rako, apy rako: allá hay, verdad; aquí id.
Aña: la traducción que doy es: el Demonio, pero no tiene nada que ver con nuestro Demonio bíblico.
A'ekue rami jyy: en la misma forma que anteriormente.
Poagua: la mano redonda. Mbagua: chato, redondo.
Ombopu rive: tocaba ociosamente, v.g., sin danzar ,etc.

Mbyá i gua'y omokañỹ va'ekue.

Mbyá i gua'y etávy, ndokaru porã véi vy, oguero-kuerái. A'évy, e'i gua'ychy py:

-Ñamokañy ñande ra'y mokõi.

Néi, e'i ta'ychy.
Ko'ẽ rã, guajy py e'i: -Eaimbe avachi; jaáta ka'aguy re eí ja'úvy; itã mokõi peraá.

Tape rupi, avachi oity oóvy guajy; i kyvy avachi oupi o'u pa oóvy. Oo puku ma vy, eindy oecha o kyvy avachi o'upa ma a oóvy. -Mba'ére voí avachi re'upa? e'i. Ñande ru ñane mokañy vy ñande reru.

El Mbyá que se deshizo de sus hijos.

Un Mbyá que, por tener muchos hijos ya no comía bien, se cansó de ellos.
Por consiguiente, dijo a su esposa:
-Deshagámonos de dos de nuestros hijos.
-Bien, dijo la esposa.
Al día siguiente, dijo a su hija:
-Tuesta maíz; vamos a la selva a comer miel; dos calabazas partidas llevad.
Por el camino iba echando maíz tostado su hija; su hermano recogía el maíz y lo comía. Habiendo ido lejos, su hermana vió que su hermano comía todo el maíz.
-¿Porque comes todo el maíz? dijo.

Ka'aguy re oó puku ma vy, ojoú eí, ojo'o gua'y kuérype.

-Apy pe'u, e'i; taá taeka amboaé; amboaé a juúvy, achapukáita peó ãguã.

Oó ka'aguyre, itã oupi yvate yvyrarakã re oeja; a rire oo meme goó katy; itã oupi va'ekue yvytu ramo yapu. Yapu oendu ramo: -Po! che ru ochapukái, e'i; oó ta'y kuéry, ojoú itã yvate, a'épy okañy.

A rire oó rive ka'aguy re. Oó puku i ma vy, ojeupi yvateve va'ére, u'ã i my, oecha ñuúmy guéi. Oó ovaẽ guéi iãĩ ápy, oñapyrupã, ojuka. Ndai kychéi vy yé áry ojatapy; ojy águi o'u okuapy, a'e rami vy, yé omombu, mokõi kyche ojoú yépy.

Oje'ói ovaẽ guaimi rópy, guaimi oma'ẽ ỹva'e. Omoingue opy: mba'e pochy rópy ri ovaẽ ra'e.

Ko'ẽ rã e'i guaimi:
-Ñaendu pene kuã.
Anguja ruguái kue i ome'ẽ.
-Pende piru teri, e'i.
Pyávy omokañỹ anguja ruguái kue i. Ko'ẽ rã: -Japoko pene kuã re, e'ívy guaimi, o kuã ete ma oenduka. A'épy e'i guaimi:- Pende kyra ma ra'e, e'i. -Ãgỹ katu tapeó peru jape'a. Ku ka'aguy ovy re tapeó eme.

Oje'ói vy, eindy ojoú parakáo obmoaku va'e; yvyra ygue i py ojapi; parakáo ijayvu.
-Apy parakáo mboaku va'e ajapi rã, ijayvu, e'i kyvy pe.
A'e ramo i kyvy oó. -Ejapi jyy, ave, e'i. Ojapi jevy rã, ijayvu jyy parakáo. -Pende rata rã jape'a peraá, e'i. -Tata peipeju, e'i ramo

Nuestro padre nos trae para deshacerse de nosotros.
Habiendo penetrado lejos en la selva encontró miel; la extrajo para sus hijos.
-Comed ésto aquí, dijo; yo voy a buscar otro (panal); cuando encuentre otro, gritaré para que vayáis.
Se fué por la selva; la calabaza partida la alzó a una rama alta, luego se fué hacia su casa; la calabaza que había alzado producía ruído cuando soplaba viento. Oyendo el ruído: ¿Oyes? Grita mi padre, dijeron. Se fueron los hijos; encontraron la calabaza entre las ramas; estaban perdidos.
Entonces fueron sin rumbo por la selva. Habiendo ido lejos, subieron a un árbol de los más altos, a la cima; vieron en un campo un buey. Fueron y llegaron adonde el buey estaba parado; le golpearon por la cabeza, lo mataron. No teniendo cuchillo, hicieron fuego sobre su vientre, comieron de la parte asada; a raíz de ésto, reventó la barriga y encontraron en sus intestinos dos cuchillos.
Partieron y llegaron a la casa de una anciana, una anciana ciega. Los hizo entrar: habían llegado a la casa del ser maligno.
Al día siguiente dijo la anciana:
-Dejadme tocar vuestros dedos.
Le dieron una cola de ratón.
-Estáis flacos todavía, dijo.
Aquella noche se les perdió la cola de ratón. Cuando al día siguiente: -dejadme tocar vuestros dedos, dijo la anciana, le dejaron tocar sus propios dedos. Al hacerlo, dijo la anciana: -Pues ya estáis gordos; ved a buscar leña. A aquel monte azul no debéis ir.
Mientras iba, la hermana encontró un loro que encobaba; le tiró un palito; el loro habló.
-Cuando tiré a este loro que encoba, habló, dijo a su hermano.
Por consiguiente, vino su hermano. -Vuelve a tirarlo, dijo. Al volver a tirarle, el loro habló nuevamente. -La leña que lleváis es pa-

guaimi, peipeju eme. Ore ru na orembo'éi roipeju ãguã, peje, e'i.

Oó ma, jape'a ogueraá. Tatakua tuvicha va'épy ojatapy. Tatakua pytã vy oiny, távyra ogueru tatakua rokẽ ramo oñono; a'évy: -Ãgỹ katu tata peipeju, e'i.

-Ore ru na orembo'éi tata roipeju ãguã, e'i.
A rire, guaimi ombo'évy, tatakua rokẽ rupi távyra ituí va'e áry ojeroky oikovy. A'e rami ma, mbyá i guaimi pe omoaña tatápy oity. Ikã opororo raí i ramo, kychépy oikychĩ, jagua opo oúvy ikã gui, iñarõ.

-Neñarõ eme, turi, turi, e'i mbyá i. Ni ñarõ véi ma, ory ma.
A rire, ovái i oikychĩ; opo jyy jagua oúvy; a'épy e'i jyy: -Ne ñarõ eme ke, turi, turi.

A rire, mba'e pochy menguére eindy omendachévy, o kyvy pe ojukache. Oó rive tape rupi eindy, oó mbyá i akykue. Oó puku ma vy, yakã my ovaẽvy: -Che kyvy, ayuche, e'i. Yý ojaráta jave y'ápy, eindy i'áry oity ita. A'épy e'i mbyá i:

-Néike, turi, turi, e'i, eipe'a che áry gui ita, e'i.
Ymba oipe'a oja áry gui ita; oẽvy oó jyy. Oó puku mavy, ovaẽ jyy yãkãmy. -Che reindy, ayuche, e'i. A'e ramo, yý ojaráta jave eindy, ita oity i'áry.

-Néike, turi, turi, eipe'a che áry gui ita, e'i eindy.
Ndoipe'ái, omano. I kyvy oó meme, ovaẽ kuñataĩ rópy. Kuñataĩ ojae'o oiny.

-Mba'ére voí, che reindy, re jae'óri? e'i.

ra hacer fuego en que asaros, dijo. -Si la anciana os dice: -Soplad el fuego, no sopléis. Nuestro padre no nos enseñó a soplar el fuego, decidle, dijo.
Se fueron, llevaron leña. En un horno grande hicieron fuego. Estando rojo el horno, trajo (la anciana) una tabla y la colocó como puerta al horno; al hacer ésto: -Ahora, sí, soplad el fuego, dijo.
-Nuestro padre no nos enseñó a soplar el fuego, dijeron.
Luego, a fin de enseñarles, la anciana danzó sobre la tabla que servía de puerta al horno. Al hacer ella ésto, el Mbyá empujó a la anciana echándola al fuego. Cuando crujieron sus huesos, los cortó y salió saltando un perro; era bravo.
-No seas feroz, turi, turi, dijo el Mbyá. Dejó de ser feroz, se amansó.
Despues cortó otro lado (hueso); salió saltando otro perro; entonces volvió a decir: -No seas feroz, turi, turi.
Despues, queriendo su hermana casarse con el viudo del ser maligno, quiso matar a su hermano. Se iba sin rumbo su hermana, el Mbyá la seguía. Habiendo ido lejos, al llegar a un arroyo: -Mi hermano, tengo sed, dijo. Al sacar agua con una calabaza, su hermana echó sobre él una piedra.
Entonces dijo el Mbyá:
-Ven, turi, turi, dijo, quita esta piedra de encima de mi, dijo.
Su perro quitó la piedra de encima de él; al salir, siguieron caminando. Habiendo ido lejos, llegaron a un arroyo nuevamente. -Mi hermana, tengo sed, dijo. Allí, mientras su hermana sacaba agua, echó sobre ella una piedra.
-Ven, turi, turi, quita esta piedra de encima de mi, dijo su hermana. No la quitó, murió. Su hermano siguió caminando, llegó a la casa de una doncella. La doncella lloraba.
-¿Porqué motivo, mi hermana, estás llorando? dijo.

-Che ru che me'ẽ tejujagua che'u ãguã, e'i.
-Emboachy eme, che reindy, e'i. Ou rã ajukáne. Marã rami pa tejujagua oú va'erã?
-Yvytu va'erã.
Kurive i rã, yvytu ma; ovaẽ tejujagua.
-Néike, turi, turi, e'i Mbyá i. A'e ramo, tejujagua reve oiko vaí. Jagua ikane'õ ma.
-Néike, turi, turi, e'i jyy.
Oiko vaí jyy amboaé reve; a'e ramo, tejujagua ikane'õ; i ja oú oikutu tejujaguápy, ojuka.
A'épy, kuñataĩ re omenda i. Ta'y ma je oikovy. A'e rami ramo, jagua kue i ry e'i:
-Ndeé revy'a ma va'erã; nde ra'y ma; ore roó reegua ma.
Yvyku'i rupi ñombojaru jagua; a'e rami ramo, ñembojaru ague oveve: oveve oóvy ramo, oja oma'ẽ. Guymba oveve rã ndoecha véi ma vy, omano rive mbyá i.

-Mi padre me entregó para que me coma el tejujagua (dragón), dijo.
-No te aflijas, mi hermana, dijo; si viene lo mataré. ¿En qué forma aparecerá el tejujagua?
-Soplará viento.
Un poco más tarde, sopló viento; va llegaba el tejujagua.
-Ven, turi, turi, dijo el Mbyá. Entonces peleó (el perro) con el dragn. El perro ya estaba cansado.
-Ven, turi, turi, volvió a decir. Peleó nuevamente con el otro; entonces, el dragón se cansó. El dueño vino y le hincó, le mató.
Entonces se casó con la doncella. Ya tenía un hijo. En vista de ello, los perros le dijeron:
-Tu ya estarás feliz; tienes un hijo; nosotros ya nos vamos.
Jugaban en la arena los perros; estando así ocupados, jugando, emprendieron vuelo; mientras ellos se alejaban volando, su dueño miraba. Cuando no vió más a sus perros que volaban, murió el Mbyá.

* *
*

NOTAS

Oguero-kuerái: se aburrió, se cansó de ellos.
Teri: apócope de *poteri*, todavía.
Mboaku: encobar, empollar.
Pende rata rã: para vuestro propio fuego, para fuego en qué asaros. Locución muy empleada en el Guairá (entre la población campesina, no indígena) al referirse a acciones que redundarán en detrimento propio.
Teju-jagua: monstruo comparable al dragón.
Guymba oveve rã: cuando volaron sus animales, v.g., sus perros. Comentando este pasaje, me informó el hijo de Cármelo que narró el cuento, que "jagua para Tupã jekupe kuéry voí: los perros moteados, overos (jaguares?) son, efectivamente, los defensores de los Tupã. En estas palabras he creído hallar reminiscencias del Jagua Ovy o Perro Azul del Paraíso de los Apapokúva, aunque en ningún mito o leyenda que he escuchado aparece el jaguar mítico que aparece en la mitología de otras parcialidades guaraníes.
Távyra: versión mbyá de "tabla".

Iengue omenda va'e karãu re.

Iengue oendu "karãu, karãu" e'i va'e mombyry. A rire, mombyry

La doncella que se casó con el Karãu.

Una niña oyó que decían "karãu, karãu" en la lejanía. Habiendo es-

oporaéi va'e oendu rã, oó oekávy; ovaẽ tarave rópy.

-Ndeé nda'u ereporaéi porã ete va'é? e'i.
-Aporaái ko, aveí, e'i tarave.

-Eporaéi avy, a'e ramo, ñaendu, e'i iengue.
-Aporaéi ko, aveí, e'i tarave.

A'e ỹ ri, e'i iengue; oacha ve jyy, ovaẽ kyju rópy.
-Ndeé pa reporaéi va'e? e'i kyjúpe.
-Aporaéi ko, aveí, e'i kyju.

-Eporaéi avy, a'e ramo, ñaendu, e'i iengue.
-Chirĩ, chirĩ; tchýky, tchýky, tchýky, e'i kyju.
-A'e ỹ ri, e'i iengue; oacha oó, ovaẽ tatu rópy.

-Ndeé pa reporaéi va'e, e'i tatúpy.

-Aporaéi ko, aveí, e'i tatu.

-Eporaéi avy, a'e ramo, ñaendu, e'i iengue.
-Kúmbe kumberéi; kúmbe, kumberéi, e'i tatu.
-A'e ỹ ri, e'i iengue; oacha ve oó, ovaẽ ka'i rópy.
-Ndeé pa reporaéi va'e, e'i ka'ípy.
-Aporaéi ko, aveí, e'i ka'i.

-Eporaéi avy, a'e ramo, ñaendu, e'i iengue.
-Uoí, uío, uío, e'i ka'i.
-A'e ỹ ri, e'i iengue; oacha ve oó, ovaẽ karaja rópy.
-Ndeé pa reporaéi va'e? e'i karajápy.
-Aporaéi ko, aveí, e'i karaja.

-Ñúngue, ñúngue, ráo, ráo, ráo ,e'i karaja.
-A'e ỹ ri, e'i iengue; oacha ve oó, ovaẽ karãu rópy.
-Ndeé pa reporaéi va'e? e'i karãu pe.
-Aporaéi ko, aveí, e'i karãu.

-Eporaéi avy, a'e ramo ñaendu, e'i iengue.

cuchado a quien en lontananza cantaba, fué en su busca. Llegó a la casa de la cucaracha.
-¿Eres tu, acaso, quien tan bien canta? dijo.
-Suelo cantar, tambien, dijo la cucaracha.
-Canta, pues, si es así, para que pueda escucharte, dijo la niña.
-Tarave i, tarave i, dijo la cucaracha.
-No fuiste tu, dijo la niña; siguió caminando; llegó a casa del grillo.
-¿Sueles tu cantar? dijo al grillo.
-Suelo cantar, tambien, dijo el grillo.
-Canta pues, si es así, para que yo te pueda escuchar, dijo la niña.
-Chirĩ, chirĩ; tchýky, tchýky, tchýky, dijo el grillo.
-No fuiste tu, dijo la niña; siguió caminando, llegó a la casa del armadillo.
-¿Sueles tu cantar? dijo al armadillo.
-Suelo cantar, tambien, dijo el armadillo.
-Canta, pues, si es así, y escuchemos, dijo la niña.
-Kúmbe, kumberéi; kúmbe, kumberéi, dijo el armadillo.
-No fuiste tu, dijo la niña; fué pasando, llegó a la casa del mono.
-Sueles tu cantar? dijo al mono.
-Suelo cantar, tambien, dijo el mono.
-Canta pues, si es así, para que te pueda escuchar, dijo la niña.
-Uío, uío, uío, dijo el mono.
-No fuiste tu, dijo la doncella; fué pasando, llegó a casa del macaco.
-¿Sueles tu cantar? dijo al karaja.

-Suelo cantar, tambien, dijo el karaja.
-Ñúngue, ñúngue, ráo, ráo, ráo, dijo el karaja.
-No fuiste tu, dijo la niña; siguió caminando; llegó a casa del karãu.
-¿Sueles tu cantar? dijo al karãu.

-Suelo cantar, tambien, dijo el karãu.
-Canta pues, si es así, y escuchemos, dijo la niña.

-Karããu, karãããu, karããããu, e'i karãu.
-Apy ri ty iny oporaéi porã ete i va'e, e'i iengue; opyta omenda karãu re.

-Karrããu, karãããu, karããããu, dijo el karãu.
-Pues, en verdad, es aquí que está el que tan bien canta, dijo la niña; se quedó y se casó con el karãu.

Poraéi kunumingue oñevanga a.

Cantos con que los niños acompañan sus juegos.

Parakáo ndaje omano.
Mba'ére nda omano?
Endy reí omano.
Kururu che guero.

Dicen que el loro ha muerto.
¿Porqué será que murió?
Estalló en llamas y murió.
El sapo me ha?

* * *

Cantan las niñas:

Che kyvy porã,
Parana rovái ereó rire,
ejere voí.
Mamópa repytáne?
Apytáne ypychĩ rakãre.
Ijeije!

Mi lindo hermanito,
despues de irte allende el Parana
vuelve pronto.
¿En dónde te quedarás?
Me quedaré en el afluente del agua angosta.
Ijeije!

* * *

Chijovy mirĩ,
nde reka rire
javy jay áre
guyra tukã ju,
ogueroguaú.

Pequeño sayjoyvy (ave),
despues de andarte buscando
y errándote repetidas veces
el pájaro tucán amarillo,
se lamenta por ello.

* * *

Ero tori,
ero tori, tori;
eroije,
eroije, ije,
eroije.

??

* * *

Apykachu ¡miña!
oirũ juka rire,
tape puku rupi
U!U!U!U!, e'i.

La torcaza ¡pobrecita!
muerta su compañera,
a lo largo de los caminos
U!U!U!U!, dice.

* * *

Canciónes de cuna:

Aipo jagua ñe'ẽ ma,
che memby, eke katu, eju.

Escucha el ladrar de los perros,
mi hijo; duerme, pues, ven.

* * *

Ekéke, mitã, aipóma nde ru
ogueru pota guachu para i
ne rymba rã i;
tapichi nambikue i, nde ropaí rã i;

ju'a para i nde mba'evyky rã i.

Duerme, pues, niño, que tu padre
va a traer un venado moteado para
tu animalito;
y una oreja de liebre para tu collar;
y frutas moteadas de la espina para tus juguetes.

* * *

La siguiente canción fué entonada por un grupo de niños y niñas que danzaban alrededor del OPY de Tomás Benitez, Yvytuko, durante el festival anual celebrado por motivo de la madurez de los frutos: *tembi'u aguyje*. Aunque me informó Tomás que era simplemente una canción infantil: *pi'a kuéry oñevanga a poraéi* = canción de los niños que juegan, tiene todas las carácterísticas de un canto mítico. Tiene por tema una danza de Tupã Chy Ete, y la escena que evoca es extraterrenal: el *karanda* tiene hojas relucientes, como todo lo eterno en la mitología mbyá; el *Suruku'a* — Trogonorus surucura Vieill., es tambien indestructible: *ju;* el cuerpo de la diosa que danza fulgura: *ojepovera*. Merece subrayarse el hecho que numerosas palabras que en el lenguaje cotidiano son agudas, es decir, llevan el acento sobre la última sílaba, se convierten en llanas en estos versos.

Chapĩre, eju, miña!
karánda rovéra rovái.

Chapĩre, ven, pues,
frente al Karanda de hojas relucientes.

Oñéchu, oñéchu ramo katu
Tupã Chy Ete,
ojepovéra, ojepovéra.

Cuando se arrodilla, se arrodilla la verdadera madre de los Tupã, le resplandece el cuerpo (O: emite resplandores), le resplandece el cuerpo.

Ojepovéra ramo katu
Tupã ra'y kuéry oñemoichĩ,
oñemoichĩ.

Y cuando le resplandece el cuerpo los hijos de Tupã se balancean acompasadamente, se balancean acompasadamente.

Oñeomoichĩ ramo katu,

Y cuando se balancean acompasadamente

Churuku'a ju oguáu rachy,
oguáu rachy.
Oguáu rachy ramo katu,
tape tape i rupi jaávy, jaávy

"chakã rachy" ja'e ramo,
yvyra ñe'ẽ ñand'api,
ñand'api.

El Suruku'a eterno se lamenta tristemente, se lamenta tristemente.
Y cuando se lamenta tristemente,
y por los caminos, los caminos vamos caminando,
y "me duele la cabeza" decimos,
el alma del árbol nos hiere, nos hiere.

* *
*

NOTAS

Opái, rapái: collar.
Yvira ñe'ẽ ñand'api: nos hiere el alma del árbol. Hay árboles de alma indócil (Cap. IX). Cuando amenaza llover, brillan los relámpagos y truena, v.g., cuando los dioses manifiestan su presencia, no conviene "transitar por los caminos", ni decir "me duele la cabeza", porque en tales momentos las almas de los árboles indóciles: *iñe'ẽ avaete va'e* se vuelven más peligrosas.

SALUDOS

El que llega:
A'ety rami.

Todo está normal, como de costumbre.

El dueño de casa:
A'ety rami.

id. id.

El que llega:
Ndeé jepe pa, a'ety rami?
A'ety rami pa repu'ã?

En cuanto a ti ¿todo está normal?
¿Te levantaste normalmente?

El dueño de casa:
Che jepe ko, a'ety rami,
añetẽ. A'ety rami ko apu'ã,
añetẽ.

En lo que mi respecta, efectivamente, todo está normal; me levanté, efectivamente, como de costumbre.

El que llega:
Kuaray re ma nd'ayvu; reãmy porã i pa?

Hablas invocando; te yergues en buena forma?

El dueño de casa:

Kuaray re ma ch'ayvu; aãmy porã i ko. Ñande Ru Ñamandu ñanemopu'ã áre ma vy ch'ayvu porã i aikovy.

Hablo invocando al Sol; me levanté normalmente. En virtud de habernos hecho levantar nuestro Padre Ñamandu es que hablo en buena forma.

Al despedirse, generalmente se limitan a decir: -Néi, aáma; o: -Néi, aguata i pota = Bien, ya me voy; bien, ya me dispongo a caminar. A menudo agrega el que se queda: — Ema'ẽ ma'ẽ ke yvy re ereóvy = mira repetidas veces el suelo mientras vayas.

Saludo ritual cambiado al llegar un dirigente a una población que no es la suya, en tiempo lluvioso. Despues del saludo trascripto:

Dueño de casa:
Che ruvicha i, reguata i ndaje ra'e; reñea'ã ete i ereikóvy ra'e.

Mi superior, efectivamente estás caminando; es cierto, efectivamente, que realizas grandes esfuerzos.

El dirigente:
Ta, aguata i aikóvy añetẽ; añea'ã eteve ko, añetẽ.

Si, verdaderamente camino; efectivamente estoy realizando grandes esfuerzos.

El dueño de casa:
Opa mba'ete a'eve ramo eỹ jepe, tape rupa a'eve va katuĩ ramo eỹ jepe, reñea'ã eteve i ereikóvy.

Aún todos los hombres no se hallan bien dispuestos, y los caminos están en mal estado, sin embargo tu te esfuerzas.

Dirigente:
Opa mba'ete a'eve ramo eỹ jepe, tape rupa a'eve va katuĩ ramo eỹ, añea'ã eteve i aikóvy, añetẽ.

Aunque todos los hombres no están bien dispuestos, y los caminos no están en buen estado, me esfuerzo, efectivamente.

Dueño de casa:
Ãgỹ ãgỹ katué tape rupa ñamomýi ãguã rami eỹ; a'e rami ete, ndaijavaete porangatui myrõ teĩ ague va gui jepe reñea'ã i; rejoveria poranguépy remopa'ũka iño, Karai, Jakaira kuéry pe.

Aunque estos momentos no son propicios para transitar por los caminos, tú, aún siendo así, no adquieres fortaleza de los seres nefastos carentes de belleza; haces que se intercalen aquellos en que depositas confianza, los Karai y los Jakaira.

A'éva ri ma vy, reguata rive i raga ri? Remombe'u va'erã eteve reikuaávy eỹ pa reguata?

Y Siendo así ¿caminas sin objetivo? El hecho de que estés caminando ¿no tiene por objeto participar (nos) algo?

Dirigente:
Ta, a'e rami ño ko, añetẽ; amombe'u va'erã i aikuaá vy eỹ aguata i.

A'e ramo ma, peẽ i jepe, opa mba'ete peteĩ va eỹ oata ramo eỹ jepe, peñogueno'ã porã i; ko yvy rupa ñanemboayvu che vaí i ãguã rami ve'ỹ va gui jepe, pend'ayvu porã raga ri, pende rory reko rã i peropu'ã.

Ñamandu jechaka Kuaray ombou-pa javére, karaí, kuñakaraí kuéry jogueroory oñendu porã i.

Si, efectivamente es así. El hecho de estar caminando se debe a que no tenga nade que participar.
Y así tambien vosotros, no faltando nada (entre vosotros), os inspiráis en buena forma; y aunque esta tierra intenta haceros pronunciar malas palabras, vosotros habláis en buena forma, y os levantáis con motivos suficientes para ser felices (amables, hospitalarios).
Donde quiera que Ñamandu hace que se asiente su reflejo el Sol, se oyen las voces de señores y señoras que dirigen amablemente la palabra.

* *
*

NOTAS

A'e ty rami: como de costumbre, perseverando en ello.
Ndai javaete porangatúi myrõ: myrõ es la radical de *ñemyrõ* = enojarse, enemistarse.
Peñogueno'ã: una mejor traducción posiblemente sería: os reunís.

CAPITULO XIX

"La elegancia de la lengua guarani robustece la opinión de aquellos (entre los que se cuenta a Platón en su 'Cratilo') para quienes las lenguas no son invenciones humanas, sino don singular otorgado por Dios a los hombres. Domingo Bandiera, misionero entre los indios Chiquitos cuya lengua es toda artificio y, en cierta manera, más rica y completa que la griega y la latina, asombrado ante esta comprobación, escribió que ésto sería imposible si no tuviese su origen en el mismo Dios.... Lo mismo opina de las demás lenguas de los Indios..." (en "Le República de Platón y los Guaraníes", por José Manuel Peramás).

Quien haya leído el Capítulo II de esta recopilación, titulado "Ayvu Rapyta", el capítulo más sagrado, y piedra angular de la religión de los Mbyá guarani, habrá comprobado que nuestros Jeguakáva Tenonde van más lejos que Platón, el docto jesuita Peramás y su colega Bandiera: afirman, no solo que el lenguaje humano es de origen divino, sino que fué la primera obra del Absoluto en cuanto hubo tomado asiento o asumido la forma humana en medio del Caos primigenio. Y agregan el que lenguaje humano "creado por Ñande Ru en medio de las tinieblas originarias, antes de conocerse las cosas" constituye el germen, la médula de la palabra-alma que, una vez creada la tierra enviaria por intermedio de sus Padres de la Palabra-alma para que se encarnara (Caps. II, IV).

Pero, Ayvu Rapyta ¿es de origen autóctono, genuinamente guarani? Constituye un argumento en favor de la tesis desarrollada por Bertoni en su "Civilización Guarani"? ¿Será prueba de alguna civilización pretérita proveniente de Yvy Tenonde, la Atlántida de nuestra prehistoria; civilización comparable quizás a la esbozada por los hermanos Wagner en sus trabajos sobre la civilización santiagueña?

Aunque personalmente considero de origen genuinamente autóctono los consejos dirigidos por los dioses a la palabra-alma al enviarla a la tierra, y los himnos sagrados referentes a la concepción y la muerte (Caps. IV y V), corolarios inseparables de Ayvu Rapyta, mis conocimientos no me autorizan a aventurar hipótesis alguna sobre el origen de los versos que describen la creación del Lenguagem Humano. Desde luego, el objeto de la presente recopilación no es el de aportar argumentos probatorios de tal o cual sobre los orígenes ni de la raza ni de las tradiciones recopiladas sino, como he dicho ya, el de reunir algunos elementos de juicio que faciliten la tarea del investigador que quiera ahondar en el alma del Indígena y penetrar hasta el fondo de sus concepciones religiosas. Pero, como el

material reunido en estas páginas brinda datos lingüísticos suficientes para explicar claramente lo que para el Mbyá representa el concepto de *alma* y demuestran que, para él *expresar ideas* y *porción divina del alma* son sinónimos — sinonimia que probablemente constituya característica de la lengua, como veremos — me he permitido extractar algunos datos relacionados con este tema, los que cito a continuación.

Ayvu significa en mbyá-guarani: hablar, lenguaje humano; y Ayvu Rapyta, literalmente: origen del lenguaje humano, significa según los dirigentes mbyá, lo que llamaríamos origen o germen de la porción divina del alma (Cap. II).

Ñe'eng, ñe'ẽ, es la palabra-alma, la porción divina del alma que se encarna en el ser humano una vez engendrado (Caps. II, IV, V, IX). Significa tambien palabra en: *Che ñe'ẽ ñeỹchyrõ* = mis series de palabras (Cap. IX).

'E significa decir, tanto en nuestro guarani clásico como en mbyá-guarani; y para expressar el concepto que encierra nuestra palabra resucitar, v.g., el de devolver el alma al que ha muerto, emplean los Mbyá la palabra *eepy,* cuya tradución literal es: rescatar o redimir el decir. El nombre con que designan el patronímico sagrado otorgado por los dioses al hombre y que lo acompañará a través de la vida y que, según las creencias mbyá-guaraníes constituye parte integrante de la naturaleza del hombre, es: *e ry mo'ã a* = aquello que mantiene erguido el fluir de su decir (Cap. IV).

Resumiendo, las voces *ayvu, ñe'eng* y *'e* traducen los dobles conceptos de:

1) Lenguaje humano-origen de la porción divina del alma humana.
2) Palabra-porción divina del alma.
3) Decir-el principio vital; el alma, el decir (Verbo).

Falta un eslabón que confirme la definición de los mburuvicha mbyá-guaraníes, según la cual *Ayvu Rapyta,* el origen del lenguaje humano, es *Ñe'eng Ypy* = la palabra-alma originaria. Este eslabón nos lo proporciona Nimuendajú, etnólogo de fama mundial. En el Cap. II de su clásica obra ya citada dice:

"Las voces ñe'ẽ y ayvu tienen valores diferentes entre los paraguayos y los guarani de que venimos tratando. Ñe'ẽ entre los paraguayos, es el lenguaje de los hombres, y ayvu es el ruído de los animales. En el grupo guarani que venimos estudiando, ayvu significa lenguaje humano, y ñe'ẽ es el ruído de animales, justamente lo contrario".

Y en el Capítulo III, titulado "Alma y Nombre", agrega:

"Los Apapokúva no designan el alma como los otros de Lingua Geral: ang, sino ayvukue. En esta palabra, la sílaba inicial, poco clara en su

significado, posiblemente pueda corresponder a ang; la segunda vu quiere decir: subir a la superficie, surgir; kue es el pretérito; ayvu significa, como he dicho, el habla, el lenguaje del hombre, y en clásico guarani significa ruído. Ayvu-kue significa "el aliento que brota de la boca" (sic).

Luego agrega en una nota aclaratoria:

"Se podría tambien explicar en la siguiente manera: ang, alma (guarani clásico) que en apapokúva se trasforma por eufonia en ay; vu = brotar; kue = pretérito. Entonces: el alma que ha salido del cuerpo".

Otro investigador, el mayor Marcial Samaniego, quien en "Revista de Turismo", Asunción, Feb. 1944 dedica un artículo a la mitología de los que él llama los Avá Guaraní del Yvy Pyté o Ipir, dice:

"..nuestra palabra es la manifestación de nuestra alma que no muere; ....ang es la sombra, el rastro, el eco".

Tenemos, pues, tres naciones guaraniparlantes, hablando tres dialectos distintos del guarani y poblando tres regiones muy separadas entre sí quienes, para designar la parte divina, imperecedora del alma humana, emplean voces que traducen el concepto de palabra, lenguaje humano; es decir, para quienes los conceptos de: *porción divina del alma* y *lenguaje humano* constituyen una sola idea, un concepto indivisible (1).

Se ha visto que los Jeguakáva creen en la dualidad del alma, dogma que el lector hallará esbozado en las Notas que siguen al Cap. VI y en el mito de Kapitã Chiku (Cap. XVI) y, para designar la porción imperfecta, telúrica del alma, emplean las voz *angue*. Angue es el producto de nuestras propias pasiones y apetitos; como dicen los mburuvicha: *ñande reko achy kue* = el producto de nuestro imperfecto modo de vivir. Cuando muere el hombre *ñe'eng*, enviada por los dioses, vuelve a la morada de su Padre; *angue* permanece en la tierra convertida en *Mbogua*, palabra empleada por los Guarani antiguos y recogida tambien por Montoya.

Los Ava Guarani mencionados por Samaniego utilizan la voz *ang* para designar **"la sombra, el rastro, el eco"** del hombre.

En cuanto a los Apapokúva, vuelvo a citar a Nimuendajú:

"Luego del nacimiento (del ser humano) entra a acompañar al ayvukue (la porción divina del alma) el Asygua. El Asygua es alma de animal. Despues de la muerte, Asygua se trasforma en anguery. La voz está compuesta de ang: alma en guarani clásico, y el pretérito kuéra, trasformada de acuerdo a las leyes de la fonética apapokúva en kuery, guery. Los Apapokúva no usan fuera de este caso la voz ang para designar alma, ni la voz guery". (1. c. p. 18, traducción de Recalde).

Salta a la vista que este *asygua*, alma de animal según Nimuendajú, es el mismo *teko achy kue* (teko asy kue) el producto de las imperfecciones humanas de los Jeguakáva. Al morir el Apapokúva su *Asygua* — alma animal — se convierte en *Anguéry*, espiritu peligroso; al morir el Mbyá, su *teko achy kue* — producto de sus pasiones — se convierte en *angue o*

*mbogua, es*píritu igualmente peligroso que hay que alejar con plegarias y humo de tabaco, especialmente creado por Jakaira, Dios de la Primavera, para el efecto.

Prescindiendo de las deducciones de Nimuendajú acerca de las posibles etimologías de *ayvukue,* tenemos tres naciones guaraniparlantes: los Jeguakáva o Mbyá Guarani del Guairá; los Ava Guarani de la frontera; y los Apapokúva Guarani del Brasil, que creen en la dualidad del alma. Para las tres naciones citadas, habla, lenguaje humano y porción divina del alma son sinónimos; y las tres utilizan la voz *ang, angue,* que en nuestro guarani clásico significa alma humana, para designar la porción animal, telúrica del alma.

¿Qué es *angue?*

Los datos lingüísticos que nos brindan estos anales de los Jeguakáva o Mbyá nos permiten descifrar su significado.

Ã significa en mbyá-guarani: estar en pie, estar en posición vertical, acepciones que le da tambien Montoya en su "Tesoro". Los siguientes ejemplos de su empleo, entresacados de estas mismas páginas, servirán para demostrar sintéticamente su verdadero significado:

Jaipycho yguy py imo'ãmy (Cap. XIII).	Lo clavamos debajo del agua, en posición vertical.
... oãmy vy ma Cap. II).	... en virtud de haberse erguido, de haber asumido la forma humana.
Che yvy o'ã'ỹvõ ñande ra'y apyre pyre (Cap. VII).	Mi tierra herirá la verticalidad de mis hijos (contiene presagios de infortunios para mis hijos) hasta las postrer generación, etc.

Estos pocos ejemplos de ã y sus derivados bastan para demostrar que el verdadero concepto que encierra la sílaba ã, ang de la voz *angue* es: verticalidad, conciencia o cualidad de ser erguido. En cuanto al sufijo kue, gue, ngue, sabido es que, además de expresarse con él el pretérito, expressa las cualidades abstractas de seres y cosas, v.g.,: *yvate* = alto; *yvatekue* = altura; *pytã* = rojo, *pytangue* = rojez, bermejura, etc. etc. Angue, por consiguiente, encierra el concepto de: las cualidades de un ser vertical, erguido, que fué; en otras palabras: la mortalidad de un ser humano desaparecido, pues no existe otro ser viviente cuya posición normal es la vertical. Y esta definición concuerda exactamente con la que de *angue* nos dan los dirigentes mbyá-guaranies: el producto de nuestras pasiones, de nuestras imperfecciones: *ñande reko achy kue.*

Aunque la voz ã y algunos de sus derivados se emplean con referencia a animales y seres inanimados, *angue* — alma telúrica o impura, es algo exclusivo del hombre. El árbol, aunque se yergue, inmóvil: pindovy

aipópy iãĩ = una palmera milagrosa se yergue en dicho lugar (Cap. VIII), no tiene *angue* — alma telúrica — pero sí tiene alma: ñe'eng (Cap. IX); el tigre, todos los seres vivientes, tienen alma: *ñe'eng*: omopyrõ Kuarachy Ete aguara ñe'ẽ guaminóre = Kuarachy Ete hizo que el alma de un tigre se encarnase en su propio nieto (Cap. XVI). Pero, fuera del hombre, del ser viviente vertical, ningún otro ser viviente posee *angue*. Porque esta porción del alma es producto de la mortalidad, debiendo su génesis exclusivamente a las pasiones e imperfecciones inherentes al ser qui vivió erguido: *o'ã va'e reko achy kue*.

Un somero análisis de los mitos y leyendas recogidos por diferentes investigadores entre distintas parcialidades guaraniparlantes no deja lugar a dudas respecto al común origen de la religión de los diferentes grupos de esta raza cuyos restos viven aún, diseminados através del continente. Y permite deducir que los versos sagrados de *Ayvu Rapyta* y los demás capítulos "esotéricos" de los textos míticos de los Jeguakáva — pletóricos de poesía y de filosofía — no sean de propiedad exclusiva de esta parcialidad; siendo de presumir que otras naciones guaraníticas que hayan podido, como los Mbyá del Guaira, mantener sus tradiciones y lengua libres de influencias exóticas, conserven tradiciones similares.

En vista del enorme número de trabajos a que ha dado origen la cultura guarani, es lógico que se dude poder hallar aún, entre los restos dispersos, degenerados y sofisticados de las distintas parcialidades guaraniparlantes, datos de valor para el hombre de ciencia. Espero que esta recopilación demuestre que esta opinión es infundada. Y basta creo, para invalidarla, el solo hecho de conservar los Mbyá, a pesar de su largo contacto con nuestra cultura, el complicado ritual relacionado con el culto de los muertos — culto característico de la religión guarani, a estar a lo que dicen los mismos cronistas jesuítas de la Conquista — como tambien los himnos sagrados, esotéricos de indiscutible origen autóctono, que explican el porqué de este culto.

---

(1). — Hace poco, mediante datos suministrados por dos Ava Guarani o Ava Chiripa, comprobé que *ayvu* significa tambien para ellos: alma divina y lenguaje humano. Averiguaciones practicadas conjuntamente con el Profesor Dr. Egon Schaden, de la Universidad de São Paulo, nos demostraron que los Ava Guarani de que habla Samaniego (1. c.) son los Pãi o Cayova. — El que los Pãi o Cayova, los Apapokúva y los Chiripa o Ava Guarani, hablando tres dialectos distintos (sin mencionar a los Mbyá) se hayan resistido a adoptar el nombre "clásico" o cristiano-guarani de *alma* constituye un hecho de valor para el lingüista. Porque la religión de los tres grupos ha sido modificada grandemente por sus contactos con el Cristianismo, como puede comprobarse fácilmente.

(2). — El guarani de los Apapokúva con el que estaba familiarizado Nimuendajú es una rama empobrecida, degenerada de la lengua. Basándose el lingüista en el dialecto hablado por ellos, puede incurrir en deducciones totalmente erróneas. Basta para demonstrar esta pobreza el "problema lingüístico indescifrable" que representa para Nimuendajú la palabra *yrymomo* = puente, tanto en el "Tesoro" de Montoya, en mbyá, y en cayova. También la voz *ju*, de empleo corriente entre los Mbyá con el significado de eterno (Cap. III).

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Los números corresponden a los capítulos en que aparecen las palabras, frases y oraciones. Las no empleadas en los textos, carecen de número.

Ã: estar erguido, 4, 5, 19. Che ra'y o'ã eỹ i va'ekue: mi hijo que murió. Che ra'y o'ã eỹ i va'erã: mi hijo, predestinado a morir prematuramente.

Ãva'e: éstos.

A: fonema adverbial empl. en combinación con ma: ya, en oraciones interrogativas. Oúri ma'a: ya ha venido? Reóta ri ma'a: ya estás por irte?

A: sobre, en la superficie. Y a i ry: sobre el agua. Yvy áry: sobre la tierra.

A'anga: imagen 3; imitar 8.

Achĩa: estornudo.

Achivã, moachivã, ñemoachivã: hamacarse.

Achi'ija: ave, llamada tambien: kúikúi rovaja.

Achojáva: paraíso 3; achojáva mirĩ: vivienda, 17.

Achu eỹ: mano derecha.

Aé: solo, 2.

A'égui: del lugar de referencia, despues.

A'e javi, a'e javikue i: en su totalidad, 3.

A'e kue: los citados o enumerados, 2.

A'ekue i jevy va'erã: sufrirá la misma pena, 11.

A'épy, a'épy ri: en dicho lugar.

A'ety: como de costumbre, 7.

A'ety rami: saludo, 18.

A'e va'e: estos, este.

A'eve i: basta, bueno, 4. A'eve i eỹ: ilícito, malo.

A'évy: en virtud de ésto.

A'évy ty: perseverando en ésto, 9.

Agua: romo, chato, 18.

Ãguãe: adv. de futuridad, 9.

Aguyje: perfección, madurez; aguyje amboaé: metempsicosis, 5.

Ãgỹ: ahora. Ãgỹ reve: hasta ahora. Ãgỹ ãgỹ katué: en estos momentos, 5, 18.

Aí ijava'e: llaga debido a parásitos, 10.

A'i, ha'i: madrecita, mama, 8.
Airanke mburu: nombre de una canción infantil.
Aja: ilícito, vedado. Aja ēy: lícito, permitido, 10.
Ajaja: cigüeña.
Aje, ijaje: eficacia, es eficaz, 10.
Aju'y chī: árboles de la familia de las Lauráceas, 7. Aju'y joá, A. guaika, A. mirī, A. vatã: otras especies.
Aka'ē kora: nombre de una constelación.
Ako'engua, ako'engua kangue: tórax, hueso del tórax.
Akanju: doncella, 17.
Akañy: perder la cabeza, 11.
Akãpytu'ũ: sesos.
Ãī: erguirse, 8.
Akara: esp. de pez.
Ake'o: cortar con hacha, 10.
Akua'ũ: v. Guachu akua'ŭ.
Akykýi: hormiga negra grande.
Amba: morada, 3.
Ambe: espera, 9.
Ame: vivir. Reame porã i pa: estás bien?
Ame rami: aparentemente, 5.
Amo amo i my ete: muy raras veces.
Amongue: de vez en cuando.
Amy: estar en posición levantada; conciencia, 2, 4, 12.
Andyra: ave de la fam. Cuculidae.
Ange'ỹ reí: al rato, al poco tiempo. Angé i vaí pa: hace un momento.
Angue: alma de origen telúrico, 8, 19. V. Mbogua.
Anguja chī, a. chyrakua, a. ete i, a. guachu, a. guaki, a. pe kuachĭ, a. pichõ: esp. de ratas y lauchas.
Añái: muesca, punta bifurcada de la flecha, 9.
Añakygua: árbol llamado Ka'ikygua en guarani.
Añangapiry: árbol frutal, 8.
Añetē guãrãmy eteve: en los umbrales de la muerte, 9.
Apirachī: v. Ene.
Apekũ: lengua.
Apepu: fofo, flojo. Yvy ijapepu rako: la tierra es fofa.
Apipē: penca.
Apu: mentira, 12. Apukuére reí: por una calumnia o mentira.
Apu'a i: corto.
Apy: aquí. Apy ete i: en las cercanías. Apy'ive: más cerca. Apygui: de este lugar. Apy rako: pues es aquí. Apy ri: es aquí que.
Apyka: asiento, 1.
Apyña: atizar el fuego.

Apyta: origen, cimiento, base, 2.
Apytã: racimo, cacho. Iñapytã reí eche: lo atacaron entre todos.
Arachái: guayaba.
Arachiku: chirimoya.
Araguyje: Primavera, A. ñemokandire: id. 1.
Ara i, A. poty, A. Mirī: patronímicos sagrados, 4.
Arakaja: nombre propio.
Araku: ave de la fam. Rallidae. A. vaí: fantasma o ave agorera, 9.
Aramandái: coleóptero.
Arapo: esp. de pez.
Arapoty Ju: nombre propio.
Are: caído. Yvyra are: árbol caído.
Arẽ: podredumbre de los tubérculos, 13.
Arõ: esperar, espiar, 9, 18.
Aruá: mal de las criaturas, 10. Aruá poã: hongo utilizado como polvo secante, 10.
Ary: espiga, fruto. Ary guembe, ary avachi: el guembe tiene fruta, el maíz tiene espigas.
Aryvape: corteza o cápsula de la flor de pindo.
ata: faltar.
Atachī: patronímico, 4.
Atuara: crin, 18.
Avachi kure: afrecho de maíz.
Avaete: horrible, nefasto, 4, 6.
Ave reí: sin dificultad, sin más trámites, 18.
Avía chuã: ave, Turdidae.
Avói: fonema adverbial; efectivamente, indiscutiblemente.
Avy: pues. Jaá avy: vámonos, pues.
Avyky: v. poro-avyky a, 9; mba'evyky rã, 8.
A'y: interjección que traduce sorpresa y desagrado.
Ayña:empujar, 3.
Ã'ỹvõ: pronosticar desgracias, 7.
Ayvu: lenguaje humano, 2. Ayvu apo: obedecer.
Cha'ã: imaginar, pensar, 14.
Chango: esp. de pez.
Chapa: héroe divinizado, 16.
Chapukái: entonar himnos en voz alta, 5. Gritar.
Chareko: observar, escrudiñar, 2.
Charīa: enemigo del padre de la raza, 8.
Cheé: yo.
Che'íro: nombre propio.
Cheivy: ave de la fam. Pipridae.
Cheritu: nombre propio.
Chī aviju: coleóptero de larvas comestibles.

Chigua: dejar rastros el peludo o armadillo.
Chiguã'ã: gorgojo.
Chiku: héroe divinizado, 16.
Chimbo: bejuco ictiotóxico. Chimbo'y: árbol: Enterolobium contorsilignuum. Jagua chimbo: planta ictiotóxica.
Chingachu: tingasu, ave de la fam. Cuculidae.
Chivere i: esp. de pájaro carpintero.
Chivi: gato montés, jaguar, 18.
Chi'y: coatí domesticado.
Chorĩ: crespo. I'a chorĩ: tiene el cabello crespo.
Chure i: ave.
Churuva: ave.
Chychýi: espasmo involuntario de los músculos.
Chyvĩ: esp. de halcón.
Chy'ýi: tía materna.
'E: verbo decir, 2.
'Ẽ, ẽh: llanto de párvulo, 8.
Ẽ: salir, 8.
E: fonema adverbial que sigue a ra'e. Reóma ra'e e: Ya te vas? Oúri ty ra'e e: lo cierto es que ya se ha marchado.
Eá: tener fama de. Ch'arakuá eá voi: tengo fama de entendido.
Eakuã: huele, tiene olor de.
Echaka: herir o golpear el ojo.
Echaete: arisco, huidizo.
Echanga: llorón.
Echa ra'u: soñar, 4.
Eepy: resuscitar, 5, 7, 9. Eepy a: enviados divinos que resucitan.
Eguĩ: ahí mismo. Eguĩ rako iny: pues allí mismo está.
Eí: miel de abejas; abejas. Eichu: Nectaris mellifica. Eí kavy: Apis mellifica. Eí raviju: ?. Eirapu'a: Trigona rufricus. Eí rembykyracha: Melipona-fasciata. Eí rakuãi ñachĩ: Camoatĩ, kuañetĩ (Guarani). Mandori ?. Pỹingua ei: Guarani: Apynguareí. Tapechu'a ?. Tata eí ?. Ipuru'a va'e okengua: abejas subterráneas.
Eiá: interjección de burla.
Eichu: Las Pléyades. Evichu reviraó kue o'a: cae el polen de las Eichu (Pléyades), v.g., caen heladas.
Eira Jagua: monstruo mitológico, 9, 18.
Embo: serpiente grande, 8.
Embokua: Caverna de la serpiente, nombre de una constelación.
Eme: adverbio de negación.
Endyju: patronímico, 4.
Endu: sentir, oir. Achy va'e noenduchéi ame rami poã: el enfermo no responde al tratamiento.

Ene: escarabajo. Ene apirachī: escarabajo de larvas comestibles.
E'onde: quiere morir, se deja cazar fácilmente. E'onde rity aé tapi'i: en verdad ha sido fácil la caza de este tapir.
Epy: rescatar, redimir, 11.
'Epy: supino de 'e, decir.
Ere: lamer.
Eteaé: vivo, despierto.
Evo'i guachu: Anfisbena.
Evoko: aquí presente, a la vista, 13.

Guaá: sufijo correspondiente a nuestro *hara*. Ambopochy guaá: le apacigué, hice desaparecer su cólera.
Guã'ã: luciérnaga.
Guachu: venado, nombre de una constelación.
Guachu akua'ũ: mariposa nocturna grande que deposita sus huevos entre las tacuaras y otras esp. de bambú, de larvas comestibles.
Guachu Ja Ete: 9, 18.
Gũaĩ: ladrar el pero mientras persigue a la presa.
Guaira: nombre propio, 4.
Guairaka: esp. de mamífero acuático grande.
Guakara: esp. de pato .
Guapo'y: esp. de cigarra diminuta; amuleto 15.
Guapytã: frutas de la palmera pindo, 18.
Guapytangy: palmera pindo.
Guembe paje: v. Guapo'y.
Guemberã: Caseria sylvestris, 10.
Gueno'ã: inspirarse en, juntar, 2, 4.
Guero'a: apoderarse vialentamente de; violar, 11.
Guero-chīrīrĭ: celebrar (los insectos) con el chirrido, 3.
" -chyry: hacer que desaparezca, 9.
" -kandire: trasladarse al Paraíso, 16.
" -japo: hacer que obre, 7.
" -jaú: nacer simultáneamente con, 15.
" -java: fugarse con, 15.
" -jepovera: iluminar con la luz de los relámpagos, 5.
" -mbaraete: afrontar o considerar con fortaleza, 4.
" -mbo'e ñendu: dedicar mediante la plegaria, 13.
" -moñemoña: hacer que se engendre, 2.
" -ñemboarái: hacer que se divierta, persiguiendo, 4.
" -ñemongeta: inspirar palabras divinas, 4.
" -ñevaẽ: rescatar, llevando a un lugar determinado, 16.
" -pochy: enfurecerse con, 4.

Guero-py'aguachu: afrontar con valor, 4.
" -vy: acercarse a, 14.
Guírami: en esta manera. Guírami gua: de esta clase.
Guíy-guíy: avecilla.
Guú: su padre.
Guyra kéno: V. Cap. 17, Idioma Secreto.
" marangatu: ave migratoria, 14.
" Ñandu: nombre de una constelación.
Guyrapaju: árbol de la fam. Apocináceas .V. Jachyrapa.
Guyra Piri'y riki: ave legendaria, 8, 17.
Guyraũ-ji: tordo.
Guyra Yma: pájaro primigenio, 1.
Guyrỹi: marearse.

I: salir. Ndoíri: no sale, 8
Iengue: doncella, 8.
Ikatúpy: entre la gente, 4, 8.
Iku: efectivamente, en verdad, 9.
Ikuái: están, 18
Inambu: perdiz. Guarani: ynambu. Inambu chichĩ: p. pequeña de los campos: I. chõrõrõ i: id. de las capueras. I. ete i: p. grande de los bosques, Guarani: Kagua. I. guachu: Tinamus solitarius. I. karape i: Crypturellus parvirostris. I. pytã: p. grande de las praderas. I. yma: nombre religioso de la Inamby Pytã.
Inõgỹ: forma verbal empl. como adverbio, 7.
Iñakãguaja: duende, dueño de los barreros, 9.
Iñypyrungue: primer pieza de caza, 10.
Ipẽ: v. Cap. 17, Idioma Secreto.
Ipíau: esp. de pez.
Ipoty apomo i va'e: planta de la fam. de las Gramíneas.
Irundykue: cuatro veces.
I'yretaryva: miriápodo.

Ja: dueño, 3.
Jachipe: sobrina.
Jachuka: emblema de la feminidad, 2, 3.
" -va: mujeres, la feminidad, 2, 3.
" -Chy Ete: consorte del dios del sol, 2.
" -Rataá: patronímico, 4.
" -vyapu: canto sagrado de la mujer, 2.
Jachyendy: luz de la luna.
Jachy pa'ũ: luna menguante, 13.
" rapa: Kirandy, árbol de la fam. de las Apocináceas, 8.
" tata: estrella.

Jachyta: caracol
Jaeá: mucho, 18.
Jaga: cortar, 9.
Jaguachī: mamífero grande de la fam. de los Mustelidae.
Jagua poã: insecto moteado de rojo y negro.
Jaí: maleza.
Jaicha: Paca, 9.
Jaka: reprender con violencia, 9.
Jakaira Ru Ete: dios de la primavera, 2.
" pyronga: médico hechicero, 9.
Jakare ruguái rã: esp. de Cactus.
Jaku changue: nombre religioso del Jayru, 8.
Ja'o: apartarse uno de otro.
Japyraá: saltar por encima de.
Jape'a: leña, 7. Jape'e: calentarse; jape'ava: acarrear leña.
Jarakachi'a: fruto del Jacaratia dodecaphylla. Jarakachi'y: el árbol
Jarachyta: artrópodo de la clase de los miriápodos.
Jate'i ru jaryi: reina de las abejas Jate'i.
Jaú: nacer; bañarse.
Java: fugarse, 11.
Javachi: martín pescador, 18.
Java mokera:sentencia empl. para producir la metamorfosis, 8.
Javera: V. Idioma secreto, Cap. 18.
Javoá: fajar.
Jayru: esp. de ave; v. Jaku changue.
Javuku: puma, 18.
Javyrandi: árbol de la fam. de las Piperáceas, 10.
Jeayukue: despreciado, 5.
Jechaka: reflejo, fuente de luz, 1.
" rupa: noche, 9.
Jeguaka: adorno de plumas para la cabeza, 2.
" -va: humanidad masculina, 2.
" -vyapu: canto sagrado del hombre, 2, 3.
Jeguaru: dolor producido por el hambre.
Jeju: patronímico, 4.
Jekupe, jekupe rã: defensa, protección, 7.
Jepota: prendarse, 18.
Jepotaá: nudo o articulación.
Jera: surgir, ser creado, 1.
Jerojy: doblar las rodillas en la danza.
Jerovia mēguã: ser soberbio, engerido.
Jeupi: fornicar, 7.
Jeupié: incesto, 7.

Ji: partícula verbal de negación. Jipói: no hay. Jijarakuaái: carece de entendimiento. Jipoái voí ko: no está, no hay nadie.
Joákaty: en la misma dirección. Joákaty eỹ: en distintas direcciones, 18.
Joechéi: uno frente a otro.
Jogua: atajar, parar, comprar, 15.
Jojavi: parejo, simultáneo, 15.
Jopía: apartarse del camino.
Jopyy: asir.
Joramigua: cosas parecidas, similar. Joramigua eỹ: cosas disímiles, 4.
Joykecho: nombre de una constelación.
Jo yvy i ry: juntos, undidos.
Joy: fregar, limpiar.
Ju: eterno, 2.
Ju'i: rana. Especies: J. akuã i; J. chy; J. chiri'ýi; J. pyata karai; J. typori.
Juku'a: tos, 10.
Juruá: extranjero, 16.
Jukypytangy: Cupaifera. Guarani: Kupa'y.
Ju'yro: Strychnos brasiliensis.
Jyvapekã: paleta.
Jy'y: hacha. V. Karugua jy'y.

Kã: hueso, mama, teta. Kã ruru: mamitis. Kãi: ulceración de la...
Ka'arupã: desbrozar maleza para la siembra.
Ka'avo tory: hierba de la amistad, 15.
Kachírito: nombre propio.
Kaguare guachu: oso hormiguero grande, 8, 18.
Ka'i repochi: tortas de maíz asadas en cañas.
Kãju: v. Idioma Secreto.
Kandire: resurrección, 6, 16.
Kango: quitar los huesos (del pescado, etc).
Kangoro: llamado tambien yvyra-rapoju, arbusto empl. en medicina como purgante.
Kaovechingy: Solanum verbascifolium.
Karaí amba: oriente, 2.
" Atachĩ, K. Ñe'engija, K. Ñe'ery, K. Rataá, K. Tataendy: patronímicos sagrados, 4.
" Jeupié: heroe del Mito del Diluvio.
" Katu: heroe divinizado, 16.
" Py'aguachu: hijos del Dios del Fuego, 3.
" Rekoé: agentes de destrucción, 3.
" Ru Ete: Dios del Fuego, 2.

Karaja eí: esp. de trigona melífera. Karaja'y: Pterogyne nitens.
Karamboé: adv. de tiempo.
Karapero: mariposa amarilla grande.
Karãu vaí: fantasma, ave agorera, 14.
Karavere: cerdo montés, 14.
Karu aí: carencia, escasez de alimentos.
Karugua: mántidos; nombre de una figura de la mitología, 9, 10
" jy'y: Arco Iris.
" rachy: reumatismo.
" poã: Aristolochia triangularis, 10.
Katuĩ: sobremanera, en cantidad.
Katy: hacia. Pékaty: hacia allá. Kúkaty: hacia allá. Kíkaty: hacia acá.
Kave'ẽ: esp. de avispa.
Kavyrupẽ: avispa grande cuyo nido se asemeja a un cedazo: yrupẽ.
Ke'i: cuñada de la mujer casada.
Kerechu Chy Ete: consorte de Karaí Ru Ete, 2.
" Poty, K. Rataá, K. Yva: patronímicos, 4.
Ki: aquí.
Kírami i: un poquito, 7.
Ko: aquí; toma.
Koaku, je: someterse a régimen, 10.
Kochi: cerdo montés grande, 15.
" guyra: ave nocturna, 14.
Korochã: v. Idioma Secreto, Cap. 17.
Ku: allá lejos, 18.
Kua: haber, estar, v. okuapy.
Kuaá-ña'ã: averiguar.
Kuaapota: averiguar, investigar, 18.
Kuaa-ra-ra: sabiduría creadora, 2.
Kuarachy'a: esp. de colibrí, 15.
Kuarachy Ete, K. Ju: héroes divinizados, 16.
Kuaray apu'a i ete: días muy cortos, invierno.
" ã rupa: noche, 9.
" Endyju, K. Jeju, K. Mimbi, K. Mirĩ, Rataá: patronímicos, 4.
Kua rero'a: locución que traduce disgusto y incredulidad.
Kuave'ẽ: apuntar con arco o fusil; ofrecer.
Kuavã: llevar debajo del brazo, 18.
Kuchaiguyguy: ave de la fam. Caprimulgidae.
Kuchíu: ave, 15, 18.
Kumbijáre: murmullo de los instrumentos musicales utilizados en las ceremonias religiosas. Kumbijáre pygua mba'e-a'ã: oración en común acompañado de música.

Kunumi: mozo, joven.
Kure: afrecho, resíduo.
Kurié: en un futuro próximo.
Kurime: en breve.
Kurunji'y: árbol de madera muy fofa.
Kurupi: figura de la mitología, 9. Kurupi kua: caverna grande.
Kurutué Retã: Brasil, 8.
Kychī kychī mba; kychĭ ra'y pa: inferir numerosas heridas superficiales.
Kyguakã: hueso de la nuca.
Kykýi: esp. de ave.
Kykyruchu: id.
Kyre'ymba: abejorro veloz usado como amuleto, 15.
Kyrī i: pequeño.
Kyringue: niño.

Mache: nombre propio.
Ma'ẽ mbegue: espiar, acechar, 18.
Ma'etỹ: sembrar, agricultura; año. Peteī ñiruī ma'etỹ a peve oiko ãguã ojaú araka'e: nació predestinado a vivir solamente cinco años.
Maino i: colibri, 1.
Mama: envolver. Aimama che poapy: envuelvo mi muñeca. Oñemama che reé: se prendió de mi.
Manji: lagarto diminuto.
" manji'o: Euforbiácea empl. en medicina.
" rembojape: gusano de luz.
Mañeã: v. ñeã.
Mañimbe i: ave de la fam. Fringillidae.
Marã eỹ: divinidad, indestructibilidad, 6.
Marangatu: bienaventurado, migratorio, 14.
Marã katy: hacia dónde.
Marã rami: en qué forma. Marã ramigua: de qué clase.
Marangua, opa: lo maligno, 9.
Mavaẽ: cual, quién.
Mba'achy tata: fiebre, 10.
Mba'e a'ã: plegaria.
Mba'echo: pisar en le mortero. Mba'echoá: mano de mortero.
Mba'eguachu: cadáver. — rupa: lecho en que yace el —, 9.
Mba'e Pochy: Demonio, 11.
" reí eỹ: divino, divinidad, 5.
" reí reí: seres, objetos, animales, 11.
" " " ka'a: hierbas de los animales e insectos, 15.
" ty mirī: chacra, capuera, 13.

Mba'e vyky rã: juguete, 8.
" Ypy: seres originarios, 8.
Mbaguari: esp. de garza.
Mbaí: duende, 9.
Mbaraka: instrumento musical usado para acompañar la danza. Mbaraka pytã: guitarra.
Mbegue: lento. En comp.: achy mbegue: está indispuesto; oma'ẽ mbegue: está acechando, espiando.
Mbeí, en achẽ mbeí: está lloriqueando.
Mbe'í: nombre propio.
Mberu agua: mosca de cabeza chata grande, 8.
" ra'y: larvas de las moscas, 9.
Mbií: oruga.
" jagua: oruga monstruosa, 18. Mbií tataurã: larva de la Megalphyga lanata, cubierta de lana urticante.
Mbiru: seco.
Mbo'a: coger, cazar, 8.
Mboaku: encobar, 18.
Mboaku aéi: excitar excesivamente, 3.
Mboapy kue: tres veces.
" meme rire: 7.
Mboata: hacer que falte, que se carezca de.
Mboavaí: respectar, venerar.
" eỹ a: profanador, 7.
Mboaja: abstenerse de, 10.
Mboaje, -uka: hacer que sea eficaz, 10.
Mboa'y: despedazar.
Mboevovo: hacer o producir ruído.
Mbo-etery: hacer que vuelva a encarnarse el espíritu, 16
Mbogua: fantasma, 8.
Mboguái: herir golpeando, 11.
Mboguapy: hacer que se encarne, 9.
Mboguyrapa: proveer de arcos, crear hombres, 2.
Mboí: destetar.
Mbói mbaraka kue: cascabel de víbora.
" tái kue: veneno de víbora.
" Yma: víbora originaria, 3.
Mbojaity: sacudir, conjurar, 4, 9.
Mboja'o: partir, apoderarse de parte de.
Mbojoechéi: emparejar, colocar en la misma dirección.
Mbojoyvy: acompañar en otra escala musical, 7.
Mbopochy-gua: hacer 'dicipar el enojo de otro.
Mborocha: esp. de pájaro carpintero.

Mbouvy, i: supino de u, venir, 18.
Mbouvy, i: "supino de u, venir, 18.
Mbovy: embadurnar, ensuciar con.
Mbovy eỹ: numerosos, 4.
Mboypy: comenzar; concebir, 18, 11.
Mboyta: colocar cimientos, 3.
Mboyvára jekuaá: hacer consciente de la divinidad, 2.
Mburu: fervor religioso, 1, 6.
Mburu: fonema adverbial, equivalente a "nipo", "kena".
Mbutu chī, m. rendyva, m. vevúi: esp. de moscas.
Mbyku: comadreja; mbyku para: Paca, 8.
Mbyta: torta de maíz fresco.
Memby raku i ja: medicamentos para producir la fertilidad, 10.
" ve'ỹ ja: id. para impedir que la mujer conciba, 10.
Miña: ay de mi!, 5.
Mire'ỹ re'ỹ: innumerables, 8.
Mitã imbojo'akue: hijo adulterino, 4.
Moã: remedio.
Mo'ã: colocar en posición vertical, 13.
Moãī: esparcir.
Moakãñy: hacer perder la cabeza o el alma, 11.
Moakamby: dejar que se bifurque o debilite, 9.
Moambague: desolar un hogar, asesinar, 3, 9.
Mo'ãmy: v. mo'ã, 13.
Moẽ: sacar, 16.
Moīnýy: supino de moī, 10.
Mombo'o: apaciguar, 12.
Monde: trampa, 8.
Moñendu: hacer que se perciba, se tenga presciencia de, 1.
Moñe'ẽrý: hacer que vuelva el alma, 16.
Moñemoyrõ: ser causa de que alguien se enoje.
Mopyrõ: hacer que encarne, 2, 4.
Movaẽ: hacer que llegue, permitir que llegue.
Mychorẽ: especie de golondrina.
Myro'õ: ave de la misma familia.

Nda'evéi: no es bueno o lícito, 11.
Ndaje: así es; efectivamente, 5.
Nda'u: fonema equivalente a nuestro piko, nipo.
Ndouvái: no hay nadie.
Ne, en composición: excesivamente. Ipochy reí ne ri: es excesivamente enojadizo, quisquilloso.
Ni'ã: ciertamente. Eguī ni'ã: pues aquí está (el objeto que se busca).

Nõgỹ: v. inõgy.
Ny: estar, 8.
Ña: correr, 18.
Ña'ã, en comp.: tratar de. Mbopochy-ña'ã: tratar de enojar. Kuaáña'ã: tratar de llegar a saber.
Ñaana vaí: fantasma, ave agorera, 14.
Ñaí-ñaí: ave de la fam. Tyrannidae.
Ñakarãchichã: nombre de Pa'i Rete Kuaray, 8.
Ñamanduĩ: el Creador.
Ñamandu Ru Ete: id.
Ñamandu Ñe'engija, Ñ. Py'aguachu, Ñ. Rekoé: hijos de Ñamandu, 1, 2.
Ñami: esforzarse por evacuar el vientre.
Ñande Ru Pa-pa tenonde: el Creador.
Ñana: grueso, basto. Ajukue iñana i va'e: paño grueso, fuerte.
Ñandu poá. ñ. i, ñ. pe, ñ. ikyá ju va'e: especies de arañas.
Ñapindavo'o: rumiar, mascar.
Ñapykani: aguila.
Ñarapu'ã ju, ñarapu'ã ka'aguy: especies de pájaros carpinteros.
Ñaruã: esbelto, vistoso.
Ñavõ: cada, 9.
Ñeã: fonema que corresponde a nuestro nune, nipo. Oú añeã ra'e: seguramente habrá venido. Ndoú ragái ñeã (ə ñeã) ra'e: seguramente no vino.
Ñe'ã: plegaria, 9.
" mba'e i: palabras de una plegaria, 9.
Ñeama: ecliparse, 8, 9.
Ñe'eng: alma de origen divino, 2.
" mbyte: médula o germen del alma, 5.
Ñe'engaí: alma enviada por el Demonio, 8.
Ñe'engatu: discreto en el hablar, 2, 8.
Ñe'engija: título de los enviados divinos, 4.
Ñe'enguchu: cambio de voz que se produce en la pubertad.
Ñemboapyka: ser engendrado, 5.
Ñemboarái: reñir con violencia; burlarse de, 4.
Ñemboayvu: rezar.
Ñembochi: lanzar rayos, 9.
Ñembopyta reí: abandonar, 5.
Ñemboyvaropy: penetrar en las profundidades del paraíso, 3.
Ñemoatã: endurecerse. Fig.: extenderse. Oñemoatã oñeno oupy: se acuesta, extendiéndose.
Ñemoichĩ: mover acompasadamente el cuerpo, 18.
Ñemombiara: buscar la presa, 18.
Ñemomburu: inspirarse de fervor religioso, 1, 6.

Ñemonduyva: bañarse las aves en arena, tierra seca o cenizas.
Ñeovã: abrigarse.
Ñerumi: Bracharis dracunculifolia, "chirca", 10.
Ñevanga: jugar, 8.
Ñeỹchyrõ: serie, hilera, repetición, 2.
Ñiimbe: cama, lecho.
Ñiimbo: hilo.
Ño, iño: muy, mucho.
Ñono: colocar, poner, 7.
Ñuú: campo, pradera, 3. Ñure: orilla de monte:; ñure yvýry: a orillas del monte.
Ñyvõ: herir con arma punzante, 8.

O, oó: casa. Oó, goó: su casa, su propia casa, 8, 11. Orakamby ete: horcón principal. Orakamby mirī: id. corto. Orakamby ete rupigua: viga principal. Orakamby mirī rupigua: viga "solero". Oarukã: tijeras para techo. Oarukangua: enlates para techo. Oó mboty a: estaqueo de la pared. Yvyó: pared. Okaryapy: alrededores de la vivienda. Okypy, okypyngua: interior, esquina.
Oá: grito de la boa constrictora.
Oē: sale, 8, 13.
Oiny: estar, 1, 7.
Oje: de o por él mismo. Oje imonda ague omboja che reé: me atribuye a mi lo que él mismo ha robado.
Oke eỹ va'e, tuguy: sangre sin coagular, 15.
Okuapy: fonema equivalente a hikuái.
Omimby'iva'e: duende, 9, 18.
óny, i: supino de o, ir.
Opa: perder el camino. Che ropa: perdí el camino.
Opa marangua: todo lo maligno, 9.
Opa rive yvi i: solucionarse satisfactoriamente, 11.
Opy: interior de la casa (de las plegarias), 11.
Oupy: siendo o estando, 7.
Ovã: abrigo, manta.
Ovaichī: encontrarse con.
Ovy: azul, eterno, 2.
Oyretaryva: v. i'yretaryva.
Oykéra (Unkéra): nombre propio masc.

Pa'ã: fornicar.
Pachã: v. Cap. 17.
Pa'i mi: nombre propio.
Pa'i Rete Kuaray: padre de la raza, 8.

Pãī: tribu guaranítica, 18.
Paiva: carpincho.
Pa-pa: sobrenombre del Creador.
Pa-pa Mirī, Pa-pa Ychapy: creador de esta tierra, 7.
Para, para guachu: mar, 3.
Para guachu rapyta: origen del mar, 8.
" rakã: las aguas, 3.
" Miri, P. Jachuka, P. Poty, P. Rete: patronímicos, 4.
Parakáo Ñe'engatu: el loro sabio, 8.
Patu'a: burbuja, ampolla.
Pa'ũmonde: replantar, 13.
Pavẽ: cada uno (de muchos).
Pe'ã: sacar un pedazo.
Pẽi i: esp. de cotorra.
Péi: barrer.
Pekuru: ave, Crotophaga. Bambu.
Perei'o: levantar la costra. Guarani: pey'o.
Peteī eỹ, peteī va'eỹ: muchos, 3.
Pi'a: muchaco, 8.
Piakái: ave de la fam. Rallidae.
" vai: fantasma, 14.
Pichã: pellizcar, 18.
Pichõ: esp. de roedor.
Pindovy: palmera eterna, 3.
Pindy: limpiar el culo.
Pira: levantar el borde. Guarani: peka.
Piragui: sirena, 9, 18.
Pirao: delgado. Ajukue ipiraó va'e: tejido delgado, fino.
Piri: nombre de mujer, 14.
" -tau, Piritauju: ave, ave legendaria, 14.
Pita i: salpullido.
Po: habitante. Ka'aguypo: habitante de la selva. Ypo: — del agua.
Yvypo amboaé i: extrangeros.
Poã: remedio.
" reko achy: medicina racional.
Poachy: perjudicial. Yro'y ipoachy: las heladas perjudican.
Poaẽ: gemir. Guarani: pyahẽ.
Poata: inaccesible, 9.
Pochy: colera, malignidad, 9.
" mẽguã: demencia, 10.
Pochi'a: pecho.
Poguyro, je: zafarse, escabullirse, 9.

Pojava: rápido.
Po'ói, je: desprenderse y caer.
Popẽ: torcer, tejer. Aipopẽ ajaka chãguã ainy: estoy torciendo una cuerda para canastro.
Popo: mariposa. — guachu: — azul. Y'apero: amarilla grande. Inambu: roja. Tumby avoá, popo jaí rogue: parda. Karapero: amarilla. Che ramói: azul. Tapereka: cenicienta, que emite un ruído al volar. La mayoría llevan nombres de pájaros, por la semejanza de su colorido. V. Tanambi, guachuakua'ũ.
Popygua: vara, 3.
Poraéi ñendu: entonar los himnos sagrados, 9.
Poraka: sustentar, 8.
Porara: padecer, 10.
Poroavykyá: hechicero maligno, 9.
Poteri: aún, 3.
Pova'e: aquello que se oye pero no se ve.
Poú: visitar. Iñakangua jopoú: los duendes de los barreros se visitan, v.g., cae un meteoro.
Poyú: recelarse, 12.
Pyapyá: tramar, tejer.
Pyávy: de noche, 8.
Py'a ve'ỹ kue: con falta de voluntad.
Pycho'o kangue: espinazo.
Pyeja: escarbar, dejando rastros el jaguar, etc.
Pyere: quitar los restos de miel, comida, de un recipiente.
Pýi, en comp.: deseo. Che kuarupýi: tengo deseos de orinar.
Pykyrachingue: riñón.
Pynuá: tobillo.
Pyó: extender.
Pyovã: forrar.
Pyry, pyrygua: crudo.
Pytã: rojo. Mitã pytã, ava pytã, kuña pytã: criatura recien nacida.
Pytá jováí: figura mitológica, 9.
Pytũ rupa: noche, 1.
" Yma: Cáos, 1.

Raga: fonema adverbial, 5, 9.
Raí: casi.
Rako: fonema correspondiente a nuestro ko, niko.
Rami: como. Ramive: así como, 3.
Ra'u: intención frustrada; ensueño, 4.
Ra'y, en comp.: che kychĩ ra'ypa ete: me infirió numerosos tajos superficiales. Opu ra'y pa che takugua: pierde agua mi caldera.

Rechéi: frente a, 2.
Reegua: adv. de futuridad, 6.
Ri: fonema muy empleado como sufijo. Ri ko, ri ma, ri aé, etc.
Riú ete: sinceramente; a pesar de los obstáculos, 8.
Rive: fonema adverbial, 8, 11.
Ro: v. "guero" para todos los verbos "reflejos".
Ropái, opái: collar.
Rupive, upive: en compañía de, 18.

Ta: si, 11.
Tacho: lombriz, vermes, 10.
Tajachu: marrana, 14.
Takuãi: pene. Takuãi ñarõ: erección del miembro.
Takuaryva'ikãgã: huesos, esqueleto, cuerpo de mujer, 5.
Takua Vera Chy Ete: heroína divinizada, 16.
Takuapemby: recipiente de cañas trenzadas, 16.
Takuru i: ave.
Takykue rygua: fantasma, 9.
Tamo raga ri: locución que traduce disgusto, desdén.
Tamymino: nieto.
Tangoro: v. Kangoro.
Tapẽ: halcón, 14.
Tape rupa reko achy: senda de la peregrinación terrena, 7.
Tapi'i: tapir.
" Rape: la Vía Láctea.
" Raiñykã: nombre de una constelación.
Tapỹijo: atizar el fuego, 18.
Tapy'ýi: monstruo mitológico, 9.
Tarave jarýi: esp. de cucaracha muy grande.
Tarova: himno entonado en voz alta, 9.
Tatachĩ: patronímico, 4.
Tatachina: neblina, 2, 3.
" -kãgã: pipa de fumar, 7.
" -reko achy: humo de tabaco.
Tataendy: llamas, manifestación de la Divinidad, 2.
" ryapu: trueno en Oriente, 3.
" " Ja: Dios del Fuego, 3.
Tataypy rupa: asiento de fogones, población, 9.
" " gua: compueblano.
Tay: hormiga. Tay poropi; tu'ĩ ary: esp. que pica. Akykýi: negra grande. Arara'ã otra esp. grande que pica. Tarakuchĩ: esp. que según los Mbyá siembra semillas de Phylodendron comestible. Tarakuchĩ mbara, mbara; tay vachy: otras especies.
Ta'y: mecha. Mbota'y: poner mecha a.

Ta'y kyrī: sobrino.
" chy: su esposa.
" " jevy: su concubina.
Teī: con falta de sinceridad, 9.
Teko: vida, costumbre, 1. Menstruación, 10.
" avy: homicidio, 11.
" aviá: camino o lugar transitado, 18.
" porã já: remedios empl. en ginecología, 10.
Tembiapo ño, joé: graves ofensas, 11.
Tembikuaá: magia, 7.
Temo: sarna, 10.
Tenapy'ã: rodilla.
Te'õ: muerte.
Te'õ'ã: epilepsia, 10.
Terepoí: esp. de ave.
Ti'y: sobrino, hijo de la hermana. Che ri'y: mi — .
Tokoiro: cigarra grande.
Tuí, i: extenderse en abundancia; hallarse, 3.
Tukã, Tukã chī ovy, tukã ju, tukã mirī: esp. de tucanes.
Tuku pãrãrã i: saltamontes originario, 3.
Tumby avoá: ave de la fam. Caprimulgidae.
Tumbykyragua: ave, 14.
Tupã Aguyjeí, — Ñe'engija, — Kuchuvi, — Rekoé: hijos de Tupã Ru Ete, 2, 4.
Tupã Chunuá, — Kuchuvi veve: patronímicos sagrados, 4.
" Chy Ete: diosa de las aguas, 2.
" Mirī: dioses menores, 6.
" Ru Ete: Dios del Mar y de todas las aguas, 2.
Tury, i: forma verbal, 18.
Tuty: tío materno.
Tuvy: " paterno.
Ty: perseverancia, 7.
Typyjaá: prenda de vestir de la mujer.
Ty'y: forma adverbial, 18.

U: muslo.
U'yvypy: ingle, 10.
U: larva que ataca a animales y seres humanos. Guarani: 'úra.
Ugue: cenizas, escombros, 8.
Ukangue: hueso de la cadera.
Uvandaguy: muslo.
U'y: flecha con punta aguda. Guyrapia: id. para cazar pájaros. Kuarepochi: — con punta de hierro. U'y achī: — con punta denta-

da. U'y pepo: plumas de la flecha. U'ycha: caña en que se introduce la punta. U'yma: manojo o carcaj de flechas.

Va'e: ésto, lo ya citado; que, quien.

Va'e ty: tener la costumbre de. Reju va'ety ri: tienes la costumbre de venir.

Vaí i a: novia, la mujer de la que se está enamorado.

Vaipa, vaireí: en grado sumo, 7.

Veí: hacer caso omiso, 9.

Vera Chunuá, Vera Mirī: patronímicos, 4.

Vi: fonema empl. en oraciones, como: Reóma ra'e e: Ya has ido. Ndaá ragái vi ri: Aún no he oído. Se dice tambien: vi ji.

Vy: despertarse. Arrimarse, acercarse. Embadurnarse con. En virtud de.

Y: vy ty'y.

Yacho: insecto acuático cuya concha se usa en la fabricación de collares.

Yakã yvy'ã: precipicio, 8.

" " Ja: duende, 9.

Yamaí: coleóptero girínido, 3.

Yapu: tronar.

Ychakã: arbustos secos. Ychakã rakangue: ramas de.

Ycho ngaruru: gusano que ataca las sementeras, 13.

Ychýi: asador, 8.

Yete: río, 8.

" yvy: costas de los ríos, 8.

" " mboavete a: jaguar, 8.

Ygua Yvu: fuente de aguas surgentes, 8.

Yma: primigenio, 1.

Ype, i: estado de desarrollo del maíz, 13.

Ypychī: arroyo, 18.

Ypo: habitantes de las aguas, 8.

Ypýi rive, o: tiene diarrea.

Yro'y: frío, helada, 13.

Yrypa: cigarra diminuta.

Yryvaja: cotorra, 14.

Yryvovõ: puente, 8.

Yva: paraíso, 1, 3. Patronímico, 4.

Yvára: divinidad, 1. Yvára ñemboro'y: moderación, 3. — popyte: palmas de las manos, 1. — rakã poty: dedos. — tyre'ỹ: humanidad, 2.

Yvaraka: sustentar con productos del paraíso, 1.

Yvi:derecho. Yvíre: Dios mío!

Yvy'ã: precipicio.

Yvyaty: loma.

Yvypo: habitante de la tierra. Yvypo amboaé i: extranjeros.

Yvypy: tronco, raiz.

Yvyra'i: vara, 1. Yvyra'ikãgã: cuerpo de hombre, 5. Yvyra'ija: hombre respetable.

Yvy: tierra. Yvy Pyaú: la tierra en que vivimos, 7. Yvy rupa: la morada terrenal, 1. Yvy rupa reko achy, id. imperfecta, 4. Yvy Ru'ũ: el Diluvio, 6. Yvy Tenonde: la primera tierra, 1, 3.

Yvy i ry: junto a, cerca de, 8.

Yvytu porã: los vientos buenos, 1. — rapyta: origen de id., 3.
" pyaú: viento nuevo, del Norte y N.E., 2. Yvytu yma: viento sur, 1.

Yvy potýra mirĩ: v. Cap. 17.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

BIBLIOGRAFIA DEL AUTOR

Trabajos publicados en la revista CULTURA, Asunción, que podrían calificarse de "literatura folklórica o etnográfica", escritos para llamar la atención a las tradiciones indígenas. Todos los datos consignados son exactos, sin embargo.

Korochiré — mito del zorzal, I/1944.
Urutaú — ensayo literario sobre el valor histórico de este mito II/1944.
Tradición e historia — leyenda del asta de bandera de Villarrica, XII/1944.
Yasy Ra'y... mito de las manchas de la luna, X/1945.
Parakáu Ñe'engatú — mito del loro parlero, XI/1945.
Ynambú Tataupá — la perdiz portadora de fuego, XII/1945.
Yu'i Pyatá Karaí — mito del diluvio, I/1946.
Ohóta Mbopí Guasú ramo — creencia en la metempsicosis, II/1946.
Yvyrá Yu'y — mito de la creación, III/1946.
Guyrapayú — el arco de la Luna (Mito de los Gemelos), VI/1946.
Piri-tau-yú — mito de la doncella desobediente, IX/1946.
Guasú Ya Eté — mito del origen del Yasy-yateré, X/1946.
Jy Perú! Ygá Perú!!! fábulas guaraníes, IX/1946.
Kapitã Chikú — los héroes divinizados, II/1947.
Araguyjé ñemokandiré — el calendario guaraní, III/1947.
Tekó Avy — el homicidio en el código guaraní, VI/1947.
Ñandytá — mito de la Genipa americana, VI/1947.

Publicados en el diario EL PUEBLO, Villarrica, durante 1940:

El Yaguareté burlado — fábula.
Yvytyrusú — leyenda de antropófago de la cordillera de Yvytyrusú.
Güembé — leyenda de esta planta.
Ka'imí Rekovekué — aventuras del mono.

Plata Yvyguy — tesoros escondidos (incluído posteriormente en la ANTOLOGÍA DEL FOLKLORE IBEROAMERICANO, de Félix Coluccio).

Publicados en LA UNIÓN, Asunción, en 1950-1951:

El hal concito — fábula del folklore guaireño.
El Bendito-sea-Dios — fábula.
El Pitogüé.
Perú Rimá Caso — aventuras de Pedro Urdemales.
Los Mitos autóctonos.

Publicados en LA TRIBUNA, Asunción, entre otros:

Buscando eslabones perdidos en la poesía guaraní, Oct. 1945.
Hurgando en la prehistoria guaraní, 16/IV/1952.
Contribución al estudio del negro en el Paraguay, 2/II/1958.

Publicados en EL PAIS (entre otros muchos):

Mitología clásica y Mitología guaraní, 2/VII/1950.

Publicados en la revista GUAIRA, Villarrica:

Ñe'engá — proverbios y refranes guaraníes, I/1946.
Guyrá campana — mito de este pájaro, II/1946.

Publicados en EL SURCO, Villarrica:

Doce trabajos cortos sobre la toponimia paraguaya, publicados durante el año 1957.

* * *

Numerosos trabajos sobre el problema indigenista, aparecidos en EL SURCO de Villarrica y la prensa de Asunción.

* * *

Las tradiciones religiosas de los indios Jeguaká Tenondé Porã gue'í, comunmente llamados Mbyá, Mbyá-apyteré o Ka'yguã. Publicado simultáneamente en la REVISTA DE LA SOCIEDAD CIENTÍFICA DEL PARAGUAY y ANALES DE LA ASOCIACIÓN INDIGENISTA DEL PARAGUAY para el año 1947.

Las leyendas guaraníes, BOLETÍN INDIGENISTA, VII/4/1947.

Los indios Jeguaká Tenondé (Mbyá) del Guairá, AMÉRICA INDÍGENA, VIII/2/1948.

Síntesis de la medicina racional y mística mbyá-guaraní, AMÉRICA INDÍGENA, IX/I/1949.

Las creencias religiosas de los mbyá-guaraní, BOLETÍN DE FILOLOGÍA, Montevideo, 1949. Publicado en AMÉRICA INDÍGENA, 3/XI/1949, con el título de "Mitología en la zona guaraní".

La lengua mbyá-guaraní, BOLETÍN DE FILOLOGÍA, 1949.

El culto al árbol y los animales sagrados en el folklore guaireño y las tradiciones guaraníes, AMÉRICA INDÍGENA, X/4/1950

El urutaú en la prehistoria guaraní, suplemento especial de EL SURCO, Villarrica, dedicado al Centro de Estudios Antropológicos del Paraguay, Diciembre 1950.

La encarnación y la concepción, la muerte y la resurrección en la poesía sagrada "esotérica" de los Jeguaká Tenondé Porã Gue í (Mbyá-guaraní) del Guairá, Paraguay, REVISTA DO MUSEU PAULISTA, N. Série, Vol. IV, 1950.

El problema de la población mbyá-guaraní del Guairá, BOLETÍN INDIGENISTA, 1/XI/1951.

El concepto guaraní de alma, su interpretación semántica, FOLIA LINGUISTICA AMERICANA, Buenos Aires, I/1/1952.

El valor científico de nuestros mitos autóctonos.

Hurgando en la prehistoria guaraní, BOLETÍN DE FILOLOGÍA, 49, 50, 51 VII/1952.

Aves y almas de difuntos en la mitología guaraní y guajakí, ANTHROPOS, Band 50, Posieux, 1955.

Breve contribución al estudio de la nomenclatura guaraní en botánica. Publicación del Servicio Interamericano de Cooperación Agrícola, Asunción, 1955.

Las reducciones del Taruná y la destrucción de la organización social de los Mbyá-guaraní del Guairá (Ka'yguã o Monteses). ESTUDIOS ANTROPOLÓGICOS, publicados en homenaje del Dr. Manuel Gamio, México, 1956.

Breves consideraciones sobre algunos aspectos del folklore paraguayo, REVISTA DE ANTROPOLOGIA, IV, São Paulo, 1956.

Aporte para la interpretación de un apellido guaraní, REVISTA DE ANTROPOLOGIA, V, São Paulo, 1957.

Apuntes de Medicina Popular Guaireña. Centro de Estudios Antro pológicos del Paraguay, Asunción, 1957.

Notas acerca de los Guayakí, BOLETÍN INDIGENISTA, 3/XVII/1957.

Arandú porã ogueno'ã va'e Yakairá gui (medicina mística mbyá), BOLETÍN DE LA SOCIEDAD CIENTÍFICA DEL PARAGUAY, vol. 1, 1957.

En torno al bilingüismo en el Paraguay, REVISTA DE ANTROPOLOGIA, VI, São Paulo, 1958.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

CONTENIDO

Advertencia: la ortografía empleada es la propiciada por el P. Antonio Guasch en el Congreso de la Lengua Guarani-tupi de Montevideo (1950); a excepción de la x = ch; y utilizada por él en su "Catecismo'. La s puede decirse que no se conoce en mbyá-guarani; la ch tiene casi el mismo valor que en español; la j, el de la j inglesa. Se usa — o abusa — mucho de la i; v.g.: Aá i = voy; guarani: aha. La ha aspirada, salvo con contadísimas excepciones, no se emplea. Para mayor claridad, he separado las radicales componentes de las palabras, sobre todo en los primeros capítulos.

Capítulo I — pág. 13

La Aparición del Ser Supremo.

Capítulo II — pág. 19

Creación de las llamas y la neblina; del fundamento del lenguaje humano; del amor al prójimo; de un himno sagrado. Creación de los cuatro padres de la palabra y sus consortes. Kuaá-rara, palabra sagrada.

Capítulo III — pág. 28

Creación de la Primera Tierra y los siete Paraísos. Ñande Ru entrega la Primera Tierra a sus lugartenientes y se retira a las profundidades del Paraíso. Instrucciones de Ñande Ru a sus lugartenientes referentes al gobierno del mundo.

Capítulo IV — pág. 39

Himno de la Encarnación. Los Patronímicos Sagrados. Mensaje divino recibido por el dirigente que bautiza a las criaturas. La Reencarnación. La radical ã y sus derivados, valor filológico.

Capítulo V — pág. 49

Himno de la paternidad y endecha de la muerte. Endechas fúnebres. El Culto de los Muertos.

Capítulo VI — pág. 57

Destrucción de Yvy Tenonde. Tránsito de los virtuosos y metempsicosis de los pecadores.

Capítulo VII — pág. 61

Creación de la nueva tierra que habitamos. Creación de la humanidad. Mito del robo del fuego.

Capítulo VIII — pág. 69

El llamado "Mito de los Gemelos". Génesis del Sol y de la Luna. Sus hazañas.

Capítulo IX — pág. 89

Medicina Mística. Maleficios y embrujamiento. Juicio por hechicería. Duendes y figuras de la mitología. Plegarias e himnos para la obtención de la buena ciencia. Mensajes de los dioses inspirando a los médicos agoreros. Himno de un dirigente. Algunos mensajes recibidos.

Capítulo X — pág. 107

La Medicina Racional. Origen de las dolencias que cura la Medicina Racional. Recetas. Ginecología.

Capítulo XI — pág. 115

El Código Penal. Comedia que tiene por tema un caso de infidelidad conyugal. El Homicidio.

Capítulo XII — pág. 123

Preceptos del padre a su hijo. Puericultura.

Capítulo XIII — pág. 129

Agricultura. Siembra. Obtención de lluvias. Plegaria. Tembi'u aguyje; madurez de los frutos.

Capítulo XIV — pág 133

Leyendas y supersticiones relacionadas con las aves.

Capítulo XV — pág. 139

Amuletos, Filtros.

Capítulo XVI — pág. 143

Mesianismo o culto de los héroes divinizados. Obtención de *aguyje* de Kapitã Chiku.

Capítulo XVII — pág. 149

El idioma *secreto* de origen no-guarani y otros datos lingüísticos.

Capítulo XVIII — pág. 155

Cuentos. Cantos infantiles. Saludos.

Capítulo XIX — pág. 187

El concepto guarani de "alma".

Vocabulario mbyá-guarani.

Bibliografía del autor — pág. 211

COMPOSTO E IMPRESSO NA SECÇÃO GRÁFICA DA
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
1959